

**SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE - 90 ANOS**  
**VOLUME II (1944-1960)**

# **A CONSTRUÇÃO DO MORUMBI PARTE I**





**90**  
**ANOS**

**SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE: 90 ANOS**  
**- A CONSTRUÇÃO DO MORUMBI -**  
**PARTE I (1944-1960)**

Praça Roberto Gomes Pedrosa, n.º 1, Morumbi  
CEP 05653-070 - São Paulo - SP  
[www.saopaulofc.net](http://www.saopaulofc.net)

Autoria:  
Michael Serra

Pesquisa:  
Michael Serra, Katia Othi e Paulo Santos

Projeto Gráfico:  
Michael Serra

Colorização e tratamento de imagens:  
Michael Serra

Revisão:  
Ana Luiza Rosa, Katia Othi

Ilustrações gráficas:  
Michael Serra

Fotografias:  
A Gazeta Esportiva, Acervo de Celso Unzelte  
Arquivo Histórico do São Paulo FC,  
Folha de S. Paulo, Geoportal, H. Bannwart  
O Esporte, O Globo, Rubens Chiri

Apoio:  
Arquivo Histórico do São Paulo FC  
Departamento de Comunicações do São Paulo FC  
(2020)



# SUMÁRIO

1.	Uma origem itinerante.....	6
2.	Fincando raízes no Morumbi.....	9
3.	Uma estrela na bandeira e uma troféu na galeria.....	22
4.	Os primeiros alicerces.....	35
5.	Um grande capitão e uma pequena taça.....	58
6.	Erguendo o colosso.....	66
7.	O ano que poderia ter sido.....	83
8.	A última vez em treze anos.....	90
9.	O gigante que surge no horizonte.....	106
10.	O adeus de Cícero.....	128
11.	1960 ou ano 1 da Era Morumbi.....	132
12.	E a bola rolou... ..	145
13.	Por ora, fecham-se as cortinas.....	167
14.	Fé e Perseverança.....	170

<b>Referências.....</b>	<b>171</b>
-------------------------	------------





Praça da Sé. Marco da reorganização do Tricolor em 16 de dezembro de 1935

## UMA ORIGEM ITINERANTE

O São Paulo Futebol Clube, em 1930, nasceu em berço de ouro. Fruto da fusão de dissidentes da seção de futebol do CA Paulistano com a AA das Palmeiras, o Tricolor, desde os primeiros dias de existência, contava com craques e um bom campo de jogo: a Chácara da Floresta.

O estádio, reformado pelo São Paulo ainda naqueles primeiros dias, era, contudo, bem mais antigo. O campo foi inaugurado pela Associação Atlética das Palmeiras em 27 de janeiro de 1904 (e melhorado, com a ajuda do Club Atlético Paulistano – que cedeu arquibancadas do antigo Velódromo, em 1916)

Reinaugurada pelo Tricolor com a realização do Torneio Início de 1930 (9 de março), a Chácara da Floresta foi a casa são-paulina até 14 de maio de 1935 (na verdade, por decisões judiciais, até agosto daquele ano).

Após a fusão com o Clube de Regatas Tietê, contudo, e o surgimento das dissidências do Clube Atlético Estudantes de São Paulo e do Esporte Clube Independente, o Grêmio Tricolor e o Clube Atlético São Paulo mantiveram vivas as glórias e tradições do clube, que foi definitivamente reestruturado em 16 de dezembro de 1935.

Nos primeiros momentos dessa nova fase, o São Paulo não possuía posse alguma. Foi reconstruído totalmente do zero. Tinha somente o amor dos torcedores e associados. Ainda assim, tentou através de negociações e fusões com o CA Paulista adquirir o direito de uso do Estádio da Rua da Mooca, de propriedade da Cia Antártica Paulista. A primeira tentativa se deu ainda no final de 1935, até início de 1936. A segunda, em dezembro de 1936, cogitou até mesmo a mudança do nome do time para São Paulo Olympico Clube. Novamente não deu certo.

Em setembro de 1937, o Tricolor chegou a formar uma comissão pró-estádio, que bateu de porta em porta de figuras influentes – até mesmo na Prefeitura – tentando negociar e obter um terreno para construir seu estádio. O poder público não se interessou e nada fez.

A janeiro de 1938, a Comissão estava com avançadas negociações com áreas particulares no Bom Retiro e na Água Branca – infelizmente os locais exatos não ficaram registrados nos documentos disponíveis. Contudo, tais empreendimentos foram deixados de lado com troca de diretoria e com o surgimento de uma oportunidade que há muito o clube desejava...

O CA Estudantes Paulista (agremiação fruto da fusão do CA Estudantes de S. Paulo e do CA Paulista), que detinha o uso do estádio da Rua da Mooca, estava mal das pernas, e uma união com esse time resolveria a questão.

Assim, em 12 de setembro de 1938 foi oficializada a fusão e, a partir dessa data, a Rua da Mooca passou a ser o campo oficial do Tricolor. Mas o estádio, pelo qual o São Paulo passou anos lutando para obter, em pouco tempo ficou obsoleto e com alto custo de manutenção.



A solução provisória encontrada para o fato foi o acordo de 28 de maio de 1940, com a Prefeitura, para o uso preferencial do Estádio do Pacaembu, recém-inaugurado. Essa medida, que apenas priorizava datas para jogos do Tricolor, praticamente tornou o Municipal – que ainda não se chamava Paulo Machado de Carvalho – a casa são-paulina no início dos anos 40.

Antevendo, contudo, que o Pacaembu seria pequeno para os anseios de glórias e para a crescente torcida tricolor, o São Paulo não se contentou com esse acordo.

Em 4 de maio de 1942, aprovando proposta de fusão ofertada pela Associação Alemã de Esportes, que alugava da família Vanucci um terreno no Canindé, o Tricolor mudou de ares. Primeiro como locatário, depois como proprietário (29 de janeiro de 1944, ao custo de Cr\$ 740.000,00), o São Paulo tentou construir ali, nas margens do rio Tietê, a sua morada. Foi o primeiro terreno efetivamente do clube.

Contudo, não foi possível para o Tricolor erguer o pretendido estádio no Canindé, que se tornara a sede social e de treinamento dos atletas. A área, de 70 mil metros quadrados, não suportava um grande empreendimento e, devido ao projeto municipal de retificação do rio Tietê, o espaço foi reduzido ainda mais.

Uma ala dos dirigentes tricolores defendia, em 1943, antes mesmo que o São Paulo efetuasse a compra do Canindé, que o clube erguesse o estádio em outra área. Esteve em processo adiantado a aquisição de um terreno no bairro de Sumaré. Até mesmo planta baixa do local foi divulgada pela imprensa.

Contudo, esse projeto não vingou, e o clube permaneceu mesmo no Canindé, embora impaciente, inquieto e ávido por encontrar o espaço certo para se estabelecer definitivamente.

Em março de 1948, com o avançar dos trabalhos de retificação do rio Tietê, surgiram propostas para aquisição ou permuta de terrenos. Desta maneira, o Tricolor chegou a propor à Prefeitura a troca da área do Canindé por um descampado alagadiço ao lado do Parque Ibirapuera.

A Câmara Municipal da Cidade, porém, foi contra a ideia. Pouco tempo depois, em 1954, a Prefeitura inaugurou o Parque no terreno maior, ao lado do prometido, pelos festejos do quarto centenário do município. Só restou ao São Paulo seguir em frente: vender o que restou do Canindé e procurar outros terrenos.

Com o descarte da ideia de permuta pelo poder público, o São Paulo voltou os olhos para terrenos da Light às margens do Rio Pinheiros. Em 1950, após análises, contatou-se que a área era pequena (45 mil metros quadrados) e a ideia teve que ser abandonada. A solução só veio no ano de 1951, quando dirigentes tricolores foram apresentados à Imobiliária Aricanduva, que detinha um grande lote de terras na então subprefeitura de Ibirapuera, no que hoje é o bairro do Morumbi.

Após meses de negociações, também junto à prefeitura, para alteração do projeto original de loteamento, o São Paulo adquiriu no dia 4 de agosto de 1952, via doação da Aricanduva, a primeira parte do terreno onde ergueu, nos 18 anos seguintes, o Estádio Cícero Pompeu de Toledo.

*1. Todo esse capítulo introdutório é melhor abordado no volume I dessa coleção.*

## AS SEDES

*1. Chácara da Floresta: Bairro da Ponte Grande.*

De 26 de janeiro de 1930 até 28 de julho de 1934.

*2. Palácio do Trocadero: Rua Conselheiro Crispiniano com Praça Ramos de Azevedo.*

De 28 de julho de 1934 até 14 de maio de 1935.

Uma espécie de palacete para festas e bailes para a sociedade paulistana da época. Existem muitas lendas a respeito deste local e os custos que gerava para os cofres são-paulinos, mas, em verdade, os eventos ali realizados bancavam por si só os valores de operação da sede.

*3. Praça Carlos Gomes, 38*

De 22 de janeiro de 1936 até 30 de outubro de 1936.

Basicamente, um porão alugado com o dinheiro arrecadado entre os sócios. Conta-se que o espaço era tão pequeno, que nas reuniões era necessário haver revezamento dentro da sala para que assim todos pudessem acompanhar os debates. Lá, o São Paulo ficou por volta de um ano.

*4. Edifício América (Martinelli): Rua São Bento com Avenida São João – 11º andar.*

De 30 de outubro de 1936 até 20 de janeiro de 1937.

No famoso Edifício América, também chamado Martinelli, o São Paulo ficou pouco tempo, no máximo uns dois meses. Curiosamente, no passado, sediou-se ali, no 7º andar, o Grêmio Tricolor, o grupo de são-paulinos que não deixou o São Paulo desaparecer em 1935.

*5. Avenida São João, 1001 – 1º andar*

De 20 de janeiro de 1937 até 19 de setembro de 1939.

Situado onde hoje é a Praça Júlio Mesquita, nº 105, o pequeno e antigo prédio era de posse da firma de Ortiz e Gutierrez, que alugara o 1º andar para a administração do São Paulo. Foi nesse local que nasceu o Grêmio São-Paulino, a primeira torcida organizada do Brasil.

*6. Edifício Santa Victória: Rua Dom José de Barros, 337*

De 19 de setembro de 1939 até 29 de janeiro de 1944.

Após a incorporação do Estudantes Paulista, o São Paulo necessitava de maiores e melhores aposentos para tantos sócios a mais. Assim, transferiu sua sede para o pequeno arranha-céu (10 andares) situado ao número 337 da Rua Dom José de Barros, onde ocupou 17 salas do 4º andar, e outras duas salas do 2º. O aluguel de todos os cômodos custava ao clube Cr\$ 2.850,00 mensais.





7. Canindé: Rua Pascoal Ranieri, 4

Sede administrativa de 29 de janeiro de 1944 a 29 de setembro de 1949.

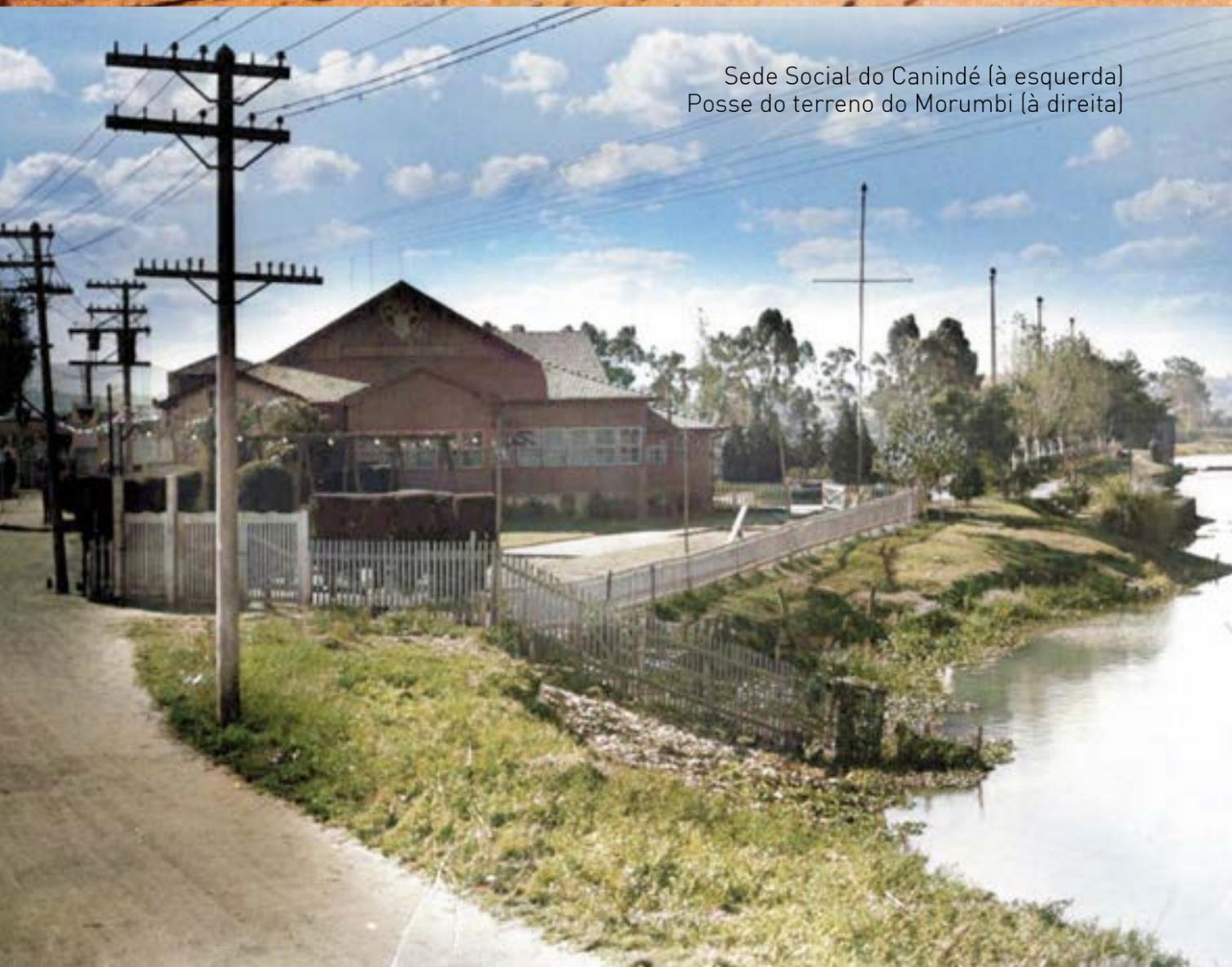
8. Avenida Ipiranga, 1267

De 29 de setembro de 1949 até maio de 1978.

Sede de gala – afinal, possuía um belíssimo restaurante, gerido por chefes de cozinha e servido por garçons que trabalharam para a Casa Real Britânica. O São Paulo ocupou ali três andares (11º, 12º e 13º), possuindo, além do restaurante, um salão de jogos e o salão administrativo. Ulysses Guimarães, importante político brasileiro, também lá locava um andar inteiro para uma de suas publicações.

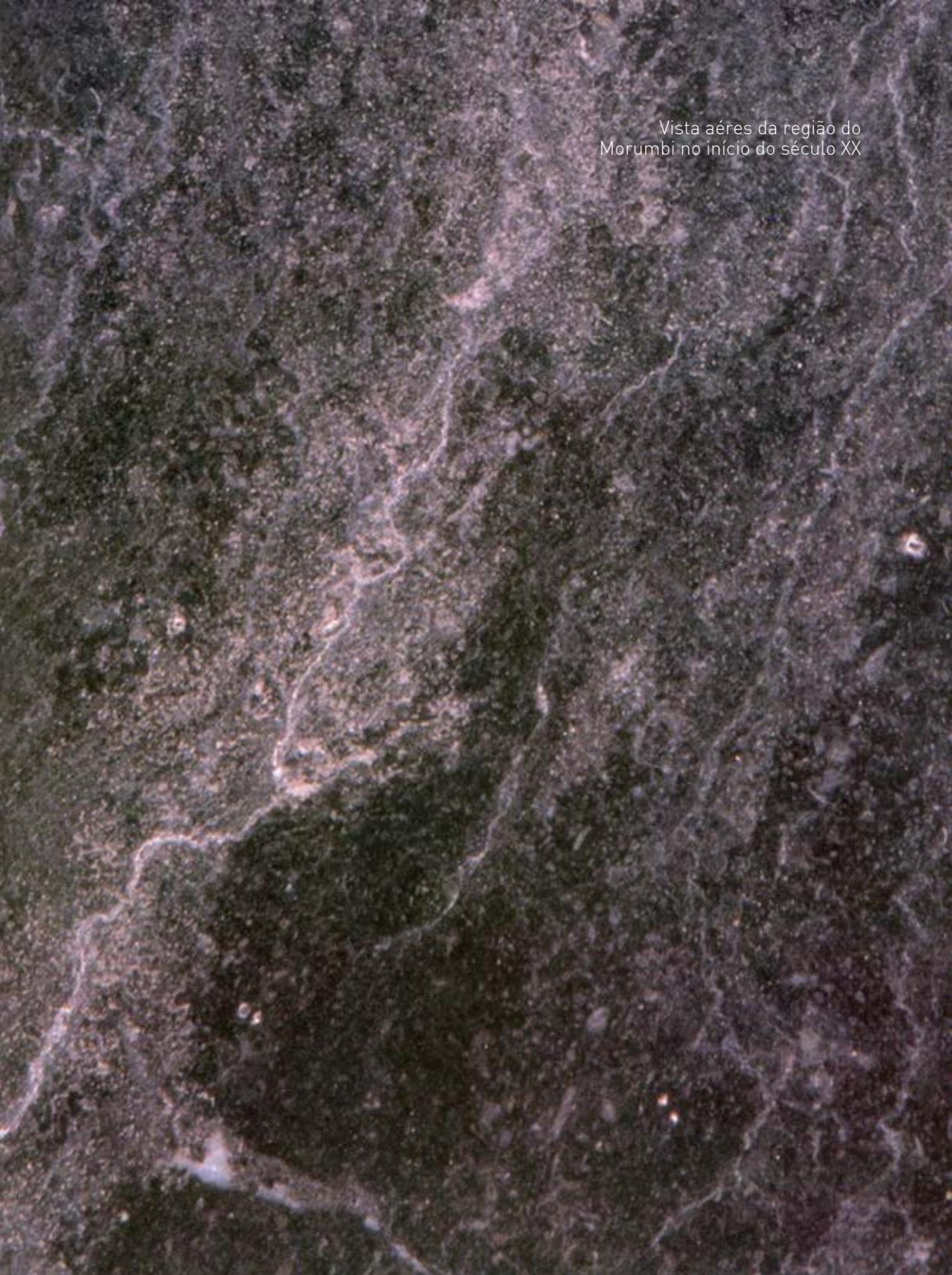
9. Morumbi: Praça Roberto Gomes Pedrosa, 1

Sede social desde 30 de setembro de 1962 e sede administrativa desde 1978.



Sede Social do Canindé (à esquerda)  
Posse do terreno do Morumbi (à direita)





Vista aérea da região do Morumbi no início do século XX

## FINCANDO RAÍZES NO MORUMBI

Ano de 1813. Em uma região à sudoeste de São Paulo, do outro lado do Rio Jurubatuba - antigo nome do Rio Pinheiros -, era 'inaugurada' uma extensa fazenda de chá, com mais de 700 alqueires. A propriedade foi designada a John Rudge, inglês que desembarcara no Brasil junto de Dom João VI, em 1808, trazendo consigo as primeiras mudas de chá da Índia. Rudge batizou seu lote com o nome indígena Morumby: Fazenda Morumby.

Há controvérsias sobre o significado do termo. Para uns "Monte Verde" (moroby: morundu+oby)<sup>2</sup>, para outros "Monte Alto", ou ainda "Mosca Verde" (mberu-oby)<sup>3</sup>. É possível até que tenha origem no termo marumby<sup>4</sup>, "Rio dos Peixes" ou maromby<sup>4</sup>, "Lagoa com taboas" (espécie de planta comum em brejos e áreas alagadiças de rios, e que deu nome para região vizinha de Taboão da Serra, banhada pelo Rio Pirajussara). Tanto a primeira definição, quanto a última, combinam muito bem com as características originais do local.

O Estádio Cícero Pompeu de Toledo se encontra hoje em bairro nobre da capital paulista, mas nem sempre foi assim. A região foi desenvolvida pelo próprio estádio que, enquanto era construído, encontrava-se em meio ao nada. O terreno sobre o qual se ergue o gigante Morumbi foi, até meados dos anos 1950, uma área alagadiça e de mata fechada, do "outro lado" do rio Pinheiros e fora do núcleo urbano paulistano - em suma, longe de tudo e de todos.

Por muito tempo, inclusive, a região nem pertencia ao Município de São Paulo. De 1832 até 1935, a extensa área verde fez parte da cidade de Santo Amaro, que na época englobava toda a zona sul da Capital Paulista, do Córrego da Traição (Avenida dos Bandeirantes) até o distrito de Marsilac, como também os municípios vizinhos de Taboão da Serra, Embu das Artes, Itapeverica da Serra, Embu Guaçu, São Lourenço da Serra e Juquitiba.

A partir de 1935, o "Morumby" passou a figurar em mapas paulistanos nos limites do Distrito de Paz do Ibirapuera, na subprefeitura de Santo Amaro<sup>5</sup>. A região, porém, era tão inóspita e densamente arborizada que seu marco fronteiro, entre os distritos do Butantã (Norte) e do Ibirapuera (Sul), era apenas uma linha reta imaginária, inclinada para o Sul, à Oeste, traçada de um ponto na Vila Olímpia, do outro lado do Rio Pinheiros, até a divisa com a cidade de Itapeverica da Serra. Essa linha, aliás, passava em frente à atual Praça Roberto Gomes Pedrosa.

Enquanto o São Paulo sofria para se reestabelecer dentro dos gramados e para encontrar um local ideal para construir a própria casa, nesse período, a região começou a conhecer seus primeiros empreendimentos imobiliários. A área mais próxima ao Rio Pinheiros, sede da antiga Fazenda Morumby, teve os primeiros loteamentos habitacionais com a Companhia Imobiliária do Morumby e com o engenheiro e empresário Oscar Americano, em 1948.

Pouco depois, a condessa Mariângela Matarazzo e outros proprietários se desfizeram de um grande lote de terras na região, um pouco mais adentro à mata, à Oeste, longe do rio. A Imobiliária e Construtora Aricanduva SA, propriedade de Adhemar Pereira de Barros, então ex-governador do Estado de São Paulo (14 de março de 1947 a 31 de janeiro de 1951), adquiriu a área, definitivamente, em 7 de fevereiro de 1951 e, de pronto, planejou o loteamento comercial.

2. *Vocabulário Tupi-Guarani/Português, de Silveira Bueno*

3. *Dicionário de Topônimos Brasileiros, de Luiz Caldas Tibiriçá.*

4. *Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil, de Eduardo Navarro*

5. *Planta da Cidade de São Paulo e Municípios Circumvizinhos - The São Paulo Tramway Light & Power Co. Ltd. 1943*



“... aquisição feita a Condessa Mariângela Matarazzo e outros, conforme escritura lavrada nas notas do 11º Tabelionato da Capital, livro 1.255, fls 1, em 29 de dezembro de 1950, e registrada no Registro de Imóveis da 11a. Circunscrição, sob nº 6.930, livro 4-D, folhas 217, em 7 de fevereiro de 1951, se tornou legitimamente senhora e possuidora de um terreno com a área de dois milhões, duzentos e quarenta e seis mil, duzentos e vinte metros e sessenta e três décimos quadrados (2.246.220,63ms2.), ora denominado “Jardim Leonor”, situado no bairro do Morumbi, 30º Subdistrito, subdistrito de Santo Amaro, município e Comarca da Capital”.<sup>6</sup>

Em abril de 1951, enquanto o time tricolor desfilava pela Europa em uma excursão aliado ao Bangu, do Rio de Janeiro, o São Paulo publicou um texto que ressaltava a importância da construção da sua própria praça de esportes para “emancipar” o clube em termos financeiros.

“Outro São Paulo, na segunda metade do século...

*Emancipação financeira – De qualquer jeito: o Estádio – Política profissionalista*

*Entramos neste 1951, na segunda metade do século. A caminho, enfim, do ano 2.000... Novos horizontes para a sociedade moderna. Para o mundo, prestes a conflagrar-se, uma vez mais. Em se tratando de futebol, porém, não deverá apresentar-se ele – o esporte rei – com novidades de monta. O mesmo ambiente, os mesmos campeonatos, as mesmas decepções, as mesmas satisfações. O Palmeiras foi o campeão do ano santo; o São Paulo poderá ser o campeão da segunda metade do século.*

*No nosso clube, todavia, no Tricolor, algumas novidades de caráter administrativo deverão fazer-se presentes. Os dirigentes do grande clube das três cores estão começando a compreender que precisamos passar a constituir-nos em grande clube e não somente num grande time... Pelo que se sabe, se deduz e se espera, outro São Paulo surgirá, dentro da mesma base, dentro do mesmo tronco. Frutos mais duradouros da mesma árvore [...]*

*Tão logo consiga o clube atingir a um número mínimo de trinta mil associados, será iniciada, da melhor forma possível, a construção do nosso estádio, ideal máximo de todos os são-paulinos de coração, aqueles que queiram, realmente, ver projetado destacadamente o ‘clube da fé’. Não sendo possível um monumental estádio, uma praça de esportes completa, então será levantado um estádio mais modesto, mas à altura do São Paulo, sendo acompanhado, é claro, de uma piscina, ginásio de bola ao cesto, quadras de tênis, etc. 1951 deverá marcar o início de uma nova era no Clube. Passou a entender o Tricolor que os homens passam, mas o Clube fica... E, por isto mesmo, o imprescindível será sempre a todos os dirigentes que passarem pelo Canindé olhar pelo Clube, zelar pelo seu patrimônio”.<sup>7</sup>*

Em algum ponto entre maio de 1951, depois da delegação são-paulina retornar da Europa, e maio de 1952, os dirigentes tomaram ciência do novo loteamento da Imobiliária Aricanduva e, com conversas abertas pelo presidente Cícero Pompeu de Toledo, mas depois conduzidas pelo conselheiro e advogado Luiz Cássio dos Santos Werneck, por Luiz Campos Aranha, diretor de sócios do interior, e por José Aranha, diretor de futebol (Cícero ausentou-se brevemente da presidência do Tricolor, entre agosto e setembro, por motivos de saúde), com a diretoria da empresa, em especial com o presidente da imobiliária, João Jorge Saad, o São Paulo Futebol Clube iniciou seu maior sonho até então: a aquisição de um terreno, ali no Morumbi, para a tão esperada construção do seu estádio.

“O que hoje é sonho, amanhã será doce realidade”.<sup>8</sup>

Werneck havia sido incumbido por Cícero Pompeu, ainda em 1950, a procurar e encontrar algum terreno, com mais de 100 mil metros quadrados, em que o clube poderia erguer o estádio. No primeiro ano, frustrou-se com a falta de acerto com os terrenos da Light, às margens do Rio Pinheiros, que não vingou pela pequena área oferecida e pela falta de garantias legais referentes à propriedade (partes das áreas disponíveis eram frutos da retificação do rio, sendo de domínio público). No segundo ano, o maior empecilho foi a grave crise política interna no próprio Tricolor, decorrente da perda do tricampeonato paulista, no início de 1951.<sup>9</sup>

Quando tudo parecia, mais uma vez, ruir e adiar a tão desejada nova morada, a possível solução surgiu, como que ao acaso, em uma conversa casual no ambiente de trabalho de Werneck, que assim relatou o fato:

*“Um dia, no meu escritório, meu companheiro, Manuel Figueiredo Ferraz, falou-me dos terrenos loteados por seu sogro, Dr. Adhemar P. de Barros, situados atrás do Joquei e que poderiam servir ao São Paulo. Fomos verificar. Serviam e muito. Combinamos, então, um encontro com o Dr. Adhemar. Pedimos a ele que nos desse o terreno necessário ao Clube. Ficou de ver e marcou outro encontro, algum tempo depois”.<sup>9</sup>*

O Tricolor, claro, não nadava em dinheiro e tentava negociar a forma dessa aquisição. Poderia comprá-lo inteiro, em parte, com parcelas a pagar a se perder de vista... Os dirigentes são-paulinos, porém, tentavam convencer o proprietário a ceder, como doação, a maior parte da área necessária.

O principal argumento dos tricolores era o imenso chamariz público que representaria um estádio do porte planejado pelo Tricolor para a alavancagem de vendas dos demais terrenos do loteamento da imobiliária. E a Aricanduva investia pesado em propagandas do empreendimento. Além de campanhas em jornais de grande circulação, com ilustrações de página inteira, a empresa recorria também a patrocínios de programas de rádio e apresentações musicais<sup>10</sup>, geralmente com os dizeres: “uma oferta de Jardim Leonor”.

Adhemar de Barros, João Saad e a Aricanduva estavam por ceder e concordar com o acordo, mas havia um problema.

No terreno pretendido pelo Tricolor estava previsto, de acordo com o projeto de loteamento original em trâmite na Prefeitura de São Paulo, uma praça e um par de ruas, públicas. Para transferir a área ao clube, seria necessário alterar o projeto junto ao poder público, que poderia solicitar a criação de áreas verdes equivalentes em outro ponto da região a ser comercializada.

Isto, porém, não quer dizer que as terras pretendidas pelo São Paulo fossem públicas. Não eram, nunca foram.

De acordo com o decreto-lei nacional nº 58 de 1937, em vigor na época e que regulamentava loteamentos, cabia a Prefeitura tão somente a aprovação e a garantia de boa funcionalidade dos lotes (artigo 1º, § 1º e § 4º, especialmente), conforme o planejado pelo proprietário do terreno a ser loteado.

6. Tabelião Firmo, Livro de Notas 644, pg 50

7. Revista Tricolor, nº 15, março/abril de 1951

8. Cícero Pompeu de Toledo, maio de 1950.

9. Revista Tricolor, nº 23

10. Correio Paulistano, 15 de agosto de 1952

“§ 4º O plano de loteamento poderá ser modificado quanto aos lotes não comprometidos e o de arruamento desde que a modificação não prejudique os lotes comprometidos ou definitivamente adquiridos, si a Prefeitura Municipal aprovar a modificação”.

O poder público asseguraria que os lotes teriam acesso a ruas, praças, iluminação e saneamento. Mas, conforme essa lei, nenhum espaço destinado ao uso e as vias públicas se tornaria área pública enquanto estivesse apenas em planta, em planejamento, ou não tivessem já comprometidos por obras públicas ou encontrado algum comprador (e era essa a situação do Jardim Leonor, àquela altura).

Essa característica dos processos de loteamentos no Brasil só foi alterada com o Decreto-Lei 271 de 1967 e o Artigo 22 da Lei 6.766 de 1979, quando, a partir de então, os espaços públicos previstos no papel passavam à propriedade e à responsabilidade municipal no ato de aprovação do loteamento. “Art. 22. Desde a data de registro do loteamento, passam a integrar o domínio do Município as vias e praças, os espaços livres e as áreas destinadas a edifícios públicos e outros equipamentos urbanos, constantes do projeto e do memorial descritivo”.

Ou seja, a área do Morumbi nunca foi um terreno público.

Mas para o acordo dar certo, ainda seria necessário alterar o projeto e uma nova rodada de negociações, averiguações, mensurações técnicas etc., deveria ser aprovada e autorizada pela Prefeitura de São Paulo.

“Voltamos e ficou tudo acertado, desde que conseguíssemos autorização da Prefeitura, por se tratar de um loteamento já terminado e já autorizado pela mesma. Nessa altura, entrou, de corpo e alma, o Luiz Aranha, oferecendo à grande causa todo o valor de seu imenso prestígio e toda a pujança de sua boa vontade. Foi uma benção...”<sup>11</sup>

De acordo com o relato de Werneck, esse processo começou ainda em 1951, provavelmente em agosto, pois ele lembra, inclusive, que Cícero estava muito adoentado e que teve que recorrer ao presidente, na residência dele, no último dia do prazo que a Aricanduva lhe dera para atestar alguma garantia financeira para a construção do Estádio. E essa garantia veio, com assinatura de Cícero, no contrato para um empréstimo de cinco milhões de cruzeiros junto à Caixa Econômica Estadual, naquele mês.

É preciso dizer que esse empréstimo só foi obtido depois de muito batalhar e solicitar por tratamento igual perante os demais clubes da cidade, pois Corinthians e Palmeiras já o haviam recebido.

Então “o Luiz Aranha escolheu a área, numa visita feita à Aricanduva. Em janeiro deste ano (1952), preparei o requerimento à Prefeitura, levei-o à Aricanduva para que seus diretores o assinassem e protocolei na Prefeitura. Começava, então, a transpirar o trabalho, e havia necessidade de ativá-lo. Mobilizamos todos aqueles que eram necessários e tocamos o barco. O Dr. Lício Marcondes do Amaral, no Palácio do Governo, ajudava-nos em tudo como bom amigo e consócio; o Altino Castro Lima, conselheiro do Clube, diretor da City e grande conhecedor do assunto, orientava-nos a todo instante; o Dr. José Aranha, quando Chefe do Gabinete do Prefeito, encaminhava-nos a todos os que pudessem ajudar; acompanhávamos o processo onde quer que ele estivesse.

11. Revista Tricolor, nº 23

Conhecemos, assim, o Dr. Pedro França Pinto, então assistente do Prefeito e, mais tarde, Secretário de Obras, que tudo nos facilitava e em tudo nos apoiava. Depois surgiu o Dr. Carlos Alberto Gomes Cardim, Diretor do Departamento de Urbanismo, e fomos com o Dr. José Noronha, conselheiro e seu amigo particular, à sua procura. Enquanto isso, volta e meia, eu procurava o Dr. Adhemar para pô-lo a par da marcha de tudo e pedir o seu auxílio. O resto, você sabe, o negócio saiu. Mas demorou sim...”<sup>12</sup>

No dia 15 de maio de 1952, a Prefeitura de São Paulo, através do 11º Registro de Imóveis da Comarca da Capital, e conforme o disposto nos Decretos-Leis 58, de 10 de dezembro de 1937 e 3.079, de 15 de setembro de 1938, publicou edital com lançamento oficial do loteamento da Imobiliária Aricanduva no “Jardim Leonor”, referente a área total de 2.246.220,63 m<sup>2</sup> de parte da antiga Fazenda Morumbi, e com o terreno do São Paulo, de 154.520 m<sup>2</sup>, já incorporado ao projeto.<sup>13</sup> Sem nenhuma contestação pública, no dia 21 de agosto de 1952 o processo foi inscrito sob nº 131.082 e o alvará foi expedido.<sup>14</sup>

Com isso, também no dia 15 de maio, o São Paulo criou e ativou a Comissão Pró-Estádio, constituída em sua primeira formação por Cícero Pompeu de Toledo (presidente), Luiz Cássio dos Santos Werneck (secretário), Amador Aguiar (tesoureiro), Piragibe Nogueira, Manoel Raymundo Paes de Almeida, Altino de Castro Lima e Luiz Campos Aranha (membros), Carlos Alberto Gomes Cardim Filho, Pedro França Pinto, Roberto de Barros Lima e Oswaldo Arthur Bratke (integrantes do conselho técnico).

Essa Comissão, então, herdou poderes do clube para negociar os tratos finais com a Imobiliária Aricanduva, referentes não só à escritura do terreno, mas à forma de aquisição de cada parte dele, e os valores do terço final, que o São Paulo se comprometeu a pagar.

A área pretendida pelo Tricolor era, originalmente, dividida em cinco quadras, por assim dizer. A maior, onde seria a praça arborizada e denominada lote A, media 99.873 m<sup>2</sup> e se estendia, de norte a azul em um formato oval, cortado de uma ponta à outra pelo riacho Antonico. As outras quatro quadras, menores, foram agrupadas em dois lotes de dois pequenos quarteirões cada. O lote B, onde se encontra hoje, basicamente, as rampas de acesso para as arquibancadas junto à Avenida Giovanni Gronchi, tinha 25.936 m<sup>2</sup>; e o lote C, que atualmente abriga os campos do futebol social, ocupava 29.584 m<sup>2</sup>.

São Paulo e Aricanduva se comprometeram a negociar o terreno em três vezes, sendo as duas primeiras partes dele, lotes A e B, recebidas pelo Tricolor como doação em momentos distintos. O clube só retornaria à Imobiliária valores monetários pelo lote C, o último.

Assim, no dia 4 de agosto de 1952, Alfredo Firmo da Silva, tabelião do 4º Tabelionato da Capital, Cícero Pompeu de Toledo e Luiz Silveira (diretor de finanças, como Laudo Natel), por parte do São Paulo, João Alves Motta e José de Oliveira Barros Junior, diretor gerente e diretor secretário da Imobiliária Aricanduva, além de inúmeras personalidades esportivas e políticas do cenário paulista, se reuniram na sede social do Tricolor, na Avenida Ipiranga, 1267, onde assinaram a escritura de doação e foram testemunhas da transferência de propriedade da primeira parte do terreno do Morumbi, o lote A, de 99.873 m<sup>2</sup>, para o Tricolor.

12. Revista Tricolor, nº 23

13. Diário da Noite, 24 de maio de 1952

14. Escritura de Propriedade: Tabelião Firmo, Livro de Notas 644, pg 50

ALFREDO FIRMO DA SILVA



4.º TABELIÃO

86, Rua da Quitanda, 86  
TELEFONES 32-3886 - 33-3532  
SÃO PAULO

210  
Vicente  
AGO/

DEL. ANTONIO A. FIRMO DA SILVA  
Tabelião Sucessor

DEL. EULALIO FIRMO DA SILVA  
Oficial Maior

Distribuição  
OFICIAL  
MARTINHO DI CIERO  
OFICIAL MAIOR  
ANTONIO MICHAELIS  
OFICIAL SUCESSOR  
ANTONIO BRANCO



Primeiro traslado de escritura X Publica de Doação --

Saibam quantos esta publi-

ca escritura de doação virem que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil novecentos e cinquenta e dois, aos quatro (4) dias do mês de agosto, + nesta cidade de São Paulo, em meu cartório, perante + mim Tabelião e as quatro testemunhas adiante nomeadas e no final assinadas, compareceram partes entre si, + justas e contratadas, a saber:- de um lado como outorgante doadora a Imobiliária e Construtora Aricanduva S.A., empresa com sede nesta Capital à Avenida Ipiranga, 1.248, conjunto 307, neste ato representada pelos senhores - João Alves Motta, brasileiro, casado, comerciante, residente e domiciliado nesta Capital à ++ Alameda Barão do Rio Branco n. 700 e José de Oliveira Barros Junior, brasileiro, casado, industrial, residente e domiciliado nesta Capital à Rua João Augusto nº 7, respetivamente Diretor Gerente e Diretor Secretário da Imobiliária e Construtora Aricanduva S.A., + de outro lado, como outorgado donatario o São Paulo Futebol Clube, sociedade civil esportiva com sede nesta Capital à Avenida Ipiranga nº 1.267, 13º andar, ++ neste ato representado pelos senhores Cicero Pompeu de Toledo, brasileiro, casado, Tabelião, residente e domiciliado nesta Capital à Rua Madre Theodora nº 470 e Luiz Silveira, brasileiro, casado, banqueiro, residente e domiciliado nesta Capital à Alameda Lorena nº 1.120, respetivamente, Presidente e Diretor do Departamento de Finanças, e, finalmente, como interveniente a Prefeitura Municipal de São Paulo, aqui represen-

ARQUIVO EM CASA FORTE

Perlene a

Na cerimônia esteve presente também o presidente da Federação Paulista de Futebol – FPF, o ex-presidente e ex-jogador do Tricolor, Roberto Gomes Pedroza, como também o prefeito Armando de Arruda Pereira, figura interveniente no termo escriturário recém-assinado. O representante do Município expôs as condições do acordo do Tricolor para a alteração do projeto original da Aricanduva: 1) a destinação de um espaço caracterizado como parque infantil, franqueado a qualquer criança; e 2) a reserva 25.000 m² para a construção de um estacionamento nesse terreno recebido ou em qualquer área contígua adquirida no futuro.

A segunda cláusula foi cumprida apenas em 1982, com a inauguração do Edifício Garagem, ainda em funcionamento hoje. Quanto à primeira, de acordo com relatos de sócios do período, as dependências sociais do clube eram abertas às crianças da região. Com o tempo, a prática caiu em desuso, mas a responsabilidade social do Tricolor em relação a projetos infantis continuou através de campanhas específicas, hoje melhor representada pelo projeto Ki-Atleta, que fornece tutores de atletismo, equipamentos, vestuário e alimentação a crianças de comunidades carentes do entorno, também de maneira gratuita.

A escritura de posse são-paulina previa no texto, também, que as obras para a construção do Estádio deveriam se iniciar em no máximo dois anos e serem concluídas em até dez anos. Não se tem conhecimento de nada, por escrito, que responda a seguinte questão: teria sido, também por esse fato, o Morumbi inaugurado ainda inacabado, em 1960?

Outro ponto importante, digno de nota no que se refere à postura dos poderes públicos em relação à iniciativa do Tricolor, foi a isenção de imposto de transferência de propriedade (o CISA), concedida pelo Secretário da Fazenda municipal, Mário Beni.<sup>15</sup> Nas passagens a seguir se verificará que esse foi o único benefício imediato obtido junto a Prefeitura, que deixaria de cumprir obrigações legais e que acabariam a cargo e custo do Tricolor – como a canalização do riacho Antonico.

Para a imprensa, os dirigentes tricolores não esconderam a felicidade nem como estavam extasiados com a realização. “Depois das nossas grandes lutas, essa é sem dúvida alguma noite memorável”, afirmou Caetano Estellita Pernet, diretor do Tricolor.<sup>16</sup> Já Cícero Pompeu de Toledo foi mais extrovertido e antecipou algumas promessas as próximas etapas:

“Alerta, Tricolores! Aí vem o estádio! Estamos agora prontos para iniciar outra batalha. Vamos construir nossa praça de esportes com capacidade para 100 mil pessoas. Para tanto, adquiriremos mais um terreno, recebendo, ainda por doação, outro da Imobiliária Aricanduva. Imediatamente será nomeada a comissão para a construção do estádio que, se tudo der certo, será inaugurado no IV Centenário de São Paulo”.

Ele afirmou, também, que o custeio inicial das obras seria a cargo de venda de três mil cadeiras cativas, ao valor de 20 mil cruzeiros cada uma.<sup>17</sup> E que a ideia era, mesmo, levantar o maior estádio particular do Brasil. Não seria pouca coisa a ser realizada em um curto espaço de tempo – praticamente um ano e meio. Assim, o Tricolor não perdeu tempo em promover o futuro estádio.

Já no dia 7 de agosto, os jornais<sup>18</sup> revelavam as primeiras fotografias do local onde o São Paulo construiria sua nova casa. As imagens mostravam um terreno já desmatado, com o chão já revirado por máquinas, mas ainda irregular, e com ruas de terra, estas sim, niveladas. A reportagem do periódico concluiu dizendo achar a área parecida com a do Vale do Pacaembu, onde fora levantado o Estádio Municipal.

15. A Gazeta Esportiva, 6 de agosto de 1952  
16. Última Hora, 5 de agosto de 1952  
17. A Época, 5 de agosto de 1952  
18. O Esporte & A Gazeta Esportiva, 7 de agosto de 1952





*“O local é magnífico, não sendo, como afirmam, muito longe do centro, ficando entre o Brooklin Paulista e a Cidade Jardim. Possui o terreno uma queda, mais ou menos parecida com a do Vale do Pacaembu, onde foi construído o Estádio Municipal, prestando-se por isso mesmo, magnificamente, para a construção do Estádio bem no centro”.<sup>19</sup>*

A direção são-paulina continuou agindo rapidamente e, em menos de duas semanas, ainda sem projeto de construção ou de viabilização financeira, o Tricolor lançou a pedra fundamental do estádio. No dia 15 de agosto, o clube realizou um grande evento para sócios, imprensa e demais paredros da causa, que visitaram o descampado adquirido. O clube convidou o cardeal são-paulino (e ex-presidente do Conselho Deliberativo), Monsenhor Francisco Bastos, para abençoar aquelas terras.

*“Monsenhor Francisco Bastos é um são-paulino desde os tempos heroicos do clube da Avenida São João. Caminhou com ele, sofreu com ele, e com ele encheu-se de intensa alegria, naquelas tardes memoráveis da ‘tabela’ e de outros feitos não menos brilhantes. Pois, no último dia 15, numa sexta-feira, dia de Nossa Senhora, Monsenhor Francisco Bastos foi ao Morumbi, ao terreno do S. Paulo F. C., para abençoá-lo e a toda família tricolor, elevando aos céus hosanas em agradecimento ao presente que vem de ganhar o seu clube”.<sup>20</sup>*

A cerimônia, simples, contou também com o fincar de uma placa com o nome São Paulo F.C. e o hasteamento da bandeira do Tricolor sob um sol escaldante. Apesar do tempo nada propício para o traje social, e da distância do local para o centro da cidade, “foi enorme o número de são-paulinos que se locomoveu até Morumbi, afim de assistir ao ato religioso, o que vem provar que o Tricolor desfruta de grande prestígio entre seus sócios e simpatizantes”.<sup>21</sup> Compareceram, dentre outros, Cícero Pompeu de Toledo, Caetano Estelita Pernet, Marcel Klazsco, Laudo Natel, Chiquito Franco, Mário Tavares Filho, Henrique Klazsco, José Maestre e Frederico Menzen.

Com isso, enfim chegara o momento de correr atrás de recursos e começar a levantar o estádio. No dia 2 de setembro, a primeira reunião da Comissão Pró-Estádio traçou como plano de aporte inicial a já citada venda de três mil futuras cadeiras cativas, com título de uso válido por 20 anos e com a operação a cargo da empresa Cooperária Construções S/A.

Nessa mesma ocasião, muitos interessados em tais cativas assinaram um compromisso de compra. O primeiro nome a assinar a relação foi Cícero Pompeu de Toledo, preenchendo, para sua família, também os números 2, 3 e 4, em nome de Gilberto Pompeu de Toledo, Alba Dácomo de Toledo e Regina Maria Pompeu de Toledo.

No encontro também ficou decidido ser publicado, em até dez dias, o edital que abriria a concorrência para os anteprojetos arquitetônicos do Estádio. Após a reunião da Comissão Pró-Estádio do dia 7 de outubro, foi revelado que esse edital continha 22 pontos daquilo que seria necessário construir no espaço total do Tricolor no Morumbi:<sup>22</sup>

- 1 – Estádio para futebol e atletismo em construção de concreto armado e capacidade para 120 mil pessoas;
- 2 – Campo especial para atletismo com arquibancadas com capacidade para cinco mil pessoas;

19. *O Esporte*, 7 de agosto de 1952

20. *Escansen*, para a *Revista Tricolor*, nº 23

21. *A Gazeta Esportiva*, 19 de agosto de 1952

22. *A Gazeta Esportiva*, 8 de outubro de 1952





SÃO PAULO F.C.



- 3 – Campo de futebol para treinamento;
- 4 – Ginásio para basquete e vôlei, com capacidade para 20 mil pessoas;
- 5 – Seis quadras descobertas, ladrilhadas e iluminadas, para basquete e vôlei;
- 6 – Ginásio para tênis, coberto, e com capacidade para 5 mil pessoas;
- 7 – Nove quadras duplas para tênis, iluminadas;
- 8 – Parque aquático com piscina olímpica e arquibancadas com capacidade para cinco mil pessoas, piscina para saltos, piscina de polo aquático e piscina para aprendizagem;
- 9 – Parque infantil aberto às crianças do bairro, com salas de aula, jogos completos e um tanque natatório;
- 10 – Instalações para boxe e esgrima, nas dependências do Estádio;
- 11 – Pavilhão para boliche, com três pistas;
- 12 – Seis quadras para bochas;
- 13 – Seis quadras para malha;
- 14 – Pavilhão para banhos turcos e duchas, nas dependências do Estádio;
- 15 – Sede central com restaurante, bar, salão de jogos, biblioteca e dependências no subsolo para vestiários de sócios;
- 16 – Teatro;
- 17 – Estacionamento para 1.500 automóveis;
- 18 – Salão para reuniões e festas nas dependências do Estádio;
- 19 – Vestiários, almoxarifados, depósitos, etc., independentes, para cada seção esportiva;
- 20 – Departamento médico central, com enfermarias em cada seção esportiva;
- 21 – Alojamentos para atletas profissionais, com cozinha e dependências diversas, nas dependências do Estádio;
- 22 – Alojamento para atletas amadores, também nas dependências do Estádio.



# SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

COMISSÃO PRÓ ESTÁDIO

CADEIRA CATIVA



TITULO

Nome DR. JOSÉ DA CUNHA JUNIOR  
 Nacionalidade BRASILEIRA  
 Residência RUA BURI, 100

Profissão BANQUEIRO

adquire neste data uma cadeira cativa pela importância de Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), de acôrdo com o regulamento constante do verso deste.

São Paulo, 7 de NOVEMBRO de 1952

*Leicem Empren de Toledo*

SECRETARIO

*[Signature]*

TREINADOR

# Vendida a primeira cadeira-cativa

O São Paulo F. C., tornando efetiva a medida que se propôs tomar no sentido de vender cadeiras-cativas do seu futuro estadio, afim de garantir o inicio imediato da construção, passou o primeiro recibo dessa transação em nome do dr. José da Cunha Junior. Inaugurou, assim, aquele conhecido banqueiro a nova fase por que vai passar o clube das três cores, eis que construindo o maior estadio do Brasil de iniciativa particular, o São Paulo F. C. vai colocar-se na vanguarda de todas as

agremiações esportivas, pois nenhuma, até hoje, possui um estadio como aquele que vai ter o prestigioso clube da avenida Ipiranga. Damos acima o "fac-símile" do diploma emitido pelos membros da comissão pró-estadio a favor do dr. José da Cunha Junior, sendo de notar que esse senhor já depositou no Banco Brasileiro de Desconto S. A., do qual é diretor, à disposição da referida comissão, a quantia de vinte mil cruzeiros correspondente à posse da cadeira-cativa n.º 1.



Enquanto esperava o período de captação de propostas findar, o Conselho Deliberativo do São Paulo se reuniu, no dia 21 de outubro, para deliberar e aprovar, primeiramente, a hipotecagem da sede social do Canindé (para ampliar o caixa do clube), como também, posteriormente, a venda do local, por parte da diretoria, para sanar todas as dívidas do Tricolor.

O primeiro título de propriedade de cadeira cativa foi expedido pelo Tricolor, com a assinatura do presidente Cícero Pompeu de Toledo, somente no dia 7 de novembro de 1952. A cadeira cativa nº 1 foi registrada no nome do Dr. José da Cunha Júnior, diretor do Banco Brasileiro de Descontos AS – BRADESCO.<sup>23</sup>

Dentre as primeiras 50 unidades vendidas, três compradores bem conhecidos da torcida são-paulina podem ser destacados: Paulo Machado de Carvalho, proprietário da cadeira 19; Leônidas da Silva, dono da cadeira 20 e Luiz Mesquita de Oliveira, o Luizinho, que adquiriu a cadeira de número 39. Muitos sócios e dirigentes são-paulinos também são notados nessa relação, assim como a família Mazzoni (Modesto, Jarbas, Cleomenes e Ilka, possuidores das cativas de número 4 a número 7).

Essa primeira etapa de vendas estava prevista para durar apenas até o dia 15 de novembro de 1952,<sup>24</sup> mas ela acabou prorrogada indefinidamente. E o Tricolor também promovia uma campanha para aumentar o número de sócios do clube, não cobrando taxa de inscrição para os novos integrantes, a chamada "joia". Essa ação, programada até o dia 31 de dezembro, chegou a contabilizar até 200 novos associados por dia.<sup>25</sup> Questionado sobre o motivo do sucesso dessa empreitada, Mario Naddeo, funcionário da secretaria do São Paulo, afirmou:<sup>26</sup>

*"A ótima colocação do clube na tabela do certame oficial, consequência mesmo da melhoria técnica do quadro de futebol profissional, bem como as vitórias no atletismo, realçando, entre todas, as de Adhemar Ferreira da Silva, têm aberto novos horizontes à nossa agremiação. Os associados se sentem honrados por integrar um clube assim, e mais se afervoram no apego às suas cores e seus ideais, trazendo para as fileiras tricolores milhares de companheiros.*

*A principal causa, porém, era "o estádio do Morumbi, que aí vem para propiciar aos tricolores o maior conforto jamais imaginado por um clube. Este fato tem concorrido e muito para o atual aumento de nosso corpo social".*

A segunda parte do acordo com a Imobiliária Aricanduva foi firmada no dia 12 de novembro. No termo, a empresa se comprometia a ceder a segunda parte do terreno do Morumbi, o Lote B, no dia 13 de julho de 1959, caso os termos da primeira doação estivessem cumpridos a contento.

Dias depois, às 18 horas do dia 24 de novembro de 1952, a diretoria são-paulina apresentou os três anteprojetos arquitetônicos do futuro estádio em esboços artísticos (que custaram, cada, 40 mil cruzeiros). O ato solene foi acompanhado pelo prefeito municipal licenciado Armando Arruda Pereira; por Néelson Marcondes do Amaral, prefeito interino; por Péricles Rolim, deputado estadual; por Francisco Matarazzo Sobrinho, presidente do Conselho Regional de Esportes; e por Francisco Antônio Cardoso, secretário de saúde.

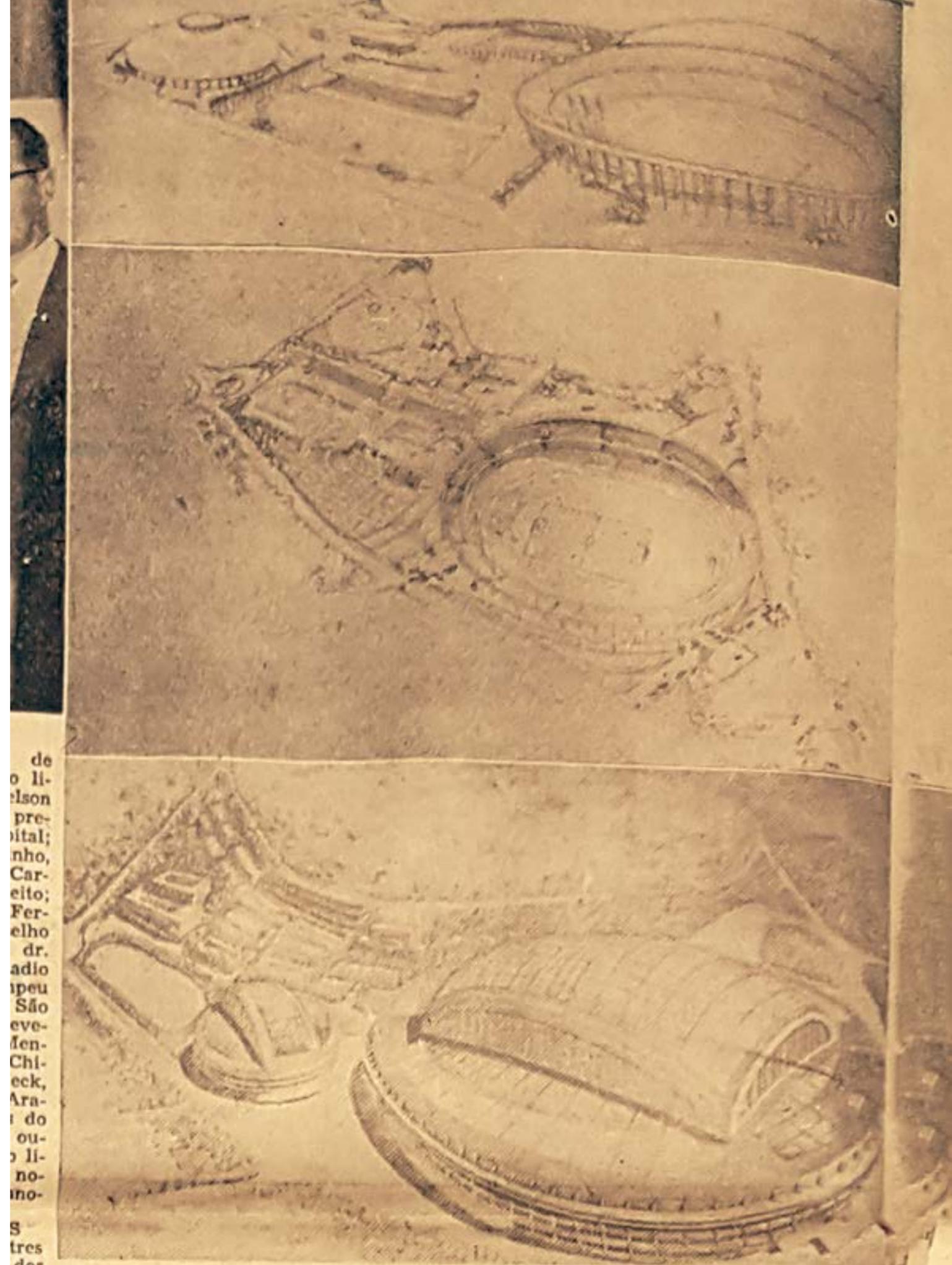
Os concorrentes apresentados foram a agência de Antonov & Zolnerkevic, a firma de Gilberto Junqueira Caldas e o escritório de Vilanova Artigas, Gastão Rachou Jr, José Carlos Pinto, Carlos Cascaldi e David Ottoni.

23. A Gazeta Esportiva, 14 de novembro de 1952

24. A Gazeta Esportiva, 7 de novembro de 1952

25. A Gazeta Esportiva, 19 de novembro de 1952

26. A Gazeta Esportiva, 18 de novembro de 1952



de  
o li-  
elson  
pre-  
ital;  
nho,  
Car-  
eito;  
Fer-  
elho  
dr.  
adio  
peu  
São  
eve-  
fen-  
Chi-  
eck,  
Ara-  
do  
ou-  
o li-  
no-  
ino-  
S  
tres  
des

# LANÇAMENTO

QUE ORGULHA S. PAULO...

**GLEBA "B"** no

*Jardim Leonor*

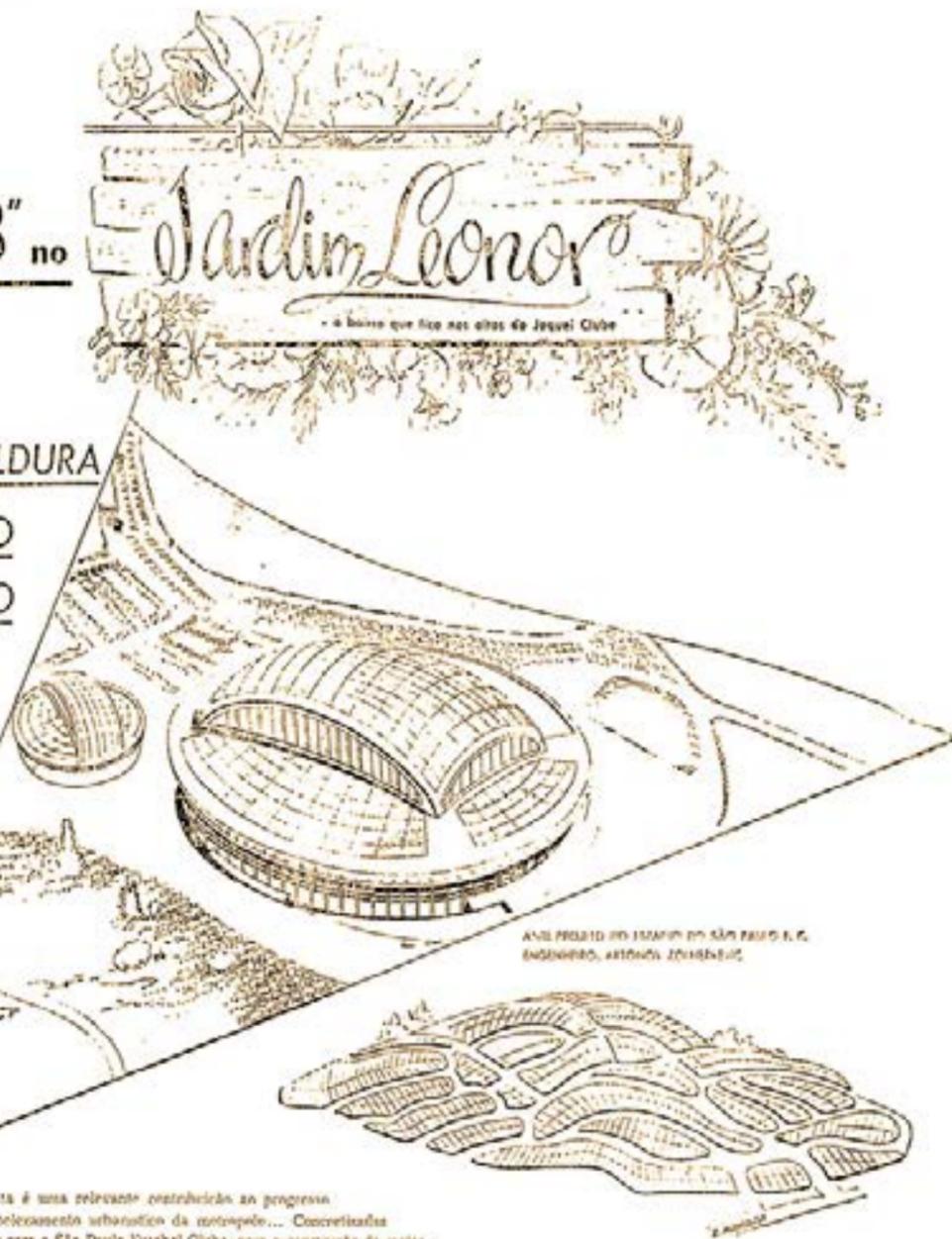
— o bairro que fica nos altos do Jockey Clube

ARISTOCRÁTICA MOLDURA

DO MAIOR ESTÁDIO

A SER CONSTRUÍDO

NA CIDADE!



Esta é uma relevante contribuição ao progresso e ao embelleçamento urbanístico da metrópole... Concretizada as negociações com o São Paulo Futebol Clube, para a construção do maior estádio da Cidade, a Imobiliária e Construtora Aricanduva lança agora a GLEBA "B" do JARDIM LEONOR, situado nos altos do Jockey Clube. Celeste quanto valerá um terreno no Jardim Leonor daqui a um ou dois anos! Tal como ocorreu com o bairro do Pacembá, quando ali foi construído o estádio municipal, os terrenos do Jardim Leonor, em maior escala, terão a sua valorização multiplicada, por muitas e muitas vezes... A aquisição de um lote de terreno no aristocrático bairro Jardim Leonor é excelente sob todos os aspectos: localização maravilhosa, onde pontifica a fidelidade de uma vizinhança soleta... panoramas encantadores da parte mais atraente da moderna metrópole... Tranquilidade... Bem-estar... Distinção! Tudo isso ao seu alcance, para a concretização do mais alto e justo anseio: a felicidade de sua Família!

da Rua Augusta  
em uma só vez  
até Cidade Jardim e lá  
nos altos do Jockey Clube  
encontrará o Jardim Leonor

**CONDIÇÕES EXCEPCIONAIS DE LANÇAMENTO:**

TERRENOS A PARTIR DE **Cr\$ 15.000,00** DE ENTRADA  
E PRESTAÇÕES DE **Cr\$ 1.139,00** MENSAIS

uma realização da **Imobiliária e Construtora ARICANDUVA S. A.**

O projeto de Antonov e Zolnerkevic era o mais apelativo. (E, apesar dos sobrenomes, a empresa era brasileira, de descendentes de russos). Complexo e futurista, com capacidade de público de 60 mil pessoas e com possibilidade de possuir uma cobertura de vidro, mais parecia uma nave espacial. E por causa disso – e das publicidades da Imobiliária Aricanduva com o esboço – muita gente acreditava que o Morumbi seria coberto, ainda em 1970.

Mas Antonov e Zolnerkevic propuseram duas possibilidades. Com a cobertura sobre o gramado, a obra seria orçada em 115 milhões de cruzeiros. Sem, 85 milhões. Já o projeto de Gilberto Junqueira Caldas foi orçado em 150 milhões de cruzeiros. Por sua vez, Villanova Artigas não estipulou custos.<sup>27</sup> Contudo, na concepção deste, o estádio são-paulino teria capacidade para 120 mil pessoas.

Quem definiria o projeto vencedor? Os membros da junta julgadora e especializada da Comissão Pró-Estádio, os senhores Carlos Alberto Gomes Cardim, Oswaldo Arthur Pratke e Pedro França Pinto.

A apresentação dos modelos causou boa repercussão na mídia:

*"Isto é São Paulo!"*

*Essa frase, transformada em símbolo pela repetição útil que lhe imprimiu o nosso saudoso e querido diretor, Casper Líbero, quando revolucionou os padrões da imprensa brasileira, pode ser invocada outra vez, à vista dos três maravilhosos projetos para construção do monumental estádio que o São Paulo F. C. vai oferecer à terra bandeirante".<sup>28</sup>*

No mesmo periódico, ainda se leu:

*"Porque a verdade é que o Tricolor deu ou vai dar quináu em todos os demais clubes esportivos do Brasil, eis que se propôs construir um verdadeiro monumento esportivo, marco de concreto e aço..."*

No início de 1953, a junta julgadora da Comissão Pró-Estádio definiu a concepção vencedora: foi a proposta de Vilanova Artigas. Historicamente, alega-se que o principal ponto forte para esta escolha foi a capacidade de público: 120 mil pessoas, no desenho original (apesar dos jornais do período noticiarem números entre 100 e 150 mil pessoas).<sup>29</sup> Artigas era adepto do brutalismo, vanguarda artística que valorizava o concreto exposto – outro fator que teria sido preponderante na escolha: menor custo de manutenção.

O engenheiro e arquiteto João Batista Vilanova Artigas foi um gênio de sua época. Brutalista, seu estilo peculiar deu origem ao gênero conhecido como "Escola Paulista". Entre suas principais obras, além do Morumbi, se encontram o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, o prédio Louveira, em Higienópolis, o Parque CECAP, em Guarulhos e o Hospital São Lucas, em Curitiba.

O engenheiro Barros Lima, da Comissão Pró-Estádio, contudo, detalhou melhor os motivos que levaram o São Paulo a decidir em favor do projeto de Artigas:

27. *Diário de S. Paulo*, 25 de novembro de 1952

28. *A Gazeta Esportiva*, 26 de novembro de 1952

29. *A Gazeta Esportiva*, *A Época & Correio Paulistano*, 12 de março de 1953



"Foi grande e acurado o trabalho que tivemos na Comissão Técnica, a fim de proceder a uma escolha conscienciosa e bem fundamentada de um dos anteprojetos em mãos. E após vinte dias (e não horas), de afanoso trabalho analítico, chegamos à conclusão... Apesar de sermos dois engenheiros civis e dois arquitetos, não dispensámos o veredito de especialistas em execução de obras e em cálculos de concreto armado. Consultamos a conceituada firma brasileira Cavalcanti & Junqueira e o engenheiro Eurico Meile, este um dos melhores calculistas de estruturas do País. E com o valioso parecer de ambos, o julgamento pôde ser concluído com o rigor e a justiça necessários...".

O projeto de Vilanova Artigas foi, em poucas palavras, o melhor dos três.

O professor Artigas tirou o máximo partido da topografia local. A visão do conjunto é esplêndida, de tal forma que, de qualquer ponto da praça, se pode ver o todo. As estruturas são bem traçadas, essencialmente econômicas, e, na totalidade, de boa aparência plástica. Em resumo, o anteprojeto Vilanova Artigas foi o que mais correspondeu às proporções e à elegância do estádio de que precisa o Tricolor".<sup>30</sup>

Agnelo di Lorenzo, fundador do Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube, relata na obra não publicada "Epopéia do Morumbi" que na segunda posição dessa apuração ficou o projeto de Junqueira Caldas e como última escolha a visão de Antonov e Zolnerkevic, muito por causa da capacidade reduzida e pelo altíssimo custo que viria a ser necessário dispendido para manter o maquinismo da cobertura retrátil.

A cada novo passo dado rumo ao Morumbi, a meta parecia mais próxima. Ainda estava distante, mas o caminho já era menor. "Não se trata de simples sonho, mas uma realidade a construção do futuro estádio do S. Paulo F.C.".<sup>31</sup>

Assim, no dia 27 de janeiro de 1953, o firmou dois importantes contratos, o primeiro com a firma de Artigas, no qual o arquiteto se comprometia a elaborar o projeto definitivo do estádio são-paulino e, depois, fiscalizar o andamento das obras. Esse ponto é importante: a empresa de Vilanova Artigas não participaria, efetivamente, da construção do gigante. O segundo contrato firmado foi com a empresa Maquette Zanini Ltda, de José Zanine Caldas, para a confecção da maquete oficial da concepção arquitetônica vencedora.<sup>32</sup>

Essa maquete e o projeto "definitivo" foram apresentados ao público na sede do Tricolor na Avenida Ipiranga, no dia 10 de março. O trabalho original de Vilanova Artigas contava com estádio de futebol (110.000 m<sup>2</sup>), ginásio poliesportivo ao estilo "Morumbzinho" com capacidade para 20 mil pessoas (17.000 m<sup>2</sup>), praça de atletismo e parque aquático com três piscinas (uma olímpica), ambos com arquibancadas para 5 mil pessoas (12.000 m<sup>2</sup>), diversas quadras poliesportivas (1.300 m<sup>2</sup>) e sede social (7.500 m<sup>2</sup>), além das demais exigências previstas no edital tricolor, como teatro grego com concha acústica ao ar livre e com capacidade para 1.500 pessoas, e cinema, sob as arquibancadas do estádio, para mil espectadores.

A construção foi orçada, então, em Cr\$ 100 milhões.

Preparativos finalizados, era chegada a hora de arregaçar as mangas e começar a erguer o colosso de concreto, o maior estádio particular do mundo.

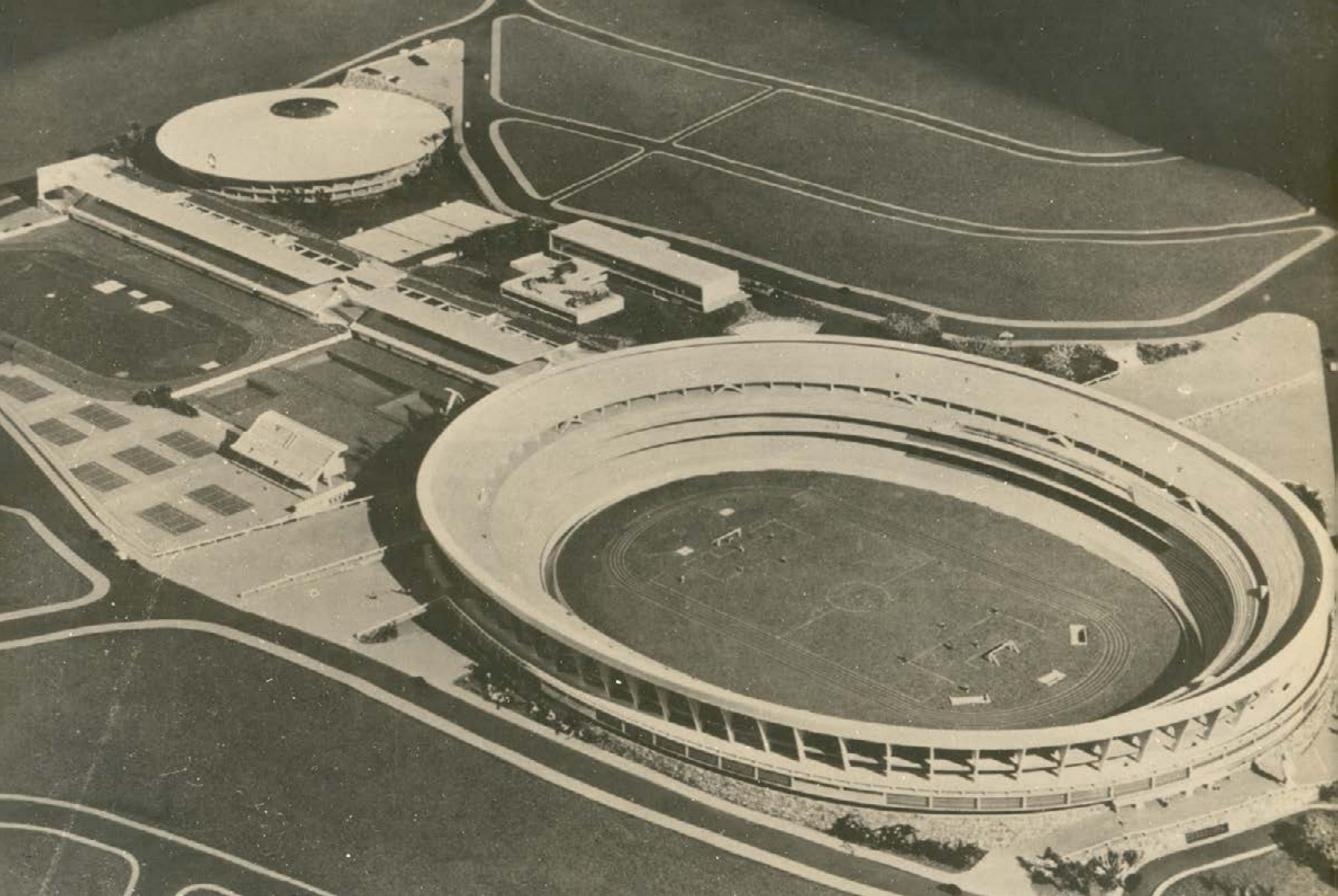


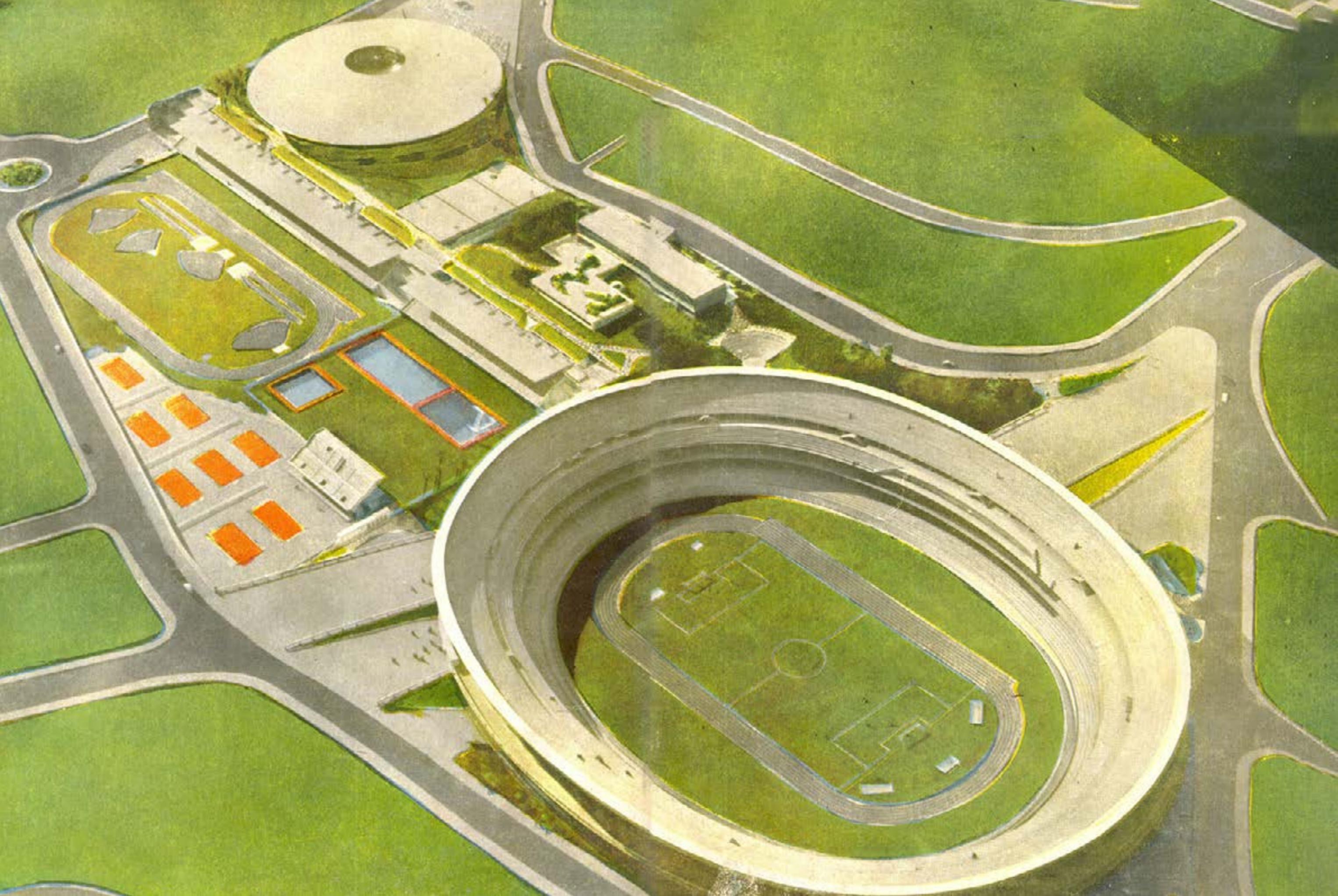
30. Revista Tricolor, nº 27

31. Laudo Natel para A Época, 11 de janeiro de 1953

32. O Esporte, 28 de janeiro de 1953







Adhemar  
Ferreira da Silva



## UMA ESTRELA NA BANDEIRA E UM TROFÉU NA GALERIA

Antes de adentrar ao dia a dia do cimento, ferro e concreto, é preciso também relatar a história são-paulina nos campos esportivos até aquele momento.

Os Jogos Olímpicos de Verão de 1952, os jogos da XV Olimpíada, marcaram a mais importante conquista amadora e olímpica da história do São Paulo Futebol Clube: a vitória de Adhemar Ferreira da Silva, no salto triplo, que rendeu à delegação brasileira uma medalha de ouro que não ocorria desde 1920!

Realizado em Helsinque (cidade finlandesa que abrigaria os Jogos de 1940, que não foram realizados por causa da II Guerra Mundial), o evento de 1952 ocorreu entre 19 de julho e 3 de agosto daquele ano, e contou, ao todo, com 19 modalidades esportivas que consagraram Estados Unidos (40 ouros, 19 pratas, 17 bronzes, total de 76 medalhas), União Soviética (22 ouros, 30 pratas, 19 bronzes, total de 71 medalhas) e Hungria (16 ouros, 10 pratas, 16 bronzes, total de 42 medalhas) como os principais vencedores.

A delegação brasileira, composta por 108 atletas (103 homens e cinco mulheres) em 15 esportes, conquistou três medalhas: uma de ouro – a do são-paulino Adhemar Ferreira –, e duas de bronze – com o atleta José Telles da Conceição (Flamengo), no salto em altura; e o nadador Tetsuo Okamoto (Yara Clube de Marília), nos 1.500 metros livres –, e terminou na 24ª colocação no quadro de medalhas.

A comitiva são-paulina foi composta por quatro atletas: Adhemar Ferreira da Silva, que disputou os Jogos pela segunda vez (a primeira fora quatro anos antes, em Londres), Wanda dos Santos, no atletismo, Pedro Galasso e Lucio Grottone, no boxe. A equipe brasileira também contou com dois técnicos do Tricolor: Dietrich Gerner, para o atletismo, e Aristides Jofre, para o boxe.

Além da enorme conquista de Adhemar Ferreira da Silva, vale destacar o bom desempenho de Wanda dos Santos, uma das únicas cinco mulheres da delegação brasileira nestes Jogos e que chegou nas semifinais dos 80 metros com barreiras, tendo disputado quatro provas de alto nível em um único dia (também competiu no salto em distância). Grottone e Galasso, no boxe, também não fizeram feio: cada um saiu de Helsinque ao menos com uma vitória a mais no cartel.

Mas para detalhar melhor a importância da conquista de Adhemar, é preciso voltar um pouco no tempo e relatar o início de sua trajetória no esporte.<sup>33</sup>

Filho único, Adhemar Ferreira da Silva nasceu no bairro da Casa Verde, zona norte de São Paulo, em 29 de setembro de 1927. O pai, Antônio Ferreira da Silva, era ferroviário, e a mãe, Augusta Nóbrega da Silva, empregada doméstica. Não chegou a conhecer os avós, mas sempre ouviu dizer na família que o avô vinha de uma linhagem nobre da África, onde inclusive teria sido rei.

33. Citações e passagens a seguir tem como fonte principal o folheto publicado pelo São Paulo Futebol Clube, com texto e edição de José Henrique da Cruz, produzido em 2002



Adhemar brincava na rua. Jogar futebol era sua diversão predileta. Ele chegou até mesmo a fundar uma equipe de várzea, o Grêmio Esportivo Centenário, da Casa Verde mesmo.<sup>34</sup> Nesse time, ele jogava como médio volante. Mas a mãe do atleta reclamava desse passatempo: considerava perigoso jogar naqueles campos esburacados ou de grama alta. Não durou muito a carreira de jogador de futebol do ídolo.

Sua alfabetização foi num colégio de freiras. Estudou na Escola de Aprendizes de Ofício, atual Escola Técnica, e formou-se em Belas-Artes. O futuro campeão esteve perto de se tornar escultor.

Tudo mudou em 1946. Adhemar estava com José Márcio Cato no centro da cidade quando um rapaz forte e esguio passou por eles. O amigo disse: *“Esse é o Benedito Ribeiro, atleta do São Paulo”*. A palavra “atleta” fez com que Adhemar sentisse que queria ser um.

Como seu amigo treinava no clube, ele se propôs a levá-lo para o Canindé, sede do Tricolor na época. Lá encontrou seu primeiro técnico: Dietrich Gerner. Adhemar fazia aquecimento, ginástica, passou por uma série de corridas... Fazia de tudo um pouco, sem saber o que queria fazer exatamente. Passou por uma série de corridas de 100, 200 e mil metros, saltou em distância, em altura e fez uma prova de revezamento. No mesmo ano, participou de inúmeras competições amistosas, sem se destacar em nenhuma delas. Não foi um bom começo. *“Se havia um último colocado, eu sempre chegava depois desse último”*.

Em 1947, Adhemar fez, então, o primeiro salto triplo de sua vida. Ele havia visto alguém praticando a modalidade e quis o mesmo. Viu que precisaria tomar distância, correr, chegar à tábua branca que delimitava o salto, bater ali o pé, alçar o corpo, cair sobre a mesma perna, saltar novamente, mudar de perna e atingir a caixa de areia. *“Achei interessante e pedi que o rapaz me explicasse tudo de novo, pois não entendi nada”*.

Ainda assim, conseguiu despertar a atenção do técnico, que o mandou repetir o pulo. Foi a 12,8 m. Livros de atletismo registram que iniciantes dificilmente chegavam a 11 m. Evoluindo a cada prova, sagrou-se campeão paulista com 14,77 m naquele mesmo ano. Logo se tornaria campeão, também, brasileiro e sul-americano.

Foi, então, buscar o índice olímpico. A marca qualificatória estabelecida no Pré-Olímpico do Rio de Janeiro era de 14,80 m, e os colegas diziam que só ele era capaz de conseguir a vaga. *“Eu só queria conhecer o Rio e eles falavam de Londres!”*. Superadas as dificuldades financeiras para viajar à Cidade Maravilhosa, enfrentou e venceu os maiores nomes da época: Geraldo de Oliveira, o “Canguru brasileiro”, e Hélio Coutinho da Silva. Saltou 15,03 m e se classificou para os jogos.

Na hora da competição, no famoso estádio Wembley, e diante de 120 mil pessoas, foi batido pela inexperiência. Perdeu a concentração e não se aqueceu direito. *“O juiz me chamava, eu saltava e olhava o público, achando que ia ter um jogo de futebol”*.

Em 1949, o técnico Gerner trabalhou Adhemar para superar o recorde paulista, de 15,13 m, do citado Geraldo de Oliveira. Logo na primeira tentativa ele fez 15,51 m e quebrou também o recorde sul-americano, que pertencia ao argentino Luiz Ankel Brunetto desde os Jogos Olímpicos de 1924. A partir daí começou uma sucessão de recordes e vitórias no grande mundo do atletismo, chegando a igualar o recorde mundial ao saltar 16,01 m, em 1951.

34. A Gazeta Esportiva, 19 de agosto de 1952  
Foto: Dietrich Gerner e Adhemar Ferreira da Silva



Classificado para os Jogos Olímpicos de 1952, em Helsinque, na Finlândia. Adhemar, estudioso, tratou logo de se encontrar com os intérpretes dos finlandeses que aqui vieram disputar a corrida de São Silvestre, em 1951, os Lehto. Na chegada à capital finlandesa, Adhemar tratou de testar seus conhecimentos da língua local. E saiu-se bem com as expressões que aprendeu. No dia seguinte, os jornais diziam: *"Da Silva do Brasil chega falando 'terve, terve' e cantando 'Niin mina neitonen sinulle laulan'"*. Simpático e cativante, saía às ruas e as pessoas lhe desejavam sucesso na competição.

Totalmente preparado, tanto socialmente quanto fisicamente. Adhemar Ferreira da Silva, no dia 23 de julho de 1952, bateu o recorde mundial do salto triplo, pertencente então ao japonês Naoto Tajima, saltando 16,05 metros nas classificatórias.

Não bastasse, no mesmo dia, Adhemar quebrou o próprio recorde mundial por outras três vezes, saltando 16,09m, 16,12m e 16,22 metros. Aliás, foi o único, dentre os 35 competidores, a saltar acima dos 16 metros. E todos os saltos foram aferidos e legitimados por nada menos que dez juízes. Tudo absolutamente inédito e arrasador.

Conquistou o recorde mundial. Conquistou o recorde olímpico. Conquistou a medalha de ouro.

*"Apenas saltei o que pude. Não esperava fazer nada disto... Ofereço meu triunfo ao povo brasileiro".*<sup>35</sup> À imprensa também agradeceu o trabalho e apoio do treinador Dietrich Gerner, no São Paulo. Por sua vez, o técnico tricolor definiu que *"Adhemar é realmente um atleta extraordinário. Ninguém mais do que ele é talhado para grandes feitos. Cumpriu sempre à risca as minhas instruções".*<sup>35</sup>

No pódio, Adhemar chorou e, aclamado pelos 70 mil torcedores, que gritavam seu nome, agradeceu a todos dando uma volta pela pista: Foi a primeira volta olímpica de um brasileiro. De quebra, o atleta ostentou o emblema do São Paulo na foto oficial do recorde mundial, que ficou consagrada na história.

O Tricolor retornou à homenagem ao ídolo. *"Nossa admiração e orgulho por Adhemar Ferreira da Silva, antes de ele conseguir novo recorde mundial do salto triplo, era enorme. Mas, agora, é extraordinária"*, disse o presidente Cícero Pompeu de Toledo, indo além: *"Uma estrela na bandeira do S. Paulo simbolizará o feito de Adhemar Ferreira da Silva"*.<sup>36</sup>

Essa ideia corria entre os dirigentes e conselheiros do clube desde quando o são-paulino saltou 16,01 m, em 1951. Oficialmente, nos Estatutos, porém, a medida só foi oficializada na versão de 12 de setembro de 1953. Nada que impedisse as devidas homenagens públicas.

No Brasil, a imensa alegria da mãe de Adhemar, a Dona Augusta, foi retratada em vários jornais. *"Tinha certeza da vitória, mas confesso-lhe que não esperava por tal resultado... Foi o bom Deus quem ajudou o meu filho a servir o Brasil"*.<sup>35</sup>

Tal cobertura chamou a atenção também para o local onde a família morava, na Rua H, depois chamada Ouro Grosso, 56, no Parque Peruche. Uma casa simples, necessitada de muitos cuidados e melhorias.

35. A Gazeta Esportiva, 24 de julho de 1952

36. Última Hora, 27 de julho de 1952





*“Casa pobre e modesta a de Adhemar Ferreira da Silva. Uma das razões, talvez, de seu próprio sucesso. Casa de homens de trabalho. Mantida carinhosamente pelo sr. Antônio Ferreira da Silva e zelada não menos carinhosamente por d. Augusta Ferreira da Silva. Não foi difícil encontrá-la embora o Parque Peruche mostre a ausência de cuidados oficiais há longo tempo”.*<sup>37</sup>

Aqui, cabe ressaltar a atenção dispensada pelo jornal A Gazeta Esportiva à família de Adhemar. Sensibilizados pela situação da residência que visitaram, os diretores do periódico promoveram campanhas para ajudar o senhor Antônio e a dona Augusta.

Primeiramente, buscando parceiros para a compra de passagens de avião para o Rio de Janeiro, ida e volta, a fim que pudessem recepcionar o filho campeão, de retorno da Europa, no aeroporto – e conseguiram isto com Bento de Almeida Prado, diretor de relações públicas da Real AS, companhia de transporte aéreo.

Depois, e principalmente (ainda no dia 25 de julho), iniciando um movimento popular de doações para a compra de uma moradia melhor para o casal. Essa campanha durou meses, sempre com amplo destaque nas páginas do jornal. O próprio jornal foi o primeiro a participar, doando 30 mil cruzeiros. O São Paulo Futebol Clube, claro, também fez sua parte, com o mesmo valor (foram as maiores quantias registradas). Corinthians, Palmeiras e Portuguesa cotizaram 10 mil cruzeiros, além de vários outros clubes, federações, empresas e personalidades públicas, como Adhemar de Barros, Paulo Machado de Carvalho e Lucas Nogueira Garcez, que também se solidarizaram.

Depois das cerimônias oficiais na capital do país, com políticos e afins, Adhemar e família voltaram, enfim, a São Paulo, às 10h30 do dia 10 de agosto, onde foi recepcionado por uma multidão de torcedores no Aeroporto de Congonhas. *“Com flores, risos e lágrimas, São Paulo recebeu o seu campeão”*, foi a manchete do Última Hora.<sup>38</sup>

Já às 15h30, o recordista mundial já estava no Pacaembu para ser novamente homenageado, minutos antes da bola rolar para um São Paulo x Vasco da Gama, por uma imensidão de brasileiros agradecidos, que não lhe poupou aplausos. O time carioca também ofereceu um presente: a bandeira do São Paulo com a prometida estrela dourada em honra ao feito conquistado por Adhemar.<sup>39</sup>

Em retribuição, o São Paulo goleou o clube da Cruz de Malta por 4 a 0, com três gols de Albella e um de Bibe.

E bem, já que o assunto agora é o futebol, é melhor regressar mais um pouco na linha do tempo. No primeiro livro desta série, foram destacados os feitos do Tricolor dentro dos campos até a perda do tricampeonato estadual, em 1950, já no comecinho do ano seguinte.

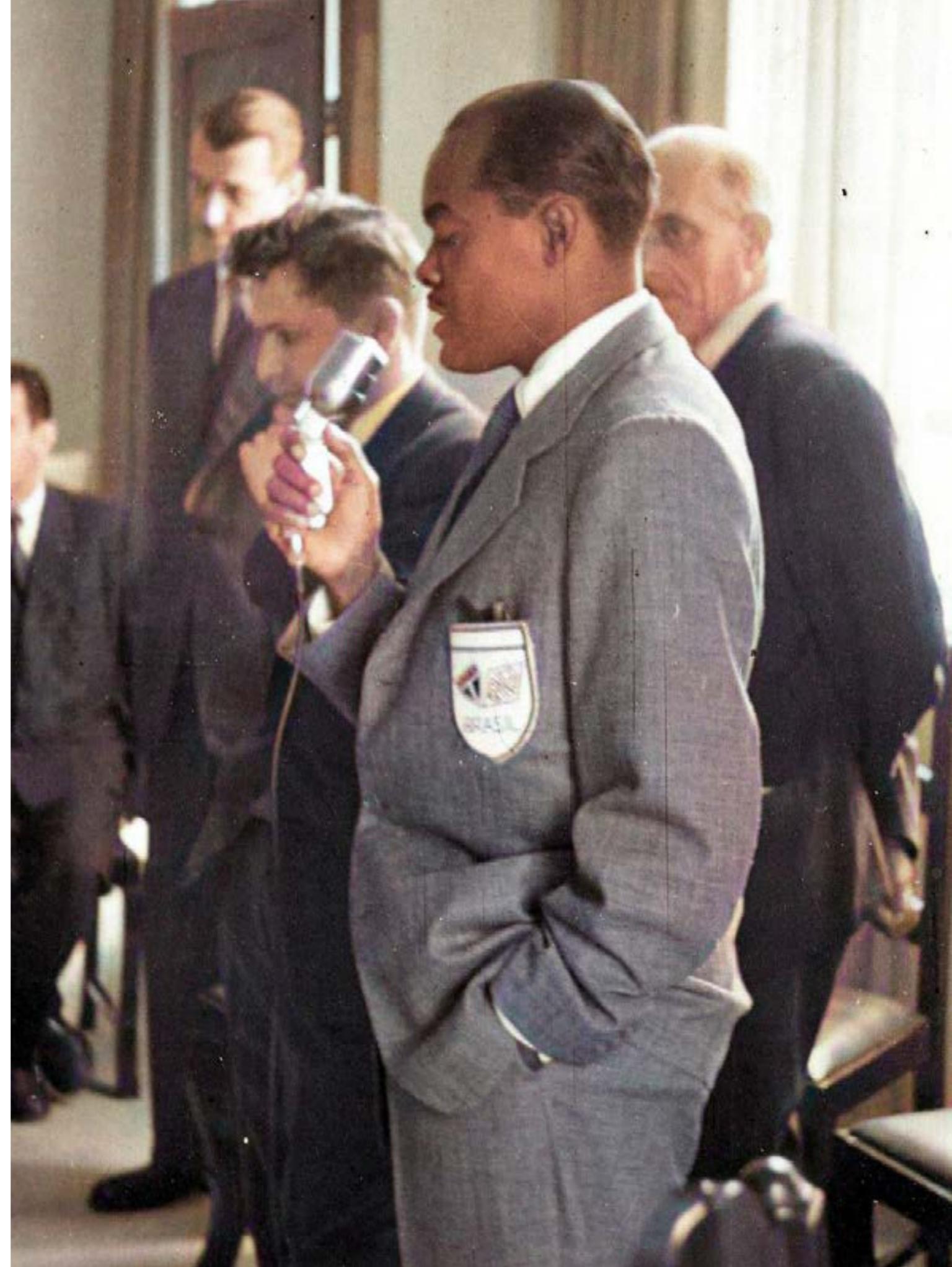
Em 1951, Cícero Pompeu de Toledo e Paulo Machado de Carvalho, presidente e diretor de futebol do São Paulo, resolveram apostar em uma jogada considerada arriscada: Leônidas da Silva como treinador de futebol. Cinco vezes campeão como jogador pelo clube, na década anterior, o Diamante Negro enveredava pelos caminhos da função já em 1950, quando se aposentara dos gramados, como auxiliar técnico de Vicente Feola.

37. A Gazeta Esportiva, 24 de julho de 1952

38. Última Hora, 11 de outubro de 1952

39. Diário da Noite, 11 de outubro de 1952

Foto: Leônidas da Silva como treinador do Tricolor na excursão à Europa em 1951



Na verdade, no período de preparação e execução da Copa do Mundo daquele ano, Leônidas chegou a comandar o time são-paulino em algumas partidas amistosas (17, ao todo, faturando inclusive um título menor, o Torneio Quadrangular Prefeito Lineu Prestes, de maneira invicta, com vitórias contra Corinthians e Portuguesa, e empate com o Palmeiras).

Então, o craque já tinha alguma experiência no currículo. E o começo de trabalho do ex-atacante como treinador efetivo do Tricolor foi realmente avassalador, mas no sentido negativo. No Torneio Rio-São Paulo de 1951, nenhuma vitória, cinco derrotas e apenas dois empates. Última posição na tabela de classificação final, entre oito times.

A campanha foi tão feia que a solução encontrada pelos comandantes são-paulinos foi escapar dos torcedores, da imprensa e... do Brasil, de uma maneira geral: O Tricolor partiu rumo à Europa em uma excursão que durou praticamente um mês e meio, do final de março até a primeira semana de maio de 1951.

A tática até deu resultado, pois no Velho Continente, contando com reforços do Bangu, que também se embrenhou nessa empreitada, o Combinado São Paulo;/Bangu não fez feio e obteve bons resultados. Essa história, aliás, será abordada com maiores detalhes nos anexos finais desse trabalho.

De volta ao Brasil, os tricolores até começaram bem no Paulistão, obtendo seis vitórias nas seis primeiras partidas do campeonato. O detalhe é que tais jogos foram contra times menores. Vieram, então, acachapantes derrotas nos clássicos contra o Santos (0 a 3), no dia 12 de agosto e Corinthians (0 a 4), no dia 26 do mesmo mês. Leônidas não resistiu aos resultados, e nem a falta de comando que detinha em junto aos seus subordinados, que, anos antes, eram companheiros de time. Essa estranha relação foi o principal fator minador do trabalho do Diamante, que renunciou à posição de treinador são-paulino no dia 3 de setembro, após uma vitória por 2 a 1 sobre a Portuguesa Santista, no Pacaembu.

No lugar do "Homem-Borracha", a cúpula tricolor elevou o preparador físico, Ariston de Oliveira, ao cargo. Os cardeais também resolveram tirar o escorpião do bolso e reforçaram o elenco com dois bons nomes: Pé de Valsa, volante contratado junto ao Fluminense, e Turcão, zagueiro e lateral adquirido do Guarani, mas que tinha passagem também pelo Palmeiras. O último, aliás, foi negociado mediante troca, o Tricolor cedeu o atacante Augusto ao time campineiro.

O time então até recuperou o fôlego, mas, novamente, apenas contra os clubes pequenos, falhando no San-São (1 a 2, no dia 2 de dezembro), no Majestoso (1 a 4, no dia 16 de dezembro) e no Choque-Rei (0 a 3, no dia 13 de janeiro de 1952). Ariston, inclusive, nem comandara o time nessa última partida. Vicente Feola voltou a assumir o cargo de treinador do São Paulo ainda no final de 1951.

Como em toda as oportunidades anteriores, já descritas no conjunto dessa obra, a atuação de Feola elevou o nível das apresentações dos tricolores, mesmo que aos trancos e barrancos. O fator crucial, entretanto, para essa melhora foram as chegadas de quatro importantes jogadores, contratados pelos dirigentes são-paulinos entre janeiro e fevereiro de 1952: O defensor/lateral De Sordi, do XV de Piracicaba, Maurinho, ponta ousado e veloz do Guarani; e os atacantes argentinos Gustavo Albella e Nicolás Moreno, do Banfield.

Apesar dos reforços, o Tricolor sofreu uma enorme baixa na qualidade técnica de seu elenco com a grave contusão de Bauer, no jogo contra o Botafogo de Ribeirão Preto, na cidade do interior paulista, no dia 15 de junho. O caso se deu em uma disputa em que o médio saltara junto a De Sordi a fim de cabecear a pelota, Baltasar, do time local, então, entrou de "carrinho" no lance, acertando o camisa 4 do Tricolor enquanto caía de volta ao chão.

Sem nada poder fazer para evitar o choque, Bauer sofreu uma fratura exposta da fíbula e do maléolo tibial, na altura da canela da perna esquerda, além de uma forte luxação no tornozelo e a ruptura dos ligamentos.

No momento da quebra, logo Bauer percebeu que o caso era sério. *"Não tive dúvida de que havia quebrado a perna. A dor não foi muito forte, mas eu tive a sensação de fratura. Pensei logo em minha família e adivinhei o choque que a notícia do fato causaria, principalmente à minha mãe e à minha esposa. Por isso, a fim de não inquietá-las demasiadamente, pedi a um locutor esportivo que se encontrava no campo que, em sua irradiação, não falasse da gravidade do caso"*.<sup>40</sup>

Assim que o médico são-paulino, o dr. Dalzell Freire alcançou o atleta em campo, Bauer, que tentara ficar de pé, pediu o socorro: *"Cubram minha perna pelo amor de Deus. Não quero que meus companheiros vejam"*.<sup>41</sup> E, com uma toalha, isso foi feito.

O pior é que, mesmo sem clima algum, o jogo amistoso foi até o fim dos 90 minutos, com a vitória são-paulina por 2 a 0. Feola, que permanecera com o jogador em Ribeirão Preto durante todo o padecimento do atleta, comentou que *"preferia ter perdido de 20 a 0 a assistir o sucedido a Bauer"*.<sup>42</sup>

O ferimento foi tão grave que a situação demandou intervenção cirúrgica ainda naquela noite. O procedimento foi realizado pelo dr. Luís Tarquínio de Assis Leite na Santa Casa de Ribeirão Preto.

As primeiras notícias que chegaram a São Paulo foram alarmantes. *"Bauer inutilizado para o futebol"* foi a manchete de A Platéia, do dia 17 de junho.

O correspondente de Ribeirão Preto do jornal Tabloide, para o qual também Geraldo José de Almeida, afirmava que o parecer do profissional que realizara a cirurgia em Bauer era pessimista quanto ao retorno do ídolo aos gramados: *"Infelizmente, a contusão sofrida por Bauer foi das mais graves e o futebol brasileiro dificilmente voltará a contar com o seu concurso no futuro"*. O médico supostamente teria dito que o problema era a ruptura dos ligamentos: quando ele estivesse restabelecido, ele não teria de volta a mobilidade completa no pé atingido.<sup>43</sup>

*"Eu repito, que pela fratura sofrida, Bauer está praticamente fora do futebol. Mas, de qualquer maneira, vamos esperar pelo milagre da recuperação"*.<sup>43</sup>

A contusão foi tão assustadora que uma das providências tomadas pelo São Paulo foi solicitar ao Monsenhor Francisco Bastos a reza de uma missa em prol da pronta recuperação do atleta.<sup>44</sup>

40. *Diário da Noite*, 30 de junho de 1952

41. *O Esporte*, 17 de junho de 1952

42. *Última Hora*, 17 de junho de 1952

43. *Tabloide*, 17 de junho de 1952

44. *Correio Paulistano*, 20 de junho de 1952



Bauer  
Cartum de Última Hora

*"Difícilmente voltará a jogar, as possibilidades para retornar são de 20 por cento... O tempo dirá".<sup>45</sup>*

De acordo com outros repórteres e veículos de imprensa, as notícias não eram tão alarmantes assim. O dr. Luís Tarquínio teria amenizado a situação, afirmando que o estado de Bauer era muito bom, ótimo na verdade e que ele se recuperaria normalmente – apesar de na manhã seguinte ele ter sentido dores e febre.

Foram lançados os prognósticos mais aleatórios, como quando se noticiou que ele poderia voltar a chutar com a canhoto dentro de sete,<sup>46</sup> ou oito meses.<sup>47</sup> De toda maneira, Bauer estaria confinado ao gesso por um período de oito a dez semanas, podendo voltar a caminhar, com o auxílio de muletas, em 14 dias. E somente estaria apto a voltar às atividades físicas dentro de quatro meses.<sup>48</sup>

A gravidade da situação do jogador são-paulino compadeceu o meio esportivo e vários foram os comunicados de apoio, cartas de solidariedade e telefonemas carinhosos a Bauer, provindos de todo o Brasil, mas em especial, dos habitantes de Ribeirão Pretos, que se compadeceram ao extremo pelo ídolo.<sup>49</sup>

Da mesma forma, Baltasar, fora visitar o contundido e lhe pedir desculpas, ainda na Santa Casa de Ribeirão. Curiosamente, por causa do nome do atleta do Botafogo, muitas pessoas confundiram-no com o atacante homônimo do Corinthians e os veículos de comunicação tiveram trabalho para desmentir esse boato.<sup>50</sup>

Bauer permaneceu internado na Santa Casa até o dia 26 de junho, quando o São Paulo o trouxe de volta à Capital de trem. O jogador foi recepcionado por considerável multidão que o esperava na Estação da Luz.<sup>51</sup>

Ali questionado sobre a jogada que lhe lesionara e acerca da intenção de Baltasar, Bauer não contemporizou: *"Olha, amigo, só Baltasar é que sabe. Não posso afirmar que ele teve intenção de machucar. Recebi uma 'tesoura' por trás e meu pé ficou preso entre as pernas dele. Dizem que De Sordi entrara na jogada. Posso afirmar que o zagueiro não tomou parte do lance, pois estava um pouco longe. Se foi proposital, isso é com o Baltasar".<sup>49</sup>*

Se havia algum culpado, para Bauer, claro como água era sê-lo o árbitro Dante Rossi, que havia permitido jogadas violentas e lances desleais por toda a partida, não tomando providência alguma, mesmo sob o protesto do próprio Bauer, momentos antes do trágico acidente.<sup>52</sup>

Outro fato que chateara o craque, por demais, durante todo aquele período de convalescência, foi a fotografia sensacionalista da fratura exposta captada sem autorização e reproduzida no jornal Última Hora, no dia 17 de junho, negociada por Cr\$ 10.000,00.

O jogador também fez questão de por ponto final sobre a possível incerteza do futuro dele como futebolista: *"Isso é uma bobagem, não tem o menor cabimento. Disse-me o médico que dentro de um mês, ou pouco mais, o gesso será retirado de minha perna e que, passados uns quatro meses, poderei retornar aos treinos. Quando isso acontecer, estarei em campo como sempre... Essa história foi inventada por um correspondente de imprensa lá de Ribeirão, que quis fazer sensacionalismo barato e conseguir vantagens à minha custa".<sup>52</sup>*

45. O Esporte, 17 de junho de 1952

46. Última Hora, 17 de junho de 1952

47. Diário de S. Paulo, 17 de junho de 1952

48. A Gazeta Esportiva, 18 de junho de 1952

49. O Esporte, 28 de junho de 1952

50. O Esporte, 18 de junho de 1952

51. A Gazeta Esportiva, 27 de junho de 1952

52. Diário da Noite, 30 de junho de 1952



Despedindo-se dos fãs, Bauer partiu e foi novamente internado, dessa vez no Hospital Santa Catarina, onde ficou aos cuidados do dr. Renan Azzi Leal. Enquanto Bauer estivesse afastado dos jogos, ele receberia, claro, o salário mensal, mas também os “bichos” e demais premiações que o elenco viesse a receber no período.<sup>53</sup>

“*Eu voltarei!*”.

Com um onze inicial formado com Bertolucci (ou Poy), De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Ruy e Alfredo Ramos (por vezes Turcão em qualquer posição da linha média); Maurinho na ponta direita, Teixeira na esquerda, e com centro médios e centroavantes como Albella, Moreno, Durval ou Bibe, o time são-paulino seguiu na temporada.

Na verdade, até se encaixou bem e emplacou uma empolgante série de apenas três derrotas em 35 jogos, durante quase um semestre inteiro, entre junho e dezembro de 1952, e somando, nesse período, 25 vitórias.

Algumas dessas vitórias foram realmente muito dignificantes, como o 3 a 0 no Corinthians, no dia 29 de junho, pelo Quadrangular Paulista (conquistado após um 3 a 1 sobre a forte Portuguesa, no dia 5 de julho) e as goleadas por 4 a 1 e 4 a 0 contra Flamengo e Vasco da Gama, pelo anteriormente citado Torneio Prefeito Lineu Prestes, nos dias 3 e 10 de agosto.

Mas, acidentes acontecem e dois, particularmente, foram decisivos para que as chances de título escapassem pelas mãos são-paulinas: a derrota para o XV de Jaú, no Pacaembu, no dia 8 de outubro, por um absurdo 4 a 0!

Isso mesmo. 4 a 0 para o XV de Jaú, que poderia ter sido um baque considerável, não fosse os tricolores se redirem com a vitória sobre o Palmeiras, por 2 a 1, na rodada seguinte.

De toda maneira, o inesperado tropeço (que estava mais para queda de um barranco), aliado à derrota para o Corinthians, por 2 a 1, no dia 16 de novembro, e ao segundo acidente, a vitória do Juventus contra os são-paulinos, por 2 a 0, no dia 14 de dezembro, deixou o Tricolor pressionado para as duas últimas rodadas do Paulistão, contra Portuguesa e Corinthians. O time não poderia perder mais nenhum ponto e ainda dependeria de vacilos do rival alvinegro, que liderava o certame (mas que já havia perdido pontos importantes contra os pequenos Comercial e Ypiranga).

Mas não deu. Justamente no dia 25 de janeiro de 1953, o Tricolor foi derrotado pela terceira colocada Portuguesa, no Pacaembu, por 1 a 0. E olha que o Corinthians também não fez sua parte, perdendo para aquele mesmo XV de Jaú, por 3 a 1. Coube ao Tricolor o vice-campeonato e entregar as faixas de campeão no Majestoso do fim do torneio. Para piorar, nova derrota: 3 a 2 para o adversário.

Embora os resultados dentro de campo não tenham sido os mais desejados, foi nítida a evolução do time são-paulino depois da crise provocada pela perda do tricampeonato em 1950 e pela reformulação do elenco (e dos comandantes técnicos) decorrente.

Aliado a esse fato, o retorno do ídolo Bauer, em janeiro (após seis meses de recuperação da fratura na perna esquerda), a bem-aventurada fase fora das quatro linhas, com as inúmeras vitórias no atletismo, destacadamente as do campeão olímpico Adhemar Ferreira da Silva, e com o início das obras de construção do Estádio do Morumbi, prenunciavam que a temporada de 1953 poderia ser inesquecível para os tricolores.

Ainda que tenha começado, mais uma vez, sem sucesso na primeira competição da temporada: o Torneio Rio-São Paulo. Apesar dos pesares, o terceiro lugar obtido na classificação final demonstrava que o clube estava retomando o caminho certo (depois do oitavo, e último lugar, de 1951 e a sexta posição, em 1952).

Isso, claro, não aos olhos da torcida mais crítica. Culpado pelos resultados não excelentes, e por não disciplinar o elenco são-paulino por suposta displicência de alguns jogadores, como os apoiadores do Tricolor imaginavam ser um feito necessário, Feola renunciou ao cargo e foi, assim, realocado mais uma vez para serviços de supervisão no clube.

“*Como profissional, tenho servido o São Paulo com a máxima dedicação e não fico absolutamente surpreso com a ‘onda’ que ora está sendo desencadeada. São coisas do futebol. Os mesmos elementos que hoje me atacam são os que tem comparecido em outras ocasiões para abraços e hurras quando o quadro está caminhando bem. Disse e repito que não posso fazer milagres...*”. Disse Feola ao tomar a decisão.<sup>55</sup>

Para o comando técnico do time, o São Paulo trouxe, no dia 9 de junho, o argentino Alejandro Galán, mais conhecido como Jim Lopes. Nascido em Buenos Aires, no ano de 1912, Jim há décadas exercia a função no Brasil. Começara a carreira em 1937 no Estudantes, clube relacionado com a história do Tricolor (conforme descrito no primeiro tomo dessa coletânea), e estava vinculado ao Ypiranga, mas o papel que lhe gabaritou para a posição no (ainda) clube do Canindé foram as campanhas obtidas à frente do Palmeiras, em 1950, e principalmente, da Portuguesa, no ano de 1952.

“*O ambiente no São Paulo F. C. é de vida nova e promessas*”.<sup>56</sup>

Jim Lopes não poderia indicar reforços de peso para a temporada. O clube já havia investido, entre março e maio, na linha ofensiva do time, mais especificamente nos passes do centroavante Gino Orlando, do Comercial da Capital (mas com passagem também pelo Palmeiras), de Lanzoninho, atacante do Coritiba, e dos argentinos Martino, contratado junto ao Nacional do Uruguai, e de Juan José Negri, que estava no Juventus da Mooca.

Trabalhando com o que tinha à mão, Lopes mostrou logo de cara que não estava pelo clube de brincadeira e levou os tricolores à final do Torneio Octagonal Rivadavia Correia Meyer.

Bom, antes de se falar do que se sucedeu nessa decisão, melhor explicar que essa competição nada mais foi que a expansão da famigerada Copa Rio, disputada nos anos de 1951 e 1952 em São Paulo e no Rio de Janeiro. A edição de 1953 contou com mais clubes nacionais e menos estrangeiros (apenas Hibernian, da Escócia, Olímpia, do Paraguai, e Sporting, de Portugal), devido ao impedimento, de última hora, imposto pela Asociación Uruguaya de Fútbol ao Nacional.

53. *Correio Paulistano*, 20 de junho de 1952

54. *Última Hora*, 27 de agosto de 1952

55. *O Esporte*, 8 de junho de 1953

56. *O Esporte*, 12 de junho de 1953

No grupo paulista, São Paulo e Corinthians foram amplamente superiores ao convidado paraguaio e ao português, vencendo os dois jogos. O Tricolor, na verdade, aplicou duas goleadas de 4 a 1 nos visitantes. Enquanto o Corinthians venceu o Olímpia por 5 a 2, mas o Sporting apenas por 2 a 1. Essa diferença no número de gols marcados, a favor do São Paulo, acabou levando o time à final do torneio, depois do Majestoso do dia 21 de junho terminar empatado por 1 a 1.

Nas duas partidas das finais, no Pacaembu e no Maracanã, contra o Vasco da Gama, contudo, o São Paulo não resistiu às atuações de Djair e Pinga, como também à péssima arbitragem de Mário Viana, perdendo os dois confrontos, por 1 a 0 e 2 a 1, nos dias 1º e 4 de julho de 1953.

*“Terminou o octogonal. O São Paulo teve grandes coisas, boas, e algumas más: falta de finalização e um juiz contra”.<sup>57</sup>*

Tudo bem, não fez mal. O Campeonato Paulista era a mais importante competição da temporada e ele começou (e, bem, terminou) de maneira fantástica para os tricolores. Na primeira partida, no dia 19 de julho, uma goleada de 6 a 1 sobre o Comercial, da Capital, no Pacaembu, com direito a trinca de gols de Maurinho. No fim de semana seguinte, revanche contra o XV de Jaú, no interior, e 3 a 0 para o Tricolor. Contra o outro XV, o de Piracicaba, o São Paulo deixou escapar a vitória, no dia 2 de agosto: 1 a 1. O resultado não abateu os são-paulinos. Pelo contrário, motivou! O time emplacou 14 vitórias seguidas na competição!

Vale destacar as vitórias por 3 a 1 no Palmeiras, no dia 13 de setembro; por 2 a 0 na Portuguesa, no dia 27 de setembro; por 1 a 0 sobre o Corinthians, sete dias depois; e a goleada de 4 a 1 no Santos, no dia 17 de outubro.

Apesar da extrema qualidade da linha ofensiva representada, principalmente, por Maurinho, Albella e Gino, autores, respectivamente, de 17, 16 e 15 gols pelo Tricolor no torneio, o forte da equipe na verdade era o seu conjunto, ou melhor, o padrão de jogo encontrado por Jim Lopes, que pode ser visto na escalação mais comum do time:

Poy; De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e Alfredo Ramos; Maurinho, Albella, Gino, Negri e Teixeira. Esse é o alinhamento que mais vezes foi repetido em toda a história do São Paulo – história, esta, composta por mais de cinco mil jogos. Foram 15 escalações assim formadas, 14 delas válidas pelo Paulistão de 1953 (ou seja, metade das partidas da equipe na competição).

Quando Lopes necessitava proceder com alguma mudança, apenas uma ou outra peça era alterada, pontualmente. Com esse padrão, o time venceu 11 vezes, empatou uma (contra a Ponte Preta, no dia 29 de novembro, que quebrou a série de 14 vitórias consecutivas) e perdeu duas. A primeira derrota, por sinal, e que pôs fim à bela série invicta de 19 jogos, foi uma tremenda surpresa, uma baita zebra. Aliás, na verdade, um imenso elefante!

No dia 13 de dezembro de 1953, o São Paulo foi ao Gigante de Madeira, em Lins, enfrentar o Linense, que terminaria aquela edição na 10ª posição, entre quinze participantes. De lá o Tricolor voltou para São Paulo com uma derrota de 4 a 1 na bagagem. Detalhe: estava 4 a 0 até os 49 minutos do segundo tempo, quando Gino fez o gol de honra do Tricolor.

57. *O Esporte*, 6 de julho de 1953  
Foto de H. Bannwart do gol de Washington, do Linense



Ninguém acreditou. Nem mesmo os torcedores locais, que fizeram uma festa homérica na cidade, mas sem, ao que se sabe, paquiderme algum a desfilar pelas ruas da cidade, como diz a lenda que se espalhou pelo meio esportivo, anos depois – o elefante era o mascote do Linense.\*

Depois desse choque, sobrou para o Nacional, que acabou goleado no Pacaembu por 4 a 0, seis dias depois. A rotina vencedora parecia ter se reestabelecido com mais uma vitória sobre o XV de Jaú por 3 a 1, em “casa”, na antevéspera de Natal. Depois das festas de fim de ano, entretanto, e talvez por causa das ceias caprichadas e merecidas, o São Paulo acabou perdendo para a Portuguesa, por 1 a 0, no dia 3 de janeiro de 1954. Nada comprometedor.

A marcha pelo título continuou inabalável. Vitória por 2 a 0 sobre o Juventus, no dia 9 de janeiro, e por 3 a 2 sobre o Guarani, no dia 16. O troféu poderia ser, então, conquistado com duas rodadas de antecipação, no jogo contra o Santos, na Vila Belmiro, um dia antes do aniversário de 400 anos da cidade de São Paulo (e, ora, o mais importante, de 24 anos do próprio Tricolor).

A tábua de classificação apontava, naquele momento, o São Paulo como líder da competição (aliás, o ponteiro da disputa, isolado, desde a sétima rodada), com 44 pontos ganhos, e o Palmeiras, na segunda posição, com 40 pontos, restando três partidas para os dois clubes.

Nos jogos seguintes, se o Tricolor encararia o Santos fora de casa, o Palmeiras receberia a Portuguesa. Depois, o São Paulo poderia ter um difícil embate com o Corinthians, na penúltima rodada, enquanto o Palmeiras se teria com o Linense, nos próprios domínios. Por fim, a última rodada do certamente envolveria justamente os personagens do Choque-Rei.

A esperança do time do Parque Antártica era contar com um tropeço são-paulino, talvez com uma ajuda corintiana, e se manter vivo até o confronto direto, em que poderia empatar a pontuação e levar a decisão do título para o supercampeonato: um jogo desempate entre os dois times.

Agora, para os tricolores comemorarem o título, o quanto antes, bastava derrotar o time santista e o Palmeiras não vencer a Portuguesa. Caso o impasse persistisse, com vitórias de ambos, um mero empate do Tricolor com o Corinthians seria o marco final da disputa do Paulistão de 1953, independentemente dos demais resultados.

Empolgada, a torcida são-paulina desceu a Serra em peso: mais de 20 mil pessoas compareceram à caravana organizada pelo Tricolor, por ônibus e por trem especial, para a decisão do título, mesmo sem saber se conseguiriam entrar no estádio (o comunicado do clube era claro: sem direito a ingresso – mas ninguém se importou).<sup>58</sup>

Independentemente de garantias, os relatos dos jornais indicam que a massa tricolor era predominante no Estádio Urbano Caldeira. E ela não se decepcionaria. No primeiro tempo, o jogo foi até um pouco equilibrado, e aberto, por ambas as partes, até que, aos 21 minutos, Maurinho sofreu falta cometida por Feijó, a dois metros da entrada da área. O próprio ponta são-paulino assumiu a cobrança e, atravessando a barreira, a bola por ele disparada atingiu as redes santistas, abrindo o placar a favor do Tricolor.

58. *O Esporte, 21 de janeiro de 1954*  
\*Agradecimentos a Wanderley Frare Júnior

Pouco depois, aos 29 minutos, Maurinho encontrou Albella à altura da intermediária do time local. O argentino, então, driblou o seu marcador, avançou sozinho até a entrada da área e, frente a frente com o goleiro, não teve dificuldades para despachar a pelota para o fundo do gol e ampliando a vantagem são-paulina para 2 a 0.

O líder do campeonato vacilou apenas aos 36 minutos: depois de cobrança de escanteio, Álvaro, de cabeça, descontou para o time da casa. Nada que tenha ameaçado o controle e o ritmo de jogo por parte dos tricolores. Na verdade, a partida no segundo tempo caiu em volume ofensivo, com os santistas deixando o ataque de lado e os são-paulinos cadenciando a troca de passes.

Ao que tudo indica, o mesmo ocorria no Pacaembu, entre alviverdes e rubro verdes. A partida na capital paulista, porém, estava alguns minutos atrasada em relação à disputada na Vila Belmiro, sabe-se lá por qual motivo. Desta maneira, quando Juan José Negri marcou o terceiro tento são-paulino, sacramentando a vitória do Tricolor aos 36 minutos da segunda etapa, a peleja paralela apontava, provavelmente, um 1 a 1 no placar. Mas por pouco tempo. Aos 30 minutos da segunda etapa do jogo na Paulicéia, o Palmeiras anotou mais um gol, com Berto.

Esse resultado levava tudo a mais uma rodada, pelo menos.

Desta maneira, ao soar o apito final do árbitro Antônio Musitano, no Estádio Urbano Caldeira, os tricolores se mantiveram contidos. Felizes pelo resultado, ainda confiantes, mas contidos. Correram então para os vestiários, onde escutaram, via rádio, os minutos finais do jogo que ainda lhes interessava.<sup>59</sup> Aí, aos 36 minutos, a torcida da Portuguesa comemorou, tímida, o gol de Julinho Botelho, que empatou aquela partida. Ao passo que os tricolores, no balneário ou nas arquibancadas da Vila Belmiro, explodiram de alegria!

Os minutos passaram rapidamente e tudo o que perdurou foi a imensa festa tricolor. O São Paulo assim se sagrou Campeão Paulista de 1953!

Ainda em júbilo, o capitão Bauer concedeu as primeiras palavras à imprensa enquanto ainda trocava de roupa, lembrando da pressão e cobrança surgida após tantos jogos invictos e as inesperadas e esparsas derrotas ao longo do torneio: *“Afinal, vencemos o campeonato. Precisamos lutar muito, mas nossos esforços foram coroados de Êxito. Estou duplamente satisfeito, porque o nosso quadro estava sendo perseguido por tremenda ‘guerra de nervos’. A situação parecia insuportável a cada rodada. Mas valeu o nosso esforço e vencemos um campeonato brilhante, onde soubemos lutar com o coração e vencer sempre de maneira limpa e insofismável. Esse será sempre o nosso orgulho e a nossa satisfação”*.<sup>59</sup>

A conquista certamente foi ainda mais especial para ele, embora Bauer, humildemente, nunca relembresse a dolorosa passagem de sua trágica contusão, em 1952. Foi uma imensa volta por cima, depois de muitos terem cogitado que o craque não teria mais condições para jogar futebol.

Naquela época, não entregavam o troféu de campeão ao capitão, para que ele o levantasse e mostrasse ao mundo como o maior mérito que poderiam ter. Uma pena. Bauer merecia.

59. *O Esporte, 25 de janeiro de 1954*



**SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE Campeão de 1953**



Jim Lopes, por sua vez, desabafara, afirmando que a conquista havia sido “*contra tudo e contra muita coisa estranha*”, mas que estava “*contente por ter colaborado dentro do possível para o São Paulo conquistar o título de campeão na temporada de 1953*”.<sup>60</sup>

Foi a primeira conquista são-paulina após o inesquecível time de Leônidas e companhia, que faturou cinco canecos nos anos 1940. Curiosamente, o último troféu recebido pelo Rolo Compressor veio em cima do Santos, em uma vitória também por 3 a 1, naquela vez, no Pacaembu, em 1949.

Daquele time consagrado, restaram de titulares apenas Mauro, Bauer e Teixeira nessa campanha. Este último, por sinal, estabeleceu um recorde que se mantém até hoje: o atacante é o maior campeão paulista do clube em todos os tempos, com seis títulos (1943, 1945, 1946, 1948, 1949 e 1953).

*“O São Paulo é um campeão de fato e de direito. Não unicamente pela sua estampa técnica. Não apenas pelo seu conteúdo tático. Dentro desse encadeamento de todo o campeonato, com um prélio ligado intimamente a outro, de forma quase indivisível, o São Paulo primou pela regularidade. Soube compreender o seu papel. E assumindo a liderança sozinho, manteve-a com o uso de soberbas qualidades. Foi um esquadrão na acepção da palavra, quando se solicitou um time valente e capaz”.*<sup>60</sup>

Assim, no dia 25 de janeiro de 1954, quando o Município de São Paulo celebrava o quarto centenário de existência, quem ainda comemorava mesmo, e muito, era a torcida são-paulina, feliz pelo sétimo grande título de sua história.

Ainda como parte das festividades, o campeão paulista enfrentou o campeão carioca, o Flamengo, em dois jogos de entrega de faixas. No Maracanã, no dia 28 de janeiro, o São Paulo repetiu o placar de jogo contra o Santos: 3 a 1 nos rubro-negros, com gols marcados por Teixeira, Maurinho e Negri. O jogo de volta, no Pacaembu, ficou para depois do confronto com o Corinthians, que queria carimbar as tais faixas.

Sem chance! Mais uma vez ostentando uma vitória por 3 a 1, com tentos anotados por Negri, Teixeira e Gino, o Tricolor deixou os corintianos a passar vontade.

Depois de derrotar o Flamengo, novamente, desta vez por 1 a 0, no dia 4 de fevereiro, o São Paulo encerrou a participação do clube no Campeonato Paulista que para toda a história ficaria conhecido como seu vencendo também o Palmeiras, por 2 a 1, no Estádio Municipal, no dia 7 de fevereiro. Este foi o fim da temporada de 1953 para o Tricolor do Canindé, ou, já poderíamos dizer, do Tricolor do Morumbi?

## JOGO DO TÍTULO

24.01.1954. Campeonato Paulista  
Santos (SP), Estádio Urbano Caldeira (Vila Belmiro)  
SANTOS Futebol Clube 1 X 3 SÃO PAULO Futebol Clube

SFC: Barbozinha, Hêlvio e Feijó; Pascoal, Formiga e Zito; Del Vecchio, Orlando, Álvaro, Vasconcelos e Tite. Técnico: Antoninho.

Gol: Tite, 36'/1.

SPFC: José Poy; De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e Alfredo Ramos; Maurinho, Gustavo Albella, Gino Orlando, Juan José Negri e Teixeira. Técnico: Jim Lopes.

Gols: Maurinho, 21'/1; Gustavo Albella, 29'/1; Juan José Negri, 36'/2

Árbitro: Antônio Musitano  
Renda: Cr\$ 510.915,00  
Público: Desconhecido



## OS PRIMEIROS ALICERCES

*“O São Paulo venceu a luta pela sobrevivência e agora, doravante, poderá evoluir”.*<sup>61</sup>

As primeiras obras para a elevação do Estádio do Morumbi tiveram o contrato assinado no salão nobre do Banco BRADESCO, no dia 23 de junho de 1953,<sup>62</sup> e foram iniciadas na manhã do dia 1º de julho, com o começo da terraplanagem do terreno. O Clube levou quase um ano para avançar até esse ponto, tendo, antes, que perpassar pelas licitações de anteprojetos, projeto final, aquisição de plantas e alvarás municipais, além da captação de valores (com campanhas sociais e de venda das primeiras cadeiras cativas) e garantias bancárias para o início dessa jornada.

O tempo passava e os avanços, apesar de significativos e vultuosos, ainda eram apenas uma pequena parte de todo o necessário para se concluir o estádio, principalmente pensando no imaginário prazo de tê-lo pronto ainda nas comemorações do quarto centenário da cidade de São Paulo (algum ponto datado entre 25 de janeiro de 1954 e 25 de janeiro de 1955).

Obviamente a diretoria são-paulina, até para não desmotivar o apoio e participação de seus convivas, não retrocedia em relação a essa ideia, principalmente para os veículos de imprensa, prometendo “ir ao sacrifício se preciso, para proporcionar um jogo internacional no Morumbi, em dezembro de 54!”.<sup>63</sup>

Prevista para ser finalizada um mês depois de iniciada,<sup>63</sup> a terraplanagem do terreno do Morumbi somente foi finalizada no dia 21 de dezembro de 1953, quase seis meses depois dos primeiros, pitorescos e monstruosos tratores começarem o serviço. Essa etapa da empreitada saiu ao custo total de Cr\$ 3.270.396,00 pagos à Cavalcanti Junqueira S/A, que escavara 340.053 m<sup>3</sup> de terra, para nivelamento, e retirando da área, ainda, um total de 1.399.428 m<sup>3</sup> de terra (equivalente ao volume do Morro do Jaraguá,<sup>64</sup> transportadas para outro lugar que muito interessante seria descobrir algum dia.

E, ainda o que conste das leis municipais referentes às bacias hidrográficas, rios e córregos, o São Paulo arcou com todo o custo da “canalização” do riacho Antonico, que ainda hoje corre sob a casa tricolor. A Prefeitura em nada se predispôs a ajudar ou ao fazer o que era cabido a ela por regulamentação. Na verdade, só atrapalhou, visto o atraso causado pelas tratativas entre clube e poder público, que em nada resultaram.

*“Além de não auxiliar no que seria possível, o prefeito tem atrapalhado... Os trabalhos iniciais vinham sendo executados com grande dificuldade, pois a aprovação das plantas ainda não fora feita pela Prefeitura, e outras providencias que dependiam do prefeito atrasaram sensivelmente os trabalhos do Tricolor... o São Paulo não encontrou apoio de espécie alguma, especialmente da parte do governador da cidade. Pediu e não conseguiu, como outros que anteriormente obtiveram, os serviços de terraplanagem e canalização do córrego, e apenas nesse serviço o Tricolor está dispendendo cerca de 3 milhões de cruzeiros. A canalização foi feita... As despesas têm sido enormes, pois ainda na Prefeitura, só em emolumentos, o São Paulo gastou cerca de 500 mil cruzeiros”.*<sup>65</sup>

61. Piragibe Nogueira. Ata da Reunião Ordinária do Conselho Deliberativo de 27 de janeiro de 1953

62. Revista Tricolor, nº 31

63. O Esporte, 11 de julho de 1953

64. Última Hora, 19 de dezembro de 1955

65. O Esporte, 25 de julho de 1953







Assim, a fase de estaqueamento e prospecção das fundações do estádio, originalmente prevista para agosto,<sup>66</sup> só pode ser começada, de fato, em 1954.

Amador Aguiar, dono do BRADESCO e diretor tesoureiro da Comissão Pró-Estádio, ressaltou as dificuldades até aquele ponto:

*“Já não estamos executando uma simples obra particular: a grandiosidade deste trabalho fez que ultrapassássemos o ambiente do clube, atingindo mesmo todos os setores da população. Realmente, nossa obra é quase oficial e pública, dado o caráter de que se reveste e a projeção que alcançará com certeza, dentro dos festejos do ano do IV Centenário. Só não é oficial e pública realmente, porque estamos sozinhos; não temos qualquer auxílio, de qualquer espécie e de nenhum modo.”*<sup>67</sup>

O dirigente foi além e destacou, também, a participação dos torcedores e resumiu o movimento de vendas de cadeiras cativas: *“Temos... o que vale e significa muito mais, a colaboração do Povo Paulista, que prestigia o nosso trabalho e acredita nos nossos propósitos. Essa colaboração é bem refletida, aliás, pelas 811 cadeiras cativas já vendidas e pelas 872 compromissadas para o início de pagamento a partir de janeiro próximo”*.<sup>67</sup>

Pelo balanço apresentado por Amador Aguiar, até novembro de 1953, a venda das futuras cadeiras cativas já havia fornecido aos cofres tricolores Cr\$ 3.083.500,00, dos quais, cerca de um milhão já havia sido usado para pagar a Caixa Econômica Estadual,<sup>68</sup> por aquele já citado empréstimo, que era a principal fonte de recursos são-paulina até ali. O clube também se movimentava aprontando contratos e campanhas menores, com as quais obteve Cr\$ 1.100,00 em doações, Cr\$ 8.700,00 em vendas de flâmulas (e outras memorabilias) e Cr\$ 1.000.000,00 em contratos de publicidade e propaganda.

*“A par da venda das cadeiras cativas, iniciamos outras campanhas que trarão, sem dúvida, os melhores resultados financeiros, se bem que em menor escala, mas que produzirão ótimos resultados. Dentre elas, destacamos a Campanha do Cimento – já em andamento – pela qual qualquer pessoa poderá, mediante a aquisição de um talão, doar ao clube um saco desse material. Em pouco tempo, já recebemos cerca de seis mil sacos, parte em espécie, parte em dinheiro, o que já representa uma notável contribuição ao nosso esforço”*.<sup>67</sup>

A citada arrecadação da Campanha do Cimento obtivera, naquele momento, Cr\$ 35.696,30, o que totalizava, então, uma receita de Cr\$ 9.128.996,30 para o começo das obras do Estádio do Morumbi.

Isso tudo, importante dizer, não levava em conta ainda o principal contrato de publicidade, também acertado por Amador Aguiar: o combinado, em julho de 1953, com a Companhia Antártica Paulista pelos direitos exclusivos de venda de produtos da fábrica dentro do futuro estádio são-paulino. A cervejaria concederia Cr\$ 5.000.000,00 ao Tricolor por 10 anos de exploração comercial no Morumbi (com opção de prorrogação por mais cinco).

O detalhe capcioso dessa operação, entretanto, é que ela passaria a vigorar apenas depois da inauguração do Estádio. Ou seja, por um bom tempo o Tricolor não viu esse dinheiro da companhia de bebidas.

Para evitar confusões com os valores pagos, dispendidos com cada etapa da construção ou com cada atividade e parceiros do empreendimento, destes só serão apresentados os números finais. Porém, cabe apontar que, até novembro de 1953, os gastos já alcançavam o montante de Cr\$ 8.853.379,10, cuja maior parte (cinco milhões de cruzeiros), se referiam a um pagamento feito, como garantia, à Imobiliária Aricanduva pela terceira parte do terreno do Morumbi, que só teria a escritura lavrada e repassada ao Tricolor anos depois – por isso esse cuidado de não anteciparmos os demais valores).

Obras de maior porte ocorreriam em 1954, ano que se iniciou com uma triste notícia.

No dia 3 de janeiro, Roberto Gomes Pedroza, ex goleiro (1938-1940) e ex presidente do São Paulo (1946), como também presidente em exercício da Federação Paulista de Futebol (desde 1947), faleceu em sua casa, no bairro de Santa Cecília, em São Paulo.

O dirigente sofreu um mal súbito enquanto estava no banheiro, caindo e quebrando o assento sanitário. Ele ainda havia conseguido se levantar e caminhar até a cama, mas não resistiu. Tragicamente, seu corpo só foi reconhecido como morto no dia seguinte, encontrado pela empregada de Pedroza, que, um dia antes, também havia visitado o apartamento e achou que o patrão estivesse apenas dormindo.<sup>69</sup>

*“Milhares de pessoas compareceram ao sepultamento de Roberto Gomes Pedroza. Os esportistas e o povo em geral prestaram sua derradeira homenagem ao grande presidente desaparecido. Nas ruas e no Cemitério São Paulo imensa foi a multidão que se comprimiu para ver Pedroza passar pela última vez”*.<sup>70</sup>

O cortejo fúnebre, que partiu da sede da Federação Paulista de Futebol, na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, até a Necrópole São Paulo, na Rua Cardeal Arcoverde, foi acompanhado por uma multidão de pessoas, e de bandeiras de clubes de futebol, São Paulo, Corinthians, Palmeiras, Portuguesa, demais clubes da primeira divisão e os principais do interior... Atletas e dirigentes também estiveram presentes, emocionados.

Discursaram, pelo São Paulo FC, João Brasil Vita; pelo Corinthians, Maximiliano Ximenez; pelo Palmeiras, Mário Romeu de Luca; pela Confederação Brasileira de Desportos – CBD, Sílvio de Magalhães Padilha; pelo Conselho Nacional de Desportos – CND, Abrain Tebet; pela Federação Metropolitana de Futebol (Rio de Janeiro), Otávio Guimarães; pela Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo – ACEESP, o locutor Édson Leite; pelo Sindicato dos Clubes, Júlio Fantauzzi; pelo Sindicato dos Atletas Profissionais, o colega de baliza, o goleiro Caxambu, dentre outras figuras de renome.<sup>70</sup>

O triste falecimento do dirigente, cuja principal contribuição para a história do futebol paulista foi o estabelecimento da lei de acesso à primeira divisão do campeonato estadual, causou forte comoção popular e lhe rendeu homenagens póstumas: O Torneio Rio-São Paulo, a partir de 1954, passou a ser oficialmente denominado Torneio Roberto Gomes Pedroza.

Anos depois, com o projeto de lei de Berlink Cardoso, que teve o parecer aprovado na Câmara Municipal no dia 14 de fevereiro de 1957 (embora não se encontre registro dessa promulgação), a praça em frente ao Estádio Cícero Pompeu de Toledo também foi batizada em sua memória.

66. O Esporte, 11 de julho de 1953  
67. O Esporte, 6 de novembro de 1953  
68. Mundo Esportivo, 31 de julho de 1953

69. Folha de S. Paulo, 6 de janeiro de 1954  
70. O Esporte, 7 de janeiro de 1954



Roberto Gomes Pedroza, até os dias da publicação dessa obra, é o único ex jogador do Tricolor que possui um busto, de metal e mármore, em quaisquer dependências do São Paulo Futebol Clube. Esse artefato, inaugurado no dia 5 de janeiro de 1955, se encontra, hoje, no Salão Nobre Luís Campos Aranha, no Estádio do Morumbi.

O inesperado passamento de Pedroza foi, depois, quase como outra homenagem à história do dirigente, amenizado com a conquista do Campeonato Paulista de 1953, no dia 24 de janeiro de 1954. A vida, assim, seguia, e com o pavilhão são-paulino a tremular no ponto mais alto.

O canteiro de obras do Morumbi entrou em uma nova fase ainda em janeiro. Na véspera da decisão do título estadual, o clube promoveu um evento de paraquedismo (com estudantes da Escola de Paraquedismo de São Paulo) nas terras do Morumbi para sócios e torcedores em geral,<sup>71</sup> de modo a anunciar o início do estaqueamento e da construção das fundações do Estádio.

Esse procedimento seria realizado com 144 túbulos pneumáticos de suporte de carga para 700 toneladas cada e 3.000 metros de estacas pré-moldadas de concreto armado que sustentam de 20 a 30 toneladas por unidade. Isso sob o montante final de Cr\$ 12 milhões destinados à Engenharia de Fundações S/A e a Fundações Benachio Ltda, que tinham como engenheiros encarregados Lauro Rios, Ayrton do Carmos Russo e Argus Mena Barreto, pela primeira firma; e Fernando Dória Passos, pela última.

Ao mesmo tempo foi assinado o contrato de construção da galeria de águas pluviais, no valor de Cr\$ 2.410.279,00, com a Civilsan – Engenharia Civil e Sanitária S/A, como método de prevenção às possíveis cheias na várzea do córrego Antonico em domínios tricolores. Esta galeria é uma base de concreto armado de 1,65 x 1x65 metros, 1,8 metros de profundidade e 350 metros de extensão que percorre o subsolo do campo do Morumbi no sentido longitudinal.

Enquanto as obras do estádio não sugavam todos os recursos do clube, o São Paulo pôde reforçar o elenco do futebol, ainda que não cometendo nenhuma loucura em termos financeiros, apostando na prospecção de atletas de clubes menores. No dia 12 de fevereiro de 1954, o meia-esquerda Dino Sani foi contratado junto ao Comercial paulistano. Dino havia sido revelado pelo Palmeiras e já tinha defendido, também, o XV de Jaú. Em pouco tempo, ele se tornaria uma peça fundamental para o Tricolor, e por muito tempo, foi um dos maiores ídolos do clube.

*“Dino espera, no Tricolor, se impor tanto quanto o fez no Comercial. Dino vai, assim, como meia de grandes qualidades, levar à vanguarda tricolor todo o seu talento e adensada habilidade”.*<sup>72</sup>

Outro atleta anunciado em fevereiro de 1954 também era uma aposta: Canhoteiro, cujo passe seria adquirido pela quantia de 100 mil cruzeiros para o América de Fortaleza, após o período de um mês de experiência do jogador no Canindé.

*“Virá para o São Paulo o mais destacado atacante do norte do Brasil.*

71. *O Estado de S. Paulo*, 22 de janeiro de 1954 & *Correio Paulistano*, 23 de janeiro de 1954

72. *O Esporte*, 13 de fevereiro de 1954





Tomamos conhecimento de que o São Paulo está interessado em conseguir o concurso do ponteiro-esquerdo Canhoteiro, elemento que muito tem se destacado no futebol do norte do país, onde joga no América F. C., de Fortaleza, e integrado ao selecionado cearense que acaba de sagrar-se campeão do Norte, após a disputa do certame nacional em que interveio...

Canhoteiro, que é dono de muitas qualidades, é a revelação do futebol nortista, tendo brilhado intensamente nos prélios que disputou pelo selecionado cearense".<sup>73</sup>

Apesar de atuar pela seleção estadual do Ceará, Canhoteiro era maranhense, de Coroatá, e começou no futebol jogando de forma amadora pelo Paissandu, de São Luiz, na segunda divisão local. E o período de experiência no Tricolor não foi fácil, não pelo desempenho em campo, mas pelo preconceito e pelas provocações adversárias.

Certa vez, em um amistoso em Santo André (no dia 21 de abril, contra o Corinthians da cidade), sempre que Canhoteiro tocava na bola, os torcedores do time mandante gritavam "Pau-de-Arara, Pau-de-Arara!". Apesar desses tristes percalços, Canhoteiro não se abateu, afinal, já havia decidido vencer na capital paulista: "Disse para mim mesmo, quando recebi o convite: Vou experimentar a vida! E vim mesmo! Meti os peitos pra cá".<sup>74</sup>

Também chegariam, naquela temporada, outros dois bons nomes, que desempenhariam a contento partidas pelo Tricolor: Victor Ratautas, defensor do Juventus (por 300 mil cruzeiros),<sup>75</sup> e Zezinho, exímio goleador do Botafogo carioca.

Ainda em fevereiro, especificamente no dia 21, o Tricolor foi à cidade de Volta Redonda, no Rio de Janeiro, enfrentar o time do Botafogo no Estádio General Sílvio Raulino de Freitas em uma partida amistosa que fazia parte da comemoração oficial da Presidência da República pela inauguração do segundo alto forno da Companhia Siderúrgica Nacional, daquela localidade.

O resultado é esquecível (4 a 2 para os cariocas), mas a delegação são-paulina voltou para casa com a promessa do presidente do Brasil, Getúlio Vargas, de sinal verde para a proposta de Cícero Pompeu de Toledo de um empréstimo no valor de Cr\$ 35.000.000,00 junto a Caixa Econômica Federal. Claro, ali, tudo foi só conversa. Nada no papel.

No dia 27 de abril, Cícero Pompeu foi eleito, por aclamação e 87 votos, para o quinto mandato à presidência do São Paulo. Mera formalidade, afinal, sendo campeão paulista e responsável pela aquisição do terreno do Morumbi, não havia nem sequer concorrentes a ele. Pouco antes do pleito oficial, nos dias 7 e 11 de abril, Cícero foi homenageado pelos associados do clube, primeiro em uma cerimônia oficial na sede da Avenida Ipiranga, e depois no churrasco de comemoração pelo título paulista de 1953 no Canindé, quase como eventos pré-campanha. Esses fatos não deixaram dúvidas de que o presidente são-paulino, ali, era "hors-concours", sendo chamado de "Presidente da Vitória".<sup>76</sup>

Com o mandato renovado, Cícero voltou ao Rio, acompanhado de Feola, para tentar fazer valer a palavra presidencial.<sup>77</sup> Dessa vez, munido com um pedido protocolar baseado nas instruções da Deliberação 45/1945 do Conselho Nacional de Desportos e no Decreto-Lei nº 7.674, de 25 de junho de 1945 (que regulamentava, autorizava e incentivava empréstimos federais para o fomento esportivo), além de um parecer favorável da Diretoria de Esportes do Estado de São Paulo e do próprio relator do caso no CND, Manoel do Nascimento Vargas Neto.<sup>78</sup>

"De nossa parte, e com o direto conhecimento das esplêndidas tradições do requerente, com renome firmado em todo o território nacional, acreditamos que ela faz jus a um maior patrimônio próprio, no qual dê prosseguimento à realização dos seus objetivos pelo acabamento do programa por ela idealizado... Se o Conselho Nacional de Desportos estiver de acordo com esta conclusão, poderá submetê-la ao juízo superior do senhor ministro da Educação e Cultura. Este é o nosso parecer".<sup>79</sup>

Contudo, embora detentor de todos os pareceres positivos, dos laudos, das guias, do escambau, os 35 milhões de cruzeiros solicitados não foram liberados. Getúlio Vargas faleceu no dia 24 de agosto de 1954 e a morte do governante certamente fez o processo desaparecer da pauta dos poderes públicos por dois anos.

Só no dia 1º de outubro de 1956, quando o Morumbi já se tornava uma realidade, o Conselho Nacional de Desportos, por meio de Geraldo Starling Soares, e enfim com algum apoio de Jânio Quadros, desenterrou essa pasta empoeirada e a levou ao presidente Juscelino Kubitschek, que recebeu, no Palácio do Cattete, a comitiva são-paulina formada por Cícero Pompeu de Toledo, Carlos Eduardo Toledo, Manoel Raimundo Paes de Almeida; Altino de Castro Lima, José da Silva Sobrinho, Mário Naddeo e o técnico Vicente Feola.<sup>80</sup>

No encontro, o presidente deu o aval para captação dos valores junto à Caixa Econômica Federal. Contudo, essa indicação nada ajudou a superar as barreiras burocráticas da gestão pública. Em maio de 1957, o diretor jurídico do Tricolor, Caetano Estelita Pernet, explicou como esse processo foi encerrado, naquele momento, sem render benefício algum ao clube:

"Julgávamos contar já com este empréstimo para acelerarmos a construção do Estádio..., no entanto, sofremos uma decepção no despacho do Ministro da Fazenda, depois de concluído todo o processo junto à Caixa, cujo avaliador estive em nosso Estádio e o deu como bastante garantia para a transação. Nosso patrimônio foi avaliado em trezentos milhões de cruzeiros, podendo garantir um empréstimo de até noventa milhões de cruzeiros, quando apenas estávamos pleiteando trinta (e cinco) milhões de cruzeiros".<sup>81</sup>

E esse lenga-lenga duro por anos, no mínimo, até 1960. E, no fim das contas, o Tricolor jamais viu a cor de tal dinheiro. Bom, nenhuma novidade:

"Toda gente deve estar lembrada de que, no ano passado ou ainda antes, recebendo os diretores do S. Paulo F.C., Cícero Pompeu à frente, afim de pleitearem isenções para a construção do estádio do Morumbi – o maior do mundo como estádio particular – o prefeito Jânio Quadros foi muito distinto, muito atencioso, mas disse não, com 'n', 'a', 'til' e 'o'. Não podia ser. Não perdoaria um níquel. Não emprestaria um caminhão sequer. Nem um enxadão rachado. Nada sobre nada".<sup>82</sup>

Nem por isso os tricolores deixaram de pensando grandiosamente. Agindo assim, a diretoria são-paulina trabalhou junto ao arquiteto Vilanova Artigas para proceder com alterações no projeto final, não só do estádio, mas de toda a planta de construções do Tricolor no terreno do Morumbi. A ideia era readequar alguns espaços na área social, mas, principalmente, aumentar a capacidade de público nas arquibancadas do gigante a ser erguido.

73. O Esporte, 19 de fevereiro de 1954

74. Equipe, 29 de abril de 1954

75. O Esporte, 16 de março de 1954

76. Revista Tricolor, nº 38

77. O Esporte, 29 de maio de 1954

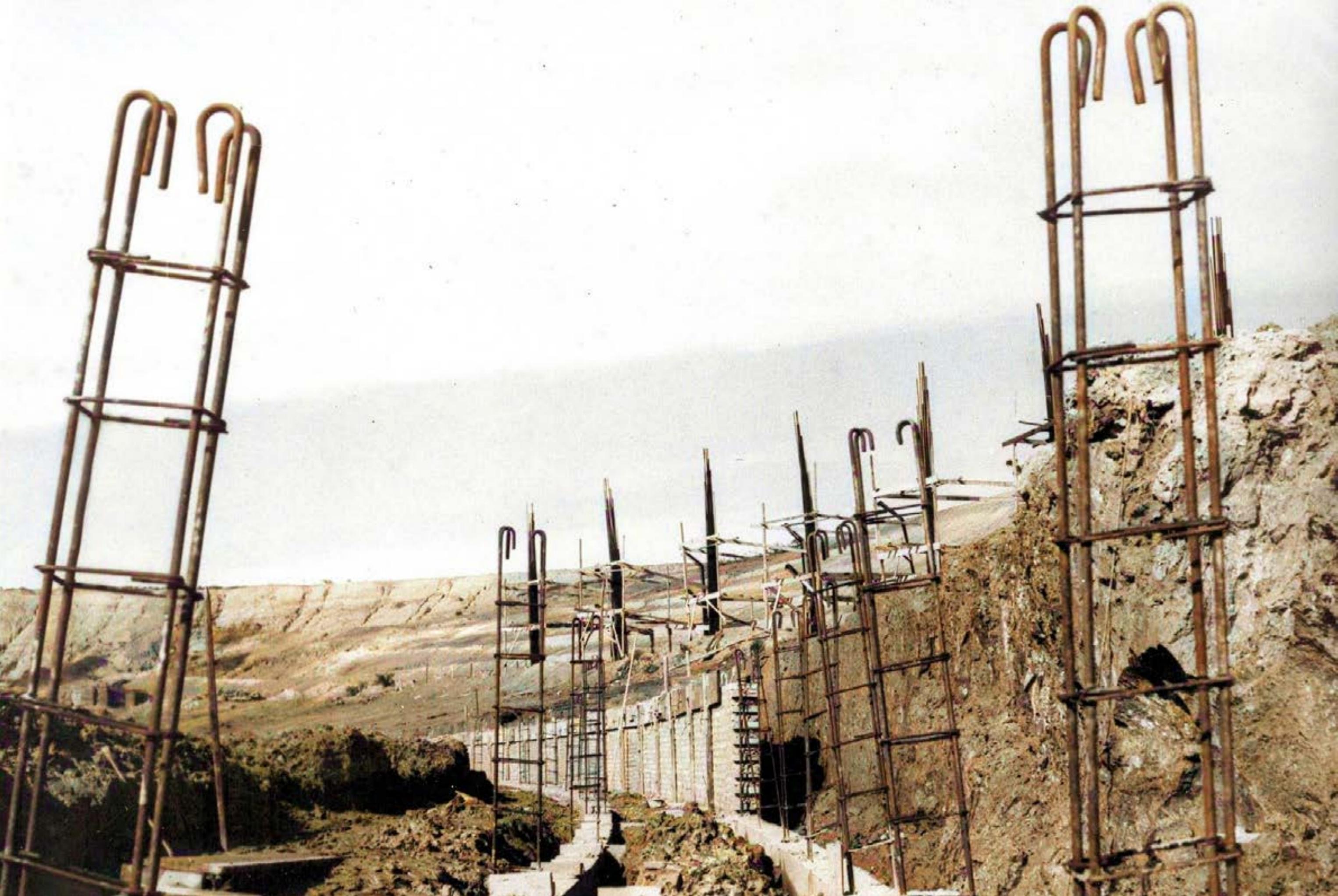
78. O Esporte, 25 de junho de 1954

79. O Esporte, 25 de junho de 1954

80. A Gazeta Esportiva, 3 de outubro de 1956

81. Revista Tricolor, nº 54

82. O Governador, 15 de abril de 1954



Gigante mesmo: no dia 8 de junho de 1954, os tricolores apresentaram ao público e à imprensa o projeto final, aliás, projeto total do Morumbi, em quatro imensos tomos, com mais de um metro de largura cada, estampados com o escudo e as cores são-paulinas. (Por sinal, esses volumes estão desaparecidos).

De toda a maneira, as medidas tomadas trouxeram um ganho 30% de capacidade de público, passando a comportar, assim, 156 mil pessoas. O maior estádio particular do mundo, com sobras.

A solução encontrada, para isso, foi a redução do número de pavimentos abertos aos torcedores, de quatro para três, com a unificação dos setores mais elevados em um só, transformando as escadas de acesso ao último em grandes portais de entrada, que hoje caracterizam as arquibancadas superiores do Estádio Cícero Pompeu de Toledo.

Com isso, Artigas entregou ao Tricolor a conclusão de uma de suas maiores obras, como também transferiu os direitos de propriedade sobre o projeto, em troca de Cr\$ 1.216.992,60.<sup>83</sup> Assim, se porventura o clube desejasse outras alterações no futuro, poderia fazê-lo, com outro responsável assinando a planta arquitetônica. No caso, o engenheiro Roberto de Barros Lima, que passou a chefiar o empreendimento sob supervisão são-paulina.

A Comissão Pró-Estádio lidava, dia a dia, com o gerenciamento de uma imensidade de custos e materiais. A cada nova etapa, novos serviços e produtos se faziam necessários. O clube gastou Cr\$ 11.180,90 em madeira e tábuas (Irmãos Pereira Carneiro & Cia. Ltda.), Cr\$ 1.040.643,00 em ferro da Matarazzo S. A. Indústria e Comércio e Cr\$ 956.601,00 pelo mesmo minério com a Evans Importadores S.A, além de Cr\$ 15.200,00 em cimento e Cr\$ 9.904,00 em pregos e arames. Mas não paravam por aí, os dispêndios iam desde material de escritório, à gastos com selos e tabeliões, além da massiva e contínua propaganda investida pelo clube em rádios e jornais.

A 31 de agosto de 1954, o Tricolor já havia listado no montante de despesas o total de Cr\$ 21.794.966,20.<sup>84</sup>

Para ajudar a custear a aquisição destes materiais, o São Paulo continuava a promover campanhas de vendas de títulos sociais e de cadeira cativas, como ainda incentivava a bem-sucedida campanha de doação de cimento. Mas o clube apostava também na produção de souvenirs ou eventos especiais.

Um dos itens mais elaborados e lembrados até hoje é o famoso “LP” de 78 rotações em vinil “Salve o São Paulo”, do selo Século 20, lançando no final de 1953 ao preço de 60 cruzeiros (70, se fosse necessário enviá-lo pelos Correios) e que continha duas músicas: “Bola no Barbante” e “Salve o São Paulo”. A primeira, em ritmo de marcha-toada, foi composta por Oswaldo Molles e Sylvio Mazzuca, e executada pela banda Titulares do Ritmo (Chico, Geraldo, Joaquim, Domingos, Sother e Brito) e por Dircinha Costa (nome artístico de Maria José da Silva Fernandes). Já a última, uma marcha, foi escrita por Antônio Bruno Rocha Zwarg e Rubens Amaral em 1950 (antes da criação do atual hino do Corinthians, que possui verso semelhante ao título da canção), também performada pelos Titulares do Ritmo e Dircinha Costa. Ambas regidas pelo maestro Sylvio Mazzuca e sua orquestra, da rádio PRH-9.<sup>85</sup>

83. *O Esporte*, 9 de junho de 1954 & *Mundo Esportivo*, 8 de outubro de 1954

84. *Mundo Esportivo*, 8 de outubro de 1954

85. *Revista Tricolor*, nº 35



RESERVADOS OS DIREITOS DE REPRODUÇÃO DESTE DISCO INCLUSIVE PELO RÁDIO E TELEVISÃO

# bola no barbante



(Marcha-Toda)  
(Oswaldo Melles - Sylvio Mazzuca)  
Titulares de BIRMA - Dirceinha Costa  
C/ SYLVIO MAZZUCA E SUA  
ORQUESTRA



## "BOLA NO BARBANTE"

Arakan - Baran - Bakan  
Arakan - Baran - Bakan  
Stuberê - Stuberá  
Macambê - Mecambecá  
Rico-réco, Rico-rá  
Rá-Rá-Rá

Eh, São Paulo  
Eh, São Paulo  
Eh, São Paulo  
Eh, São Paulo

Eh, São Paulo  
Eh, São Paulo  
O mais querido da terra Bandeirante  
Eh, São Paulo  
Eh, São Paulo  
Com o Tricolor é bola no barbante!

Entramos em campo confiantes  
Nossa defesa joga com valor  
Vão para frente os avantes  
Aumentar o placar do tricolor!

Grita a torcida delirante  
Com o Tricolor é bola no barbante!

## BOLA NO BARBANTE

Arakan-Baran-Bakan  
Arakan-Baran-Bakan  
Stuberê-Stuberá  
Macambê-Mecambecá  
Rico-réco, Rico-rá  
Rá-Rá-Rá

São Paulo!  
São Paulo!  
São Paulo!

Ê, São Paulo  
Ê, São Paulo  
O Mais Querido da Terra Bandeirante

Ê, São Paulo  
Ê, São Paulo  
Com o Tricolor é bola no barbante!

Entramos em campo confiantes  
Nossa defesa joga com valor  
Vão para frente os avantes  
Aumentar o placar do tricolor

Grita a torcida delirante  
Com o Tricolor é bola no barbante.

## SALVE O SÃO PAULO

Salve o São Paulo  
Clube das Treze Listras  
Preto, Branco e Vermelho  
Tradição dos Paulistas

[bis]

Salve o São Paulo  
Rei da Brasilidade  
És um Clube, um Estado  
E uma Grande Cidade

Salve o São Paulo, Tradição  
Tu viverás em nosso coração  
Teus Onze Heróis, modernos Bandeirantes  
Reviverão tuas glórias sob aplausos delirantes

FABRICADO NA CIESOM FONE 24-8093 - SÃO PAULO

**SÉCULO 20**  
Música Registrada





Décadas mais tardes, muitos são-paulinos, desavisados da procedência histórica dessas músicas, as confundiram com um hipotético hino antigo do Tricolor. Elas nunca serviram como tal.

Em termos de eventos, um bem concorrido se deu no dia 10 de abril, às 20 horas, no Teatro de Cultura Artística, situado na rua Nestor Pestana, quando o Tricolor promoveu um "show artístico e musical" para 1.500 pessoas com a exibição de um filme sobre as obras do estádio e com a performance de artistas do rádio, teatro e televisão paulistas apresentadas por Paulo Planet Buarque.<sup>86</sup>

O Tricolor também apostou na sétima arte. No dia 22 de setembro de 1957, às 22 horas, o Cine Jussara exibiu, em "avant-premiere", a comédia britânica A bela e o gato (Touch and Go, 1955), com os lucros em prol das obras do Morumbi.<sup>87</sup>

Outra ação muito corriqueira para se ganhar as páginas dos jornais e os noticiários das rádios era a de visitas públicas de personalidades de renome, como a ocorrida no dia 18 de maio de 1954, quando o escritor, poeta, organizador da Semana de Arte Moderna de 1922, combatente pelo Constitucionalismo em 1932 e então presidente da Comissão Cultural do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Guilherme de Almeida, conheceu o canteiro de obras do estádio.<sup>86</sup> No dia 10 de outubro, por sua vez, o Morumbi recebeu a visita oficial do governador do Estado de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, que retornou também no dia 21 de janeiro de 1955, já perto do fim do mandato.

Até mesmo dirigentes e presidentes dos clubes rivais comparecem ao canteiro de obras e prestigiaram o projeto. Alfredo Ignácio Trindade, do Corinthians, lá esteve, no dia 2 de fevereiro de 1955 e se espantou: "*É qualquer coisa de fantástico, que diz bem do que seja a capacidade de trabalho dos dirigentes do São Paulo. Obra majestosa, que oxalá seja concluída o mais breve possível*".<sup>88</sup>

Um dos representantes palestrinos, Pascoal Byron Giuliano, também se admirou: "*Meu entusiasmo foi grande à vista dessa obra de tutano... É de fato uma obra fantástica, que merece todos os elogios*". As palavras de louvor foram complementadas pelo colega Arnaldo Tirone: "*Está de parabéns o São Paulo F.C. por essa realização, sob todos os pontos de vista, magnífica!*"<sup>89</sup>

Ainda assim, as ações são-paulinas pareciam não alcançar a todos os torcedores tricolores. O potencial era imenso, mas o retorno, nem tanto assim. Muito disso devido a descrença da população mediante aos fatos de se "construir um estádio no meio do mato" e da decorrente demora para se avançar a cada etapa do projeto

*"É preciso, porém, se esclareça que a alegada lentidão não nasce do São Paulo, pois nosso clube está absolutamente em dia com seus compromissos junto às companhias empreiteiras. Está é que, alegando esta ou aquela dificuldade, não tem correspondido plenamente, quanto aos prazos prefixados para as etapas iniciais da construção. A razão não lhes falece, é certo, mas, se tudo dependesse dos encargos do Clube, as obras estariam, a esta altura, muito além do nível atual"*.<sup>90</sup>

Isso aliado também à contra-campanha de torcedores rivais e setores da imprensa. Não faltou cartuns satíricos sobre o assunto.

86. Revista Tricolor, nº 38

87. Revista Tricolor, nº 57

88. A Gazeta Esportiva, 2 de fevereiro de 1955

89. Última Hora, 3 de fevereiro de 1955

90. Revista Tricolor, nº 40



Carlos Nelli, de A Gazeta Esportiva; o poeta Guilherme de Almeida; e Cícero Pompeu



"Até agora, quem vai ao Morumbi para apreciar as obras da construção do estádio do São Paulo volta meio desolado: a grande área de terreno necessária à edificação da projetada praça de esportes não apresenta aspecto animador... O torcedor foi visitar as obras e retornou desolado à sede, dizendo: 'Não vi nada! Só terreno limpo e máquinas puxando terra pra cá e pra lá. Acho que vocês não construirão estádio coisa nenhuma. Vão lotear a área para vendê-la!'"<sup>91</sup>

Tais divulgações pesavam no humor dos adeptos da causa. "A campanha do cimento não teve, de verdade, a repercussão esperada, mas espera-se que, em breve, haja um movimento de adesão integral à iniciativa tão bem lançada pela campanha de fundos".<sup>92</sup>

Vista a essa situação, Aurélio Campos, em texto para o Diário da Noite, de 2 de dezembro de 1955, ressaltou o caráter e a força de vontade dos tricolores no projeto:

"Mais do que um monumento para consagrar gigantes, aquilo que lá está é o testemunho do valor humano de um grupo idealista. Poucos homens terão sido tão combativos e tão desencorajados, como os dirigentes sampaulinos, desde que se propuseram a erguer, a qualquer risco, o estádio do Morumbi. Quanta coisa se falou! Enormes objeções foram levantadas contra o local, que muitos consideraram distante, praticamente inacessível. Para os poucos, aquilo jamais se transformaria sequer numa simples e privada praça de desportos... Mas o argumento não derreou as energias sampaulinas.

Depois das objeções quanto à distância, foram feitas críticas ao projeto colossal, custando milhões. Considerou-se fora de qualquer cálculo de possibilidades do São Paulo, a arrecadação dos milhões necessários para à obra gigantesca... Quem vai ao Morumbi já vê a forma de um estádio imenso, formidável, que está crescendo. Nunca tive dúvidas quanto à concretização do plano. Sabia da disposição dos dirigentes, da firmeza dos seus propósitos. O grupo inicial, à medida que o tempo passava e que as críticas aumentavam, mais e mais se reduzia, até ficar limitado à espartana coragem de uma meia dúzia.

Contra os remanescentes da batalha do estádio, a última onda que se levantou foi para afirmar de erros técnicos insolúveis, que impediriam a continuação das obras. Como se um gigantesco estádio, realmente a 'maior praça de desporto do mundo', pudesse ser planejado e calculado por ignorantes e ineptos leigos, incapazes até das operações básicas. O desmentido formal não demorou muito com a materialização das estruturas e, não me consta, que os anunciados erros tenham impedido a colocação sequer de um prego.

Louvo, exalto e enalteço o grupo idealista do São Paulo, que está vencendo a 'batalha do estádio'.

Para contornar o descrédito, o São Paulo modificou o seu regulamento para a venda de cadeiras cativas entre julho e agosto de 1953, estabelecendo, primeiramente, a venda de cinco mil unidades, número depois ampliado para 12 mil cadeiras. Mais do que isso, tornou-as patrimônio definitivo dos compradores.

91. Folha da Noite, 19 de janeiro de 1955

92. Revista Tricolor, nº 40

## SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE – REGULAMENTO DAS CADEIRAS CATIVAS

Art.1º São criadas pelo SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE cinco mil cadeiras cativas de propriedade e posse perpétuas.

Art.2º Para aquisição do título de Cadeira Cativa não será necessária a condição de sócio do SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE.

Art.3º Ao portador do título de Cadeira Cativa não será dada a condição de sócio do SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE.

Art.4º O título de propriedade de Cadeira Cativa é transferível por ato intervivos ou por sucessão em caso de falecimento do portador.

Art.5º As transferências a que se refere o artigo anterior, deverão ser comunicadas dentro do prazo máximo de dez (10) dias, à Secretaria do SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE, sem o que não terão efeito.

Art.6º O pagamento do título de aquisição de Cadeira cativa será feito à vista, isto é, Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), ou em prestações mensais de Cr\$1.000,00 (hum mil cruzeiros), vencíveis até o 10º (décimo) dia útil de cada mês.

- O portador que deixar de pagar as prestações por três (3) meses consecutivos, perderá a respectiva inscrição, não havendo, em qualquer hipótese, devolução da importância já paga, que será considerada como doação tácita ao SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE.

E o clube foi além: no final de 1954, rompeu contrato de propaganda e exploração comercial das cativas que tinha com Cooperária Construções S/A, para assinar, na sequência, um novo acordo com a Rádio Bandeirantes e Oswaldo Molles (que havia feito parte da produção do apreciado LP "Salve o São Paulo", há poucas linhas citado.

Produtor de Rádio e TV, Oswaldo viria a desenvolver um personagem carismático, mas também misterioso, desenhado em estilo cartum e que apareceu pela primeira vez nos periódicos no mês de fevereiro de 1955.

"Quem é ele?" era a pergunta presente em cada uma das ilustrações iniciais que retratavam um jovem bem afeiçoado, garbosamente vestido e junto a outras figuras famosas da época.

O primeiro desenho que se tem registro,<sup>93</sup> apesar de nada revelar claramente, muito já indicava quem estaria patrocinando as artes, afinal destinava a um rapaz com bola no pé e camisa com as faixas tricolores a indagação: "É um novo Friedenreich?"

Mas foram os temas variados que fizeram a campanha repercutir muito e ganhar grandes proporções. O material publicado no O Tempo<sup>94</sup> e em outros jornais questionava se o personagem seria o proprietário do cavalo Gualicho (alazão argentino que até hoje foi o único na história a vencer os Grandes Prêmios São Paulo e Brasil, de 1952 e 1953, consecutivamente, e estabelecendo também o recorde dos 3.000 metros nos dois hipódromos, o paulista e o carioca – marcas ainda em vigor!).<sup>95</sup>

93. A Gazeta Esportiva, 12 de fevereiro de 1955

94. O Tempo, 16 de fevereiro de 1955

95. Arquivo do Jockey Clube Brasileiro, 26 de setembro de 2015

(<https://www.jcb.com.br/noticias/42370/celebra-ualicho-o-unico-bicampeao-dos-rasil-e-ao-aulo/>)

"O Tempo" - 18/2/55.-

inventor da  
bomba H?

**Não!**

é mais do que  
isso...

Quem  
é ele?



"O Tempo" - 24/2/55.-

noivo da

Marta  
Rocha?

**Não!**

é mais do que

Quem  
é ele?



"O Tempo" - 16/2/55.-

é o proprietário  
do Gualicho?

**Não!**

é mais do que

Quem  
é ele?



"Diário de S. Paulo" 17/2/55.

ganhou  
Prêmio I

**Não!**

é ma  
isso..

Quem  
é ele?



"O ESTADO DE SÃO PAULO" ..

Quem  
é ele?



"O Tempo" - 17/2/55.-  
é um novo

Friedenreich?

**Não!**

é mais do que  
isso...

Quem  
é ele?



"Diário de S. Paulo" 16/2/55.

inventor do  
disco voador?

**Não!**

é mais do  
que isso...



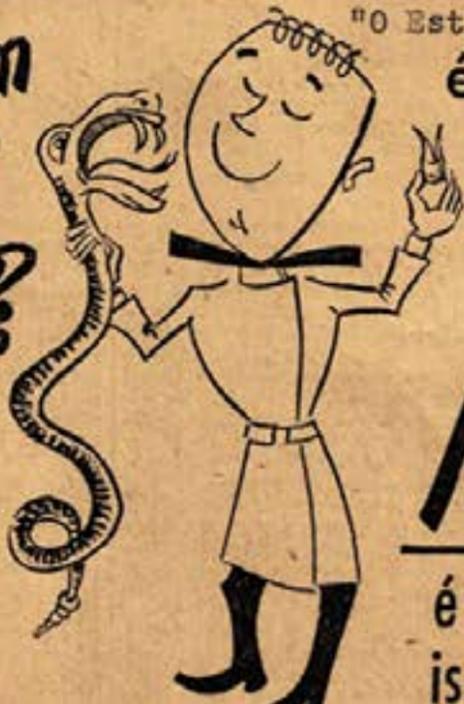
"O Estado  
de S. Paulo" ..

casou com a  
cobra?

**Não!**

é mais do que  
isso...

Quem  
é ele?



Quem  
é ele?



casou com a  
Lollobrigida?

**Não!**

é mais do que  
isso...

"O Tempo" - 19/2/55.-  
é o rei

Momo?

**Não!**

é mais do que  
isso...

Quem  
é ele?



No mesmo dia,<sup>96</sup> O Estado de S. Paulo publicou outro esboço perguntando se o rapaz era o inventor do disco voador.<sup>97</sup> Os cartuns continuaram por todo aquele mês, ora perguntando se ele seria o Ali Khan brasileiro<sup>98</sup> (embaixador paquistanês na ONU e marido da atriz Rita Hayworth), ora se ele seria o inventor da bomba H<sup>99</sup> ou ainda um ganhador de prêmio Nobel.<sup>100</sup>

Algumas eram mais descontraídas e questionavam se o personagem seria um rei momo,<sup>101</sup> dentista de cobra,<sup>102</sup> marciano em férias<sup>103</sup> ou noivo da Marta Rocha<sup>104</sup> (Maria Martha Hacker Rocha, Miss Brasil de 1954), embora casado com a Lollobrigida<sup>105</sup> (Gina Lollobrigida, atriz italiana considera a mulher mais bela do mundo).

Mas as intrigantes artes sempre davam uma resposta: “Não! É mais do que isso”.

No dia 1º de março veio a revelação da primeira campanha “viral” da história são-paulina:

*“Ele é Sócio Olímpico da maior praça de esportes do mundo e proprietário de uma cadeira cativa. Quem é ele? É o Raimundo, que comprou sua Cadeira Cativa na Maior Praça de Esportes do mundo!”<sup>106</sup>*

O inusitado da proposta foi um sucesso, não apenas de “case” mercadológico, mas também prático, cumprindo seu objetivo.

*“Grande a procura das ‘cativas’ no Morumbi: a feliz iniciativa do São Paulo fadada a obter completo sucesso.*

*Foi impressionante a procura verificada, apesar de o S. Paulo F. C. não ter organizado ainda o corpo de corretores que vão iniciar a grande ofensiva de venda. Mesmo assim, o Tricolor, em sua sede, vendeu nas primeiras 24 horas 508 cadeiras cativas, o que constitui, sem dúvida alguma, um autêntico recorde, e vem demonstrar, também, como foi extraordinária a aceitação pública”.*<sup>107</sup>

O bom número de vendas fez o Tricolor encerrar antecipadamente a campanha publicitária nessa fase comercial das cadeiras cativas no dia 31 de maio de 1955,<sup>108</sup> com o número total de 4.200 peças negociadas,<sup>109</sup> preservando assim 800, das 5.000 planejadas, até então, para eventuais aquisições.

O ponto de virada para o extremo sucesso na venda das cativas foi a adoção dessa categoria especial de associado: o Sócio Olímpico, que, na prática, tinha a mesma posição de um sócio efetivo do São Paulo, podendo gozar dos mesmos benefícios, equipamentos e dependências dos associados plenos, e sem o pagamento da “joia” anual, que era no valor de dez mil cruzeiros. O Sócio Olímpico tinha inclusive direito a voto nos processos de política interna do clube.<sup>110</sup>

*“Cada dia que aqui venho, e a verdade é que estou aqui diariamente, sinto-me mais feliz. Porque lembro-me da luta que foi necessária para a concretização desse sonho. Os poucos que naquela época acreditavam devem sentir hoje a mesma satisfação. Ninguém nos acreditava, ninguém dava sequer atenção às nossas ponderações de que poderíamos construir esse estádio... Tudo isso, meu amigo, sem a ajuda dos Poderes Públicos. Não recebemos nada de ninguém, por maior que tivesse sido nosso empenho em solicitá-lo”. – Palavras de Luiz Cássio dos Santos Werneck, ao jornal A Gazeta Esportiva de 1º de junho de 1955.*

96. O Estado de S. Paulo, 16 de fevereiro de 1955

97. O Tempo, 25 de fevereiro de 1955

98. A Gazeta Esportiva, 17 de fevereiro de 1955

99. O Tempo, 18 de fevereiro de 1955

100. Diário de S. Paulo, 17 de fevereiro de 1955

101. O Tempo, 19 de fevereiro de 1955

102. O Estado de S. Paulo, 17 de fevereiro de 1955

103. O Estado de S. Paulo, 24 de fevereiro de 1955

104. O Tempo, 24 de fevereiro de 1955

105. O Estado de S. Paulo, 25 de fevereiro de 1955

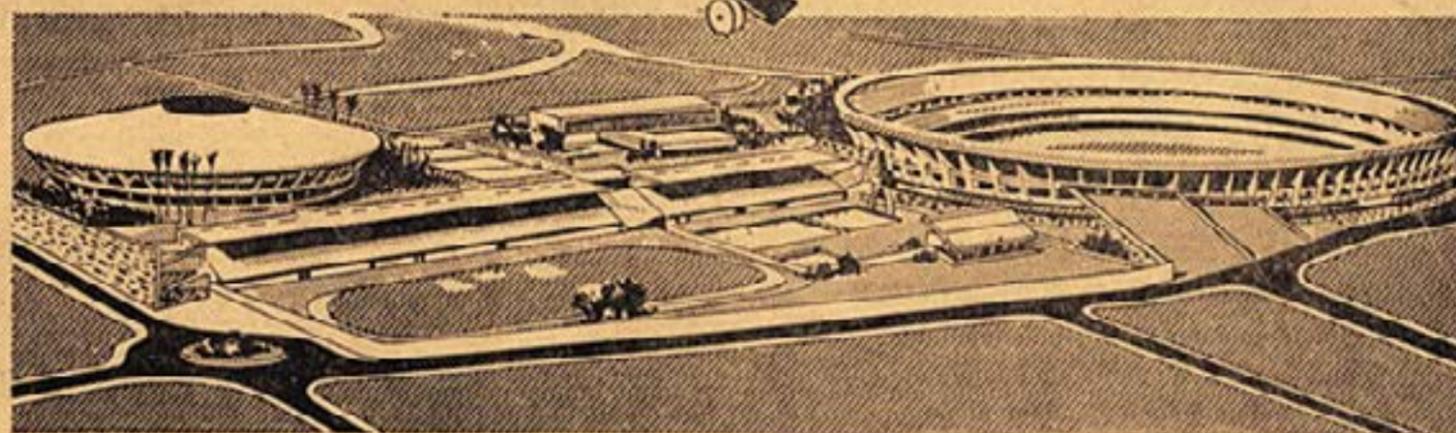
seja V. também sócio

Olímpico

da maior  
praça de  
esportes  
do mundo



tornando-se  
proprietário  
de uma  
Cadeira  
Cativa



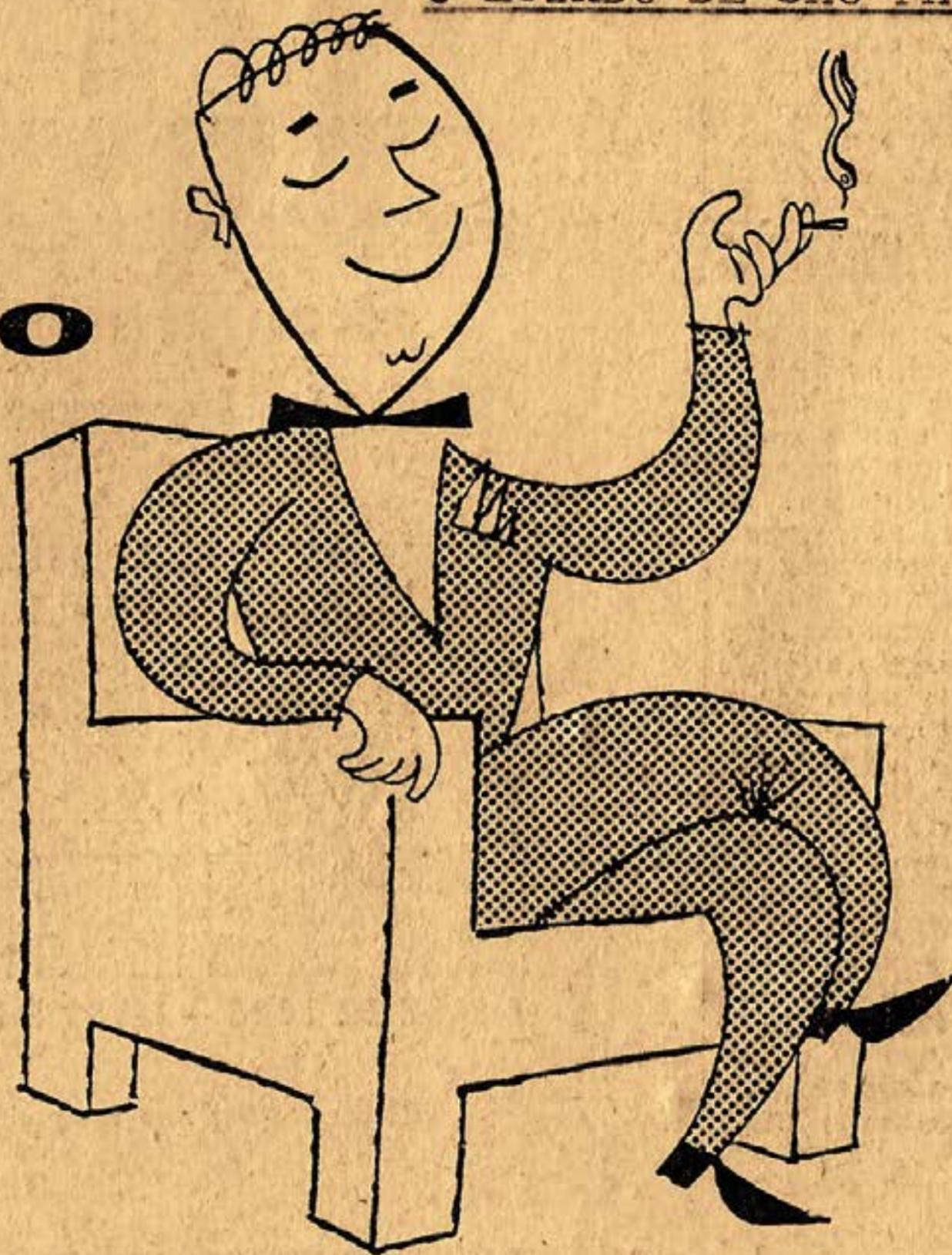
Mais um mês... e estarão todas VENDIDAS! Não perca a sua "chance" de tornar-se agora SÓCIO OLÍMPICO DA MAIOR PRAÇA DE ESPORTES DO MUNDO. Até o dia 31 de Maio, todo aquele

Todo SÓCIO OLÍMPICO terá o privilégio, extensivo A SUA FAMÍLIA, de frequentar a sede social e de utilizar-se de todas as dependências da Maior Praça de Esportes do Mundo.

TENIS - 10 quadras cobertas e ao ar livre. SEDE SOCIAL - Salão de festas, restaurantes, boliches, bares, pingue-pongue, salas de leitura, etc.

# Ele é sócio Olimpico

da maior praça  
de esportes  
do mundo  
e proprietário  
de uma  
**cadeira  
cativa**



Quem é ele? É o Raimundo, que comprou sua Cadeira Cativa, na Maior Praça de Esportes do mundo!

Compre V. também a sua Cadeira Cativa pagando somente cr\$ 500,00 por mês em 44 prestações.

Mais um mes... e estarão todas vendidas!

Até o 31 de Maio, todos os que comprarem a sua Cadeira Cativa, serão considerados automaticamente Sócios Olímpicos, sem o pagamento da joia atual de cr\$ 10.000,00

ENDEREÇOS: São Paulo F. C. - Av. Ipiranga, 1.267, 13.º e Av. Ipiranga, 1.238  
TELEFONES: 34-8167 — 34-6315 — 35-5556 — 36-1622

Nesta campanha, as cativas foram vendidas, em média, a Cr\$ 20.000,00 cada (prestações de mil cruzeiros ou 19 mil à vista, ou ainda 22 mil em 44 prestações de 500 cruzeiros). Até sua conclusão, em 1970, o clube vendeu 12.000 cadeiras, representando uma receita aproximada de Cr\$ 240.000.000,00, desconsiderando correções monetárias e a inflação. Isso será melhor detalhado em capítulos vindouros.

Grande chamariz, as cativas foram cruciais não somente para a construção do Templo, mas também para o modo como fora construído. Preferiu-se erguer o Morumbi por seções, que compreendiam três níveis de arquibancadas, ao invés do tradicional “primeiro a camada inferior, depois a superior”. Afinal, quando uma seção fosse finalizada, poderia ser capitalizada em ações de publicidade e suas cativas entregues a seus donos.

Mas isso é uma antecipação nesse resgate cronológico. É necessário voltar à 1954.

No dia 23 de junho, o Tricolor firmou o contrato de construção do sistema de drenagem do gramado do Morumbi com a Civilsan – Engenharia Civil e Sanitária ao valor de Cr\$ 4.382.437,00; as obras, porém, só foram iniciadas no dia 29 de outubro, depois de finalizada a galeria de águas pluviais.

*“A drenagem do estádio do São Paulo é das mais perfeitas do mundo”.*<sup>111</sup>

Em pouco menos de seis meses, exatamente no dia 20 de abril de 1955, essa obra de base que cobria uma extensão de 24.000 m<sup>2</sup> (campo e pista) foi concluída, apesar dos percalços inesperados que surgiram, como minas de água encontradas pela extensão do futuro gramado.<sup>112</sup> Como convém lembrar, antes da investida são-paulina, o Morumbi era um terreno alagadiço, pantanoso, não sem motivo.

A drenagem havia sido concebida por meio de métodos científicos desenvolvidos pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT, com drenos em forma de espinha de peixe envolto por uma configuração de terra específica.

Esse preparo especial do terreno era justificado. *“O solo de nossa Capital é composto de grande teor de argila (material pouco permeável). A terra, além de ser necessariamente fértil para o desenvolvimento da grama, deveria ter um grande coeficiente de infiltração. Daí a razão de mandarmos várias amostras de terra, dentre as qualidades mais prováveis existentes na região, para análises pelo Instituto Agrônomo de Campinas e para o Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo”.*<sup>113</sup>

Primeiro, então, uma camada de brita, com pedras que variam entre 0,5 e 1,4 metros de espessura ao redor da tubulação de metal vazada, que destina o excedente de água à galeria de águas pluviais do Córrego Antonico, já na altura da Praça Roberto Gomes Pedrosa. Acima dessa, 30 centímetros de areia grossa, e por último, uma fase de 60 centímetros de um composto de terra e areia fina, de “cava”, onde seria plantado o gramado do campo, que já tinha as dimensões estabelecidas: 102 x 78 metros.<sup>114</sup>

*“Foi projetada... admitindo-se uma vazão das águas de 20 litros m<sup>2</sup> por minuto, de tal forma que caindo um temporal com chuva ininterrupta de 9 horas, depois de 15 minutos o Estádio estará em condições perfeitamente normais”.*<sup>115</sup>

106. O Estado de S. Paulo, 1º de março de 1955

107. O Tempo, 4 de março de 1955

108. A Gazeta Esportiva, 11 de maio de 1955

109. A Gazeta Esportiva, 1º de junho de 1955

110. Estatutos Sociais do São Paulo FC de 1956

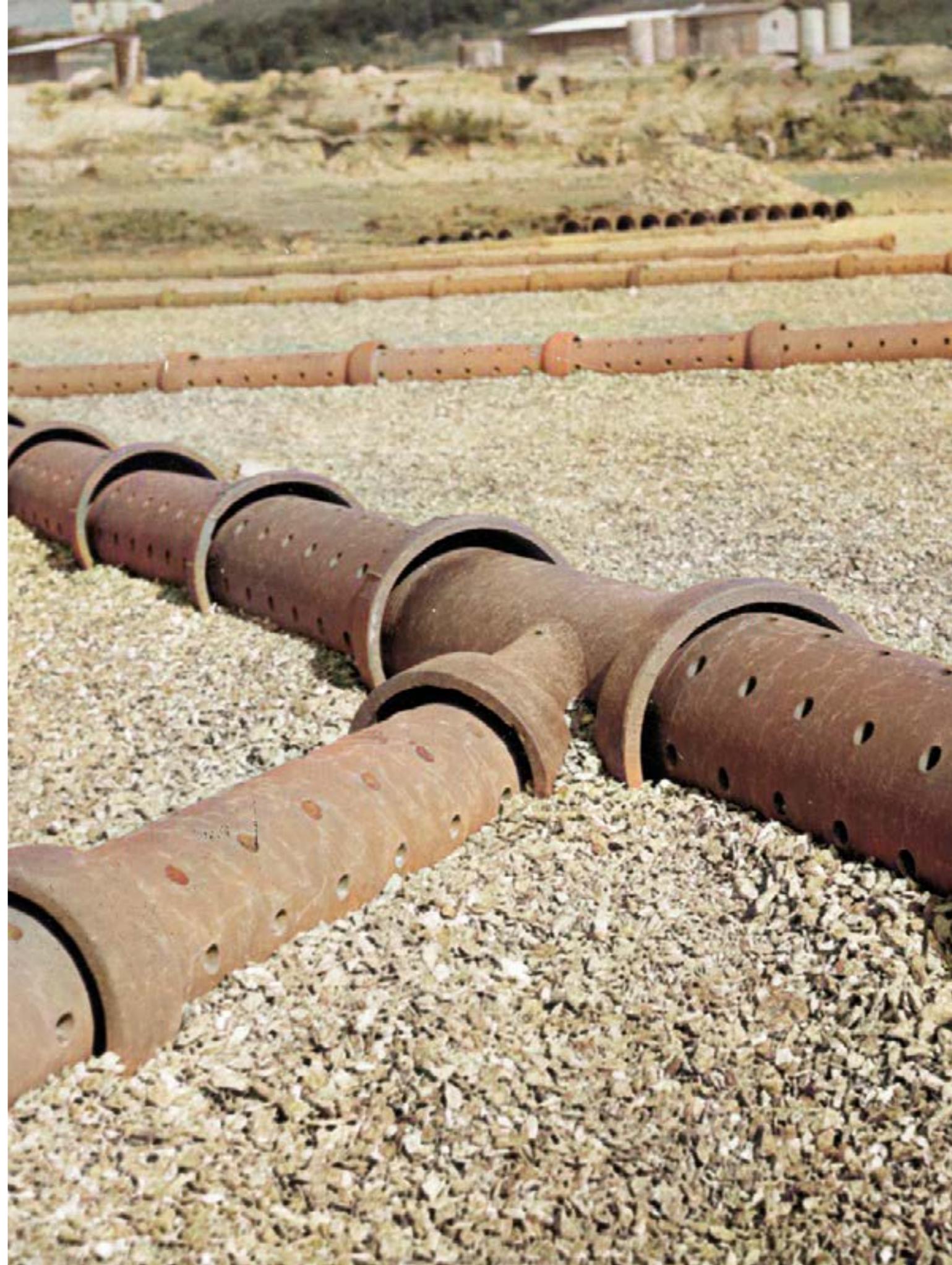
11. A Gazeta Esportiva, 20 de outubro de 1954.

112. A Gazeta Esportiva, 25 de abril de 1955

113. A Gazeta Esportiva, 20 de janeiro de 1955

114. A Gazeta Esportiva, 7 de dezembro de 1955

115. Correio Paulistano, 25/02/55 e 12/06/1955







Paralelo a isto, desde a assinatura de outro contrato com a Civilsan, no valor de Cr\$ 6.010.400,00, no dia 14 de fevereiro de 1955, as obras para a construção dos túneis de acesso dos jogadores ao campo, o fosso divisório do gramado com a arquibancada geral, mais algumas galerias de águas pluviais nos arredores das fundações, a rede de irrigação do gramado e o peitoril de concreto do pavimento térreo, estavam em pleno andamento.

De toda maneira, 25 de janeiro de 1955 havia chegado e passado, marcando o fim dos festejos públicos pelo quarto centenário da capital paulista, e o pretendido estádio do Tricolor, para essas comemorações, não ficou pronto.

Mas, verdadeiramente, a perda desse marco não significou nada para os planos do São Paulo, que continuava a planejar seu futuro. Os engenheiros chefes do empreendimento calculavam, agora, que o estádio estaria concluído entre junho e julho de 1956,<sup>116</sup> e que o campo já poderia ser utilizado para treinamentos a partir de maio de 1955 mesmo.<sup>117</sup>

*“O São Paulo F. C. desencadeou tremenda propaganda da inauguração do seu estádio. A base dessa propaganda é sonho. Faltam-lhe exatamente duas coisas que são básicas ao se instituir um programa de propaganda de uma festa: local e data. Um não está ainda pronto, outra, como decorre da primeira, não pode saber-se. Os convites aos clubes campeões de todo o mundo devem ter uma redação mais ou menos assim: ‘Convidamos para um certo dia, não sabemos onde, para jogar não sabemos com quem...’”*<sup>118</sup>

Nada disso se cumpriu, mas a perspectiva que levou a diretoria até a solicitar autorização prévia da Federação Paulista de Futebol para sondar clubes estrangeiros (da França, Espanha, Itália, Alemanha, Hungria, Iugoslávia, Rússia e Áustria) interessados em participar do evento inaugural.<sup>119</sup> Tais entendimentos internacionais levaram, depois, ao surgimento de uma certa competição. Mas sem pressa para entrar nesse assunto, agora.

Assim, em 1955, os são-paulinos começaram a tratar efetivamente da mudança de casa, do Canindé para o Morumbi.

Previamente já autorizada pelo Conselho Deliberativo (no dia 9 de dezembro de 1953), a diretoria são-paulina concretizou a venda da propriedade canindeense no dia 27 de maio de 1955. O Tricolor, representado pelo presidente Cícero Pompeu de Toledo e pelo diretor de finanças Laudo Natel, vendeu a Wadi, Eduardo e Raul Saddi os 42.350 m<sup>2</sup> do complexo esportivo pelo valor de Cr\$ 11.922.795,50.

Laudo Natel, tesoureiro do clube, afirmou que o montante obtido com essa negociação seria utilizado *“no pagamento de todas as dívidas do Clube. Desejamos, afinal, respirar aliviados. O saldo será transferido para a conta da Comissão Pró-Estádio”*.<sup>120</sup> E foi o que aconteceu. A fim de sanar dívidas são-paulinas, certa quantia foi até paga pela família Saddi diretamente a bancos credores (Cr\$ 4.606.180,30, de hipotecas do terreno, já mencionadas).

*“A venda do Canindé nos libertará das cadeias do passado, até os nossos dias. Mas, para o verdadeiro e continuado equilíbrio de nossas finanças, contaremos com a receita das taxas sociais, pois nosso quadro associativo vai crescendo animadoramente”*.<sup>120</sup>

116. Folha da Tarde, 20 de janeiro de 1955

117. A Gazeta esportiva, 25 de abril de 1955

118. Mário Miranda Rosa para a Folha da Manhã, 30 de janeiro de 1955

119. Diário da Noite, 17 de fevereiro de 1955 & Correio Paulistano, 18 de fevereiro de 1955

120. Revista Tricolor, nº 29





O Conselho Deliberativo aprovou a transação no dia 11 de janeiro de 1956. E como o comprador, o senhor Wadi Saddi, também era sócio do clube, o São Paulo pôde ficar por mais algum tempo na sua antiga moradia, enquanto as obras do Morumbi avançavam. Maiores detalhes da despedida do Tricolor do Canindé, aliás, são encontrados no primeiro volume dessa coleção.

Foi no ano de 1955, também, que a segunda fase da concepção estrutural da casa são-paulina começou a ser desenrolada. Até junho, o clube já havia dispendido mais de 50 mil sacos de cimento e a área envolta ao campo começava a tomar forma, com a construção do primeiro lance de degraus das gerais e do fosso que o separa do resto do estádio.<sup>121</sup> Essa fase, como outras, também acabou atrasada no cronograma devido a uma tardia entrega de parte do projeto final de Vilanova Artigas (que ao visto esquecera de incluí-la naqueles quatro grandes tomos de plantas) referente ao túnel que separa o campo dos vestiários.<sup>122</sup>

No dia 21 de outubro, São Paulo e Civilsan assinaram contrato no valor de incríveis Cr\$ 22.194.506,60 para a construção dos vestiários, sala do departamento médico, concentração, portões monumentais do saguão, bilheterias e, principalmente, seis vãos de gigantes – espaços entre as colunas de sustentação do estádio, de aproximadamente 10 metros cada na menor circunferência –, erguidos já em três níveis de pavimentos (térreo, ou gerais, intermediário e arquibancadas superiores).

Essas edificações, supervisionadas pelo engenheiro-chefe do Tricolor, Roberto Barros de Lima ficaram a cargo técnico dos engenheiros Joaquim Aires Bierrenbach e Antônio Leme Nunes Galvão (futuro presidente do São Paulo). Já os projetos de instalação ficaram sob responsabilidade de Homero Lopes e, por fim, os cálculos estruturais de concretagem foram desenvolvidos por Eurico Meile.

Ou seja, a construção de seis “fatias do bolo”, por assim dizer. Tais fatias começariam a ser levantadas a partir da coluna número 49 (situada “ao lado” da atual Avenida Giovanni Gronchi, e que por muito tempo foi o marco divisório entre os setores “laranja” e “vermelho” das arquibancadas do Morumbi) até a coluna número 55, em direção à Praça Roberto Gomes Pedrosa.

Já os pavimentos intermediário e térreo, previstos nesse contrato, seriam um pouco maiores, sendo construídos a partir da coluna número 45 até a de número 70, já de frente à entrada principal do estádio, formando assim três grupos de cadeiras cativas que já poderiam ser, depois de prontas, entregues a seus donos (cativas do 45 ao 48, do 49 o 55, e do 55 ao 70).

A data estipulada para o início dessas obras era o dia 1º de novembro de 1955, mas o alvará liberatório das mesmas só foi expedido no dia 29 de dezembro daquele ano. Em 1956, o Morumbi adentraria em uma fase de edificações mais grandiosas.



121. *Correio Paulistano*, 12 de junho de 1955  
122. *A Gazeta Esportiva*, 17 de junho de 1955





# UM GRANDE CAPITÃO E UMA PEQUENA TAÇA

Após a disputa e a conquista do Campeonato Paulista de 1953, em janeiro de 1954, o Tricolor iniciou a nova temporada com uma série de partidas amistosas, cuja principal campanha foi a realizada no Recife e em Salvador, entre março e abril. Na reedição da bem-aventurada excursão ao Nordeste de 1937 (mas dessa vez viajando de avião, e não de navio), o São Paulo obteve um desempenho ainda melhor.

Na capital pernambucana foram quatro partidas, com três vitórias (duas sobre o Sport e uma sobre o Santa Cruz) e um empate (contra o Náutico), e quatro troféus na bagagem: a Taça Forças Armadas Brasileiras, a Taça Cidade de São Paulo – posta em disputa pelos paulistas –, a Taça Cidade do Recife – em jogo pelo Santa Cruz –, e a Taça Ademar Costa Carvalho.

Já em São Salvador da Baía de Todos os Santos, a campanha foi um pouco abaixo do esperado, mas ainda invicta, com uma vitória (Bahia) e dois empates (Ypiranga e Vitória), e mais dois troféus para pagar taxa por peso excedente na viagem de volta à capital paulista: a Taça Companhia Antártica Paulista e a Taça Governador Régis Pacheco.

O Tricolor então recebeu a curiosa oferta de revanche, dada pelo Clube Atlético Linense, por causa daquela fatídica derrota que pôs fim à série invicta são-paulina na campanha estadual passada. O jogo amistoso proposto, claro, visava obter, na realidade, uma considerável renda pelo inusitado histórico desse embate entre o azarão e o campeão paulista. Jim Lopes aproveitou, então, a partida realizada no dia 18 de abril para promover a estreia do hábil Canhoto, na época conhecido por muitos como Canhotinho. Contudo, nem assim os são-paulinos tiveram melhor sorte. O resultado foi 2 a 1 para os donos da casa.

Aproveitando-se da fama de campeão, e visando a boas comissões, o time ainda realizou mais alguns amistosos e torneios (conquistando também o Quadrangular de Uberaba, contra o Fluminense), antes de voltar às competições oficiais. Na primeira dessas, o Torneio Rio-São Paulo, um resultado um tanto quanto decepcionante: quarto lugar na classificação final, atrás dos rivais Corinthians (campeão) e Palmeiras (terceiro colocado). Nem a vitória no Majestoso, na penúltima rodada, apagou o vexame da derrota por 5 a 1 para o Botafogo, no Maracanã, no dia 26 de junho.

Veio então a disputa da Copa do Mundo, que em 1954, foi realizada na Suíça e que levou novamente grandes defensores do Tricolor a vestir a camisa da Seleção Brasileira: Bauer, na segunda participação dele, Alfredo Ramos e Mauro, o zagueiro que oito anos depois ergueria a Taça Jules Rimet na conquista do bicampeonato mundial da Seleção Brasileira. Maurinho, ponta, também representou o Tricolor naquela edição.

A primeira Copa realizada na Europa após a segunda guerra mundial não poderia encontrar melhor lugar para ser sediada que não a Suíça. Neutro e de difícil acesso, o país não tomou parte nos confrontos. Além disso, por ser pequeno em área, facilitava os gastos com transportes e viagens das seleções.

Depois do insucesso na Copa de 1950, o Brasil pela primeira vez teve que disputar uma eliminatória para chegar ao Mundial (venceu os quatro jogos contra Chile e Paraguai), mas chegou à Suíça com o moral um pouco recuperado: Havia conquistado o primeiro torneio internacional oficial dois anos antes, o Campeonato Pan-Americano, no Chile.

As equipes favoritas ao título, entretanto, eram o Uruguai, que nunca havia perdido um jogo de Copa do Mundo, e a Hungria, então campeã olímpica. Já o regulamento dessa edição foi um tanto esdrúxulo: Os quatro grupos, de quatro seleções cada, tinham dois cabeças de chaves e eles não se enfrentariam. Ou seja, as seleções só realizariam dois jogos na primeira fase.

Por falar em regras, em 1954, a FIFA instituiu a “Lista de 40”, uma relação com 40 jogadores pré-selecionados para a Copa do Mundo. No dia 29 de abril, o técnico Zezé Moreira divulgou os convocados e entre eles estavam cinco jogadores do Tricolor: De Sordi, Mauro, Alfredo Ramos, Maurinho e Bauer, o capitão da Seleção Brasileira. Todos eles haviam sido, recentemente, campeões paulistas.

Essa relação não garantia inscrição na Copa, contudo. Dos cinco são-paulinos chamados, somente De Sordi não foi registrado no Mundial. Dos que permaneceram, Mauro, camisa nº 15, e Alfredo Ramos, nº 13, não chegaram a disputar alguma partida, ficando no banco. O zagueiro Mauro ainda era jovem e teria outras Copas pela frente. Já para ambidestro Alfredo Ramos, essa havia sido a única oportunidade.

Maurinho, ponta direita que usava o número 17 às costas, somente jogou a partida das quartas de final, contra a Hungria. E Bauer, claro, como capitão que era, guiou o Brasil nos três confrontos que realizou naquela Copa do Mundo, utilizando a camisa de número seis.

No grupo 1, o Brasil começou a Copa do Mundo goleando o México por 5 a 0 (dois gols de Pinga. Baltazar, Didi e Julinho marcaram os demais), no dia 16 de junho. Três dias depois, empatou com a Iugoslávia em 1 a 1 (gol de Didi) em um jogo peculiar. Ao fim da partida, os brasileiros, alheios ao regulamento, achavam que o resultado teria eliminado o time.

Durante o jogo, a Seleção buscou a vitória desesperadamente, enquanto os iugoslavos pediam calma aos brasileiros. Acontece que, graças ao novo regulamento, os cabeças de chaves não se enfrentariam na primeira fase. Assim, o Brasil não jogaria contra a França, e como os azuis já haviam perdido para os iugoslavos, o empate garantiria classificação às duas equipes.

Depois de lágrimas corridas à toa, o Brasil entrou em campo pelas quartas de final, no dia 27 de junho, contra a favorita Hungria. A seleção do leste europeu vinha de vitórias por 9 a 0 e 8 a 3 sobre a Coreia do Sul e Alemanha Ocidental.

Os brasileiros, posteriormente, reconheceram que o que mais dificultou a seleção naquela partida foi o terror da véspera, tamanha a pressão que a fama do time de Puskas e companhia imputava aos adversários.





# TRICOLOR

N.º 22

G\$ 5,00



J  
O  
S  
È  
C  
A  
R  
L  
O  
S  
B  
A  
U  
E  
R

A Seleção Brasileira perdeu por 4 a 2 (gols de Djalma Santos e Julinho), mesmo com o adversário jogando sem o principal jogador deles (Puskas ficou no banco). Ter sofrido os dois gols iniciais com menos de 8 minutos de jogo demonstrou que o preparo físico dos húngaros também foi fator decisivo no confronto (a Hungria já entrava em campo suada, pelo aquecimento que fazia antes das partidas - tal prática ainda era desconhecida pelos brasileiros).

A partida posteriormente ficou conhecida como "A Batalha de Berna" (cidade onde foi realizada), por uma briga ocorrida nos vestiários entre brasileiros e húngaros após Maurinho ter ido cumprimentar um adversário e ser mal interpretado.

De volta ao Brasil, o Campeonato Paulista se iniciou no dia 15 de agosto para os tricolores, que venceram o Noroeste, de Bauru, fora de casa, por 1 a 0, gol de Gino. E, apesar do tropeço na rodada seguinte, na derrota por 2 a 0 para o Juventus, no Pacaembu, no dia 21, o São Paulo começou bem o torneio, emplacando, a partir desse resultado, seis vitórias em sete jogos, incluindo aí, enfim, a vingança contra o Linense (2 a 0, no Pacaembu, no dia 29 de setembro) e um bom triunfo contra o Palmeiras (2 a 1, no dia 10 de outubro, também no Estádio Municipal). Resultado este que, inclusive, tirou o rival da liderança da competição.

Naquela altura do certame, o Tricolor ocupava a segunda posição da classificação geral em pontos ganhos, com 13, apenas um atrás do Corinthians, agora líder (embora com um jogo a menos realizado).

Mas a situação fugiu de controle após o insucesso gerado por uma falha do excelente Mauro contra a Portuguesa (dia 17 de outubro, 1 a 0 para os lusos)<sup>123</sup> e a inexplicável derrota para o Guarani (por 1 a 0, no dia 30 de outubro), ambas em "casa".

*"Incrível! Caiu o S. Paulo, mediocrementemente, ante o Guarani... Desfibrado e sem vanguarda, o Tricolor não teve pulso para evitar o desastre".*<sup>124</sup>

E nesse ponto, a direção do Futebol são-paulino perdeu a mão. O clube tinha, ainda, mais da metade do campeonato por se disputar, e a posição do time na classificação se mantinha a mesma: na cola do Corinthians, apenas um ponto atrás. Mas as movimentações de bastidores e vestiários indicavam que algo grave estaria por acontecer. Imediatamente após a derrota contra o time campineiro, especulações de grandes punições a atletas, com possíveis multas e afastamentos, tomaram as páginas dos jornais. Na verdade, cogitavam até um novo treinador para o elenco.<sup>125</sup>

E isto, de fato, veio a ocorrer, dias depois. Pressionado pelo próprio corpo diretivo e conselheiro, o Tricolor cedeu e decidiu pela troca no comando técnico e por sanções aos atletas: "Os jogadores profissionais do São Paulo F. C. devem fazer jus ao elevado ordenado que recebem do clube e que é extorquido dos nossos bolsos", teria afirmado um dirigente na ocasião. Note-se que outros cardeais tricolores, discordantes do caminho que o clube estava por tomar, abandonaram a reunião, em especial o diretor de futebol profissional, Marcel Klaczko, e Laudo Natel, diretor financeiro.<sup>126</sup>

123. O Esporte, 18 de outubro de 1954

124. O Esporte, 1º de novembro de 1954

125. O Esporte, 3 de novembro de 1954

126. O Esporte, 4 de novembro de 1954



No dia 3 de novembro, poucos dias antes do clássico contra o Corinthians, que encerraria o primeiro turno, e quando o time misto do São Paulo enfrentava o Juventus, na Mooca, o técnico Jim Lopes tomou conhecimento de sua demissão, por meio de palavras do diretor de futebol amador, Farid Adibi. Lopes, que recebeu 90 mil cruzeiros pela rescisão, não escondeu a surpresa que sentiu com a decisão.<sup>127</sup>

*“O fato, em si, não causa surpresa, pois todos nós sabemos que quando as coisas vão mal a responsabilidade sempre cai nas costas do técnico. Tal se sucede em todos os nossos clubes e no S. Paulo F. C. não poderia ser diferente, pois o falecido Joreca foi ídolo num período e atirado à rua da amargura, em outro, o mesmo acontecendo com Vicente Feola, algumas vezes na direção técnica, e agora, em caráter definitivo, na administração do clube. Leônidas esteve num período como técnico, o que se verificou em 1951, mas precisou sair ante a pressão feita por alguns jogadores. Agora chegou a vez de Jim Lopes”.*<sup>128</sup>

Para o lugar de Jim, a diretoria trouxe um velho conhecido: Leônidas da Silva, que ganharia mais uma oportunidade para se firmar como treinador de futebol. *“Sem recalques, ressentimentos ou mágoas, retornarei ao São Paulo”*, afirmou à imprensa durante sua apresentação oficial.<sup>127</sup>

Leônidas, porém, como costumeiramente é dito, assumiu uma “bucha” logo de cara. Além do Majestoso pela frente, o ex-jogador teria que lidar com atletas descontentes, que haviam sofrido uma multa no valor de 60% do salário de cada um. Não foi de se estranhar, então, o resultado do clássico: vitória adversária por 2 a 1.

Ainda havia um turno inteiro pela frente, e, apesar de demorar, as vitórias voltaram, até o Tricolor sofrer outra daquelas derrotas inimagináveis pouco antes de outro clássico: dessa vez frente ao Ypiranga, por 1 a 0, no dia 9 de janeiro de 1955. Na sequência, o São Paulo não passou de um empate no Choque-Rei, por 1 a 1.

O resultado praticamente tirou o clube da briga pelo título (o Corinthians possuía seis pontos a mais, restavam apenas quatro partidas e a última era justamente um Majestoso – o qual os são-paulinos acabariam derrotados, por 3 a 1, no dia 13 de fevereiro).

A temporada de 1955 começou como as outras cinco anteriores: sem sucesso no Torneio Rio-São Paulo (que seria uma pedra no sapato da história tricolor até 2001). O time só venceu dois jogos (Vasco, no Rio, por 2 a 1; e o Corinthians, no Pacaembu, por 4 a 3) em nove partidas, terminando na nona (e penúltima) posição, apenas à frente do rival alvinegro há pouco citado.

O jeito foi se embrenhar em uma excursão pela América. A ideia era unir e entrosar o elenco.

No dia 27 de maio, a comitiva são-paulina composta por José César Dias, chefe da delegação; Vicente Feola, administrador (mas na realidade treinador do elenco); Dalzell Gaspar Freire, médico; Flávio Mário Borzi, massagista; Mateus Serrone, roupeiro; Sebastião Barbosa, jornalista de A Gazeta Esportiva, e os atletas: Poy e Costa; goleiros; De Sordi, Mauro e Pirani, defensores; Pé de Valsa, Bauer, Alfredo Ramos, Victor e Turcão, médios; Maurinho, Lanzoninho, Dino Sani, Gino Orlando, Paraíba, Roque, Válter, Canhoteiro e Teixeira, atacantes; embarcou em um avião da Braniff que partiu do aeroporto de Cumbica com destino ao Panamá, com escala em Lima, no Peru.

Da Cidade do Panamá, no dia seguinte, os são-paulinos rumaram para a Cidade do México em uma aeronave da PanAm. A excursão foi organizada por uma empresa de eventos esportivos – empresas de tal tipo começaram a surgir no começo dos anos 50 – chamada Alfonso Doce & Cia, de Buenos Aires, que custeou todas as despesas da comitiva tricolor.

Enfim no destino, os tricolores não tiveram muito tempo antes de encarar o primeiro adversário nessa turnê. No dia 29, no Estádio Olímpico Universitário, o São Paulo empatou em 0 a 0 com o América local. A destacar dessa primeira partida apenas que a etapa inicial dela foi disputada com uma bola mexicana, e o segundo tempo, com bola brasileira, por reclamação dos jogadores tricolores.

*“Juego gris y empate a cero entre America y São Paulo”.*<sup>129</sup>

Mais descansados, no dia 2 de junho e no mesmo estádio (todas as partidas dessa série foram realizadas no principal estádio mexicano da época), o São Paulo atropelou o Guadalajara, vice-campeão mexicano da finda temporada 1954/1955, por 4 a 0, com gols de Bauer, Lanzoninho (duas vezes) e Maurinho.

*“Arrollador el São Paulo goleó a los Rayados”.*<sup>130</sup>

O único revés da excursão veio contra o Toluca, por 1 a 0, no dia 5, em partida que os mexicanos jogaram absolutamente retrancados, *“defendiéndose heroicamente”*, e que, de acordo com os poucos relatos conhecidos, teve algumas cenas lamentáveis: *“Como les sucede a todos los sudamericanos, el São Paulo tampoco supo perder: actitudes impropiedades... Los jugadores visitantes han perdido el equilibrio, también Láscars se há portado mal, y em lugar de hacer fútbol, quiere practicar el boxeo. No hubo nocaute”.*<sup>131</sup>

A derrota veio seguida de empates não tão bons assim, contra Necaxa (1 a 1, no dia 9) e contra o campeão nacional Zacatepec (mesmo placar, no dia 12), com os únicos gols tricolores marcados por Gino e Paraíba. Não tão bons por causa do futebol apresentado: muito superior ao dos oponentes.

*“Gracias al portero Murillo Zacatepec empató a S. Paulo”.*<sup>132</sup>

Os dois últimos jogos do Tricolor no México, porém, encantaram definitivamente a população do país. No dia 15 de junho, o São Paulo goleou o León – equipe se sagraria campeã local na temporada que se iniciaria – por 4 a 1, tentos anotados por Gino, Paraíba, Gutiérrez (contra) e Dino Sani. Quatro dias depois, nova goleada pelo mesmo placar, agora frente ao Necaxa. Paraíba, duas vezes, Pé de Valsa e Dino Sani balançaram as redes.

*“El São Paulo bailó al Necaxa”.*<sup>133</sup>

O resultado valeu ao clube o Troféu Jarrito – oficialmente Trofeo Jarrito de Plata – ofertada empresa Refrescos Jarrito e pela Federación Mexicana de Fútbol ao São Paulo caso o time brasileiro somasse mais pontos que os adversários da casa (e isso ocorreu: nove pontos contra cinco).

127. O Esporte, 4 de novembro de 1954

128. O Esporte, 3 de novembro de 1954

129. La Aficion, 30 de maio de 1955

130. Novedades, 3 de junho de 1955

131. Novedades, 6 de junho de 1955

132. La Aficion, 13 de junho de 1955

133. Ovaciones, 20 de junho de 1955

Foi a primeira vez que o Tricolor trouxe para casa a taça de um campeonato conquistado fora do Brasil apenas com as próprias forças – não sendo considerados as taças obtidas como combinado com o Bangu. O prêmio, aliás, tem formato bem peculiar: uma verdadeira jarriinha de prata, que é facilmente ofuscada pelos demais artefatos do memorial são-paulino, pois possui somente 18 centímetros de altura.

Permanecendo 25 dias no México, a delegação são-paulina aproveitou para realizar um intercâmbio cultural e político, com muitas recepções, brindes e jantares.

*“Homenagens Cívicas: Nossa delegação iniciou seus contactos com a gente azteca, depositando uma coroa de flôres no majestoso Monumento dos Heróis da Independência. Foi uma tocante solenidade que teve o condão de conquistar, desde logo, a simpatia geral para a nossa caravana.*

*Recepções: Na Embaixada do Brasil, fomos recebidos pelo snr. titular, Dr. Carlos Martins Thompson Flôres e pelos secretários Jorge Taunay, Nestor Santos Lima e Donato Denys. Em sua residência, o snr. Embaixador ainda ofereceu à nossa delegação uma suculenta feijoada, ocasião em que houve a maior e mais fraterna cordialidade. O Escritório Comercial do Brasil também ofereceu um chá a tôda a delegação. A Federação Mexicana de Futebol realizou uma seção extraordinária, com coquetel em homenagem à nossa gente e deu um almôço de despedida à chefia da delegação. Nas residências dos snrs. Pedro Vargas e Mário Saladini recebeu a chefia da delegação, respectivamente, almôço e jantar. E o casal Ramon Perida ofereceu a tôda a delegação uma linda festa, com show, bailados e opíparo almôço.*

*Conferências: Na televisão, a convite dos snr. Agustin Gonçalves, falou Vicente Feola sôbre ‘A Organização do Desporto no Brasil’.*

*Presentes recebidos: O snr. José Maria Mogillon Popi, proprietário de uma cadeira cativa de nosso Estádio, nos ofereceu um xadrês em marfim e um chapéu mexicano, de prata, com finos labores, estando ali gravado o calendário azteca”.<sup>134</sup>*

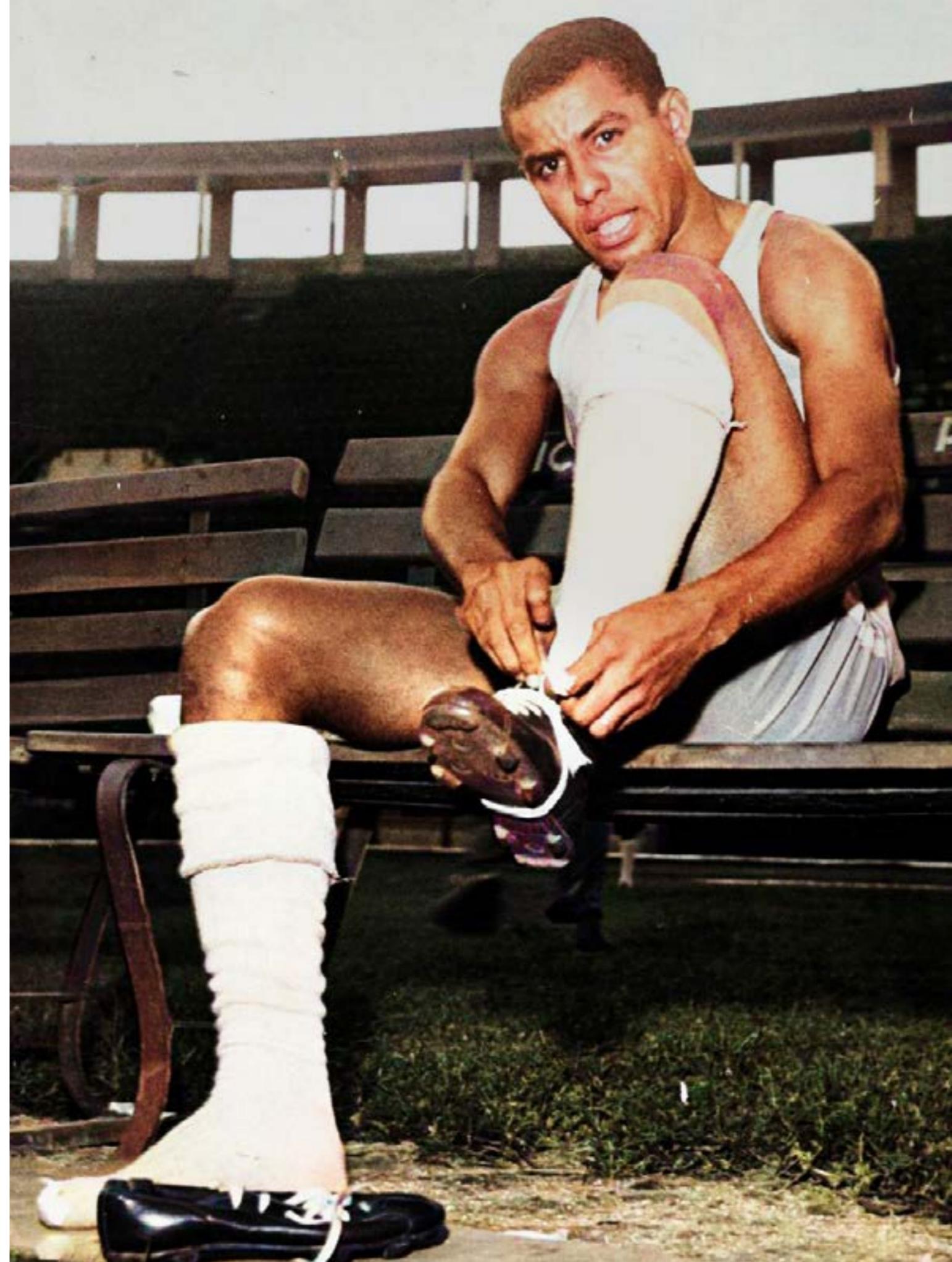
Finalizados os compromissos mexicanos, no dia 22 de junho os tricolores viajaram para a Colômbia, em voo da Azteca para o aeroporto de Las Playas (atual Olaya Herrera), em Medellín, com conexão novamente no Panamá.

A primeira partida do Tricolor em solo colombiano foi contra o campeão do país, o Atlético Nacional, no dia 25, e o time só não saiu derrotado do Estádio Atanásio Girardot graças a um gol de Canhoto aos 46 minutos do segundo tempo. Tudo bem que o segundo gol do time local também só saíra dois minutos antes! O placar final foi 2 a 2 (o primeiro tento dos visitantes foi marcado por Maurinho).

*“Dramatismo em los minutos finales: em forma milagrosa se escaparon los brasileiros de la derrota”.<sup>135</sup>*

No dia 29 de junho, no mesmo local do jogo anterior, o Tricolor encarou o Independiente Medellín e saiu com mais um empate, dessa vez por 1 a 1, e novamente com um gol marcado no finzinho da partida (Paraíba, aos 42 minutos). A recuperação veio no segundo confronto contra o Atlético Nacional, no dia 3 de julho, depois de um aguaceiro, e veio para mostrar que não havia dúvida de qual time era o melhor: Tricolor 3 a 0! Com dois gols de Paraíba e um de Canhoto.

134. Revista Tricolor, nº 48  
135. El Colombiano, 26 de junho de 1955  
Foto: Canhoto, no Pacaembu



*“Sao Paulo apabulló al Nacional: ante 13 mil espectadores cayó el campeón colombiano”.*<sup>136</sup>

Invicto em Medellín, o São Paulo partiu para a cidade de Cali onde, no dia 6 de julho, iria debater-se com o Boca Juniors... de Cali mesmo, não o de Buenos Aires (algumas publicações chegaram a cometer esse erro, anos depois). Paraíba, implacável mais uma vez, marcou o primeiro e Maurinho fechou o placar: 2 a 0 no Estádio Pascual Guerrero.

*“... que finalizo con la victoria justísima de los visitantes por dos goles a cero. Neta superioridad exhibieron los hombres del Sao Paulo, que confirmaron una vez más su poderio, su juego excelente y su gran estado atlético”.*<sup>137</sup>

A última peleja são-paulina na Colômbia foi em Bogotá, no dia 10 de julho, no famoso El Campín, e o guerreiro time paulista, em uma série cansativa de confrontos e enfrentando mais um gramado castigado pelas pesadas chuvas de horas antes da partida, mais uma vez não se rendeu e evitou a derrota diante do Millonarios, empatando o jogo nos minutos finais. Paraíba, aos 43 minutos, mais uma vez estufou as redes adversárias, deixando o placar em 2 a 2 – o primeiro gol tricolor veio com Maurinho, na primeira etapa.

Em um quadrimotor da Avianca, o Tricolor deixou a Colômbia, no dia 12 de julho, invicto, e destinou-se à Caracas, na Venezuela, onde teria pela frente a disputa da Pequena Copa do Mundo, como era informalmente conhecido o torneio amistoso da Copa General de Brigada Marcos Pérez Jiménez.

Essa competição, que sempre envolvia clubes europeus e sul-americanos, em especial, da Espanha, do Brasil e, claro, da Venezuela, era promovida pela Federación Venezolana de Fútbol, com o apoio de empresários locais e estrangeiros, e realizada desde 1952, primeiramente com o nome de Copa Coronel Marcos Pérez Jiménez.

Marcos Pérez Jiménez foi, como o adjetivo militar indica, chefe do exército venezuelano e participante do golpe de 1948, que, quatro anos depois, acabou levando-o à liderança provisória do poder executivo do país, sendo oficializado no posto pela junta armada em 1953.

Até a participação são-paulina, haviam sido vencedores do torneio o Real Madrid (derrotando o Botafogo), em 1952; o Millonarios (sobre o River Plate), em 1953; e o Corinthians (abatendo a Roma), também em 1953.

A edição de 1955 contaria com as presenças do Valência (campeão da Copa do Generalíssimo da Espanha de 1953/1954), do Benfica (detentor dos títulos do Campeonato e da Taça de Portugal de 1954/1955), e do local La Salle (recentemente vencedor da primeira divisão venezuelana de 1955).<sup>138</sup>

*“Llego el favorito: Sao Paulo. Viene de México y Colombia. Una derrota em diez juegos”.*<sup>139</sup>

Na capital venezuelana, a delegação se hospedou no Hotel del Comercio e foi recebida diretamente pelo embaixador brasileiro, Joaquim de Souza Leão Filho, na própria embaixada e, depois, na residência oficial, onde foi oferecido um coquetel.

O Instituto Nacional del Deporte também recepcionou a comitiva são-paulina. No Instituto, o Dr. Dalzell Freire Gaspar e o Vicente Feola gravaram conferências para o rádio sobre o tema “alimentação dos atletas”. Na televisão, Feola falou ainda sobre a organização esportiva no Brasil. Os são-paulinos também prestaram homenagem ao povo venezuelano referenciando e posando para fotos junto ao monumento do herói nacional, Simon Bolívar.

São ainda dignas de notas as gentilezas prestadas pelos casais Iribarren e Pereira de Freitas, com coquetel e jantar à chefia da delegação. Também a Colônia Portuguesa, da redação d’O Luzitano, ofereceu um coquetel com entrega de medalhas. E o Trio Marabá (conjunto musical), que também por ali excursionava, proporcionou momentos de descontração, oferecendo-os uma feijoada à brasileira.

Ao presidente venezuelano, Marcos Perez Jimenez, foi ofertada uma bandeira “com motivos brasileiros”, um escudo de ouro e uma flâmula de seda; ao embaixador do Brasil, Joaquim de Souza Leão Filho, um escudo de ouro; ao Tenente Coronel Frank Risgues Iribaren, um escudo de ouro; ao Instituto Nacional del Deporte, uma flâmula de seda.

O time se preparou para a série internacional treinando no campo do Loyola SC, virando a principal atração dos holofotes da mídia esportiva local,<sup>140</sup> que fornecia, diariamente, um perfil completo de cada um dos integrantes da comitiva brasileira, do goleiro ao técnico, incluindo até mesmo menções a Adhemar Ferreira da Silva, campeão olímpico.

O primeiro jogo do torneio, realizado no Estádio Olímpico da Cidade Universitária de Caracas (sede de todas as partidas do certame), foi entre os anfitriões do La Salle e o Tricolor. A partida teve o pontapé inicial dado pelo citado general-presidente, mas isso nem foi o ponto mais embaraçoso do jogo...

*“La Salle goleo a Sao Paulo 4-1”.*<sup>141</sup>

Sem justificativa ou desculpa alguma possível, o São Paulo perdeu fragorosamente a partida e a invencibilidade que vinha mantendo na série internacional desde o resultado contra o Toluca, no México.

*“Los Paulistas fracasaron: el equipo Sao Paulo no alcanzó a reeditar la brillante performance cumplida por el Corinthians. El público venezolano que há hecho favoritos sentimentales a los brasileños no pudo menos que demostrar su inconformidad ante la exhibición negligente y fria de los paulistas”.*<sup>141</sup>

O único jogador que teve algum destaque foi Paraíba, mais uma vez autor de um gol tricolor.

No jogo complementar da primeira rodada, entre os times europeus no dia 17 de julho, o Valencia levou a melhor sobre o Benfica, vencendo por 4 a 3. E abrindo a segunda rodada, La Salle e Valencia terminaram o jogo empatados por 1 a 1, no dia 19 de julho.

Com Turcão no lugar de Pé de Valsa e Gino na vaga de Canhotoeiro (recolocando Teixeira na ponta-esquerda), Feola rearmou a equipe para o jogo contra o Benfica, no dia 21 de julho. As mudanças, contudo, não deram muito certo contra o campeão português treinado por Otto Glória.

136. *El Tiempo*, 4 de junho de 1955

137. *El País*, 7 de julho de 1955

138. RSSSF

139. *La Esfera*, 13 de julho de 1955

140. *El Universal*, *La Esfera* & *Últimas Noticias*, julho de 1955

141. *La Esfera*, 17 de julho de 1955

“Sao Paulo y Benfica empataron a 0 en partido de bostezos por toneladas”.<sup>142</sup>

A decepção local com o time são-paulino era gritante. A imprensa passou a reproduzir uma tabela desatualizada de certa altura do Torneio Rio-São Paulo daquele ano, em que o clube estaria na última posição (como já dito, o time terminou em penúltimo), como forma de desqualificar o Tricolor. Além das comparações com o Corinthians, vencedor em 1953, e o Botafogo (que visitou o país em 1950), também o julgavam inferior ao Remo, do Pará, e ao Madureira, que excursionaram ao país em 1950 e 1952, respectivamente.<sup>143</sup>

De toda maneira, àquela altura, Valencia e La Salle lideravam a competição, com três pontos, enquanto Benfica e São Paulo possuíam apenas um ponto. Mas, no dia 23 de julho, o Benfica goleou o La Salle por 4 a 1, e alcançou a pontuação dos líderes, forçando o Tricolor a vencer o Valencia na partida seguinte, caso ainda quisesse algo de positivo desse torneio.

O São Paulo entendeu o recado e, no dia 24 de julho, com novidade no ataque (Lanzoninho no lugar de Paraíba), foi para cima do Valencia desde o começo de jogo. A pressão deu resultado e Dino Sani abriu o placar logo aos seis minutos com um chute potente e bem colocado no ângulo. O time espanhol reagiu mal, apelando a jogadas de violência desnecessária, que enervaram os tricolores, principalmente pelo fato do árbitro, Benito Jackson, ignorá-las. Isso, até os 30 minutos da primeira etapa, quando Sócrates ríspidamente acertou o ponta Maurinho, que reagiu com os punhos à agressão acertando Fuertes e dando início àquela tão tradicional confusão generalizada, que destinou sopapos até ao técnico valenciano, Carlos Iturraspe, pelo fato de ele ter derrubado ao chão o médico tricolor Dalzell Freire.<sup>144</sup>

*“Em la desenfadada carrera que el holandés Wilkes emprendió a la caza del fugitivo y veloz Maurinho, tropezó con una barrera de brasileños que le hicieron fracasar su objetivo”.*<sup>145</sup>

Após forças policiais entrarem em campo para forçar o famoso “deixa disso, deixa disso” de maneira também nada carinhosa (três fotógrafos foram espancados),<sup>146</sup> Fuertes e Maurinho foram expulsos. O jogo seguiu com os tricolores melhores em campo, dominando o cenário. Porém, aos 25 minutos do segundo tempo, Teixeira foi expulso pelo árbitro por falta em Puchades. O ponta são-paulino teve que deixar o campo acompanhado pela polícia, por discordar do juiz.

Nem com um jogador a menos o São Paulo se abateu. Na verdade, quase imediatamente foi para o ataque e, após uma bela tabela entre Dino e Lanzoninho, o primeiro arrematou para o gol sem chances para defesa do goleiro adversário. 2 a 1 para o Tricolor, que foi o placar final do jogo.

*“Sao Paulo destapo su dominio brasileño para derrotar merecidamente al Valencia por 2 a 0”.*<sup>145</sup>

E os espanhóis reconheceram a superioridade são-paulina em campo, fazendo também uma espécie de “mea-culpa” pela confusão: *“Debe olvidarse lo ocurrido: São Paulo jugo mejor”.*<sup>147</sup> Finalizada a primeira ronda, todos os quatro times estavam empatados em número de pontos: três.

O segundo turno começou com o São Paulo enfrentando o Benfica no dia 26 de julho e, jogando de maneira confiante e resoluta, por duas vezes chegou a por três gols de vantagem sobre os encarnados. Dino Sani abriu o placar aos 24 do primeiro tempo e ampliou, de falta, no primeiro minuto da segunda etapa. Maurinho, aos 12, pôs 3 a 0 no marcador. Então o Benfica descontou com Águas, aos 18 minutos. Vinte minutos depois, Teixeira ampliou e, quando parecia que estes seriam os números finais, Pegado, faltando três minutos para o fim do tempo regulamentar, diminuiu: São Paulo 4 x 2 Benfica. Uma belíssima vitória contra um time que lutou até o último minuto, mesmo em ampla desvantagem de gols.

*“Sao Paulo se empleó con cautela para derrotar al animoso Benfica”.*<sup>148</sup>

Por sua vez, o Valencia se recuperou e nem reconheceu o La Salle, goleando os venezuelanos por 4 a 0, no dia 28 de julho. Dois dias depois, foi a vez dos tricolores enfrentarem o time da casa. Com a goleada sofrida na primeira rodada entalada na garganta, o São Paulo buscava a revanche, e conseguiu.

*“São Paulo adelante: venció fácilmente a La Salle 3-1”.*<sup>149</sup>

Apesar de não ter alcançado o placar pretendido por causa do gol sofrido no finzinho da partida, os tentos de Lanzoninho, no primeiro tempo, e de Gino Orlando (duas vezes), no segundo tempo, serviriam para o Tricolor assumir a primeira colocação isolada do torneio, pois, no dia 31 de julho, o Benfica superou o Valencia por 2 a 1.

Com dois pontos a mais conquistados em relação aos europeus, bastaria ao São Paulo, então, um empate na última rodada, no dia 4 de agosto, na qual enfrentaria o time espanhol. Como o Benfica empatou com o La Salle no derradeiro jogo de ambos, apenas o Valencia, justamente, ameaçava a conquista tricolor.

Para tirar a taça do São Paulo, o Valencia precisava vencer para igualar os pontos conquistados, mas também por uma diferença mínima de dois gols para tornar o primeiro critério de desempate nulo (confronto direto entre ambos), pois no primeiro jogo os paulistas venceram por esse placar. Assim, o time espanhol ficaria à frente do Tricolor no número de “gol average” na campanha geral – o segundo critério de desempate.<sup>150</sup>

Sabedor de sua vantagem, o Mais Querido entrou em campo tranquilo e mais bem posicionado. O Valencia não se retrancou e foi ao ataque, o que deu espaço para Lanzoninho abrir o marcador, aos 13 minutos de jogo – conforme documentação do São Paulo. Curiosamente, o maior jornal esportivo do Brasil, A Gazeta Esportiva, que tinha um repórter destacado na delegação excursionista, relatou sucintamente que o tento havia sido marcado por Gino e não Lanzoninho. Pior, dubiamente, afirmou em certa passagem que o tento teria sido quase ao final da primeira etapa, e na ficha do jogo disse tê-lo ocorrido aos 20 minutos. A errata do lance foi publicada no periódico da edição do dia 6 de agosto.

Questões técnicas de lado, o Valencia, aos 37 minutos do segundo tempo, ainda conseguiu empatar o jogo. Contudo, o resultado insuficiente para os espanhóis se tornou a alegria dos brasileiros. *“Los jugadores brasileños están eufóricos com el triunfo”.*<sup>151</sup>

142. *El Nacional Deportes*, 22 de julho de 1955

143. *La Esfera*, 23 de julho de 1955

144. *La Esfera*, 25 e 26 de julho de 1955

145. *El Nacional*, 25 de julho de 1955

146. *A Gazeta Esportiva*, 2 de agosto de 1955

147. *Últimas Noticias*, 26 de julho de 1955

148. *La Esfera*, 27 de julho de 1955

149. *La Esfera*, 31 de julho de 1955

150. *La Voz de Galicia*, 4 de agosto de 1955

151. *La Esfera*, 5 de agosto de 1955



No fim, os venezuelanos tiveram que reconhecer a qualidade técnica do time são-paulino. Das mãos do presidente militar, Bauer, representando o Tricolor, recebeu<sup>152</sup> a “Pequena Copa do Mundo”, de ouro e prata, estimada em 400 mil cruzeiros, na época.<sup>153</sup>

Por falar em troféus, além da taça principal, a Copa General de Brigada Marcos Pérez Jiménez, o São Paulo também foi premiado com mais quatro bronzes: o Troféu Instituto Nacional de Desportos; o Troféu Ministro da Educação, o Troféu Colônia Portuguesa e o Troféu Federación Venezolana de Fútbol.<sup>154</sup>

A Gazeta Esportiva – desconsiderando os inúmeros erros encontrados na edição – ilustrou a conquista são-paulina com uma bela capa, estampada com a manchete “Êêêêêh, São Paulo: Lídim e brilhante campeão do Torneio Internacional de Caracas”.<sup>155</sup>

A estadia na Venezuela durou 27 dias. No dia 7 de agosto, os tricolores retornaram ao Brasil, com pernoite em Port of Spain (Trinidad e Tobago). No dia seguinte chegaram a Belém via PanAm e dali partiram para o Rio de Janeiro, onde o voo terminou às 18h40. Devido ao mau tempo, não regressaram para a capital paulista de avião. De trem, a delegação enfim chegou na Estação do Norte (Roosevelt) às 8h30 do dia 9 de agosto e foi recepcionada por uma grande multidão de torcedores mais do que satisfeitos com a campanha.

O comandante são-paulino na excursão, Feola, analisou positivamente o desempenho do time, esquecendo os tropeços: “Realmente o quadro jogou partidas magníficas, produzindo um futebol bonito, prático, objetivo. Recuperaram-se todos os jogadores, mas gostaria de lembrar, em particular, Bauer, Dino, Mauro, Maurinho e ainda uma vez esse estupendo Teixeira. Todos, no entanto, colaboraram eficazmente para o sucesso do clube”.<sup>155</sup>

Feola talvez só tenha cometido um pecado: esquecer-se de destacar Paraíba. Sebastião Thomaz de Aquino, seu nome verdadeiro, era um dos novatos da equipe são-paulina, tendo chegado ao clube pouco antes da excursão, em abril. Por indicação de Leônidas,<sup>156</sup> o atacante fora contratado junto ao Santa Cruz por 25 mil cruzeiros, mas os jornais venezuelanos afirmavam se tratar do atleta mais caro do elenco tricolor, tendo sido adquirido por um milhão de cruzeiros<sup>157</sup> – o que, de longe, não era verdade.

Estaria a comissão técnica tentando engabelar os locais, a fim de sobrevalorizá-lo e talvez negociá-lo? De toda forma, Paraíba foi o principal goleador são-paulino em todo o passeio, do México à Venezuela. Foram dez gols marcados, deixando para trás Dino Sani, com seis, e Maurinho, com cinco. Aliás, até os dias de publicação desse texto, Paraíba ainda é um dos principais artilheiros do São Paulo em partidas realizadas fora do Brasil, ocupando a sexta posição desse ranking, com esses dez tentos anotados. Apenas Gino Orlando (19), Prado (16), Canhoto (14), Benê (14) e Raí (13), balançaram redes estrangeiras mais vezes do que ele.

Em termos financeiros, a turnê também foi um sucesso. O clube havia firmado contrato que estabelecia uma cota mínima de Cr\$ 80.000,00 por jogo, livres de impostos (dos 18 jogos, 17 foram com esse patamar; um, não identificado, rendeu sozinho Cr\$ 420.000,00 ao Tricolor), e acabou gerando uma receita de Cr\$ 1.780.000,00. Desconsiderando as despesas, na casa de Cr\$ 663.016,80, a delegação obteve um superávit de Cr\$ 1.116.983,20.<sup>154</sup> O que, em valores corrigidos e atualizados, seria algo próximo de R\$ 586.566,89 nos dias atuais.<sup>158</sup>

152. A Gazeta Esportiva, 10 de agosto de 1955

153. A Gazeta Esportiva, 6 de agosto de 1955

154. A Gazeta Esportiva, 27 de setembro de 1955

155. A Gazeta Esportiva, 5 de agosto de 1955

156. A Gazeta Esportiva, 7 de maio de 1955



No fim das contas, o bom desempenho são-paulino foi inesperado e espantou até mesmo os integrantes da direção do clube. *“O de que estava precisando eram ares novos, era outra orientação, sob a batuta de outro maestro... Como tocados pela varinha mágica da compreensão, estão dando tudo o que sabem e o que podem para o lustre e o renome do seu clube”*.<sup>159</sup>

O órgão de imprensa oficial do São Paulo publicou essa indireta bem direta a Leônidas da Silva, que até a delegação são-paulina embarcar para o México, era o comandante técnico encarregado pelo elenco. O Diamante Negro estava, desde o final do Rio-São Paulo, em uma situação difícil no clube, prestes a ser demitido.

Por respeito a toda a sua história (ou receio de ir contra ela publicamente), contudo, a direção são-paulina resolveu enviar Feola à excursão, ainda que a desculpa oficial oferecida à imprensa pelo clube tenha sido que Leônidas não tinha obtido (ou não poderia obter) uma licença de seus afazeres como funcionário público do Estado de São Paulo.<sup>160</sup>

Leônidas foi pego desprevenido, e questionado pela imprensa, se manteve firme: *“Ainda sou o técnico do São Paulo e escalarei os jogadores que irão ao México”*.<sup>160</sup> Assim, Frederico Antônio Germano Menzen, presidente em exercício do Tricolor (Cícero se encontrava adoentado), concedeu ao ex-jogador uma folga remunerada de 30 dias.<sup>161</sup>

*“Nada há com Leônidas. Ele continua como técnico do Tricolor. Infelizmente não poderá o conhecido ‘crack’ do passado integrar a delegação do ‘Mais Querido’ na excursão ao México. É que segunda-feira última esgotou-se o prazo para a remessa da relação de nomes, para o México, dos valores que integrarão a embaixada do ‘Clube da Fé’. Como até aquele dia Leônidas não fez qualquer comunicação resolvemos conceder-lhe licença e tão logo o quadro retorne será ele entregue ao seu antigo treinador. O resto é pura balela”*, afirmara Frederico Menzen.<sup>160</sup>

157. Últimas Notícias, 13 de julho de 1955  
 158. Fundação de Economia e Estatística (IGP-DI, jan.2020)  
 159. Revista Tricolor, nº 46  
 160. Correio Paulistano, 25 de maio de 1955  
 161. A Gazeta Esportiva, 24 de maio de 1955

O Diamante Negro alegava que, por força de contrato, somente ele poderia escalar a equipe do São Paulo, e que a atitude poderia representar uma quebra unilateral do acordo e multa no valor de 280 mil cruzeiros em seu favor.<sup>160</sup>

Com a viagem, a decisão de demitir o treinador ficou em “banho-maria”. Isto até a delegação deixar o México e embarcar para a Colômbia. Terminado o mês sabático imposto a Leônidas, ele queria voltar ao comando, viajar e encontrar-se com a delegação.

A partir desse ponto, o relato se baseia em atas do Conselho Deliberativo do São Paulo, que tem escrito que Leônidas ofendera o presidente em exercício, Frederico Menzen, nos jornais da capital (se o fez, não foram localizadas essas edições) e, por isso, o órgão máximo do clube se reuniu, no dia 28 de junho, para votar um pedido de expulsão de Leônidas do quadro de sócios, e decorrente demissão do de funcionários.

Consta do registro que Leônidas apresentou ali sua defesa, embora nem a acusação nem a escusa sejam detalhadas. No fim, o Conselho decidiu, por sugestão do próprio Menzen, pela advertência e suspensão dos benefícios sociais por 90 dias.<sup>162</sup>

Desta maneira, Leônidas seguiu instruindo o restante do elenco, de reservas e aspirantes, em amistosos e jogos-treino na capital paulista. Todavia, o tempo passou e o desempenho dos são-paulinos no exterior foi tão bom que Leônidas jamais voltou a assumir o comando do time principal. Algum tempo mais tarde, o craque passou a figurar com destaque em outra fileira: a da imprensa esportiva, retomando a carreira de comentarista na Rádio Pan-Americana. Bem-sucedido, venceria o tradicional prêmio Roquete Pinto da categoria sete vezes.

E, Vicente Feola, que se manteve no cargo, terminou a temporada levando o Tricolor a um desempenho razoável no Campeonato Paulista. Sem reforços de peso no segundo semestre, o treinador não conseguiu levar o São Paulo além da terceira posição da tabela final de classificação. E isso ainda foi um feito considerável, visto que os tricolores terminaram apenas a dois pontos do campeão, o Santos, e a um do vice, o Corinthians.

Na realidade, o ponto nevrálgico do time, nesse Paulistão, foi o fato de não ter conseguido vencer clássicos como o esperado: o São Paulo venceu apenas um, de seis: contra o Santos, por 3 a 1, no dia 27 de novembro. No primeiro turno, foram três derrotas: Palmeiras, por 2 a 0, no dia 4 de setembro; Santos, por 3 a 1, três dias depois; e Corinthians, por 3 a 2, no dia 2 de outubro. Completaram os resultados o 1 a 1 do dia 11 de dezembro contra o time do Parque São Jorge e o 2 a 2 contra o time do Parque Antártica. Exceção feita à derrota para o Santos em setembro, na Vila Belmiro, todas as partidas foram no Pacaembu.

Uma vitória a mais, em qualquer um desses jogos, e tudo poderia ter sido diferente.

Feola, porém, teria sucesso na estruturação do novo time são-paulino e, em três anos, ele acabaria, de certo modo, promovido: comandando a Seleção Brasileira na conquista da primeira Copa do Mundo. Mas isso é história para capítulos à frente.

162. A Gazeta Esportiva, 29 de junho de 1955

## ERGUENDO O COLOSSO

Muitas solenidades marcaram o ano de 1956 para os são-paulinos. A primeira, no dia 24 de janeiro, certamente foi a mais importante delas. Nessa data, o Conselho Deliberativo do São Paulo batizou oficialmente, e por unanimidade, o Morumbi: Estádio Cícero Pompeu de Toledo. Homenagem ao grande idealizador.

*“O Tricolor tem, em suas fileiras, em sua estrutura administrativa de duas décadas, uma plêiade admirável de grandes dirigentes, cuja vida foi e é um exemplo de esportividade e de amor às nossas cores. No entanto, a expressão maior dessa abnegação, o pico mais alto e iluminado dessa majestosa cordilheira é, nítida e inegavelmente, Cícero Pompeu de Toledo, o excelente cidadão que, reeleito tantas vezes para o difícil e melindroso cargo de Presidente de Diretoria, se tem imposto à admiração de todos, pelos seus métodos extraordinários de governo, pela ímpar generosidade na assistências aos problemas angustiantes do Clube e pela sua desmedida, corajosa e eficiente atitude no enfrentar as mais difíceis conjunturas desta conturbada época do futebol profissional. Mas não é só: Cícero Pompeu de Toledo é o gigante que está carregando o Tricolor para as alturas de um progresso incoercível, deslumbrante e descomunal, com a edificação do Estádio no rico bairro do Jardim Leonor, patrimônio milionário que, de sobejo, garantirá a esplendente perpetuidade do ‘Clube da Fé’”.*<sup>163</sup>

Algo pouco documentado, mas coletado pelo Arquivo Histórico do São Paulo por meio de entrevistas com associados do período, é que, antes da mencionada reunião do Conselho, o nome de Cícero não era unanimidade para batizar o estádio tricolor. Foi relatado<sup>164</sup> que um dos principais nomes contrários ao ato era Luiz Cássio dos Santos Werneck, um dos grandes responsáveis pela aquisição do terreno no Morumbi. É dito que apoiava nomenclaturas que valorizassem as origens e tradições do Estado de São Paulo, como Estádio Nove de Julho, ou Estádio dos Bandeirantes.

Se isso era verdade, não sabe, não por papéis. Mas um forte indício da autenticidade dessa discordância é o fato de que Luiz Cássio não esteve na reunião do dia 24, que definiu o nome do estádio são-paulino, tendo justificado ausência em ata (que não registra o motivo).

No dia seguinte, aniversário do São Paulo Futebol Clube, ônibus da CMTC partindo da sede na Avenida Ipiranga, e ao custo de quatro cruzeiros a passagem, levaram sócios e torcedores em geral ao Morumbi, onde se celebrou, a partir das nove horas, a Festa do Jequitibá. Nessa cerimônia, apinhada de personalidades esportivas, políticas e midiáticas em geral (do presidente da Câmara Municipal, Elias Shammás, passando pelo prefeito Juvenal Lino de Matos, até o cônsul dos Estados Unidos no Brasil, Richard Butrick), foi plantada uma árvore em terra provinda de municípios do Estado – 435 cidades –, representando assim a união do povo paulista pela construção do futuro estádio, forte e duradouro como o Jequitibá.

*“Árvore que não se verga e que enfrenta galhardamente toda a sorte de intempérie é bem o símbolo da família bandeirante”.*<sup>165</sup>

Dos 435 municípios citados como contribuintes para o evento, são conhecidos 303:<sup>166</sup>

Águas da Prata, Águas de Lindoia, Águas de São Pedro, Agudos, Alfredo Marcondes, Alto Alegre, Álvares Florence, Álvares Machado, Americana, Amparo, Andradina, Angatuba, Anhembi, Anhumas, Aparecida, Araçoiaba da Serra, Araras, Arealva, Ariranha, Arthur Nogueira, Assis, Atibaia, Aurifluma, Avanhandava, Avaré, Balbinos, Bálsamo, Barra Bonita, Barretos, Barrinha, Barueri, Bastos, Batatais, Bebedouro, Birigui, Boa Esperança do Sul, Boituva, Bragança Paulista, Braúna, Buri, Buritama, Buritzal, Cabreúva, Caçapava, Cachoeira Paulista, Cafelândia, Caiabu, Caiuá, Cajobi, Cajuru, Campos Novos Paulista, Cananeia, Cândido Mota, Capão Bonito, Caraguatatuba, Cardoso, Castilho, Cerqueira César, Charqueada, Clementina, Conchal, Conchas, Coroados, Corumbataí, Cosmorama, Cotia, Cunha, Descalvados, Divinolândia, Dourado, Eldorado, Estrela do Oeste, Fartura, Fernandópolis, Ferraz de Vasconcellos, Flora Rica, Florínia, Gastão Vidigal, General Salgado, Glicério, Guaçara, Guaíra, Guapiaçu, Guapiara, Guará, Guararapes, Guararema, Guareí, Guariba, Guarujá, Guarulhos, Herculândia, Ibaté, Ibirá, Ibirarema, Ibitinga, Ibiúna, Icém, Iepê, Igarçu do Tietê, Igaratá, Indaiatuba, Indiana, Indiaporã, Iporanga, Iracemápolis, Irapuã, Irapuru, Itaí, Itaju, Itanhaém, Itapeverica da Serra, Itapira, Itápolis, Itaquaquecetuba, Itararé, Itariri, Itatiba, Itatinga, Itirapina, Itirapóã, Itu, Ituverava, Jaborandi, Jacareí, Jacupiranga, Jaguariúna, Jales, Jembeiro, Jardinópolis, Jarínú, Joanópolis, José Bonifácio, Júlio de Mesquita, Jundiá, Juiú, Lagoinha, Laranjal Paulista, Lavínia, Lavrinhas, Leme, Limeira, Lins, Lucélia, Lucianópolis, Lupércio, Macatuba, Magda, Mairiporã, Marabá Paulista, Maracá, Mariápolis, Martinópolis, Mauá, Miguelópolis, Mineiros do Tietê, Miracatu, Mirandópolis, Mirante do Paranapanema, Mogi das Cruzes, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Monte Alto, Monte Azul Paulista, Monte Castelo, Monte Mor, Morro Agudo, Murutinga do sul, Natividade da Serra, Neves Paulista, Nipoã, Nova Granada, Óleo, Olímpia, Oriente, Orlandia, Oscar Bressane, Oswaldo Cruz, Ouro Verde, Pacaembu, Palestina, Panorama, Paraguaçu Paulista, Paraibuna, Paraíso, Paranapanema, Pariquera-Açu, Paulicéia, Paulo de Faria, Pederneiras, Pedregulho, Pedreira, Pedro de Toledo, Pereira Barreto, Pereiras, Piacatu, Piedade, Pindamonhangaba, Pinhal, Piquerobi, Piquete, Piracicaba, Piraju, Pirajuí, Pirangi, Pirapozinho, Pirassununga, Piratininga, Pitangueiras, Planaltina, Planalto, Poá, Poloni, Pongá, Pontal, Porto Feliz, Porto Ferreira, Potirendaba, Presidente Alves, Presidente Prudente, Promissão, Queluz, Quintana, Rancharia, Regente Feijó, Reginópolis, Registro, Ribeira, Ribeirão Bonito, Ribeirão Branco, Ribeirão Pires, Ribeirão Preto, Ribeirão Vermelho do Sul, Rifaina, Rinópolis, Rio das Pedras, Riolândia, Sabino, Salto, Salto de Pirapora, Santa Adélia, Santa Bárbara d'Oeste, Santa Bárbara do Rio Pardo, Santa Branca, Santa Cruz das Palmeiras, Santa Cruz do Rio Pardo, Santa Fé do Sul, Santa Mercedes, Santa Rita do Passa Quatro, Santa Rosa do Viterbo, Santana do Parnaíba, Santo Anastácio, Santo André, Santo Antônio da Posse, Santo Antônio do Jardim, Santos, São Bento do Sapucaí, São Carlos, São Joaquim da Barra, São José da Bela Vista, São José do Barreiro, São José do Rio Pardo, São José do Rio Preto, São José dos Campos, São Luiz do Paraitinga, São Manoel, São Miguel Arcanjo, São Pedro do Turvo, São Roque, São Sebastião, São Sebastião da Gramma, São Simão, São Vicente, Sarapuí, Serra Negra, Serrana, Sertãozinho, Severina, Silveiras, Socorro, Sumaré, Suzano, Taiaçu, Taiuvá, Tambaú, Tanabi, Tapira, Tapiratiba, Taquarituba, Terra Roxa, Timburi, Torrinha, Tupã, Tupi Paulista, Ubirajara, Uru, Urupês, Valinhos, Vargem Grande do Sul, Vera Cruz, Vinhedo, Votuporanga, Xavantes.

Contudo, quis o destino (ou apenas pela ingerência ou falta de planejamento) que tal árvore não durasse muito tempo. Com o avançar das obras de construção das rampas para o acesso às arquibancadas pela Avenida Jules Rimet, o Jequitibá teve que ser retirado, sendo desconhecido o paradeiro final dele.

163. Revista Tricolor, nº 49

164. Jerson da Costa Ramos, ex-funcionário do Arquivo

165. Correio Paulistano, 25 de janeiro de 1956

166. A Gazeta Esportiva, 18 de novembro de 1955





Se em abril de 1956, os dirigentes ainda prometiam que talvez em junho os jogadores são-paulinos já pudessem treinar no Morumbi,<sup>167</sup> chegado esse mês, o gramado ainda estava indisponível. Ele teve que ser refeito em seu plantio. *“Corrigidas as falhas de plantio determinadas pela pressa (natural) de uma semi-inauguração, o gramado já agora é um tapete verde. Dentro de seis meses (se não antes, por favor) poderá o São Paulo treinar no seu próprio campo com a certeza de que não teremos ali, se houver cuidado e proporção, uma repetição do ocorrido com o Pacaembu, hoje tudo menos um gramado para a prática do futebol”*.<sup>168</sup>

Em compensação, a visão dos degraus de arquibancada sendo construídos e subindo em direção ao azul do céu era uma cena realmente linda e animadora. As colunas de concreto e ferro, chamados tubulões, semiconstruídas à altura de uma pessoa em quase todo o arredor do campo, junto dos suportes de estacas de madeira apontando para o alto na “fatia” inicial das arquibancadas completava o empolgante cenário. Sim, o estádio surgiria ali!

Àquela altura, as obras do portão monumental e dos vestiários já haviam começado, e a pista de atletismo bem adiantada, com as duas retas laterais finalizadas e com os tanques de areia para saltos em fase de acabamento. Sobre os vestiários, aliás, como curiosidade vale dizer que a área onde se localiza hoje o principal, destinado ao São Paulo, seria cedido para os visitantes, e vice-versa, sendo isso trocado em maio de 1957.<sup>169</sup>

Estavam envolvidos, até então, cerca de 300 operários em todas as etapas da construção, sendo 250 da Civilsan, 40 da Engenharia de Fundações, e outros 10 da firma de estaqueamento Benacchio.<sup>170</sup>

Ao mesmo tempo, a diretoria lançava edital a empresas para o fornecimento e instalação dos bancos para os setores de cadeiras cativas,<sup>168</sup> como também acompanhava o andamento das instalações elétricas e hidráulicas, sob responsabilidades do engenheiro eletricista João Paulo Souza e do engenheiro civil Júlio Cerqueira Cezar, que foram definidas em contrato com a Sociedade Comercial e Instaladora Scil Ltda no dia 19 de janeiro de 1956, ao valor de total de Cr\$ 1.255.104,60 (Cr\$ 490.000,00 referente à parte elétrica e Cr\$ 765.104,60 referente à hidráulica). Como o prazo de entrega era de 250 dias após a assinatura, ainda estavam dentro dos conformes.

O São Paulo, como esperado, na verdade, acompanhava de perto toda a movimentação no canteiro de obra, mas também no caixa do clube e, costumeiramente, divulgava balanços de suas contas. Em documento da Comissão Pró-Estádio, datado de 23 de agosto de 1956 e assinado por Cícero Pompeu de Toledo, Amador Aguiar e Laudo Natel, é afirmado que até a data de 31 de julho de 1956, o São Paulo havia despendido Cr\$ 56.054.599,90 (R\$ 33.668.278,96)<sup>171</sup> em toda a construção, abaixo enumeradas:

Bens imóveis – Terreno: Cr\$ 2.330.094,10  
Drenagem, Galeria, Arquibancadas e Outros: Cr\$ 24.775.633,00  
Fundações, Terraplanagem e Ligações de Blocos: Cr\$ 17.226.973,20  
Conta do Arquiteto João Vilanova Artigas: Cr\$ 1.968.809,10  
Maquetes, Projetos, Cartórios, e outras despesas: Cr\$ 12.083.184,60

Ao passo que arrecadara Cr\$ 58.872.050,20 (R\$ 35.360.534,42),<sup>171</sup> assim descritos:

Doações: Cr\$ 900,00  
Cadeiras Cativas: Cr\$ 52.029.000,00  
Concessão de exploração de bares e propaganda: Cr\$ 6.700.000,00  
Campanha de Fundos: Cr\$ 50.020,00  
Juros e Descontos: Cr\$ 92.130,20

Restando em caixa e em bancos, então, a quantia de Cr\$ 487.356,20 (R\$ 292.722,53).<sup>172</sup>

Ou seja, nas primeiras fases das obras, a conta do Morumbi era positiva, e talvez por isso mesmo, o time de futebol do São Paulo tenha se mantido competitivo naquele período, sendo Campeão Paulista de 1953 e, furando um pouco a história aqui, de 1957. Por si mesmos, os gastos do departamento profissional já eram absurdos, quase sempre gerando déficits, compensados por outras arrecadações (ou nem isso).

#### RECEITAS – DESPESAS – RESULTADO DO FUTEBOL PROFISSIONAL – ATUALIZAÇÃO<sup>172</sup>

1951	Cr\$ 6.597.622,60	Cr\$ 5.874.573,20	Cr\$ 723.049,40	R\$ 957.521,86
1952	Cr\$ 7.363.914,60	Cr\$ 8.494.423,20	(Cr\$ 1.130.508,60)	(R\$ 1.318.700,47)
1953	Cr\$ 7.996.461,90	Cr\$ 8.728.713,80	(Cr\$ 732.251,90)	(R\$ 716.740,97)
1954	Cr\$ 8.840.019,60	Cr\$ 10.000.932,00	(Cr\$ 1.160.912,40)	(R\$ 898.146,56)
1955	Cr\$ 6.272.311,30	Cr\$ 7.902.090,20	(Cr\$ 1.629.778,90)	(R\$ 1.110.129,26)
1956	Cr\$ 11.883.770,80	Cr\$ 9.051.974,50	Cr\$ 2.831.796,30	R\$ 1.547.595,89
1957	Cr\$ 14.413.621,00	Cr\$ 17.401.733,50	(Cr\$ 2.988.112,50)	(R\$ 1.543.297,06)
1958	Cr\$ 13.674.501,60	Cr\$ 15.850.295,80	(Cr\$ 2.175.794,20)	(R\$ 900.981,54)
1959	Cr\$ 23.488.855,80	Cr\$ 22.563.591,40	Cr\$ 925.264,40	R\$ 275.234,42
1960	Cr\$ 41.626.219,20	Cr\$ 36.501.465,80	Cr\$ 5.124.753,40	R\$ 1.177.805,70

#### RECEITAS – DESPESAS – RESULTADOS DO CLUBE NO GERAL – ATUALIZAÇÃO<sup>172</sup>

1951	Cr\$ 10.427.059,87	Cr\$ 10.565.875,30	(Cr\$ 138.815,43)	(R\$ 183.830,88)
1952	Cr\$ 11.570.109,00	Cr\$ 13.612.191,10	(Cr\$ 2.042.082,10)	(R\$ 2.382.020,47)
1953	Cr\$ 13.329.442,30	Cr\$ 14.703.452,00	(Cr\$ 1.374.009,70)	(R\$ 1.344.904,72)
1954	Cr\$ 16.116.381,40	Cr\$ 17.775.349,00	(Cr\$ 1.658.967,60)	(R\$ 1.283.469,83)
1955	Cr\$ 12.574.508,10	Cr\$ 14.408.420,60	(Cr\$ 1.833.912,50)	(R\$ 1.249.175,54)
1956	Cr\$ 17.880.000,60	Cr\$ 15.166.554,90	Cr\$ 2.713.445,70	R\$ 1.482.916,48
1957	Cr\$ 21.866.544,40	Cr\$ 25.882.883,90	(Cr\$ 4.016.339,50)	(R\$ 2.074.354,61)
1958	Cr\$ 19.318.485,40	Cr\$ 24.992.325,90	(Cr\$ 5.673.840,50)	(R\$ 2.349.498,66)
1959	Cr\$ 31.042.201,50	Cr\$ 31.689.745,70	(Cr\$ 647.544,20)	(R\$ 192.622,19)
1960	Cr\$ 50.054.379,70	Cr\$ 47.626.945,20	Cr\$ 2.427.434,50	R\$ 557.889,52

Natel, porém, gostava de enfatizar que as contas do São Paulo (e do departamento de futebol) e as contas da Comissão Pró-Estádio eram coisas distintas – e de fato, juridicamente, eram.

*“A construção do Estádio e o Departamento de Futebol são autônomos, sendo dois setores distintos, financeiramente. As finanças de um não interferem absolutamente com as de outro. O estádio vem sendo erguido a base de cadeiras cativas, exclusivamente. E vai bem, posso lhe assegurar, conforme a imprensa pode verificar”*.<sup>173</sup>

167. A Gazeta Esportiva, 2 de abril de 1956  
168. A Gazeta Esportiva, 27 de junho de 1956  
169. Comissão Pró-Estádio, 8 de maio de 1957  
170. Comissão Pró-Estádio, 25 de agosto de 1956  
171. Fundação de Economia e Estatística (IGP-DI, jan.2020)

172. Fundação de Economia e Estatística (IGP-DI, jan.2020)  
173. A Gazeta Esportiva, 12 de junho de 1956

Porém, sabe-se que, na prática, quando o calo apertava, recursos do clube eram destinados ao estádio – e nunca o contrário.

*“E todos sabem o regime de compressão de despesas que o Tricolor está empreendendo: Primeiro o Estádio. Não é um ‘slogan’, mas poderia sê-lo, desde que a alta direção sampaulina, tendo arregaçado as mangas, tendo que enfrentar problemas inúmeros de ordem financeira, em boa hora compreendeu a necessidade de criar algo seu, que seja a própria imagem do clube. O gigante do Morumbi vai se levantando. Aos poucos, é verdade, mas dia virá em que a torcida do Canindé poderá bater no peito orgulhosamente e gritar a plenos pulmões: Nós possuímos o maior estádio do mundo! E com o estádio, forçosamente, virá o período das ‘vacas gordas’... As vitórias ou derrotas de quadros de futebol são passageiras. O estádio do São Paulo será eterno”.*<sup>174</sup>

Com o relatório financeiro em mãos, e acreditando que tudo era motivo de festejo e, claro, de publicidade gratuita, a diretoria resolveu promover um grande evento. No dia 25 de agosto, o São Paulo inaugurou o gramado (do tipo Batatais, elaborado pelo engenheiro Hermes Moreira de Souza, do Instituto Agrônomo de Campinas), com festa e churrasco oferecidos à imprensa.

Mas inauguração do gramado é modo de dizer. Foi tudo somente para às vistas, de longe. Ninguém pisou nele. Ainda assim, compensou. A paisagem era bela.

*“Hoje, às 12,30 horas*

*... ‘Convidamos V. S. para o churrasco a realizar-se no dia 25 deste, às 12 h. e 30 m., em nossa praça de esportes, ora em construção, no Jardim Leonor’. E vem a assinatura regulamentar: Cícero Pompeu de Toledo, Presidente do São Paulo F. C.*

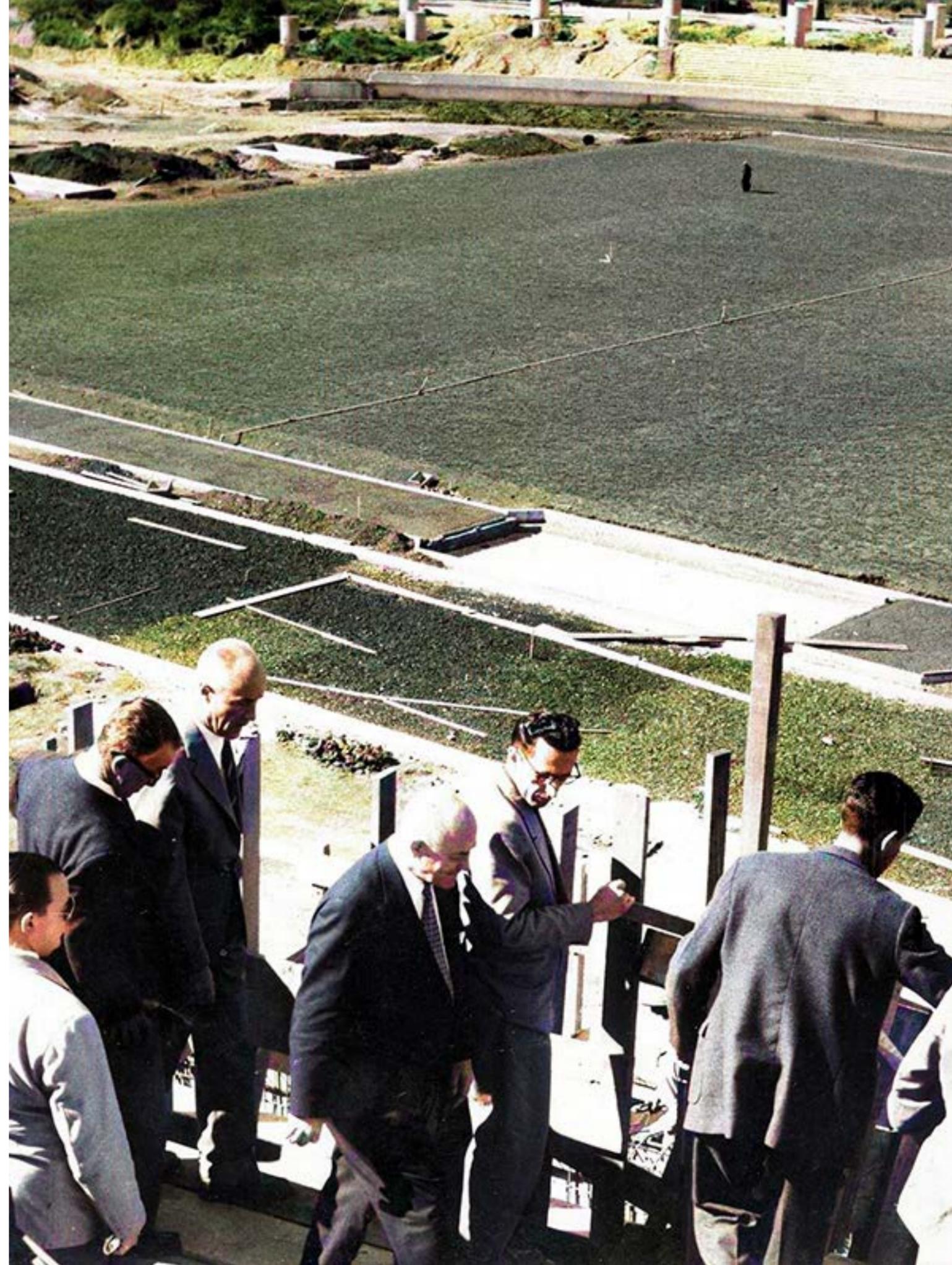
*Um convite. Um churrasco. Um nome. Tudo tão simples e cotidiano! Entretanto, leitor, é preciso salientar para o que está atrás disso. Atrás disso está um gigante arquitetônico-esportivo, está a realização do sonho mais bonito que os tricolores acalentaram até hoje, está o dinamismo fabuloso de um pugilo de denodados batalhadores, até o próprio futuro do futebol bandeirante, já que o Pacaembu não mais comporta – está é a grande verdade – a massa de afeiçoados que para ele acorrem, a cada choque que o tem por palco.*

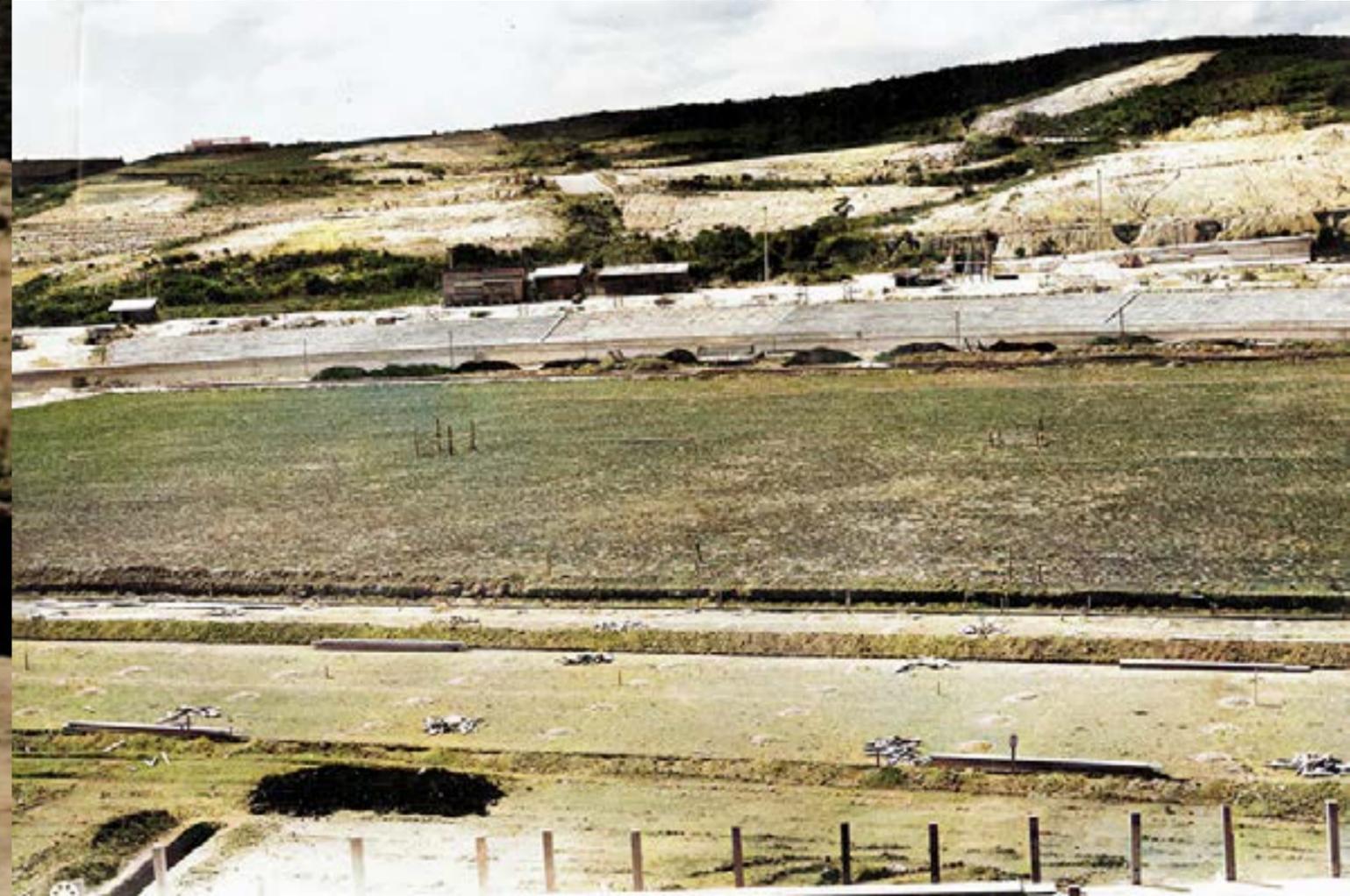
*À primeira vista, é apenas um cartão, com o distintivo sampaulino lá no topo. Mas acontece que nesse cartão está a síntese magnífica da memorável batalha que os próceres do ‘Mais Querido’ souberam travar no instante oportuno, está a história do resultado desse combate fabuloso: vitória absoluta dos que o iniciaram e dos que o levaram a termo... Um monumento que passa a ser histórico, antes mesmo da História ser escrita!”*<sup>175</sup>

As belas palavras do jornal A Gazeta Esportiva se cristalizaram em chapa metálica instalada em uma das novas colunas do futuro estádio. Nela está inscrito: “A Gazeta Esportiva, que sempre acreditou nesta realização, orgulho de São Paulo e do Brasil, saúda o glorioso São Paulo F. C. 25-8-1956”. Tal recordação hoje é exibida no Memorial Luiz Cássio dos Santos Werneck, no Morumbi.

Diretores de outros veículos de comunicação também lá estiveram e todos fizeram questão de expressar a admiração e o espanto pelo porte daquilo que crescia no Morumbi. Luiz Heredia, do Última Hora afirmou:

174. Mundo Esportivo, 29 de abril de 1956  
175. A Gazeta Esportiva, 25 de agosto de 1956







*“É uma monstruosidade o que o São Paulo está fazendo. Entidade particular, sem qualquer auxílio oficial, está dando um exemplo digno de ser imitado. Fantástico este estádio e acima de tudo de linhas belíssimas”.*<sup>176</sup>

Murilo Leite, da Rádio Bandeirantes, também disse exclamado: *“É qualquer coisa de notável o que o São Paulo está fazendo. E tenho certeza absoluta de que proximamente teremos jogos de futebol nesta maravilha. É um empreendimento que entusiasma qualquer um”.*<sup>176</sup>

Paulo Machado de Carvalho, ex-presidente do Tricolor, mas ali representante das Emissoras Unidas, também se surpreendeu: *“Eu, sinceramente, não acreditava (que) fosse possível a construção de um estádio de tão grandes proporções por um clube simplesmente”.*<sup>176</sup>

Foi justamente nessa época, com tantos eventos que chamavam a atenção do público, que o apelido “Estádio do Morumbi” começou a se tornar mais popular que a versão até então também bem recorrente: “Estádio do Jardim Leonor”, a gleba da qual a área são-paulina foi extraída das posses da Imobiliária Aricanduva. Atualmente, pelas demarcações oficiais do Município, entretanto, o lote oficialmente com este nome é nas vizinhanças e o Estádio sempre se manteve dentro dos limites do bairro do Morumbi.

E, aproveitando que o assunto é cidade de São Paulo, é preciso elucidar alguns fatos que ocorreram a partir da saída de Jânio Quadros do cargo de prefeito municipal. Ele, sempre um ferrenho opositor a qualquer proposta esportiva sugerida pelo Tricolor (ver o primeiro volume dessa coleção sobre o Canindé e o Ibirapuera), ocupava a principal cadeira da cidade desde 8 de abril de 1953, como representante do Partido Democrata Cristão - PDC, mas em 1954, exatamente no dia 3 de outubro, ele iria concorrer ao cargo de governador do Estado pelo Partido Trabalhista Nacional - PTN.

O vice de Jânio no mandato municipal era o são-paulino José Porphyrio da Paz, que foi eleito para a posição de maneira independente, na eleição de 22 de março de 1953, com 244.814 votos (praticamente 65% dos votos válidos), enquanto concorria também pela coligação PDC-PSB<sup>177</sup> (antes desse pleito, Porphyrio era do Partido Trabalhista Brasileiro - PTB).

Desta maneira, para cumprir as disposições legais do regime orgânico da época, Jânio tinha que se ausentar da Prefeitura a cada oito dias, cujas responsabilidades caíam então nas mãos de Porphyrio até que, no nono dia, Jânio assumia novamente, mas apenas por 24 horas!

Esse sistema absurdo perdurou de 7 de julho de 1954 ao dia 17 de janeiro de 1955, quando, depois de eleito governador, Jânio se manteve no cargo municipal até a data final do mandato, 31 de janeiro de 1955.

Tudo isso apenas para dizer que, enquanto Porphyrio foi vice-prefeito ou prefeito municipal, ele não fez nada legal - e muito menos ilegal - em favor do São Paulo Futebol Clube e da construção do Morumbi. Primeiramente, por seu caráter e índole, e secundariamente, também, porque não tinha poder para tal. Na prática, mesmo afastado quase que semanalmente, Jânio era o Prefeito de São Paulo, e sempre que no cargo, poderia desfazer qualquer medida que fosse tomada por Porphyrio, especialmente aquelas que fossem contra suas convicções - e tudo leva a crer que o Tricolor se enquadrava nesse campo.

176. *A Gazeta Esportiva*, 28 de junho de 1956  
177. *Correio Paulistano*, 14 de março de 1953

Basta lembrar os inúmeros atrasos nos primeiros estágios do assentamento são-paulino no novo bairro: as plantas e alvarás sempre postergados, e o relapso na canalização do Córrego Antonico, um dever municipal negligenciado até os dias de hoje.

No dia 31 de janeiro de 1955, Jânio Quadros tomou posse como governador do Estado de São Paulo e, mais uma vez, Porphyrio da Paz seguiu como seu vice. Ele também havia sido eleito, de maneira independente, vice-governador estadual, agora pelo Partido Trabalhista Nacional - PTN (número 191), com 658.132 votos (36,23% dos válidos).

Ou seja, a situação da relação de ambos com o Tricolor continuou a mesma, agora em outra esfera. E parafraseando o ditado popular, se Jânio não ajudava, Porphyrio ao menos não deixava ele atrapalhar.

A questão que se alterou, para o São Paulo, foi com o poder público municipal a partir de junho de 1955, quando o senador Juvenal Lino de Matos assumiu a Prefeitura. Com maior boa vontade que o anterior, o novo gestor enfim atendeu a um pedido são-paulino: mandou o encarregado da área, Arthur Etzel, arborizar às ruas e praças nos arredores do Estádio do Morumbi.<sup>178</sup> Ou seja, nada mais do que o seu dever.

De toda maneira, as relações do Tricolor com o Município melhoraram, tanto que, quando quem já estava no poder era Vladimir de Toledo Piza (depois de renúncia de Lino, que voltou ao Senado Federal), o São Paulo foi, enfim, ofertado com algo que pleiteava há tempos: isonomia, equidade em relação aos demais clubes da cidade.

Em 31 de outubro de 1956, a Prefeitura de São Paulo promulgou a lei nº 5.073 a qual concedia auxílio de até Cr\$ 10.000.000,00 em apólices da dívida pública (com juros de 8% ao ano) às obras do Estádio do Morumbi. Com o decreto 3.401 de 18 de dezembro de 1956, o limite estipulado chegou à Cr\$ 12.500.000,00, com 12.500 apólices ao portador no valor de Cr\$ 1.000 cada.

Esses títulos foram negociados na bolsa de valores pelo corretor oficial da Prefeitura, Francisco Eugênio Ferraz Filho, e renderam um valor líquido de Cr\$ 5.473.000,00 ao clube, sendo o montante registrado em seu livro caixa diário sob o nome do Decreto nº 3.401 de 18 de dezembro de 1956 da Prefeitura de São Paulo.

A quantia, de toda maneira, era ínfima perto do dispendido pelo Tricolor durante todo o processo de construção de seu estádio, até ali (e ainda mais irrisório se contabilizado, como há de ser visto capítulos à frente, até a conclusão das obras, em 1970)

Mas o mais importante a ressaltar é que essa ação não teve validade somente para um único clube, o São Paulo. A lei de 5.066 de 22 de outubro do mesmo ano valida essa informação, ao promulgar o mesmo auxílio ao Corinthians (sob Decreto nº 3374, de 5 de dezembro de 1956).

Na verdade, todos os clubes grandes da capital foram agraciados por medidas idênticas (Palmeiras<sup>179</sup>, Ypiranga, até o pequeno Comercial), e o São Paulo não foi o primeiro!

Mas foi o único a fazer bom uso.

178. *Agnelo di Lorenzo*, ex-Funcionário do Arquivo Histórico  
179. *Correio Paulistano*, 1º de novembro de 1956



Isto é dito pois, com a lei 895 de 13 de dezembro de 1950, o governador Adhemar de Barros concedeu a um seleto grupo de clubes – do qual o Tricolor não fazia parte – auxílios financeiros para suas praças esportivas:

“Clube de Regatas Tietê	Cr\$ 100.000,00;
Associação Desportiva Floresta	Cr\$ 100.000,00;
Associação Atlética São Paulo	Cr\$ 100.000,00;
Esporte Clube Corinthians Paulista	Cr\$ 100.000,00;
Associação Portuguesa de Desportos	Cr\$ 100.000,00;
Santos Futebol Clube	Cr\$ 100.000,00;
Sociedade Esportiva Palmeiras	Cr\$ 100.000,00”. <sup>180</sup>

Como se vê, foi só depois de muito pleitear que o Tricolor conseguiu obter alguma isonomia dos poderes públicos.

Toda a ajuda, porém, era ajuda. Sabendo disso, o São Paulo viu que já era hora de contar com apoio massivo daqueles que mais estavam dispostos: sua própria torcida. O gramado, enfim, estava pronto e demarcado. Vicente Feola e o diretor de futebol Manoel Raimundo Paes de Almeida marcaram, então, a data do primeiro treinamento do elenco tricolor no Morumbi: 1º de novembro de 1956.

Só que São Paulo se esqueceu de combinar com São Pedro. A torrencial chuva que caiu sobre o bairro no dia 30 fez com que a diretoria já prontamente notificasse a imprensa sobre o cancelamento da futura atividade, a fim de coibir que desaviados pintassem por lá e nada encontrassem.<sup>181</sup>

Com o adiamento, mais um “tapa” no gramado e, agora sim, tudo certo. Foi nessa época, aliás, que o Tricolor adquiriu o primeiro trator particular para cuidar da grama. Na verdade, trocaram a máquina pelo passe de um jogador...

O treino remarcado, enfim, para às 14 horas e 30 minutos do sábado dia 17 de novembro de 1956. A bola rolaria pela primeira vez no campo do Estádio Cícero Pompeu de Toledo!<sup>182</sup>

A novidade chamou tanto à atenção do público que era preciso alertá-lo, ou melhor, ensiná-lo como ir até o local.

“É evidente que todos os associados do Tricolor, seus adeptos e muitos outros esportistas desejam assistir ao primeiro coletivo do São Paulo F. C. no Estádio do Morumbi e para conhecimento, portanto, de todos, comunicamos aos interessados que os mesmos devem tomar o ônibus elétrico Jardim Europa, saltando no ponto final, onde deverão tomar, então, o ônibus Jardim Morumbi, que os levará bem próximo do Estádio do clube das três cores”.<sup>182</sup>

O departamento de futebol profissional aproveitaria a situação para também apresentar uma contratação recente: o argentino Beraza.<sup>183</sup>

O evento começou, oficialmente, com o primeiro pontapé na bola, simbolicamente dado pelo diretor de A Gazeta Esportiva, Carlos Nelli.

180. Cerca de R\$ 148.110,52: Fundação de Economia e Estatística (IGP-DI, jan.2020)

181. Correio Paulistano, 1º de novembro de 1956

182. Correio Paulistano, 15 de novembro de 1956

183. Correio Paulistano, 17 de novembro de 1956

Foto: toque inicial de Carlos Nelli (acima) e arquibancadas cheias (abaixo)







A seguir, o exercício do elenco são-paulino teve 90 minutos de duração e foi composto, praticamente, por um jogo-treino onde o time titular, completamente trajado com o uniforme 1, enfrentou o misto dos reservas e aspirantes, na primeira etapa, e o juvenil categoria A (algo próximo do sub-20 dos dias atuais), nos 45 minutos finais. Estes dois últimos, com o uniforme 2. Foram as escalações:<sup>184</sup>

TITULARES: Bonelli (Poy); Turcão e Mauro; Sarará, Alfredo Ramos e Riberto; Maurinho, Lanzoninho (Bereza), Gino Orlando, Dino Sani e Canhotoiro.

MISTOS: Poy; Clélio e Ferrari; Esnel, Sidney e Tito; Roque, Wilson (Lanzoninho), Zezinho, Maneca e Stelio (Graciano).

JUVENIS: Bonelli; Lopes e Atílio; Dario, Décio e Diamantino; Ubirajara, Belfar, Catara, Oswaldo e Paulinho.

Entre titulares e mistos, 4 a 1 para o time principal do Tricolor. Dino Sani, aos 14 minutos, foi o primeiro homem a marcar um gol no Morumbi, ainda que de maneira nada oficial. Seguiram-se, então, os gols de Zezinho, empatando aos 18 minutos; Dino novamente colocando os titulares à frente, aos 31, e Canhotoiro, finalizando aos 35.

Destaque também muito válido para Poy, que, aos 31 minutos, defendeu a primeira penalidade máxima batida no Cícero Pompeu de Toledo (e executada por Turcão), embora não possa constar dos registros oficiais.

No segundo tempo, placar quase semelhante: 4 a 0 para o São Paulo "A" contra a molecada, com tentos anotados por Gino, aos 5 minutos, Dino Sani, aos 11, Turcão (agora acertando o tiro penal), aos 29 e Dino, mais uma vez, aos 36.

Nessa estreia, convém dizer, surgiram as primeiras traves redondas do Brasil, moldadas em caibros de ipê, e logo notadas e contextualizadas pela imprensa: *"Deve-se acentuar que é a primeira vez usada no Brasil este tipo de travessão, dando a impressão que diminuirá sensivelmente a probabilidade do couro ser devolvido, pois bem endereçado, encontrará as redes com mais frequência do que vem acontecendo com as traves comuns"*.<sup>184</sup>

Tudo saiu a contento, maravilhosamente bem. Talvez, pela primeira vez na história, um treinamento do São Paulo foi acompanhado por uma multidão na casa da dezena de milhar. Os torcedores, presentes entre 10 e 15 mil pessoas,<sup>184</sup> ocuparam os arredores do campo, mas, principalmente, a "fatia" do Estádio que já se erguia, completa, mas ainda cheia de estacas e ripas de madeira por todo canto, ao lado da futura Avenida Giovanni Gronchi.

*"Mais de dez mil pessoas compareceram ao Estádio dos tricolores e o entusiasmo de todos veio demonstrar que os 'torcedores' em geral estão acompanhando de perto as fases da construção"*.<sup>185</sup>

Aurélio Campos, colunista do Diário da Noite, resumiu sua experiência, ao ir até o Morumbi naquele dia: *"Ver o Morumbi para morrer depois"*.<sup>184</sup>

184. Diário da Noite, 19 de novembro de 1956 (agradecimentos a Alexandre Giesbrecht)

185. Correio Paulistano, 24 de novembro de 1956

Foto: as primeiras traves "redondas" do futebol brasileiro:  
Acervo de Celso Unzelte



Emoção à parte, compensava mais permanecer vivo: outros treinamentos no novo campo de treinos se sucederiam – o clube transferiu as atividades para o estádio, de maneira definitiva, após reunião de diretoria ocorrida no dia 20 de fevereiro de 1957<sup>186</sup> – e virou certa tradição, tal qual fazer piqueniques nos domingos de manhã, acompanhar os trabalhos do time são-paulino nas colinas do entorno do estádio ainda aberto às vistas.

*“Milhares de pessoas estiveram em vista sábado e domingo último ao Morumbi”.*<sup>187</sup>

E essa euforia com a edificação são-paulina perdurou mesmo após a perda do título paulista de 1956. Para contar essa história, entretanto, vale a digressão ao começo da temporada, até porque ela começou de maneira problemática.

No primeiro semestre, a Federação Paulista e a Federação Metropolitana, do Rio de Janeiro, realizariam o já tradicional Torneio Rio-São Paulo, aliás, oficialmente Torneio Roberto Gomes Pedroza. Contudo, no mesmo período, a Confederação Brasileira promoveria uma série de amistosos da Seleção após a disputa do Campeonato Sul-Americano Extra.

Os times do Rio de Janeiro, alegando que seriam mais prejudicados pelas convocações do que os concorrentes paulistas, solicitaram o adiamento da competição para o segundo semestre. CBD e FPF se opuseram a ideia, mantendo a tabela original. Assim, os cariocas se rebelaram e abandonaram o Rio-São Paulo.

Esse “choro” se mostrou totalmente injustificado. Para o Sul-Americano, disputado em janeiro e fevereiro, foram convocados apenas jogadores de times paulistas (assim como para a Copa Pan-Americana, ocorrida em março, foram chamados apenas atletas de clubes gaúchos). E para a série de amistosos da seleção, jogados de março a maio, o número de elementos convocados foi o mesmo para as duas federações: 11 paulistas e 11 cariocas.

Prejudicada com a atitude da entidade coirmã, a Federação Paulista respondeu elevando o nível: convidou clubes internacionais para a disputa do Torneio Roberto Gomes Pedroza (sim, o nome foi mantido). Dessa maneira, junto a São Paulo, Santos, Corinthians, Portuguesa e Palmeiras, o Pacaembu recebeu também o Nacional, do Uruguai, e o Newell’s Old Boys e o Boca Juniors, da Argentina.

O regulamento foi peculiar. Os times locais enfrentariam apenas os visitantes e só. Ao fim das jornadas, o melhor time paulista enfrentaria o melhor estrangeiro na final. O Tricolor começou arrepiando, vencendo o Boca Juniors por 4 a 0, no dia 11 de março, com dois gols de Gino, um de Canhoto e um de Maurinho. Porém, o time caiu frente ao campeão uruguaio por 4 a 3, no dia 15 de março, e terminou sua participação sendo derrotado por 1 a 0 pelo Newell’s, no dia 22 daquele mês. O adversário acabou conquistando a vaga para a final, mas foi derrotado pelo Santos, por 5 a 2, no dia 29 de março.

Com datas disponíveis até o início do Campeonato Paulista, a Federação resolveu promover a fase nacional do Torneio Roberto Gomes Pedroza apenas com seus próprios filiados. Por não existir um Torneio Rio-São Paulo sem o Rio, essa competição nunca foi reconhecida como do mesmo nível, ou da mesma linhagem da competição interestadual.

186. *Correio Paulistano*, 21 de fevereiro de 1957  
187. *A Gazeta Esportiva*, 9 de janeiro de 1957

Porém, foi um campeonato oficial, promovido por uma federação legal, devendo assim constar, para o seu campeão, na lista de títulos verdadeiros (não misturado às taças e torneios amistosos), com o peso, talvez, de uma copa estadual.

Sem dinheiro para contratar atletas de renome, o São Paulo se reforçou para a competição apostando em destaques do interior paulista, como os goleiros Paulo Martorano, primeiro jogador do Guarani convocado para a Seleção Brasileira, e Floriano, do Taubaté; e o meia Tanga, do XV de Piracicaba, além do trio provindo do Comercial de Ribeirão Preto: o goleiro argentino Bonelli, o meia Maneca e o atacante Reinaldo.

Sim, o clube contratou, de uma vez só, três goleiros. Poy, depois de quase quatro anos defendendo o São Paulo, passava por um momento pessoal difícil e havia solicitado licença para retornar à Argentina por questões familiares, aproveitando o fim do contrato que tinha antes em vigor.

A direção são-paulina achou melhor se precaver, o que justificou a contratação de goleiros “por baciada”. Talvez até mesmo ela tenha sido pega de surpresa quando, no início de abril, Poy bateu de volta à porta. O arqueiro fez questão de esclarecer: *“Estou em paz com o S. Paulo. Pretendo continuar no Tricolor”*.<sup>188</sup> De todo modo, ele acabaria perdendo a titularidade para o novato Bonelli.

E, ainda sobre contratações: até o final do ano, somente Riberto, vindo do Ypiranga, e Sarará, do Grêmio, chamaram alguma atenção por suas chegadas. Mesmo o argentino Beraza, já citado e oriundo do Platense, veio para testes no clube, em modelo de experiência. No fundo, a diretoria são-paulina acreditava que o time não precisava de grande reformulação. E, visto os resultados que obteriam no restante do ano de 1956, não estavam, de todo, errados.

Enfim, com a bola rolando, no dia 7 de abril o São Paulo estreou no Torneio R... no Torneio Roberto Gomes Pedroza empatando com o Corinthians por 2 a 2, com gols marcados por Turcão, de pênalti, e Dino Sani. Uma semana depois, uma boa vitória são-paulina por 2 a 0 sobre a Portuguesa, em partida que teve por goleadores Zezinho e Lanzoninho.

O jogo seguinte foi a situação mais peculiar de todo o torneio e um caso raro na história do São Paulo. No dia 19 de abril, o time perdeu para o Palmeiras por 2 a 0, mas o Tricolor levou os pontos da partida. Tudo porque, de acordo com o regulamento do torneio, só eram permitidas três substituições de jogadores durante os 90 minutos, e o time de Perdizes realizou quatro!

Com cinco pontos conquistados, cada um, São Paulo e Santos decidiram, então, o título na última rodada – naquilo que poderia ser considerado, depois, um prenúncio do que viria a ser o Estadual daquela temporada: uma disputa acirrada entre os dois times.

Na tarde de 29 de abril, no Pacaembu, o Tricolor foi arrasador durante o primeiro tempo. Ao fim daquela etapa, os são-paulinos já venciam por 4 a 0 (gols de Zezinho, duas vezes, Lanzoninho e Turcão, de pênalti). Na segunda etapa, o time santista até ameaçou uma reação, descontando com Vasconcelos e Zito, aos 5 e 19 minutos. *“Um tento-joia de Dino, porém, definiu a luta”*.<sup>189</sup> Ou, ao menos, a vitória do São Paulo, pois o Santos ainda diminuiria o placar mais uma vez, com Alfredo, a 3 minutos do fim da peleja.

188. *A Gazeta Esportiva*, 13 de abril de 1956  
189. *A Gazeta Esportiva*, 30 de abril de 1956

"FATUZINHO" a melhor revista do Brasil

# Esportiva

Propriedade da FUNDAÇÃO CASPER LIEBERO — Diretor: C. JOEL NESE — Redator-Chefe: THOMAZ MAZZONI (Olimpionista)  
ANO XXVII — Preço: Copial, Cr\$ 1,50 — Interior, Cr\$ 2,00 — São Paulo — Segundo-feira, 30 de Abril de 1956 — N.º 9.360

recondicionamento de bombas e injetores diesel **MARIEN S/A** al. Cleveland 509

**102 ESTAÇÕES DE RADIO**

O funcionamento perfeito das estações de radio depende em larga medida do sistema empregado para a distribuição da energia elétrica em uma cidade. A RISA, com sua experiência e competência, oferece a você o melhor sistema de distribuição de energia elétrica, com o menor custo de instalação e manutenção.

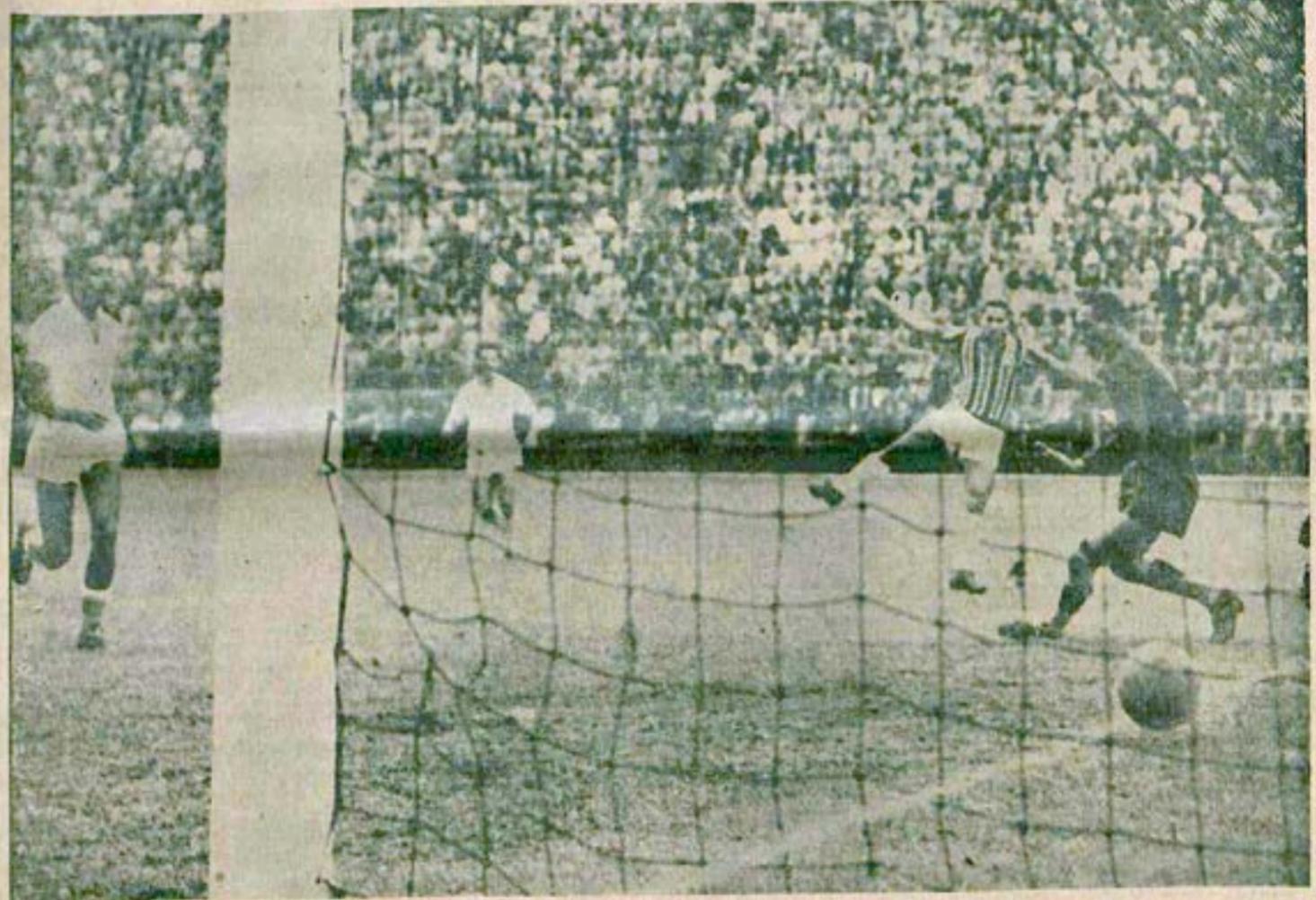
**VOE PELA RISA**

O RISO agora mais perto com os Super Circuitos 240 da RISA, oferecidos em Santos Dumont, bem no coração da cidade.

RISA CONS. CRISPINIANO, N.º 375 - FONE: 35-6151

## São Paulo, campeão nacional do Torneio «Roberto Gomes Pedrosa»

Oito gols movimentaram a "finalissima", em duas fases distintas — Com 4 a 0 no primeiro tempo, o tricolor declinou no segundo, ameaçando o Santos o proprio empate — Um tento-joia de Dino, porem, definiu a luta — 5 a 3 — Renda de 413.500 cruzeiros e arbitragem de Harry Davis



INICIO DA GRANDE STRUBIA — Em movimento de 240m, da direita para a esquerda, foi travado por Zetinho, que agarrava no pé da bola, desviando a bola do goleiro, encerrando o lance para os lados. Foi o lance, que iniciou a luta de resistência entre os jogadores.

... (Small text columns providing details about the match and player actions.)

**MAIS DURAÇÃO COM MENOS ATRITO!**

Perfekte Perfect Circle

**CAMPEONATO SULA-MERICANO DE VOLEIBOL**

... (Text about the volleyball tournament.)

**Balas FUTEBOL**

... (Advertisement for football balls.)

São Paulo 5 x 3 Santos. Tricolor campeão!... de um torneio esquisito, pouco valorizado na história e anormal, por causa do bairrismo carioca.

O Paulistão de 1956 foi mais longo do que o de costume, até então. Para sanar de vez os problemas jurídicos existentes desde 1952, que envolviam a lei de acesso e o rebaixamento de times que recorreram aos tribunais para não cair de divisão ou retornar à elite – basicamente, o Jabaquara, o Juventus e o Ypiranga –, o campeonato dessa temporada foi inchado com 18 clubes, que disputaram um turno inteiro, todos contra todos, como um estágio preliminar da competição. Os dez primeiros colocados se classificaram para a chamada "Série Azul", onde concorreram ao título.

Na primeira fase, que não valia muita coisa, o São Paulo somou 12 vitórias, um empate e quatro derrotas, classificando-se em terceiro lugar, a cinco pontos do Santos, o primeiro e a quatro do Corinthians, o segundo. Importante, apenas, a boa vitória sobre o Palmeiras, por 3 a 0, na rodada final do dia 30 de setembro (gols marcados por Turcão, Dino Sani e Zezinho).

No dia 3 de outubro, o Tricolor, no campeonato de verdade, começou bem: 4 a 2 no Taubaté e outras três vitórias consecutivas, até o empate com o Corinthians, por 1 a 1, no dia 20 daquele mês. A série invicta durou ainda mais um jogo – 3 a 0 no Juventus, no dia 25 de outubro – pois, mais uma vez, os são-paulinos não resistiram ao time santista montado por Lula e perderam por 2 a 0 no dia 28 seguinte.

Pelo segundo gol sofrido, Alfredo Ramos chegou a ser multado em 60% do salário por displicência na jogada. (Atitudes do tipo, por questões técnicas de jogo, eram até muito comuns, na época, como notado nas documentações de jogadores presentes no Arquivo Histórico).<sup>190</sup>

Foi a única derrota do São Paulo nos dezoito jogos regulares previsto para a fase decisiva do Paulistão. Dessa, em diante, onze jogos sem perder, incluindo a espetacular goleada por 5 a 0 no Palmeiras, no dia 10 de novembro (gols anotados por Lanzoninho, Dino Sani, Maurinho e Gino Orlando, duas vezes).

Com um novo empate contra o Corinthians, dessa vez por 2 a 2, no dia 1 de dezembro, São Paulo e o rival alvinegro seguiram empatados na segunda posição da classificação, mas a quatro pontos de distância do líder Santos, que venceria a Portuguesa por 3 a 0, no dia seguinte. Restavam, porém, apenas cinco jogos para esses oponentes, e seis para o Tricolor, até o fim da competição. Dava para buscar.

Um banho de água fria os são-paulinos tomaram, porém, no dia 5 de dezembro: enquanto o Santos goleou o Taubaté por 4 a 0, o Tricolor não passou de um empate por um gol contra o pequeno São Bento de São Caetano do Sul (fruto da fusão temporária do Comercial paulistano com o São Caetano Esporte Clube), em um jogo que foi até mesmo encerrado antes do tempo previsto, aos 41 minutos do segundo tempo.

A confusão, contudo, começou ainda na primeira etapa, quando Mauro foi expulso pelo árbitro Paulo Simões por ter proferido palavras de baixo calão. O zagueiro, contudo, tentou justificar, dizendo que estas teriam sido ao seu companheiro Sarará, ao passo que ouviu como resposta "então também é motivo de expulsão".<sup>191</sup>

190. Diário da Noite, 30 de outubro de 1956  
191. Diário da Noite, 6 de dezembro de 1956

Revoltados, cerca de 20 torcedores tricolores invadiram o campo e ameaçaram a integridade física de Paulo, e que não teria ficado só na ameaça não fosse a proteção dada ao juiz pelos próprios jogadores do São Paulo. Nervoso, o árbitro cometeu ainda mais erros no segundo tempo. *“Paulo Simões descontrolou-se de tal forma que deu por encerrado o prélio aos 41 minutos e 45 segundos. Fraca sua conduta”*.<sup>192</sup> Isso, justamente quando o Tricolor estava melhor na partida – o gol de empate, de Zezinho, inclusive, havia sido pouco tempo antes, aos 36 minutos.

Com os resultados, a vantagem santista aumentou. Agora, a luta pelo título não dependeria apenas do Tricolor. Mesmo se vencessem o time praiano no confronto direto que faltava, os tricolores dependeriam ainda de um tropeço rival em algum momento do campeonato.

Acontece que o jogo seguinte foi justamente o clássico San-São e a matemática pouco importava naquela ocasião. No dia 9 de dezembro de 1956, o time desceu a serra e, na Vila Belmiro, não tomou conhecimento do líder do campeonato. Zezinho, na talvez mais fantástica atuação do atacante pelo Tricolor, balançou a rede três vezes e o São Paulo venceu o Santos por 3 a 1!

Os são-paulinos estavam vivos e, usando uma metáfora automobilística, no “vácuo” do líder na corrida pelo título. Na rodada seguinte, no dia 12 de dezembro, os dois times venceram com autoridade. O Santos, na Vila, por 4 a 1 sobre o São Bento, e o São Paulo, no Pacaembu, por 3 a 0 no XV de Piracicaba. O Tricolor, ainda, tirou da contagem o jogo que estava por fazer e venceu o Taubaté, no interior, por 3 a 1, no dia 16 daquele mês.

Naquele momento, então, apenas um ponto de vantagem mantinha o Santos à frente do Tricolor, e a disputa ficaria mais acirrada a partir dali, pois as duas últimas rodadas reservariam clássicos para elevar o nervosismo. No dia 22 de dezembro, o Palmeiras fez a parte que lhe cabia e venceu o Santos, no Pacaembu, por 2 a 1.

Porém, o que seria uma ótima notícia para os são-paulinos se tornou apenas uma boa nova, já que, no dia seguinte, o São Paulo sofreu, e muito, para empatar com a Portuguesa, no mesmo estádio, por 2 a 2. Desfalcado do zagueiro e capitão Mauro, suspenso quase às vésperas pelo tribunal, o Mais Querido viu a Lusa abrir 2 a 0 no placar. Zezinho, ainda na primeira etapa descontou, e o grande Gino Orlando, com quinze minutos para a partida ser encerrada, empatou o jogo graças a um peru do goleiro. O atacante tricolor havia tentado o cruzamento, mas a bola foi em direção ao gol e Cabeção aceitou.<sup>193</sup>

A maior decepção, porém, não foi exatamente o empate, mas o fato de Turcão, o substituto de Mauro, ter perdido um pênalti, defendido pelo arqueiro. Faria falta depois.

*“Sem Mauro, que significa simplesmente meio time, o São Paulo não tem classe!”*.<sup>194</sup>

De toda forma, empatada, assim também ficou a primeira posição da classificação geral do Paulistão: São Paulo e Santos, com 28 pontos.

A rodada derradeira reservou ao Tricolor o oponente que derrotara o rival pelo caneco, o Palmeiras. Por sua vez, o Santos se deparou com o Corinthians, terceiro colocado, com 25 pontos, e sem chance alguma de conquistar algo, a não ser deixar infeliz alguém da dupla San-São, qualquer que fosse o resultado que obtivesse.

192. *Diário da Noite*, 6 de dezembro de 1956

193. *Diário da Noite*, 24 de dezembro de 1956

194. *Mundo Esportivo*

Foto: Mauro Ramos



[Na realidade, durante o campeonato, o time do Parque São Jorge havia alcançado a marca de 25 jogos invictos e faturou a Taças dos Invictos, que estava em posse do São Paulo desde 1946].

O absurdo, aos olhos dos dias atuais, foi que as duas partidas decisivas não foram concomitantes. Até mesmo porque não havia como sê-lo. Só havia um estádio de grande porte pronto na cidade: o Pacaembu.

Morumbi, que pecado o seu atraso!

O São Paulo jogou primeiro. Dependendo do resultado desse jogo, o Santos teria alguma vantagem no confronto dele. Mas, enfim, né...

Na noite de 27 de dezembro, em uma partida eletrizante e recheada de gols, o São Paulo começou perdendo, sofrendo, logo aos 3 minutos, o gol de Nardo. Sem se deixar abater, os tricolores partiram para ataque e conseguiram romper o sistema defensivo elaborado pelo técnico Aymoré Moreira e empataram a partida Dino Sani, de cabeça, aos 23 minutos.

A jogada aérea continuou se mostrando uma força ofensiva para o Tricolor e, assim, aos 39 minutos, também com um cabeceio, Gino Orlando virou para o São Paulo: 2 a 1! Para aproveitar o bom clima, a turma dirigida por Feola partiu para cima nos movimentos iniciais da segunda etapa e, aos 42 segundos, ampliou o marcador para 3 a 1 com o chute de Dino Sani.

Recuperados do susto, os palestrinos encontraram um pênalti e descontaram, com Colombo, aos 8 minutos. O Tricolor replicou, então, também via penalidade. Dino Sani bateu com categoria e balançou as redes pela terceira vez no jogo. Espetacular atuação.

Motivados, sabe-se lá pelo que, o Palmeiras diminuiu a vantagem são-paulina mais uma vez, com Mazzola, aos 22 minutos. 4 a 3. Faltando, ainda mais da metade do tempo final por se disputar, o jogo poderia ficar muito complicado para o Tricolor. Poderia, mas não ficou. Pouco depois, aos 25 minutos, Zezinho, o artilheiro da competição (ali com 14 gols), definiu os números finais do embate: São Paulo 5 x 3 Palmeiras!

Restava acompanhar o desenrolar de Corinthians x Santos, na noite de 29 de dezembro. Um empate acarretaria título são-paulino, a ser comemorado nos sofás da sede social, na Avenida Ipiranga, ou no canteiro de obras do Morumbi. Na verdade, muitos são-paulinos compareceriam ao Pacaembu, inclusive a Torcida Uniformizada do São Paulo.<sup>195</sup>

Ao Santos, só a vitória interessava. Ela provocaria um jogo desempate, o chamado "Supercampeonato" entre ele e o Tricolor.

*"Cabe ao Corinthians escolher entre o S. Paulo e o Santos para dar o título".<sup>196</sup>*

Logo aos 4 minutos de jogo, o Santos abriu o placar com um gol de falta, sem chance para o goleiro. O Corinthians empatou pouco depois, aos 22.

*"O Corinthians, assinalando o tempo de empate, sentiu-se senhor da cancha e deu a impressão de que venceria a peleja... Na segunda fase, a impressão geral era que o Santos dificilmente escaparia da derrota".<sup>197</sup>*

Contudo, apesar de melhor em campo, o time corintiano não fez valer suas oportunidades. *"Luizinho, em jornada irreconhecível, nulo, displicente, perdendo dois tentos certos".<sup>197</sup>* E o Santos aproveitou a única que teve, aos 21 do segundo tempo: 2 a 1, resultado final.

*"Os primeiros sampaulinos que encontramos, depois do jogo Corinthians vs. Santos não nos decepcionaram: revelaram-se bons sampaulinos, como havíamos previstos. Estavam convencidos de que o Corinthians entregou o jogo...".<sup>198</sup>*

O Paulistão de 1956, então, seria mesmo decidido em mais uma partida noturna no Pacaembu, no dia 3 de janeiro, com mais um clássico San-São. Caso ocorresse um empate nessa partida, haveria então uma prorrogação de 30 minutos e, permanecendo o resultado, um novo jogo deveria ser marcado pela Federação.<sup>199</sup>

O São Paulo foi escalado com o que tinha de melhor, embora parte do setor especializado da imprensa questionasse o uso do titular Dino Sani, no ataque, no lugar de Maneca, que contra Santos, XV e Taubaté tenha jogado bem a contento. Bonelli, Clélio e Mauro; Sarará, Victor e Alfredo Ramos; Maurinho, Zezinho, Gino Orlando, Dino Sani e Canhoteiro foram os homens escolhidos por Feola.

Já o Santos estava desfalcado da dupla de zaga titular, com os dois atletas sem condições de jogo por contusões. O cenário parecia positivo para os são-paulinos, e, nos primeiros momentos da partida, realmente o foi. Tanto que, logo aos oito minutos, Maurinho cruzou, o goleiro e o zagueiro santista bateram cabeça e a bola sobrou, mansa, para o goleador Zezinho tirar o primeiro zero do placar, a favor do Tricolor.

Com a partida aparentemente tranquila, o time são-paulino relaxou e, em uma bobeadada dupla e uma sequência de passes bizarros de Alfredo e Victor, a bola foi recuada para o goleiro Bonelli, que não conseguiu afastá-la totalmente. O adversário aproveitou o rebote e bateu para a meta, guarnecida apenas por Mauro, que defendeu com as mãos. Pênalti, que resultou no empate santista, com Feijó, aos 20 minutos.

Faltando três minutos para se encerrar o primeiro tempo, Maurinho avançou pela direita, mas foi desarmado pelo zagueiro Wilson, o reserva que, todavia, se embananou e cedeu a pelota novamente para o atacante são-paulino. O ponta encontrou Zezinho livre na área e este finalizou com precisão. São Paulo 2 x 1 Santos. Foi o placar da etapa inicial.

Faltavam apenas 45 minutos para o título. O resultado já lhes era favorável, mas os tricolores seguiram no segundo tempo pressionando, até mesmo de maneira imprudente. Foi assim, no contra-ataque, que o time do litoral empatou novamente o jogo, aos sete minutos. O gol, na realidade, surgiu de outra falha da defesa do Tricolor. Bonelli estava por encaixar a pelota, mas o zagueiro Clélio antecipou-se a ele e a afastou, de cabeça. A bola sobrou, livre, leve e solta, para Tite igualar o marcador.

195. Mundo Esportivo, 28 de dezembro de 1956  
196. Correio Paulistano, 29 de dezembro de 1956

197. Diário da Noite, 31 de dezembro de 1956  
198. Correio Paulistano, 1º de janeiro de 1957  
199. Correio Paulistano, 3 de janeiro de 1957



Nesse ponto, o São Paulo se descontrolou e perdeu a partida. Nem mesmo uma falta de dois lances, dentro da área, a favor dos tricolores (e com todos os santistas na linha da cal), resultou em algo positivo. Pior, no contra-ataque dessa jogada nasceu o gol da virada adversária, com Del Vecchio, aos 24 minutos. O Santos, motivado, ainda marcou mais um. Dez minutos depois, Mauro foi desarmado na intermediária e deixou toda a retaguarda livre para o mesmo Del Vecchio dar números finais ao confronto.

São Paulo vice-campeão paulista de 1956.

*“Jogamos mal! Hieger, todavia, prejudicou nosso desempenho com algumas falhas clamorosas. Faltou-nos hoje mais serenidade e houve confusão, principalmente nos arremates. Escapanos, dessa forma, um título que viria em boa hora”, afirmou o diretor Manoel Raymundo Paes de Almeida ao jornal A Gazeta Esportiva, que fez questão de registrar que tais palavras foram pronunciadas “sem denotar qualquer desespero, portando-se como verdadeiro desportista”.*<sup>200</sup>

Nos aposentos do Pacaembu, após a partida, o cenário era de desconsolação.

*“No vestiário tricolor, era o abatimento, era o domínio da tristeza, quase desespero, fugida a vitória das mãos que já a acariciavam como sua. Aqui, também houve lágrimas a caracterizar de dor o rosto dos craques desolados... Remorso por atuações deficientes?! Convicção de fraqueza diante de um poder insuperável?! Desalento pelo fracasso final de uma longa e árdua campanha entremeada de tantas surpresas, de tantas dúvidas, como das mais alentadas esperanças?!... Mistério insondável, no íntimo marmemoto das consciências, sangrando o coração, ferido o brio daqueles leões da pelota!*

*Agora, resta-nos a conformidade com o vice-campeonato, a aplaudir, de perto, aquele que mereceu, em cheio e sem favor, a bela coroa ambicionada: o Santos Foot-ball Club”.*<sup>201</sup>

Apesar de todos os gols santistas terem nascido de falhas dos jogadores de linha do São Paulo, quem virou o culpado da história, na História, foi o goleiro Bonelli, que nunca mais voltou a vestir a camisa do Tricolor.

*“Bonelli perdeu a confiança nos seus companheiros e toda a vez que a bola era atirada em direção à sua área, eis o arqueiro portenho abandonando em falso a meta, tentando afastar o perigo”.*<sup>202</sup>

O goleiro argentino pode não ter realizado a melhor de suas partidas, mas, por todos os relatos, aparentemente ele não foi o culpado pelo resultado. E, de maneira geral, ele vinha fazendo um ótimo campeonato, sendo titular em 27 das 35 partidas do clube, tendo inclusive defendido pênalti (contra a Portuguesa, no dia 14 de outubro). Toda a imprensa reconhecia e repercutia essas boas atuações.<sup>203</sup> Curiosamente, a capa da revista A Gazeta Esportiva Ilustrada, da primeira quinzena de janeiro de 1957 (impressa antes da decisão), foi justamente o arqueiro, o que ilustra bem o desempenho dele até ali.

Apesar desse bom histórico, ainda em janeiro ele foi dispensado do clube. Um dos poucos registros conhecidos sobre isso é o presente no jornal A Gazeta Esportiva,<sup>204</sup> que afirma que o goleiro teria sido “*devidamente dispensado*”. Não se conhece o motivo oficial do rompimento com jogador, nem por ele ter sido tão drástico e repentino. Tudo o que se fala sobre isso, desde 1957, são os boatos de que o arqueiro teria sido subornado. E isso, claro, nunca foi provado.

Não que isso fosse suficiente para que a história morresse. Virou lenda, até mesmo piada. Milton Camargo, na seção “Conto Esportivo”, na edição de janeiro Revista Tricolor, nº. 51, publica um texto intitulado “O Suborno”, do qual, alguns trechos aqui são destacados:

*“Estava almoçando, quando o telefone tocou: -*

*– O Camargo está?*

*– É ele quem fala. Quem é?*

*– Uma pessoa que você não conhece e que tem algo muito interessante para lhe contar.*

*Depois desse ‘introito’ de conversação telefônica, o sujeito foi narrando uma história estranha, na qual não acreditaria, não fosse a riqueza de detalhes.*

*– Você conhece o Joãozinho, do Centenário F.C.?*

*– O goleiro?*

*– Esse mesmo!*

*– Conheço, sim, e bastante. Bom menino e bom jogador!*

*– Então, preste atenção no que vou lhe contar. Amanhã, sábado, às quinze horas, esse goleiro, que você vive a elogiar, irá receber vinte mil cruzeiros de um dirigente do clube contrário para ‘amolecer’ a partida de domingo’, decisiva do campeonato!*

*Fiquei boquiaberto com a notícia. E o informante continuou nos detalhes.*

*– O local do encontro será um barzinho no Jabaquara e, se você quiser, poderá constatar pessoalmente o fato. Anote o endereço: Bar e Café do Ponto...*

*(ninguém aparecera)...*

*Eram seis horas da tarde, quando, cansados, desanimados, famintos e desiludidos, resolvemos deixar o esconderijo... E nos preparávamos para comer, quando olhando distraidamente para a parede, vi a folhinha.*

*Era 1º de abril!”.*

200. A Gazeta Esportiva, 4 de janeiro de 1957

201. Revista Tricolor, nº 51

202. Correio Paulistano, 5 de janeiro de 1957

203. O Governador, 18 de outubro de 1957

204. A Gazeta Esportiva, 18 de janeiro de 1957



## O ANO QUE PODERIA TER SIDO

Na comemoração do 27º aniversário são-paulino, em 25 de janeiro de 1957, aconteceram as primeiras atividades esportivas oficiais do Morumbi, com destaque ao atletismo e evento extraoficial que inaugurou a pista da modalidade no estádio, que ainda não estava pronta, de fato.

A maratona esportiva começou cedo, às 8h30, com um jogo entre os juvenis do São Paulo contra os Juvenis do Club Atlético Paulistano. Das 9 às 15 horas, foram realizadas inúmeras provas de corrida, salto e lançamento na pista e nos tanques destinados a cada prática nos arredores do gramado.

Posteriormente batizada com o nome de Ewald Gomes da Silva (vencedor dos 400 metros com barreiras do VII Troféu Brasil, do revezamento 4 x 100 metros do Campeonato Paulista, ambos de 1949, e do revezamento 4 x 400 metros do Estadual de 1946 e 1949, além de grande fomentador do esporte no Tricolor), a pista de corrida foi construída sob supervisão do grande técnico Dietrich Gerner, com as medidas superiores ao estipulado pela Associação Internacional de Federação de Atletismo – AIFA.

*“É perfeita, completa e única na América do Sul. As dimensões máximas de campo de futebol não permitiriam de qualquer forma uma pista de quatrocentos metros. Daí ter quatrocentos e cinquenta metros. Com uma reta pura de cem metros sem incidência das curvas. Pista leve, própria para os melhores tempos, de alta velocidade”.*<sup>205</sup>

Ou seja, a pista do Morumbi, de 450 metros de perímetro no raio mais interno, é maior do que a de tamanho padrão (400 metros). Fato que, na prática, a inutilizou, impedindo realizações de competição oficial no futuro. O ponto nevrálgico, no fim, foi este: ou se teria um campo de futebol grande, nas medidas indicadas pela FIFA (102 x 78 metros), ou uma pista de atletismo nos padrões internacionais e com uma área de gramado dentro do permitido, mas de tamanho reduzido. O São Paulo favoreceu o campo.

Para construí-la foram necessárias mais de 400 toneladas de escória, espécie de “pedregulho”, subproduto da fundição de minérios para purificar metais (para referência, a pista hoje é coberta com piso sintético de tartan, tipo de poliuretano).

Vale destacar a participação do recordista Adhemar Ferreira da Silva, naquela altura atleta do Vasco da Gama, na primeira reaparição do “Canguru Brasileiro” após a conquista do bicampeonato olímpico, em Melbourne. Ele não vestia a camisa são-paulina desde 1955, ano em que estabeleceu, pela segunda vez, um feito impressionante.

A marca de 16,22 metros alcançada por Adhemar nos Jogos Olímpicos de 1952 foi tão impressionante que, à época, comentou-se que ela jamais seria batida. Um ano depois, porém, o russo Scherbakov saltou 16,23 metros em Moscou. O salto triplo ganhou um novo recordista mundial mais cedo do que se poderia imaginar. Adhemar continuou a treinar com dedicação e a conquistar títulos em competições no Brasil e no exterior, sempre de olho na retomada do recorde.

<sup>205</sup>. Dietrich Gerner para A Gazeta Esportiva, 14 de setembro de 1956  
Foto: Única imagem de Adhemar Ferreira da Silva competindo no Morumbi



O prêmio pelo seu esforço veio em 16 de março de 1955, quando saltou incríveis 16,56 metros nos II Jogos Pan-Americanos, disputados na Cidade do México. Como o jornal mexicano estampou em sua primeira página após o fato: “Adhemar assombrou a todos”.<sup>206</sup> Dez dias depois, o São Paulo homenageou o atleta colocando a segunda estrela dourada acima do escudo do Tricolor, na bandeira oficial do clube – e foi essa bandeira, assim estruturada, que viria a ser hasteada na solenidade de inauguração do Morumbi, cinco anos a partir dali.

E Adhemar, matando as saudades do manto tricolor, não fez feio na competição festiva daquele 25 de janeiro de 1957. Ele saltou 15,20 metros e venceu a disputa, facilmente.

Mas a pelota também rolou. O primeiro jogo autorizado do Estádio – embora não tendo, ainda, caráter oficial – aconteceu naquele aniversário do(e) São Paulo entre seleções de veteranos paulistas e veteranos cariocas (chamados também de “Combinado Madureira-Bangu”).<sup>207</sup> Foram 30 minutos (15 x 15) disputados sobre a grama alta do Morumbi, dos quais os locais saíram vencedores, com gols de Renato (14 minutos do primeiro tempo) e Pinga II (aos três do segundo tempo). Os cariocas descontaram com Anito, dois minutos depois.

Sillio del Debbio foi o árbitro e as equipes, as seguintes: Paulistas – Narciso, Lamparina e Norival (Argemiro); Caieira, Og e Dino; Pinga II, Lorena, Renato (Badi), Paulo e Álvaro; Cariocas (ou Bangu/Madureira) – Alfredo (Nahem); Domingos e Laerte; Laleco, Brito e Mineiro; Mota, Anito, Moacir Bueno, Djalma Canhoto e Pedro Nunes.

As festividades foram concluídas com um grande churrasco de confraternização, como não poderia deixar de sê-lo, assado no setor das tão esperadas cadeiras cativas.<sup>208</sup>

Veio, então, fevereiro, e com o mês a grave denúncia ofertada pelo governo do Estado de São Paulo, na figura de seu mandatário principal, Jânio Quadros, contra a Imobiliária Aricanduva: que a empresa de Adhemar de Barros, rival político de Jânio, teria comprado a gleba “Jardim Leonor” da Condessa de Matarazzo por Cr\$ 56.155.515,70 e a hipotecado no mesmo dia, 29 de dezembro de 1950 (enquanto ainda era o chefe do poder executivo estadual, já em final de mandato), junto à Caixa Econômica Estadual pela elevada quantia de 85 milhões de cruzeiros. Um ganho de 29 milhões de cruzeiros!<sup>209</sup>

A acusação foi além, dizendo que as prestações do empréstimo ainda não haviam sido completamente pagas, como também não havia sido saldada a consolidação do débito, negociada no dia 5 de outubro de 1953. Jânio deu, então, de maneira irrevogável, dez dias (a partir de 13 de fevereiro), para que a Imobiliária Aricanduva honrasse a hipoteca com a Caixa Estadual.<sup>209</sup>

A Aricanduva se defendeu e publicou nota nos periódicos da cidade afirmando que as mensalidades de pagamento estavam rigorosamente em dia, e que, na verdade, estavam sendo pagas com antecipação, conforme recibos poderiam provar. Ressaltando, apenas, que a consolidação do débito não havia sido quitada por má gestão da própria Caixa e do Governo Estadual, que não atenderam pedidos da Imobiliária pelo envio das guias necessárias para o pagamento (conforme os protocolos, registrados pela empresa, de números 3715, de 19 de março de 1956, 17.173, de 30 de outubro de 1956, e 499, de 12 de janeiro de 1957).<sup>210</sup>



Equipe feminina de atletismo e o técnico Dietrich Gerner (acima);  
Veteranos paulistas e combinado Madureira-Bangu (abaixo)



206. O título do jornal não foi identificado, apenas a data: 17 de março de 1955  
207. Folha de São Paulo, 24 de janeiro de 1957 & A Gazeta Esportiva, 26 de janeiro de 1957  
208. Revista Tricolor, nº 51  
209. Correio Paulistano, 14 de fevereiro de 1957  
210. Correio Paulistano, 18 de fevereiro de 1957



HOMENAGEM DOS VETERANOS A CIDADE  
DE SÃO PAULO E AO SÃO PAULO F.C.



Somente após a resposta da Aricanduva, a Caixa Econômica Estadual expediu a nota de cálculo das importâncias devidas e a guia nº 96, de pagamento delas.<sup>211</sup>

Por sua vez, a Caixa Econômica Estadual soltou comunicado, no dia 18 de fevereiro, dizendo que os tais protocolos mencionados pela Aricanduva eram “inteiramente estranhos” ao tópico em questão, mas que, todavia, após expedição da guia nº 96, a Imobiliária saldou a dívida com o pagamento de Cr\$ 3.326.174,30, realizado no dia 16 de fevereiro, estando tudo, por fim, registrado no processo de nº CEC 5.303-50.<sup>212</sup>

Tudo isso, claro, não tinha nada a ver com o São Paulo Futebol Clube, mas fica aqui um espaço para o fato histórico, até para que ninguém, no futuro, o desvirtue da realidade.

Voltando ao que interessa: o Morumbi. Apesar dos eventos e festejos recentes, as obras no estádio estavam, mais uma vez, atrasadas. O contrato datado de 21 de outubro de 1955, para a construção da primeira “fatia” de arquibancadas, previa a entrega finalizada desta fase para o dia 31 de setembro de 1956. Não rolou, e um aditamento foi firmado no dia 29 de setembro postergando a conclusão dessa etapa para o dia 31 de dezembro de 1956.

Novamente o prazo não foi cumprido e novo aditamento foi assinado no dia 30 de dezembro, prorrogando às obras até o dia 28 de fevereiro de 1957. O São Paulo, tentando se antecipar de alguma forma, visto tantos adiamentos, acertou um novo contrato com a Civilsan no dia 12 de fevereiro, dessa vez para os lances superiores dos vãos compreendidos entre as colunas 45 e 49, e da coluna 55 a 70. Tudo ao valor de 32 milhões de cruzeiros e com data de entrega prevista para agosto de 1958.

Enquanto isso, como mais um bom exemplo de relações cordiais entre São Paulo e Palmeiras, o Tricolor permitiu que o rival treinasse no Morumbi no dia 17 de abril, pois o Parque Antártica passava por reformas no gramado.\* O Tricolor ainda cederia o campo para outro evento de terceiros: a III Mack-Poli, no dia 22 de maio: uma disputa entre os times dos cursos de engenharia da Universidade Mackenzie e da Faculdade Politécnica de São Paulo.\*\*

Pode parecer algo nada demais. Mas era um jogo cheio de rivalidade, quase sendo possível dizer que seria o primeiro clássico da história do estádio tricolor – tanto que rolou quebra-pau ao final. Apitado por João Etzel Filho, a partida teve as seguintes escalificações: Poli: Ary; Braga e Borelli; Sidney, Adão e Benê; Elias (Temistocles), Dirceu, Danúbio, Cássio e Mario. Mack: Roberto; Samir (Baker) e Cunha; Davini, Toniello, Dívio, Vecchi, Castelar, Pavan, Martinelli (Ildo) e Godoy.

E deu Politécnica: vitória por 3 a 1 (gols de Dirceu, Danúbio e Mario para os vencedores, e de Pavan, para os derrotados). Ah, e teve preliminar, vencida, desta vez, pelo Mackenzie: 4 a 1. Quem não gostou do resultado – não dos jogos, mas do estado do gramado ao final deles – foi o São Paulo, que proibiu qualquer cessão do Morumbi para estranhos, depois disso.\*\*\*

Bom, no meio às obras estruturais, o prometido e devido parque infantil, com capacidade para até mil crianças, teve as obras iniciadas na segunda quinzena de junho de 1957.<sup>213</sup> Ainda assim, o tardar da construção do Morumbi acabou por pôr abaixo – mais uma vez – os planos esportivos do Tricolor.

A diretoria tinha em mente promover um grande torneio internacional para a inauguração desde fevereiro de 1955, e, no final de 1956, parecia que ele se concretizaria mesmo. Alardeado como “Torneio das Nações”, a competição foi anunciada pelos tricolores no dia 9 de outubro de 1956, de modo que seria realizada em junho de 1957. Ela contaria com Barcelona, da Espanha; Milan e Fiorentina, da Itália; Manchester United, da Inglaterra; Benfica, de Portugal, e Hónved, da Hungria, dentre seus participantes “gringos”.<sup>214</sup>

*“Deverá chegar a São Paulo, dentro de alguns dias, o empresário com os contratos”.*<sup>214</sup>

As imensas propagandas expostas em jornais nos dias seguintes dão a entender que tais contratos não estavam, mesmo, nada firmados. Em alguns, se cogitava o Arsenal, no lugar do Manchester United, por exemplo.<sup>215</sup> Algum tempo depois, já em janeiro de 1957, a relação já era bem diferente, com Torino, da Itália; Sevilla, da Espanha; Birmingham, da Inglaterra; e River Plate, da Argentina, além de Corinthians, Vasco da Gama, Flamengo e o próprio São Paulo, claro.<sup>216</sup>

Em fevereiro, porém, o clube ainda negociava com FPF, CBD e entidades estrangeiras a realização do torneio. No dia 17 daquele mês, Sílvio Pacheco, presidente da Confederação Brasileira, garantia aos tricolores que seriam concedidas, de modo oficial, datas para a disputa, possivelmente na segunda quinzena de junho.<sup>217</sup> E negociava, inclusive, a estreia da Seleção no Morumbi, com partida contra a Argentina, pela Copa Roca (fato que não chegou a se concretizar).<sup>218</sup>

Mais um mês se passou e no dia 19 de março a CBD expediu oficialmente a autorização para a realização do torneio, agora chamado “Taça Morumbi”. Desta vez, até a tabela da competição foi apresentada, e como não poderia deixar de ser, com novidades na lista de participantes: Sevilla, da Espanha; Lazio, da Itália; Nacional, do Uruguai e Boca Juniors, da Argentina, e os brasileiros Corinthians, Vasco da Gama e Fluminense.<sup>219</sup>

Essa, porém, não seria a última alteração na tabela do Torneio Internacional de Futebol – Copa São Paulo (nomenclatura oficial). Dez dias depois, cogitava-se até a participação do Palmeiras.<sup>220</sup> Contudo, ela foi definitivamente instituída no dia 22 de maio. A lista final de pleiteantes ao troféu foi: Belenenses, de Portugal; Dínamo de Zagreb, da Iugoslávia; Sevilla, da Espanha, Lazio, da Itália; Corinthians, Flamengo, Vasco da Gama e São Paulo.<sup>221</sup>

*“Fadada ao mais amplo sucesso a ‘Taça São Paulo’”.*<sup>222</sup>

A constatação óbvia e a notícia triste vieram no dia 29 de maio, quando foi anunciado que o Estádio do Morumbi não poderia sediar a competição em homenagem a ele. Mais do que isso, a estimativa dada a imprensa é que ele só estaria pronto em 365 dias.<sup>222</sup> Nem por isso a competição foi cancelada. Graças a um acerto com a FPF, as partidas do grupo paulistano foram transferidas para o Estádio do Pacaembu, cujo gramado e sistema de drenagem haviam sido recentemente reformados.

E a desculpa foi a chuva (que teria causado os adiamentos de contratos de construção previamente citados): *“Mas ninguém deve esquecer que em fins de 1956 choveu torrencialmente na Paulicéia, atrasando, dessa forma, o ritmo das construções. E só em março do ano corrente é que o Tricolor foi cientificado oficialmente da impossibilidade de o estádio ser utilizado para uma competição de tal vulto. Mas já a essa altura não seria possível cancelar os contratos firmados com o Lazio, Sevilla, Belenenses e Dínamo...”*<sup>223</sup>

\* *Diário Nacional*, 17 de abril de 1957 & *A Gazeta Esportiva*, 23 de março de 1957  
\*\* *A Gazeta Esportiva*, 24 de maio de 1957; \*\*\* *A Gazeta Esportiva & Diário da Noite*, 23 de maio de 1957  
211. *Diário da Noite*, 18 de fevereiro de 1957  
212. *Correio Paulistano*, 19 de fevereiro de 1957  
213. *Folha de S. Paulo*, 9 de junho de 1957

214. *A Gazeta Esportiva*, 10 de outubro de 1956  
215. *O Estado de S. Paulo*, 4 de novembro de 1956  
216. *Correio Paulistano*, 24 de janeiro de 1957  
217. *A Gazeta Esportiva*, 18 de fevereiro de 1957  
218. *A Gazeta Esportiva*, 25 de janeiro de 1957  
219. *A Gazeta Esportiva*, 23 de março de 1957  
220. *A Gazeta Esportiva*, 30 de março de 1957  
221. *Diário da Noite*, 23 de maio de 1957  
222. *A Gazeta Esportiva*, 30 de maio de 1957  
223. *A Gazeta Esportiva*, 7 de junho de 1957

Para piorar, no mesmo dia o clube da Cruz de Malta informou que desistiria da Taça Morumbi e embarcaria para uma excursão à Europa. Teria o presidente vascaíno, Arthur Pires, atendido a um pedido do técnico Martim Francisco.

Contudo, talvez pressionado para cumprir algum acordo ou contrato firmado, o time do Rio de Janeiro voltou atrás e, no dia 30 de maio, avisou que também disputaria o torneio promovido pelo São Paulo, com outro quadro de profissionais, mesmo que recorrendo a empréstimos temporários de jogadores de outros clubes, como o goleiro Veludo, do Canto do Rio, apontado como possível reforço nessa ocasião.<sup>224</sup>

A questão para esse desentendido talvez pudesse ser financeira também. Uma semana antes, Flamengo e Vasco haviam solicitado ao São Paulo garantias financeiras para a participação deles e que toda a negociação fosse direta com o Tricolor, e não com a empresa promotora responsável pelos contratos com os times europeus, a Agência Menezes.

O São Paulo enviou então à capital nacional o técnico e administrador Vicente Feola, que acertou com o Flamengo, por exemplo, a participação desse clube pela cota de Cr\$ 200.000,00 por partida, podendo chegar a um total de Cr\$ 1.200.000,00 por seis partidas em um período de 22 dias de competição.<sup>225</sup>

No dia 6 de junho, o Tricolor também chegou a um acordo com o Vasco da Gama, pelo mesmo valor ofertado ao rival Flamengo. O Vasco, por sua vez, entendeu-se com o Santos para que o time do litoral paulista lhe emprestasse atletas para a disputa do torneio (e assim, metade do que o time carioca ganhasse seria repassado à Vila Belmiro). Formou-se assim, extraoficialmente, o Combinado Vasco-Santos, que jogaria a primeira fase da disputa com a camisa vascaína, mas a fase final, em São Paulo, com o uniforme santista. E o técnico da equipe seria Lula, do Santos.<sup>226</sup>

O termo “extraoficialmente” é utilizado pois, apesar do que foi perpetuado historicamente, e do que tanto São Paulo quanto Vasco da Gama consideram como partidas oficiais, ao que tudo indica os embates do combinado deveriam ser contabilizadas como jogos oficiais do time carioca, que esteve à frente de todas as tratativas do torneio – e nunca o Santos.

Deixando de lado essa questão que pode ser revista no futuro, por ambas as equipes, o importante é que o torneio foi mesmo realizado. Bom, ao menos, em parte... A competição teve início no dia 16 de junho. Ela era dividida em duas chaves, sediadas uma no Maracanã, e outra, como dito, no Pacaembu. No grupo carioca estavam o Dínamo Zagreb, os Belenenses e os anfitriões Flamengo e Vasco da Gama (Combinado Vasco-Santos). Já no paulista, São Paulo, Corinthians, Lazio e Sevilla.

Nessa primeira fase, os times cariocas não encontraram dificuldades. Na rodada inicial, por exemplo, Flamengo goleou o Dínamo por 4 a 1 e o Vasco (Combinado) bateu nos Belenenses por 6 a 1. E o que se viu a seguir, no Rio de Janeiro, foi um desinteresse do público local pela competição – muito devido a baixa qualidade técnica dos visitantes (ao contrário do que se esperava, mas justificado pelos desfalques desses elencos em virtude de convocações das seleções nacionais para partidas das Eliminatórias para a Copa do Mundo.<sup>227</sup>



224. *A Gazeta Esportiva*, 31 de maio de 1957

225. *A Gazeta Esportiva*, 25 de maio de 1957

226. *A Gazeta Esportiva*, 7 de junho de 1957

227. *Revista Tricolor*, nº 55

Foto: medalhas promocionais da Copa São Paulo





As rendas de cada partida não alcançavam os 500 mil cruzeiros! E como os cariocas tinham cota por receber no valor de 200 mil cruzeiros, e os visitantes, de 250 mil, mais as taxas do Maracanã, despesas de passagens aéreas, hospedagens, etc., o cenário era preocupante.

Mas no final, Flamengo e Vasco (Combinado) se classificaram e os europeus nem sequer disputaram o último jogo, entre eles, já desclassificados.

No Pacaembu, quase o mesmo cenário. Apenas o clássico Majestoso, no dia 25 de junho, teve um público respeitável (37.673 pagantes).

Os convidados também não impressionaram. Logo de cara a Lazio foi goleada pelo Corinthians por 5 a 0. Mas o Sevilla até arrancou um empate na estreia contra o Tricolor, por 2 a 2 (gols são-paulinos marcados por Riberto), no dia 21 de junho. O São Paulo se recuperou do tropeço vencendo o Corinthians por 3 a 2 na partida seguinte, com três belos gols de Maurinho, ao passo que a Lazio apagou um pouco o vexame sofrido dias antes vencendo o Sevilla por 3 a 0, em uma partida que o time romanista esteve ameaçado de não ter jogadores suficientes para entrar em campo. Com muitos casos de contusão, e só com 14 atletas na excursão, Juventus e Palmeiras chegaram propor empréstimos de elementos dessas equipes ao time italiano.<sup>228</sup>

No último jogo da primeira fase, no dia 27 de junho, os tricolores superaram a combalida Lazio por 1 a 0, com de Ney Blanco, e se classificaram na primeira posição da chave, seguido do Corinthians, que venceu o Sevilla por 2 a 0.

*“Será grande o prejuízo! Previsto um déficit superior a dois milhões e meio de cruzeiros no Certame do Morumbi – Tecnicamente fracos os adversários e os cotejos do aludido certame”.*<sup>229</sup>

O turno final estava previsto para seguir com partidas, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, até o dia 4 de julho, mas visto ao “flagrante fracasso financeiro no Maracanã”,<sup>230</sup> decidiu-se por jogar apenas na capital paulista. Marcou-se, então, uma rodada dupla para o dia 29 de junho no Pacaembu, esperando-se que o fato atraísse uma boa quantidade de torcedores. Não foi o que aconteceu e apenas cerca de 15 mil pessoas estiveram no Municipal e presenciaram o Flamengo a vencer o Corinthians por 3 a 1 e, na partida de fundo, o São Paulo a empatar por um gol com o Vasco (Combinado) vestido de Santos. O tento tricolor foi marcado, novamente, por Ney Blanco.

O baixo interesse pelo torneio alcançou um ponto crítico. No dia seguinte à primeira rodada da fase final, o torneio foi oficialmente interrompido. *“Suspenso o Torneio Morumbi – Devido aos grandes prejuízos financeiros que vem causando aos seus promotores e clubes participantes foi suspenso o ‘Torneio Morumbi’”.*<sup>231</sup>

E a situação poderia se tornar mais grave para os organizadores, visto a que os Belenenses e o Dínamo ameaçavam recorrer a justiça para receber os valores que haviam lhes prometido em contratos.<sup>232</sup> A Agência Menezes, em reunião realizada na noite do dia 1º de julho com os clubes cariocas, ainda tentou dar prosseguimento ao torneio com as rodadas finais a serem realizadas após o dia 21 daquele mês, quando o Vasco já estaria completo, com o time que se sagrara campeão do Torneio de Paris derrotando o Real Madrid. Ambos os times rejeitaram a proposta pois já estariam à altura do Campeonato Carioca.

O presidente do Flamengo, Hilton Santos, por sua vez, apresentou duas propostas: que o torneio continuasse quando, de fato, o Morumbi fosse inaugurado (imagina só...), ou que declarassem o time rubro-negro campeão, e mandassem a taça para a sede do clube, simples assim.<sup>232</sup>

Sem acordo, e embora sem declaração oficial do fato, a competição acabou cancelada. Era hora, então, da caça às bruxas, ou melhor, da identificação dos culpados. Para os dirigentes cariocas, a responsabilidade caía em três entidades: a Agência Menezes, a Confederação Brasileira e o São Paulo Futebol Clube.

*“Pois é de amplo conhecimento que a Confederação Brasileira de Desportos permitiu a realização do torneio. Afirma-se que os responsáveis são os dirigentes da Agência Menezes, enquanto outros adiantam que a responsabilidade pertence ao São Paulo, cuja agremiação por intermédio dos seus dirigentes é que endossou os convites aos clubes estrangeiros e nacionais, e também foi quem formulou a necessária licença à entidade máxima nacional para promover o torneio”.*<sup>233</sup>

Convém lembrar o artigo primeiro do regulamento da Copa São Paulo: *“O Torneio Internacional de Futebol, Copa São Paulo, organizado pelo São Paulo Futebol Clube através da Agência Menezes será disputado em duas fases...”.*<sup>234</sup>

E Hilton Santos foi além: *“a responsabilidade é dupla, isto porque antes do início do certamente manteve entendimentos com dirigentes do S. Paulo e da Agência Menezes, razão pela qual considera que ambos assumiram responsabilidades e por elas deverão responder”.*<sup>233</sup>

O diretor jurídico do São Paulo, Caetano Estelita Pernet, tinha uma opinião diferente sobre o assunto: *“Nenhuma responsabilidade do S. Paulo na organização do Torneio Morumbi”.*<sup>235</sup> O argumento do são-paulino se baseava no fato de que toda a documentação referente à competição passou pelo departamento o qual ele dirigia e que absolutamente todos esses papéis deixavam claro que as questões financeiras ficavam a cargo da Agência Menezes, e que o São Paulo não assumiria responsabilidade nenhuma por esse tópico.

*“O São Paulo apenas e tão somente emprestou o nome ao torneio porque imaginávamos, de início, fosse possível na oportunidade inaugurar o nosso estádio em construção. Só isso. Apenas isso. Nada mais do que isso”.*<sup>235</sup>

O dirigente ainda explicou que, caso isso estivesse a cargo do clube, o Tricolor teria sido mais prudente quanto as previsões de público em cada partida e na escolha dos convidados internacionais. *“A responsabilidade não pode ser fictícia, tem que ser expressa. O São Paulo, diga-se de passagem, participou do torneio em igualdade de condições com todos os demais clubes convidados. Recebendo quotas de duzentos mil cruzeiros. E que isso seja ponto final na questão”.*<sup>235</sup>

Tal ponto final veio com uma proclamação assinada por Joaquim Mariano Dias Menezes, dono da Agência de Turismo Menezes, aqui reproduzida: *“A Agência Menezes, com o escopo de salvaguardar o nome do São Paulo Futebol Clube, envolvido com certos rumores irradiados e publicados pelas rádio-emissoras e jornais, notadamente do Rio de Janeiro e São Paulo, vem comunicar ao público em geral que é a única e exclusiva responsável pela realização do torneio internacional ‘Copa São Paulo’, ora suspenso provisoriamente. Comunica, outrossim, que o São Paulo Futebol Clube está completamente isento de quaisquer responsabilidades, especialmente as de ordem financeira. São Paulo, 3 de julho de 1957. Agência Menezes”.*<sup>236</sup>

228. Diário da Noite, 26 de junho de 1957

229. A Gazeta Esportiva, 25 de junho de 1957

230. Diário da Noite, 28 de junho de 1957

231. Diário da Noite, 1º de julho de 1957

232. A Gazeta Esportiva, 3 de julho de 1957

233. A Gazeta Esportiva, 3 de julho de 1957

234. Revista Tricolor, nº 54

235. A Gazeta Esportiva, 4 de julho de 1957

236. Revista Tricolor, nº 56



## A ÚLTIMA VEZ EM TREZE ANOS

A temporada de 1957 poderia ter sido decepcionante se ela ficasse restrita apenas aos aspectos extracampo. Mas, na realidade, em tudo o que mais importa – o futebol –, ela representou a derradeira grande conquista dos são-paulinos até que os anos de ferro e concreto fossem deixados para trás.

Os cinco campeonatos estaduais conquistados na era de Leônidas e o Rolo Compressor, entre os anos de 1943 e 1949, além do título do Paulistão de 1953, na Vila Belmiro às vésperas do quarto centenário da Cidade de São Paulo, no dia 24 de janeiro de 1954, estavam, ainda, muito recentes na memória do torcedor tricolor.

Dessa maneira, a esperança do são-paulino era de que o clube ainda estivesse vivendo essa fase áurea. E, apesar de todos os percalços dentro e fora de campo, em 1956 o time quase conquistou mais uma vez o Paulistão, brigando pela taça até o último instante – ou melhor, até os 45 minutos finais do jogo extra da decisão contra o Santos...

Era possível, assim, esperar algo melhor em 1957. O ano, todavia, começou incerto. Para o espanto dos tricolores, logo no dia 13 de janeiro, o técnico Vicente Feola pediu demissão desse cargo, preferindo manter a posição dele de administrador do clube – longe das quatro linhas.<sup>237</sup>

Ainda sem saber bem o que fazer sobre, o diretor de futebol Manoel Raymundo Paes de Almeida decidiu promover o técnico das categorias de base, o ex-goleiro Hélio Geraldo Caxambu, à função no time principal no dia seguinte à decisão de Feola, deixando claro, porém, que isto se dava em regime temporário, provisório.<sup>238</sup>

Oswaldo Brandão, do Corinthians, Sílvio Pirillo, do Fluminense, e Aymoré Moreira, do Palmeiras foram cogitados, mas, por terem vínculos ativos, logo descartados. Restavam ainda Zezé Moreira, Délio Neves...<sup>239</sup> Entre tantos nomes possíveis, Manoel Raymundo encontraria a solução graças a uma inusitada trama do destino, que envolveria a diáspora de craques de um time do Velho Continente.

O Honvéd, da Hungria, e dos espetaculares Sandor, Kocsis e Puskas, estava quase foragido do próprio país, situado, naquela época, do lado soviético da Cortina de Ferro. O clube havia conseguido permissão da Magyar Labdarúgó-szövetség – MLSZ (a CBD deles) e dos governantes húngaros para excursionar mundo afora somente até o dia 28 de dezembro de 1956, quando deveriam retornar à terra magiar.

Mas a Hungria se encontrava em conflito social desde a Revolução ou Contra-Revolução Húngara de outubro de 1956. A fim de escapar desse cenário, e liderados por Emil Osterreicher, a maior parte da delegação do Honvéd desobedeceu a diretiva, aceitando a oferta de 10 mil dólares do Flamengo para uma estadia no Rio de Janeiro.

237. A Gazeta Esportiva, 14 de janeiro de 1957

238. A Gazeta Esportiva, 15 de janeiro de 1957

239. A Gazeta Esportiva, 13 de fevereiro de 1957

Foto: Cartum de Feola por Petrônio, de Última Hora



No dia 14 de janeiro, os húngaros chegaram ao Brasil, onde planejavam uma série de jogos mesmo à revelia da federação húngara, que ameaçou ir à FIFA contra todas as equipes que enfrentassem o time dissidente, que estava proibido, por ela, até de usar o próprio nome nesses cotejos.<sup>240</sup>

Vendo a oportunidade de ganhar muito dinheiro com a renda das partidas que envolviam os craques que surpreenderam e revolucionaram o futebol na Copa do Mundo de 1954 (apesar do vice-campeonato), o Flamengo encampou a defesa dos húngaros e, após um confronto no Maracanã, no dia 19 de janeiro, onde venceram os visitantes por 6 a 4, o clube carioca passou a cooptar apoio de outros times, encontrando-o no Botafogo (que perdeu para o Honvéd por 4 a 2 no dia 24 de janeiro) e nos empresários e dirigentes paulistas, que ofereceram o Pacaembu para a realização de uma partida entre o Honvéd e o time rubro-negro, no dia 26 de janeiro.

A ameaça junto a FIFA, porém, era real e poderia deixar de ser só uma ameaça. As entidades internacionais demandavam não haver nenhum jogo oficial contra os húngaros, ainda mais cobrando ingressos para vê-los. A CBD e os clubes brasileiros seriam responsabilizados e sofreriam consequências por esse desafio.

Nada que o famoso “jeitinho” brasileiro não pudesse resolver. A fábrica de cigarros Sudan “comprou” o evento paulista, pagando a todos os envolvidos por um motivo qualquer que não fosse o futebol, ao passo que não cobrou ingressos dos torcedores, que tiveram acesso livre ao Pacaembu. Bom, isto é modo de dizer, pois o tíquete para a entrada era a apresentação de maços vazios de cigarros da marca. 10 pacotes valiam um lugar na geral, 100, na numerada coberta.<sup>241</sup> CBD e FPF também nada teriam a ver com o assunto...

Por causa de engenhosidades como essa, o Honvéd, que jogou tais partidas sem identificação alguma do clube, apenas com um uniforme branco, sem escudo, e números vermelhos, pôde ter a revanche contra o Flamengo no Municipal de São Paulo, devolvendo o mesmo placar que antes sofrera. Os visitantes, por sinal, ainda fizeram outras duas apresentações no Rio, nos dias 2 e 7 de fevereiro, antes de embarcarem para Caracas, na Venezuela.

Contudo, o Honvéd partiu do Brasil deixando por aqui uma das grandes figuras de renome internacional do clube: Béla Guttmann, o técnico auxiliar da equipe.

Béla era um bem-sucedido técnico, embora, àquela altura, não tivesse ganhado ainda as suas principais glórias. Nessa profissão, o húngaro rodou o mundo. Isto, contudo, motivado originalmente pela busca da própria sobrevivência.

O treinador era judeu, e com a ascensão do antissemitismo e da doutrina nazista na Europa no final dos anos 1930, Guttmann teve que lutar pela própria vida, ainda na Hungria. O biógrafo David Bolchover,<sup>242</sup> em entrevista a Bruno Rodrigues, do jornal Folha de S. Paulo, retratou essa angustiante fase sofrida por ele:

*“Como consequência, Guttmann perdeu seu trabalho no Újpest em 1939, mesmo tendo vencido a liga húngara. Entre maio e julho de 1944, 437 mil judeus foram levados a Auschwitz. Guttmann se escondeu no sótão de um salão de cabeleireiros em Újpest. Depois, se viu em um campo de concentração no entorno de Budapeste. Ele escapou pulando de uma janela junto de cinco outras pessoas”.*

240. A Gazeta Esportiva, 30 de janeiro de 1957

241. A Gazeta Esportiva, 21 de janeiro de 1957

242. Autor de “Béla Guttmann: De Sobrevivente do Holocausto a Glória do Benfica”, 2018

243. Folha de S. Paulo, 11 de janeiro de 2019

Sobreviveu, e apesar das tristes passagens, não abandonou o futebol. Até 1957, ele já havia treinado times na Áustria, Países Baixos, Romênia, Itália, Argentina, Chipre e, claro Hungria, para onde, no pós-guerra, retornara, levando o Újpest a um novo título, em 1947. Com o mesmo clube, aliás, também vencera em 1939, antes de um dos mais tristes episódios da história humana, a Mitropa Cup, espécie de embrião da posterior Copa dos Campeões da Europa.

O que lhe dava mais peso ao currículo, entretanto, eram as passagens pelo comando da Seleção da Hungria, em 1952, e pelo Milan, da Itália, entre 1954 e 1955, que conquistaria a Série A daquela temporada, embora o técnico tenha sido demitido no começo do segundo turno, quando liderava a competição, por desavenças com o presidente milanista.

Acabou, então, no pequeno Lanerossi Vicenza, no segundo semestre de 1955, e lá permaneceu até abril de 1956, quando saiu a pretexto de descanso, mas na realidade Guttmann enfrentava problemas judiciais devido a um acidente automobilístico com vítimas fatais. Em novembro de 1956, firmou um acordo com o Atlético de Madrid, mas nunca chegou a conduzir o time, pois a grande oportunidade de redenção em sua vida e carreira surgiu com a proposta do Honvéd de treinar seus velhos conhecidos atletas da seleção húngara em uma turnê pela América do Sul, em dezembro daquele ano.

Como os parágrafos anteriores bem mostraram, Béla acabou no Brasil, país que ele já havia visitado antes, ainda nos tempos de jogador, em 1930. Aliás, havia tido, inclusive, contato com o Tricolor: no dia 3 de julho de 1930, um combinado São Paulo/Palestra Itália enfrentou o time que defendia na excursão: o Hakoah All Stars, um time da colônia judaica dos Estados Unidos. (Para maiores detalhes, ver livro I).

Foi aquela partida do Honvéd contra o Flamengo no Pacaembu que chamou a atenção de Manoel Raymundo Paes de Almeida, e lhe deu a ideia que cooptá-lo para o Tricolor. Tudo, claro, poderia se reduzir a uma grande aposta e não dar nada certo. Era preciso, primeiro, precaução.

Assim, os dirigentes tricolores procuraram saber mais sobre o técnico. Por meio do embaixador José Carlos de Macedo Soares e do Ministério das Relações Exteriores, buscou obter informações e atestados junto aos antigos empregadores de Guttmann.

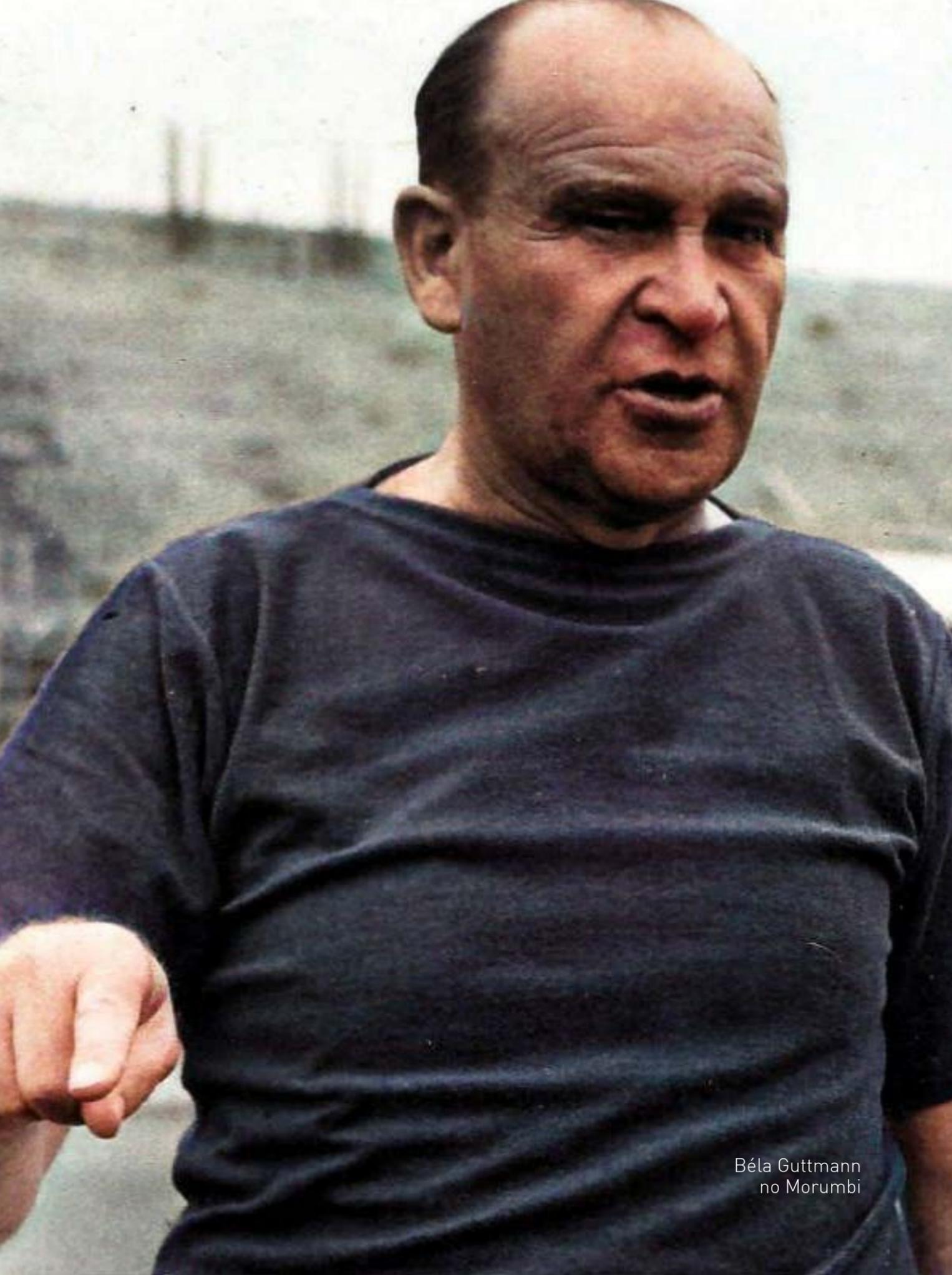
“São Paulo, 6 de fevereiro de 1957.  
Excelentíssimo Senhor Embaixador,

Estando o São Paulo Futebol Clube interessado em contratar o sr. Béla Guttmann, técnico da equipe de futebol do Honved, ora excursionando no Brasil, solicitamos a V. Excia. Se digno determinar, que, por esse Ministério, sejam colhidas informações a respeito da capacidade técnica e da idoneidade moral do referido cidadão. Cícero Pompeu de Toledo”.<sup>244</sup>

As respostas foram positivas (também com telegramas da federação húngara e do Milan)<sup>245</sup> e ilustradas com o cenário turbulento pelo qual passava a Hungria. Finada a excursão do time húngaro no Brasil, e com as incertezas do que poderia encontrar pela frente de volta à Europa, uma proposta de trabalho à Guttmann deveria ser muito bem aceita por ele. E Manoel Raymundo estava disposto a fazê-la.

244. Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube

245. A Gazeta Esportiva, 14 de fevereiro de 1957



Béla Guttmann  
no Morumbi

Dessa maneira, em menos de uma semana, São Paulo e Béla entraram em acordo. O Tricolor anunciou o húngaro como o novo treinador do clube no dia 12 de fevereiro, com o entendimento salarial mensal de 30 mil cruzeiros (menos da metade do que Guttmann havia obtido com os jogos do Honvéd no Brasil – Cr\$ 75 mil).<sup>246</sup> um bônus de duzentos mil cruzeiros em caso de título estadual, além de multa de 80 mil cruzeiros pela rescisão, por qualquer parte. O contrato, porém, só foi assinado no dia 1º de março.

*“Preferiu o São Paulo, todavia, uma solução alta para o seu problema direcional relativamente à equipe de futebol. Preferiu uma solução diferente que servisse ao mesmo tempo como tentativa para melhorar as condições técnicas do futebol local. Preferiu a contratação de um treinador que estivesse em condições de realizar um trabalho não apenas técnico, mas igualmente profilático. Enveredou pelo caminho da contratação de um homem prático e ao mesmo tempo útil, de um homem sério acima de tudo”.*<sup>247</sup>

O técnico assumiria o comando tão logo a licença de residência e de trabalho fosse expedida pelo governo brasileiro para ele e para a esposa, Marianne, que se encontrava em Roma. Na apresentação, falando em italiano, se comprometera a, em dois meses, estar já fluente em português. Disse também: *“Não pretendo fazer nada abruptamente, pois isso seria suicídio: devagar, cuidando de aproveitar ao máximo as qualidades exponenciais do jogador brasileiro. Não prometo milagres, mas apenas e tão somente trabalho. Muito trabalho”.*<sup>247</sup>

Pode ter sido sua ideia não chocar ninguém com as táticas e modos de trabalho que possuía, mas mesmo não querendo fazer nada “abrupto”, as pequenas ações do treinador causavam grandes repercussões entre os brasileiros:

*“Na relação de compras de Béla Guttmann, nada menos que vinte bolas de futebol, barreiras, muro de tijolos e sapatinhas (chuteiras) para todos – Em princípio, treinos diários”.*<sup>248</sup>

Nem havia começado ainda e já revolucionava... ao menos, os treinamentos. O técnico foi introduzido ao elenco, ainda de modo informal, no dia 14 de fevereiro, onde acompanhou, só de vista, as atividades comandadas por Caxambu no Morumbi: um jogo-treino de 80 minutos no qual os titulares venceram os reservas por 7 a 2.<sup>249</sup>

O torcedor são-paulino tomou conhecimento do perfil de Béla ainda no dia 18 de fevereiro, quando foi apresentado ao vivo na TV Record e na Rádio Pan-Americana no programa “Cartazes na Mesa”, de Paulo Planet Buarque, que contou também com a presença de Leônidas da Silva.<sup>250</sup>

O São Paulo também o auxiliou a encontrar onde morar, sendo o fiador do apartamento de número 21 alugado na Rua Tucumán, 73. Em 1958, ele acabaria se mudando para o apartamento de número 52 da Rua do Arouche, 72, pois possuía parentes ali perto, na Rua Piauí. Nessa região, com o tempo se tornou comum vê-lo a tomar um chá da tarde junto de Manoel Raymundo, no restaurante Fasano, da Rua Barão de Itapetininga.

O primeiro treino com novo treinador foi realizado no Morumbi, no dia 11 de março, em uma atividade individual que deixou *“entusiasmados os jogadores do São Paulo com a preparação física de Béla Guttmann”.*<sup>251</sup> E essa boa aceitação entre os atletas foi crescente a cada novo treino realizado, apesar do aumento da carga de trabalho, que passou a ser em duas fases por dia, manhã e tarde, todos os dias da semana, exceto aos domingos (e em dias de jogos).

246. A Gazeta Esportiva

247. A Gazeta Esportiva, 14 de fevereiro de 1957

248. A Gazeta Esportiva, 25 de fevereiro de 1957

249. Diário da noite, 15 de fevereiro de 1957

250. A Gazeta Esportiva, 18 de fevereiro de 1957



O que os jogadores apreciaram, de fato, foram as novidades introduzidas por Guttman, práticas nunca utilizadas por aqui. "22 bolas em ação no exercício do São Paulo: cada um dos players tricolores treinou com uma pelota".<sup>252</sup>

No primeiro trabalho com bola(s), no dia 14 de março, o espanto foi geral, e a imprensa registrou isso com muita precisão.

"Bela Guttman ordenou que todos fizessem exercício de controle com a cabeça. Deu também exercícios com tiros contra o gol e para os goleiros fez ensaios especiais. Assim, de uma maneira bem diversa da que suponha, os profissionais do S. Paulo estiveram em atividade ontem à tarde".<sup>252</sup>

Todos esses conceitos, básicos atualmente, também levaram a Hungria a surpreender o mundo (e especialmente os brasileiros) durante a Copa do Mundo de 1954, na Suíça. A rotina de descobertas e maravilhamentos se seguiu com o primeiro treino coletivo, ocorrido no dia 20 de março.

"Nos primeiros 15 minutos, Béla Guttman não permitiu que os jogadores desse mais de um toque na bola. Nos trinta minutos seguintes, foram permitidos dois".<sup>253</sup>

Essa modalidade de treinamento acabou se tornando conhecida, ao longo do tempo, por uma onomatopeia, que, como toda boa onomatopeia, cada uma dizia ser de uma forma: era a famosa voz de comando "pim-pa-pum" do Guttman, ou algo do tipo, como gosta de lembrar os jornalistas Alberto Helena Júnior e Paulo Planet Buarque. Três toques, de dois ou três jogadores diferentes. Apenas isso era o necessário para se chegar à frente, com a possibilidade de finalização para o gol.

"Guttman fez correr a bola e insistiu na finalização. Ótimo o treino ontem realizado pelo São Paulo no Morumbi – Um toque, dois toques, e velocidade nos lançamentos".<sup>254</sup>

Sobre finalizações, aliás, Canhoteiro dizia que o técnico húngaro insistia que os atacantes treinassem com afinco chutes com a bola atirada à um muro, que representava as traves de gol, setorizado a base de tinta cal com números, sendo eles obrigados a acertar no quadrilátero com a numeração escolhida por Béla.

"Exigirá Guttman um mínimo de cinco chutes em gol por parte de cada atacante".<sup>255</sup>

Para não deixar sobra de dúvidas sobre as revoluções que o São Paulo implementou no futebol brasileiro com a contratação de Béla Guttman, eis a própria A Gazeta Esportiva, registrando o fato:

"O que Béla Guttman está realizando no São Paulo constitui-se numa autêntica renovação nos nossos métodos já antiquados de treinamento físico e técnico".<sup>254</sup>

Outros aspectos importantes da personalidade de Guttman eram o carisma, educação e respeito por todos. O próprio técnico fez questão de ser apresentado pessoalmente a todo o círculo social do São Paulo Futebol Clube.



251. A Gazeta Esportiva, 18 de março de 1957  
252. Diário da Noite, 15 de março de 1957  
253. Diário da Noite, 21 de março de 1957  
254. A Gazeta Esportiva, 21 de março de 1957  
255. A Gazeta Esportiva, 27 de março de 1957

Treinamento no Morumbi (acima) e apresentação de Béla ao elenco (abaixo)



De jogadores (oficialmente no dia 11 de março) a jornalistas (no dia 18 de março) e sócios do clube (no dia 30 daquele mês), todos tiveram acesso ao treinador. Os primeiros em evento na sede social da Avenida Ipiranga, e os demais no salão de festas da Sociedade Sul-Riograndense, vizinha do Tricolor, no Centro.

*"Convite pessoal. Questão de educação. Uns preferem atingir a imprensa, outros convidam para um coquetel".*<sup>256</sup>

O fato é, que em pouco tempo, Béla Guttmann já havia conquistado todo mundo.

*"O melhor elogio que se poderia fazer ao sr. Béla Guttmann, treinador húngaro contratado pelo São Paulo, seria dizer a admiração que lhe devotam todos os jogadores do Tricolor. Um deles, um dos mais renomados, um dos 'cobras', como diria o torcedor, referindo-se ao preparador europeu dizia-nos ontem: 'o fracasso desse homem será o nosso próprio fracasso'! Está dito tudo... Outro, também dos mais famosos comentou... 'Foi necessário que o sr. Guttmann viesse cá para voltarmos a jogar futebol'".*<sup>257</sup>

Agora, porém, como seria em campo, na hora da verdade? No dia 18 de março, foi expedido pelo Ministério da Justiça o visto de trabalho do treinador. Ele poderia ter comandado o time já do banco de reservas no dia 23 de março, no amistoso contra o Juventus (empate por um gol na Rua Javari), mas Guttmann preferiu acompanhar de longe, das arquibancadas, para conhecer melhor a movimentação do time.

*"Naquele prélio contra o Juventus, não se viu quase nada. Uma coisa, porém, saltou aos olhos de todos: a preocupação em fazer correr a bola e poupar energias".*<sup>258</sup>

Foi em Santos, no dia 31 de março, que Béla efetivamente estreou no comando do Tricolor e o resultado não poderia ter sido melhor – aliás, de acordo com os jornais, até poderia ter sido, caso a linha ofensiva, que também estreava o atacante Baltasar, ex-Ponte Preta, tivesse sido mais regular<sup>259</sup> – 5 a 1 para o Tricolor contra a Portuguesa Santista, no Ulrico Mursa, com gols anotados por Maurinho (duas vezes de pênalti), Gino, Sarará e Maneca.

O primeiro grande desafio do comandante, porém, foi contra o Palmeiras, no dia 5 de abril, em nova reabertura do Pacaembu (outrora fechado para pintura nas arquibancadas) e partida beneficente promovida pela Liga das Senhoras Católicas da Paróquia do Ipiranga.

Apesar do Tricolor ser surpreendido logo aos 2 minutos, com o gol de Mazola para o rival, o time se recompôs e virou o jogo com dois gols do novato Baltasar, em menos de oito minutos, antes dos 15 do primeiro tempo. O São Paulo só não terminou a primeira parte vencendo por causa de um gol contra de Sarará, com 36 minutos. Os tricolores ficaram mais uma vez à frente do marcador com Maneca, aos 30 do segundo tempo, mas quando a vitória já parecia certa, Colombo deixou tudo igual no placar aos 47 minutos. 3 a 3 e um certo castigo.

*"A impressão geral é de que vai progredindo o time tricolor no padrão do 'jogo de primeira', libertando-se, a pouco e pouco, da bela complicação das filigranas (tico-tico), bonita para as arquibancadas, mas pouco produtiva no placarde, quando encontra uma defesa 'ferrolho'".*<sup>258</sup>

256. A Gazeta Esportiva, 12 de março de 1957

257. A Gazeta Esportiva, 21 de março de 1957

258. Revista Tricolor, nº 53

259. Folha de S. Paulo, 1º de Abril de 1957

Nos amistosos seguintes, mais duas vitórias: uma tranquila contra a Ponte Preta, em Campinas (4 a 1, no dia 7 de abril), e outra simples, conta a retranca da Ferroviária, em Araraquara (1 a 0, no dia 14 daquele mês). O primeiro tropeço veio justamente na estreia em competições oficiais da temporada. No dia 26 de abril, o São Paulo perdeu por 3 a 1 para o Santos, no Pacaembu, na primeira rodada do Torneio Rio-São Paulo, naquilo que poderia ter sido uma revanche pelo ocorrido em 1956, mas não foi...

Apesar do volumoso placar contrário, esses números enganam. O Tricolor realizou uma boa partida, com inúmeras chances desperdiçadas, ora pela falta de pontaria dos atacantes, ora pela grande atuação do goleiro Manga. Sem falar que, desde o primeiro tempo o time atuou com um jogador a menos, devido a expulsão de Alfredo Ramos.

A recuperação veio quatro dias depois, ainda no Pacaembu, com uma goleada imposta ao Flamengo, que tinha vencido o Honvéd e tudo o mais... 4 a 1 (depois de ter alcançado 4 a 0 no placar), com dois gols de Gino e dois de Maurinho.

*"Vendo o tricolor bandeirante atuar contra o Flamengo, esmagando tecnicamente o quadro carioca, custa-se a acreditar que na sexta-feira anterior tenha perdido para o Santos".*<sup>260</sup>

Na terceira rodada, os tricolores receberam o America no Municipal e venceram, mais uma vez, com autoridade: 3 a 1 no placar e gols marcados por Riberto, de pênalti, Baltasar e Maurinho. Veio então o Palmeiras, em mais um Choque-Rei e mais um empate, por 1 a 1 (gol de Baltasar), com as duas equipes meio contentes e meio tristes, com o resultado.

Com a vitória sobre o Vasco da Gama, fora de casa, no dia 12 de maio, por 3 a 0 (Dino Sani, Maurinho e Canhoto), o São Paulo pareceu encontrar definitivamente o seu caminho, mesmo estando, ainda, em construção.

*"Ninguém acreditava que, nesta fase de revolução tática e técnica, fosse o S. Paulo capaz de vitória tão retumbante fora de seus pagos".*<sup>261</sup>

Contudo, do meio da disputa do Rio-São Paulo até o seu final, o São Paulo sofreu uma forte queda técnica. Ela começou no dia 16 de maio, quando o Tricolor enfrentou um Corinthians que havia tomado de quatro do Flamengo poucos dias antes. Talvez o encontro do otimismo excessivo são-paulino com a necessidade de se provar algo do adversário justifique o mudo 0 a 0.

Em jogo parêlo no Maracanã, o Tricolor acabou derrotado pelo Botafogo por 1 a 0 no dia 18 de maio. Aparentemente não havia nada errado mesmo, o resultado só não veio. Contudo, no dia 23 daquele mês, contra a Portuguesa, algo no São Paulo se desajustou. Talvez fosse pelo fato de que, com a derrota anterior, no Rio, o time já não tinha mais chances de conquistar o título. Ou, mais provavelmente, as ausências de Alfredo, Maurinho, Gino e Dino, contundidos. De toda maneira, o 3 a 1 para a Portuguesa não foi nada bonito.

Sem mais nada a conquistar no torneio interestadual, e com a última partida marcada apenas para o segundo dia de junho, a diretoria são-paulina resolveu aceitar o convite (e a cota de Cr\$ 375.000,00) e viajou a Recife para disputar amistosos contra Santa Cruz e Náutico.

260. O Globo, 29 de abril de 1957

261. Revista Tricolor, nº 54





A ideia pode ter compensando financeiramente, mas em termos esportivos foi decepcionante. As longas viagens e os jogos em série, com intervalo de apenas um dia entre si, não contribuíram para os resultados em campo. Dois empates contra cada time, (1 a 1 e 0 a 0 nos dias 26 e 28 de maio), e uma derrota frente ao combinado deles (1 a 0), no dia 30. Contra o Náutico, vale ainda dizer, que o jogo marcou a inauguração dos refletores do Estádio dos Aflitos.

A campanha do Tricolor na Veneza Brasileira foi assim, irregular, apesar de Guttman ter promovido alterações nas escalações a modo de preservar seus atletas e ter levado, a tira colo, Guerra e Geraldo, jogadores do XV de Piracicaba emprestados provisoriamente para essas partidas como substitutos de Gino e Alfredo, ainda machucados.

Antes de retornarem à capital paulista, a delegação seguiu para cumprir a última partida do time pelo Rio-São Paulo. Nem a volta de todos os tricolores que estavam contundidos foi suficiente para ajudar o Mais Querido a não ser derrotado. Fluminense 2 x 1 São Paulo.

*“Desde que Béla Guttman assumiu as rédeas da direção da equipe, percebeu-se, desde logo, o esforço dos craques sob seu comando de procurar jogar de primeira, sem filigranas desnecessárias e quase sempre nocivas, e com um sentido de conjunto que não pode deixar de merecer o devido registro... Mas há necessidade de que se deixa Béla Guttman e seus comandados trabalharem em paz. O técnico já provou o seu valor”.*<sup>262</sup>

Depois de participar do fiasco organizacional do Torneio Internacional do Morumbi, já abordado e com resultados não tão ruins (apesar do nível fraquíssimo dos adversários), o time são-paulino estreou no Campeonato Paulista no dia 14 de julho. O Tricolor não foi bem: perdeu para o Botafogo em Ribeirão Preto por 2 a 1.

Para piorar, em toda a fase classificatória do torneio, o time ainda acumulou derrotas para o Juventus, XV de Piracicaba e Corinthians, que liderou disparadamente e invicto essa etapa. O São Paulo terminou em quarto, empatado com o Jabaquara.

Tudo bem que, como em 1956, o Paulistão naquela oportunidade tinha um regulamento alternativo, em que a primeira fase não valia muita coisa (esse estágio, de turno único, classificava 10 clubes, de 20 totais, para a competição propriamente dita, de dois turnos).

E, claro, ao longo de toda essa campanha irregular, saltavam às folhas de jornais e programas radiofônicos, pasmem, “notícias” de que o húngaro poderia deixar o cargo de treinador do Tricolor, fruto do imediatismo típico que aflora em mídias do tipo. Manoel Raymundo Paes de Almeida fez questão de por os pingos nos is:

*“Não procedem essas notícias e eu gostaria de saber, aliás, onde que as foram colher, pois a única pessoa, além da minha, que poderia dizer algo a respeito seria o presidente do São Paulo. Estamos satisfeitíssimos com o trabalho de Béla Guttman sendo ele o menos culpado pelas más atuações da equipe... Problemas físicos e acúmulo de jogos, eis o que ocorre”.*<sup>263</sup>

Isso em agosto. Um mês depois, em decorrência à derrota para o XV de Piracicaba e o empate com a Portuguesa, novamente Manoel Raymundo teve que se pronunciar, pois até circulavam boatos com nomes de substitutos, como Oswaldo Brandão, Flávio Costa e Oto Vieira: *“Nunca foi mais sólida a situação do técnico Béla Guttman no São Paulo”.*<sup>264</sup>

262. Revista Tricolor, nº 54

263. A Gazeta Esportiva, 9 de agosto de 1957

264. A Gazeta Esportiva, 12 de setembro de 1957

Fotos: Guido, Béla e Caxambu (acima); treinamento no Morumbi, con Gino, Mauro, Alfredo... e Béla Guttman (abaixo)



A crise com a imprensa chegou às últimas consequências no final de outubro, com a proibição imposta pelo diretor Manoel Raymundo aos jogadores tricolores de darem entrevistas a Roberto Petri, do Diário da Noite, após o empate com o Corinthians, por 1 a 1, no dia 20 de outubro. Atitude repudiada por outros veículos de imprensa.<sup>265</sup>

Petri havia tecido fortes críticas à direção são-paulina, cobrando a saída de Cícero Pompeu de Toledo, Manoel Raymundo Paes de Almeida, Laudo Natel e Béla Guttmann do Tricolor, porque, na visão dele, “nunca, por pior que fosse a fase, o Tricolor chegou a tão degradante posição em um campeonato. Autêntico ‘papelão’, indiscutivelmente, a campanha nesse turno de classificação”.<sup>266</sup>

“Tudo porque não se contratou jogadores de real capacidade. Tratou o sr. Cícero, conjuntamente com seus ‘inteligentíssimos’ companheiros de diretoria, de solver o problema com a contratação de um técnico estrangeiro, que mal se expressa e que não conhece a ‘manha’ dos futebolistas brasileiros”.<sup>266</sup>

O jogo contra o Corinthians repercutiu negativamente nos noticiários também pelo caso de polícia que acabou gerando dias depois. Durante aquele jogo, os nervos estiveram à flor da pele, principalmente para o atacante Gino Orlando e para o corintiano Luisinho, que se estranharam a todo momento. Para piorar, Alfredo Ramos, ex são-paulino, acabou fraturando a perna em uma dividida casual com Maurinho.

No dia 22 de outubro, Gino e outros tricolores (De Sordi, Mauro, Ney, Dino Sani, Riberto e outros)<sup>267</sup> foram visitar o antigo companheiro de clube, que estava de repouso na casa dele, situada na rua Felipe Cardoso, 348, no bairro do Bosque da Saúde.

Após o encontro, por volta das 17h30, quando o grupo são-paulino já estava a tomar seu rumo na rua, chegou uma comitiva corintiana encabeçada pelos dirigentes Francisco Mendes e Albino Lotito. Luisinho (Luiz Trujillo), também presente, ao topar-se com Gino “começou a gesticular e a dirigir desaforos ao defensor do S. Paulo”.<sup>267</sup> O atacante tricolor fez que não era com ele e seguiu caminho, não querendo arrumar confusão à porta da casa de Alfredo.

“Nesse momento, Luisinho, que se mostrava bastante irritado, lançando mão de um tijolo, investiu contra Gino Orlando, desferindo-lhe violenta pancada na testa. Depois de cometer a estúpida agressão contra o defensor do S. Paulo F. C., Luisinho fugiu do local, tomando destino ignorado”.<sup>267</sup>

Gino foi prontamente socorrido pelos colegas, que o conduziram ao Hospital Santa Catarina. Lá, o atacante levou quatro pontos de sutura na testa. Depois do procedimento, o atleta foi encaminhado à polícia.

“Ontem, por exemplo, Luisinho agrediu Gino na rua, dando-lhe com uma pedra na cabeça. O sampaulino, mandado pelos dirigentes tricolores, apresentou-se na polícia, submeteu-se a exame de corpo de delito e apresentou queixa contra o corintiano”.<sup>268</sup>

Acompanhando Gino à 16ª delegacia da capital,<sup>269</sup> o dirigente tricolor Amílcar de Oliveira e o advogado do clube, Antônio Rizzo Filho, divulgaram um comunicado oficial sobre o fato ainda na noite de terça-feira:

265. Diário da Noite, 25 de outubro de 1957

266. Revista Tricolor, nº 58

267. Diário da Noite, 23 de outubro de 1957

268. A Gazeta Esportiva, 23 de outubro de 1957

269. Diário da Noite, 25 de outubro de 1957

“Tendo chegado ao conhecimento da diretoria do São Paulo F. C. haversido agredido fisicamente, de forma traiçoeira, o nosso atleta Gino Orlando pelo atleta Luisinho, do S. C. Corinthians Paulista, no momento em que o nosso centroavante visitava o seu colega e amigo, Alfredo Ramos, casualmente acidentado na peleja de domingo, conforme suas textuais declarações, e ainda sabedora de seus pormenores, resolveu a diretoria encaminhar o agredido à autoridade policial competente para os fins de direito”.<sup>270</sup>

Por sua vez, já por volta das dez horas, na concentração corintiana, Luisinho tentou se justificar: “Fui achincalhado no domingo... com palavras ofensivas à moral. Comuniquei o fato ao meu técnico por julgar criminosas e infames as palavras do profissional do São Paulo. Ontem à tarde, depois do treino, juntamente com meus companheiros, fomos à casa de Alfredo, visitá-lo. Lá encontramos alguns profissionais do Tricolor e entre eles estava Gino. Interpelei-o sobre o que me disse no domingo. Gino confirmou. Aí perdi a noção de tudo e investi contra ele. O resto todos sabem”.<sup>271</sup>

O Corinthians, oficialmente, apenas lamentou o caso e afirmou que prestaria os serviços legais necessários ao atleta do clube. O diretor jurídico do São Paulo, Caetano Estelita Pernet, concluiu: “O gesto de Luisinho foi acobertado pelos dirigentes do S. C. Corinthians”.<sup>272</sup>

“A sorte de Gino foi que o silvícola, conhecido nos meios civilizados pelo nome de Luisinho, não tem dentes. Porque se os tivesse (a tribo dele é de antropófagos), teria comido, no mínimo, duas orelhas do sampaulino. Uma tijolada na testa! Como isso é corintiano! Como isso é tipicamente corintiano!”.<sup>273</sup>

Se o processo criminal movido por Gino fosse adiante, o indiciado poderia ser condenado pelo artigo 169 do Código Penal a uma pena de dois meses a um ano de prisão por agressão leve. Por isso, o Luisinho contratou dois criminalistas famosos para defendê-lo. No dia 4 de novembro, na mesma 16ª delegacia, por meio das testemunhas corintianas, se conheceu a defesa do agressor, que repetia a argumentação de ter se ofendido moralmente com as palavras de Gino durante o jogo, 48 horas antes das “vias de fato”, e era contrária a tudo o que o jogador havia declarado dias antes.<sup>271</sup>

“Luisinho não reagiu, prosseguiu Idário, mas deixou o campo, no primeiro tempo, chorando copiosamente”.<sup>274</sup> Apenas dois novos fatos foram apresentados: o primeiro, em defesa de Gino, De Sordi saltara para cima de Luisinho após o ato violento e lhe aplicara uma “gravata”, imobilizando o agressor até o momento que o corintiano Idário pediu para que o soltasse (o que permitiu a fuga do meliante); o segundo, por palavras de Gilmar, goleiro, Gino lhe teria dito para avisar a Luisinho que “dias melhores virão”, em tom de ameaça, quando ele estava partindo para o hospital.

“Na polícia, como se previa, os jogadores do S. C. Corinthians prestaram declarações inotencendo o criminoso Luiz Trujillo... Todos disseram que o ‘Luisinho’ não fez nada (coitadinho), que só procurou se defender, que foi insultado na sua honra (que blaguers!) ... Que meninos educadinhos! Que meninos de ouro! As famílias brasileiras orgulham-se de apresentar filhos tão bonzinhos e educadinhos!”.<sup>275</sup>

O promotor de justiça não se compadeceu com a defesa e ofereceu denúncia contra o atleta corintiano no dia 20 de novembro.<sup>276</sup> Contudo, o resultado do processo é, no momento, desconhecido pelo autor desse livro.

270. A Gazeta Esportiva, 23 de outubro de 1957

271. Diário da Noite, 23 de outubro de 1957

272. Diário da Noite, 24 de outubro de 1957

273. Coluna de Cagliostro para o Diário da Noite, 24 de outubro de 1957

274. Diário da Noite, 5 de novembro de 1957

Voltando à cronologia dos eventos dentro de campo... Gino acabou perdendo o jogo contra a Portuguesa no dia 27 de outubro. Perdeu a partida, mas não de maneira tão feia quanto o próprio São Paulo: 4 a 0 para a Lusa. Os resultados negativos do time chegaram a um ponto crítico. Era preciso agir.

*"Guttman não precisa ficar muito triste: dizem que a vida até que está barata em Budapest".<sup>277</sup>*

Mas se esse ponto não era o técnico, talvez fosse os jogadores. O elenco são-paulino comandado por Béla Guttmann era bom, todavia, assim como o próprio preparador. Mas sempre que era necessária uma troca, uma alteração, as coisas desandavam. Havia algo, alguma engrenagem a ser encontrada para compensar esse fato...

Vicente Feola imaginou que essa peça poderia ser Thomaz Soares da Silva, o meia Zizinho, estrela veterana do Bangu. No auge, Zizinho fora considerado o terceiro melhor jogador de futebol do Brasil em todos os tempos, somente atrás de Friedenreich e Leônidas (por sinal, ex-tricolores).

Zizinho, nascido em Niterói, Rio de Janeiro, no dia 14 de setembro de 1921, começou a carreira de meia-esquerda no Carioca SC, da cidade natal dele. Passou, depois, pelo Byron, também fluminense, onde jogou até 1939. Ainda nesse ano, alinhou-se no Flamengo ao lado de Leônidas da Silva. Conquistou pelo time rubro-negro o tricampeonato carioca de 1942 a 1944. Pela Seleção Brasileira, foi vice-campeão sul-americano 1945/46 e campeão do continente em 1949, além de vice-campeão da Copa do Mundo de 1950. Transferiu-se para o Bangu no ano de 1951, em passagem que, curiosamente, rendeu-lhe a primeira camisa são-paulina, na famosa excursão à Europa do combinado São Paulo-Bangu.

Por conta do talento que possuía, Zizinho era apelidado também de "Mestre Ziza", "Monstro", "Professor" e até "Sua Majestade" pela crônica esportiva carioca.<sup>278</sup>

A princípio, a direção são-paulina imaginou contar com o jogador por empréstimo apenas para realização do Torneio do Morumbi. No dia 3 de junho, por meio de Feola, o Tricolor oficializou a proposta dessa cessão ao presidente Fausto de Almeida, do Bangu, que, por sua vez, no dia 11, a rejeitou, alegando que não seria possível por causa de compromissos dele com o time carioca no exterior (em excursão pelo Equador e Colômbia).<sup>279</sup>

A situação envolvendo Zizinho e Bangu mudou em outubro de 1957. O time carioca tentava se desfazer de boa parte de seus jogadores, principalmente os mais valorosos e experientes. O presidente Fausto de Almeida, no dia 23 daquele mês, afirmou que ao menos seis atletas do plantel deveriam ser negociados e que Zizinho era um dos mais visados.<sup>280</sup>

E talvez fosse bom negociá-lo, mesmo. Naquele mês de outubro, justamente, o craque já havia perdido cinco partidas do Bangu por causa de uma contusão. O jogador já tinha 36 anos de idade e não ficaria mais jovem com o tempo...

Boatos de transferência do atleta começaram a surgir, desconexas. No fim do mês, Armindo Dias, dirigente da Portuguesa, teve que negar que o clube e o técnico luso, Flávio Costa, estivessem negociando com o Bangu o passe de Zizinho.<sup>281</sup>

280. *A Gazeta Esportiva*, 25 de outubro de 1957

281. *A Gazeta Esportiva*, 30 de outubro de 1957

275. *Diário da Noite*, 6 de novembro de 1957

276. *Diário da Noite*, 21 de novembro de 1957

277. *Diário da Noite*, 28 de outubro de 1957

278. *Revista Tricolor*, nº 60

279. *A Gazeta Esportiva*, 4 e 13 de junho de 1957



Essa história teria nascido em uma conversa de Flávio com Abrahim Tebet, representante do Bangu na Federação Metropolitana, em encontro na CBD.<sup>282</sup>

Os jornalistas esportivos, sabedores da possível liquidação no Bangu (e da aparente busca do time da zona oeste carioca por um clube interessado no jogador), não deixaram o assunto morrer, pois, às vezes, “jogando verde se colhe maduro”.

Em uma entrevista na redação do Jornal dos Sports, no Rio de Janeiro, aproveitando-se do interesse desmentido da Lusa por Zizinho, questionaram o presidente Fausto de Almeida sobre a possibilidade de o atleta ser vendido ao São Paulo – escolhido nessa conversa um pouco ao acaso, um pouco por recordações de tratativas antigas, que remontam à 1954.

A resposta foi, basicamente, que Zizinho era um patrimônio do Bangu e que não acreditava que, no fim, o craque deixasse o time, mas que *“nem por esse motivo deixaremos de vender o seu passe, claro, se aparecer alguma agremiação coirmã que satisfaça a todas as aspirações do craque”*.<sup>283</sup> Curiosamente, outra fonte, também presente no encontro, retratou as palavras de modo diferente, dizendo que qualquer negociação que ocorresse, seria por empréstimo, (pois o Bangu já não lutava pelo título no Rio), e nunca pelo passe.<sup>284</sup>

O dirigente afirmou ainda que, se fosse para o atleta sair por empréstimo, o destino dele provavelmente seria o São Paulo mesmo, pois o Tricolor teria *“prioridade para obter do Bangu a cessão em caráter provisório, é claro, de Zizinho, pois se trata do primeiro clube paulista que se interessou, e desde há muito tempo, pelo assunto. Prioridade é sempre prioridade”*.<sup>284</sup>

Foi o suficiente para os jornais escreverem: *“Zizinho poderá ir para o São Paulo”*.<sup>283</sup> Ora, só faltava um convite de mão beijada para que o clube do Morumbi levasse o Zizinho embora de uma vez. E não é que ele veio mesmo? Feola o recebeu!

*“Foi, portanto, com surpresa que recebeu o telegrama do presidente Fausto de Almeida, exibido ao nosso companheiro, dizendo laconicamente: ‘Possível ceder aquele craque’, o que foi perfeitamente entendido”*. Afirmou o administrador do Tricolor.<sup>285</sup>

Vicente Feola foi, então, ao Rio de Janeiro na segunda-feira dia 4 de novembro levando a proposta oficial do Tricolor: empréstimo do atleta por 60 dias (até o final do Campeonato Paulista) no valor de 200 mil cruzeiros para o clube carioca e outros 100 mil cruzeiros para o jogador, ofertado com um salário de 74 mil cruzeiros mensais.<sup>286</sup> A negociação com Fausto de Almeida se deu no hotel Novo Mundo, e houve propostas e contrapropostas variadas, pois o Bangu exigia 500 mil cruzeiros.

Na sede da CBD, a conversa envolveu também o craque. *“Vejo com simpatia minha transferência para o Tricolor Paulista, que considero um grande clube. Estou satisfeito com a proposta que me foi feita e deixo inteiramente a critério do São Paulo, o que se refere a parte financeira. No Bangu, recebo 32 mil cruzeiros”*.<sup>287</sup>

No dia seguinte, por volta das 12h30, Zizinho deixou as negociações e, junto aos demais atletas banguenses, tomou um ônibus com destino ao Aeroporto do Galeão.<sup>288</sup> No dia 7 de novembro, quinta-feira, o Bangu representaria a Seleção Carioca em um amistoso na cidade de Buenos Aires contra um selecionado argentino.

(A Asociación de Fútbol de Argentina – AFA – não reconheça essa partida como sendo da seleção oficial da federação).

Feola ainda teve tempo de visitar a Fábrica Bangu e conversar com o patrono do time local, Manuel Guilherme da Silveira Filho, ex-ministro da Fazenda e também sócio do São Paulo, considerada a figura que influenciou a decisão de Fausto de Almeida em dar preferência ao Tricolor Paulista no trato com Zizinho.<sup>288</sup>

*“O conhecido industrial redigiu pequeno bilhete e pediu a Feola que fosse ao Galeão tentar resolver o assunto com o presidente do clube que embarcaria também para a Argentina... Ali o emissário sampaulino conversou longamente com Fausto de Almeida até a hora da saída do avião”*.<sup>288</sup>

Às 16 horas, Feola retornou para São Paulo levando consigo um acordo – aceito, mas ainda não assinado, pois ele não teria autoridade para tal: o Tricolor arcaria com 400 mil ao Bangu. Contudo, o ordenado do atleta permaneceria, no período compreendido, sob responsabilidade do time que detinha o passe de Zizinho.<sup>289</sup>

Em Buenos Aires, Zizinho realizou a última partida pelo clube de Bangu (2 a 2 contra o combinado argentino, com um gol dele) e pegou uma aeronave Lufthansa diretamente para São Paulo. A ideia do Tricolor era contar com o atleta já para o Choque-Rei do dia 10 de novembro, domingo.

*“Zizinho jogará mesmo que não treine... Manoel Raymundo Paes de Almeida e Vicente Feola comunicaram a Béla Guttmann a impossibilidade da presença de Zizinho esta manhã para o exercício que fora combinado. Sugeriram um rápido treino na manhã de sábado, antes do individual que marcará o ponto final dos tricolores no seu treinamento antes do prélio contra o Palmeiras. Guttmann objetou, ponderou e acabou dizendo que Zizinho, com a alta classe que possui, com três minutos de jogo já estaria à vontade na equipe, podendo, por isso mesmo, jogar sem que treine”*.<sup>290</sup>

Às 13 horas e cinco minutos do dia 8 de novembro, a delegação banguense desembarcou no Aeroporto de Congonhas, onde foi recebida pelo frio, pela garoa e por toda uma comitiva são-paulina, encabeçada pelo presidente Cícero Pompeu de Toledo. De presidente para presidente, em trinta minutos tudo foi definitivamente acertado, ali no saguão do aeroporto mesmo. 200 mil cruzeiros pelo empréstimo, salário dividido entre os clubes (o Tricolor pagaria CR\$ 18 mil) e uma partida a ser realizada em São Paulo com os dois times e renda mínima de 150 mil cruzeiros destinada aos cariocas. (por falta de datas, de um ou de outro, o jogo não foi realizado e o Tricolor pagou a cota mínima prometida, em cheque, no dia 29 de janeiro de 1958).<sup>291</sup> O Bangu, então, seguiu viagem para o Rio, e Zizinho ficou.

*“Pouco depois das 14 horas, Zizinho já estava na sede central do São Paulo F. C., onde firmou contrato com o Tricolor Bandeirante pelo prazo de três meses”*.<sup>291</sup> Com tudo acertado, o craque foi levado à concentração são-paulina, nos aposentos do Pacaembu.

*“Sinto-me satisfeito por poder jogar em São Paulo. Aqui a temperatura favorece bastante os jogadores que passaram dos trinta. Estou com 36 e me canso muito quando de uma partida mais árdua no Rio de Janeiro... Corrirei, se preciso, os 90 minutos”*.<sup>292</sup>

282. A Gazeta Esportiva, 6 de novembro de 1957  
283. A Gazeta Esportiva, 1º de novembro de 1957  
284. Folha de S. Paulo, 1º de novembro de 1957  
285. A Gazeta Esportiva, 8 de novembro de 1957  
286. A Gazeta Esportiva, 6 de novembro de 1957

287. O Esporte, 5 de novembro de 1957  
288. A Gazeta Esportiva, 6 de novembro de 1957  
289. Última Hora & O Esporte, 6 de novembro de 1957  
290. A Gazeta Esportiva, 8 de novembro de 1957  
291. Diário de S. Paulo, 9 de novembro de 1957

292. Diário da Noite, 9 de novembro de 1957



A pretensão de jogar mesmo sem prévio treinamento foi levado a cabo. Zizinho ganhou a camisa 10<sup>293</sup>, de meia esquerda, antes ocupada majoritariamente por Celso, ou, por vezes, Ney Blanco. E foi para o jogo.

O Palmeiras também teria novidade para o prélio: o clube de Perdizes havia acabado de recontratar o ponta-esquerda Rodrigues. Com duas estreias de destaque, imaginava-se que tornar-se-ia “pequeno o Pacaembu para o público no ‘Choque-Rei’”.<sup>294</sup> Contudo, o Municipal não lotou e o público foi apenas regular, de 21.180 pagantes, fornecendo uma renda de Cr\$ 828.485,00 (menos que o Majestoso do Torneio do Morumbi). Isto muito provavelmente por causa da ridícula campanha do time alviverde até ali, na fase final: nenhuma vitória em seis jogos – três empates e três derrotas.

Quanto ao jogo, propriamente dito, o Tricolor começou arrasador. Com pouco mais de um minuto de bola rolada, o São Paulo encontrou o gol, com Amaury, em chute rasteiro dentro da grande área, após assistência de Canhoto. O São Paulo seguiu com o domínio de jogo durante boa parte do primeiro tempo. Aos poucos, porém, o Palmeiras foi se reorganizando em campo para preencher os espaços que o sistema defensivo dele havia dado a Zizinho, até ali. Então, aos 39 minutos, Nilo empatou a partida e este foi o placar do primeiro tempo: 1 a 1.

*“Zizinho joga! Calmo, lento, ‘intelectual’, conhece a bola que quase o procura. Não se afoba, não se ‘zanga’, não se altera. Joga com absoluta serenidade. Os seus ‘passes’ são como linhas matemáticas, medidas pela régua e pelo compasso. São calculados, são preparados com a cabeça, visando um ponto, o mais estratégico e o mais favorável para os seus companheiros”.*<sup>295</sup>

No segundo tempo, o Tricolor teve um desempenho melhor: seguro na defesa e produzindo ofensivas cada vez mais perigosas. Aos 18 minutos, Dino lançou Gino, fora da área. Este, dominou a bola no peito, enquanto era acossado por Fiúme, e virou o jogo para Canhoto, que, apenas com um toque no couro, passou para Amaury, em profundidade, para ficar cara a cara com o goleiro Edgar e tocar para as redes. 2 a 1 para o Tricolor.

Imperando no jogo, o São Paulo chegou ao terceiro gol aos 36 minutos de maneira até pouco condizente com essa pressão: De Sordi cobrou uma falta do meio de campo em direção à área. Nela, Gino saltou mais que Fiúme e, de cabeça, mandou ao canto do goleiro, que ficou olhando e apenas tardiamente pulou em direção da pelota, sem que nada mais pudesse fazer.

Quatro minutos depois, na única participação direta de Zizinho, o Tricolor transformou o placar em goleada. O camisa 10 alçou a bola para Amaury quase na linha de fundo. O meia-direita, na velocidade, cruzou a bola para área e encontrou, mais uma vez Gino Orlando levando a melhor sobre o marcador (dessa vez, Mucio). De cabeça, mais um tento para os são-paulinos.

Pouco antes do fim da partida, o adversário alviverde descontou o resultado por meio de um pênalti cometido por Dino e executado por Rodrigues. São Paulo 4 x 2 Palmeiras.

*“Zizinho confirmou no campo suas nunca negadas qualidades. Melhor ambientado renderá ainda mais. Um primeiro tempo de estudos e uma segunda fase perfeita. Velho, hein?”.*<sup>296</sup>

293. *O Esporte*, 9 de novembro de 1957

294. *A Gazeta Esportiva*, 8 de novembro de 1957

295. *A Gazeta Esportiva*, 13 de novembro de 1957

296. *A Gazeta Esportiva*, 12 de novembro de 1957

Foto: Zizinho no Pacaembu



A primeira atuação do Mestre Ziza com a camisa são-paulina foi tão marcante que o comediante Ronald Golias, que interpretava um figurante tricolor no programa Miss Campeonato, da TV Paulista (Canal 5), fez um quadro em que ele sobrevivia a um afogamento agarrando-se a um salva-vidas chamado Zizinho.<sup>297</sup>

O Tricolor, que havia começado aquela rodada na quarta posição da classificação, com oito pontos e atrás de Corinthians (13), da Portuguesa (11) e do Santos (10), seguiu no mesmo posto com o resultado no Pacaembu, mas a favor do clube estava o fato de que, após os jogos daquele dia 10 de novembro (em que o Santos também vencera, chegando a 12 pontos), o time ainda tinha uma partida a mais por realizar até o fim do campeonato, em comparação com os concorrentes.

Os torcedores são-paulinos ainda não sabiam, mas com Zizinho em campo o Tricolor não marcaria menos de quatro gols por partida nas primeiro cinco dele. Na verdade, com o Mestre Ziza, o time não voltou a perder no campeonato – foram 12 jogos invicto. O ataque, formado por Maurinho, Amaury, Gino Orlando, Zizinho e Canhoto tornou-se opressor e, aliado ao já forte sistema defensivo de Poy, De Sordi, Mauro e Dino Sani (todos selecionáveis), tornou o Tricolor sério candidato ao título.

Cumprindo a partida atrasada que tinha por fazer, o São Paulo enfrentou o XV de Piracicaba no Pacaembu na tarde do dia 13 de novembro. Nesse jogo, Zizinho marcou o primeiro gol dele com a camisa são-paulina. Foi de pênalti e o Tricolor goleou por 7 a 1! Maurinho e Dino marcaram duas vezes e Gino e Maury completaram a contagem. O resultado deixou o São Paulo a apenas um ponto de distância do líder Corinthians (13 pontos a 12).

Então, no dia 17 de novembro, quem caiu fragorosamente frente aos são-paulinos foi o campeão de 1956 e na casa deles! Santos 2 x 6 São Paulo, na Vila Belmiro!

*“17 gols em 3 jogos do novo ‘Rolo Compressor’: nem o Santos foi respeitado pelo ‘São Paulo de Zizinho’.”*<sup>298</sup>

Foi a melhor atuação do time são-paulino nos últimos tempos, que valeu o prêmio de cinco mil cruzeiros de bicho liberado por Laudo Natel.<sup>299</sup> *“O ‘Tricolor de Zizinho’ deu um ‘show’ na Vila Belmiro, desesperando de vez os santistas que ainda sonham com o tri”.*<sup>298</sup>

O craque da camisa 10 mais uma vez deixou o dele, novamente de pênalti. Consta que a atuação de gala do “mestre” conquistou a torcida santista, que se rendeu ao talento de Ziza, carregando-o nas costas após o jogo.<sup>300</sup> Canhoto e Amaury também foram bons destaques no jogo, marcando dois gols cada um. Maurinho também fez o dele.

Enquanto isso, em São Paulo, o Corinthians venceu o Palmeiras, que não servia para nada naquele campeonato, por 1 a 0, mantendo-se à frente da tabela de classificação por mais uma rodada. Já o Santos, massacrado, ficou a dois pontos do Tricolor (14 a 12).

No Pacaembu, na noite de 20 de novembro, foi a vez da Ponte Preta ser implodida pelo mesmo placar do jogo anterior, 6 a 2 (!), graças, principalmente, aos quatro gols anotados por Gino Orlando, certamente já muito bem da cabeça.

Amaury também balançou as redes e Zizinho marcou o primeiro dele com a bola rolando, e não foi um gol qualquer: o craque começara a jogada servindo a Gino, mais à lateral. O centroavante levantou a bola para a área onde encontrou, quem diria, o senhor de 36 anos que, na corrida, penetrou pelo meio da zaga adversária, acertando a bola em cheio com um “sem pulo” espetacular, no canto do goleiro, sem defesa.<sup>301</sup>

Mas, para o campeonato, nada se alterara. A caçada do São Paulo ao Corinthians continuava, pois o time do Parque São Jorge venceu, no dia seguinte, a Portuguesa Santista por 5 a 1.

O Tricolor seguiu irresistível mesmo no acanhado estádio Roberto Gomes Pedrosa, o “RGP” de Piracicaba. No dia 24 de novembro, o São Paulo venceu mais uma vez o XV de Novembro por 5 a 3, apesar de ter sofrido em certo momento do jogo o empate por 3 a 3, com dois de Gino, e outros de Canhoto, Amaury e, claro, Zizinho – que anotou outro golaço: este, da entrada da área, depois de tirar para bailar dois de seus marcadores (Drace e Paulo Farah).<sup>302</sup>

Pena que, na capital, o Corinthians repetiu a goleada da rodada anterior, dessa vez contra a Ponte Preta. Ok! Restavam ainda sete jogos, quase o turno inteiro por se disputar.

Os são-paulinos voltaram, então, à Vila Belmiro para enfrentar o Jabaquara no dia 30 de novembro. Faltou um pouco de gás, após tantas goleadas em sequência, e o time venceu apenas por 2 a 1, gols de Rubine e Gino, após sofrer o gol do time local perto do final da partida.

A vitória só não foi ainda mais positiva para os tricolores, visto ao empate do Corinthians contra o Botafogo em Ribeirão Preto, na mesma data, pois os rivais alvinegros haviam antecipado, dias antes, um jogo em que venceram, mais uma vez, o Palmeiras, que apenas fazia número no torneio. Assim, Corinthians seguia dois pontos à frente, mas agora com um jogo a menos por realizar também.

Só que a turma comandada por Béla Guttmann desperdiçou essa oportunidade de dividir o posto de líder do campeonato ao empatar por 2 a 2 com o Santos no Pacaembu no dia 3 de dezembro. O Tricolor, que havia saído atrás no marcador, empatou com Amaury e até virou o jogo, com Zizinho, em um gol nascido de jogada ensaiada de cobrança de falta. O tento gerou muita reclamação adversária junto ao árbitro, que chegou a paralisar a partida.

De toda maneira, faltando dez minutos para o fim, os santistas empataram o jogo, de pênalti (que Poy quase defendera). O lamentável foi reservado para o fim. Nos acréscimos, os locais furaram a defesa são-paulina com um chute de Pelé, que Poy espalmou e Pepe completou para as redes. O árbitro austríaco Johann Pribill chegou a validá-lo, mas o assistente com a bandeira anulou o lance, acusando toque de mão do último santista.

Foi a deixa para um arranca-rabo que, no fim, não deu em nada (apesar do Santos ter recorrido ao TJD e até mesmo ter produzido um filme com os supostos erros da arbitragem, exibindo-o em um teatro.<sup>303</sup> Restou a reclamação do presidente alvinegro Athié Jorge Cury:

*“O Santos está na iminência de abandonar o Campeonato!”*<sup>304</sup>

Ainda bem que não abandonou... Ele ainda desempenharia um papel importante no torneio.

297. Revista Tricolor, nº 59

298. Diário da Noite, 18 de novembro de 1957

299. A Gazeta Esportiva, 10 de novembro de 1957

300. A Gazeta Esportiva, 19 de novembro de 1957

301. A Gazeta Esportiva, 21 de novembro de 1957

302. A Gazeta Esportiva, 26 de novembro de 1957

303. A Gazeta Esportiva, 7 de dezembro de 1957

304. A Gazeta Esportiva, 4 de dezembro de 1957

Contudo, para piorar o cenário na rodada seguinte, o Pantera da Mogiana, que já havia arrancado um ponto do Corinthians em Ribeirão, resolveu arrancar outro inesperadamente, agora do São Paulo, que o visitou na Vila Tibério, no dia 7 de dezembro. O placar final foi o mesmo do inicial e isso graças à atuação do arqueiro Poy. O empate por zero deixou o rival paulistano novamente dois pontos à frente do Tricolor (24 a 22), pois vencera a Portuguesa, por 1 a 0. E o Santos vinha logo atrás, distante um ponto (21).

*“Avançou o Corinthians mais um passo para o título”.*<sup>305</sup>

No dia 15 de dezembro, os três contendores ao título jogaram fora de casa. O Santos foi ao Pacaembu e passou por cima da Portuguesa, 6 a 0. O Corinthians foi à Piracicaba e bateu o XV local por 5 a 2. Já o São Paulo... sofreu, mas venceu a Portuguesa Santista, no litoral, por 3 a 2, com gols de Maurinho, Gino e Jorge, contra.

*“Manteve o São Paulo a vice-liderança a duras penas: jogou com dez homens (Dino contundido) largo período o Tricolor”.*<sup>306</sup>

Tudo na mesma. E, à aquela altura, faltavam apenas três jogos para o fim do campeonato. O São Paulo precisava tirar uma vantagem de dois pontos, com apenas seis a se disputar! Poderia parecer difícil (e, bem, era), mas a tabela dos três que brigavam pelo título era animadora para os tricolores.

O time do Morumbi ainda encararia a Portuguesa, recém-humilhada pelo Santos; o Palmeiras, que só não queria terminar em último lugar da fase final do Paulistão, de tão fraco que era; e o Corinthians, na última rodada – e confronto direto nessa situação poderia ser todo o diferencial que precisavam.

Por sua vez, apesar do Corinthians ter um jogo em São Paulo contra o pequeno Jabaquara, ele também teria que se bater com o Santos, em Santos, além da rodada final já citada.

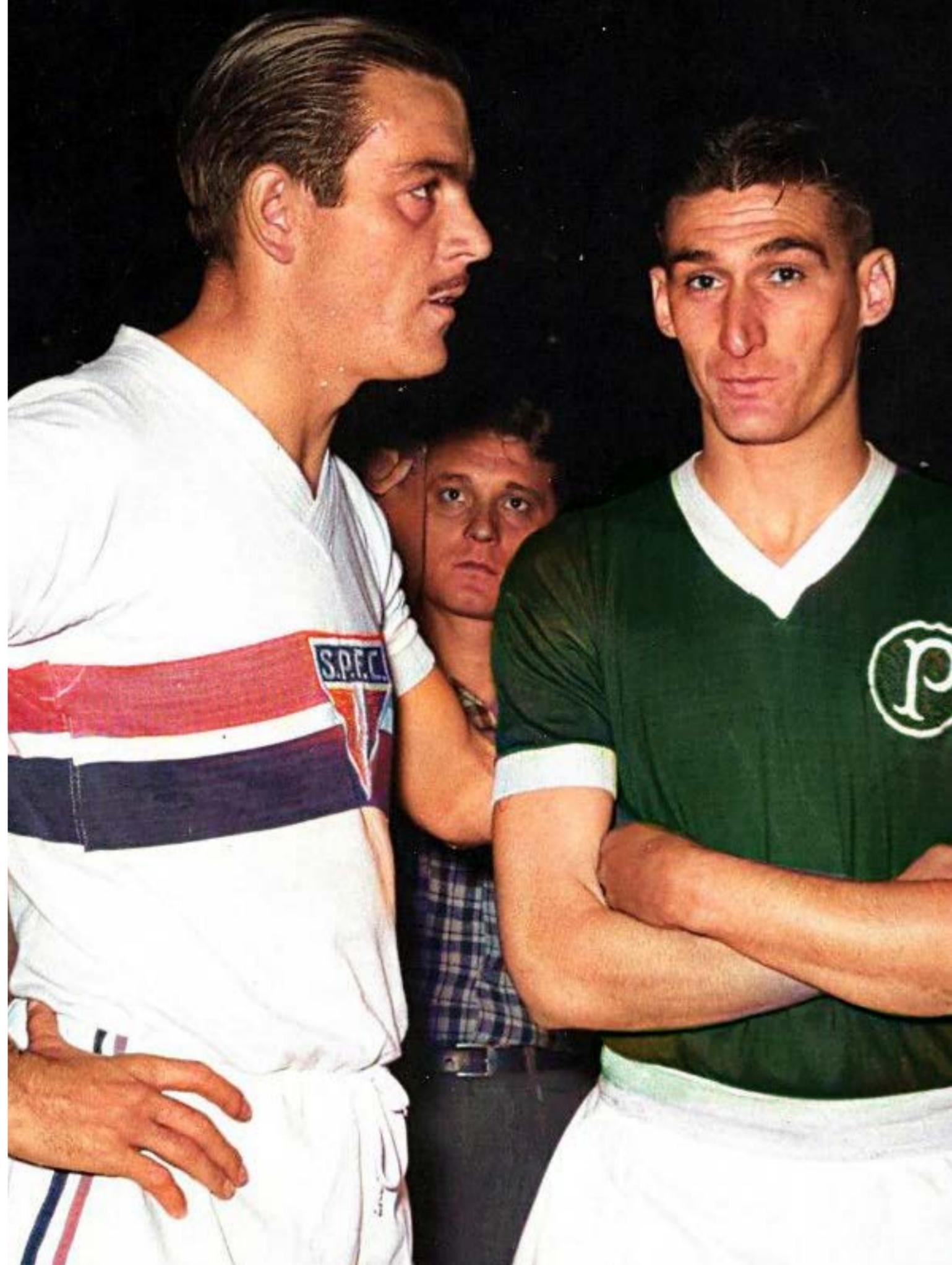
A tabela do Santos era similar a são-paulina: jogaria com o Botafogo, em casa, depois teria o clássico contra os corinthianos e terminaria a disputa enfrentando o combalido Palmeiras no litoral. Era uma boa tabela, mas os santistas estavam em maior desvantagem de pontos em relação à turma do Majestoso (três pontos atrás de um, um ponto atrás do outro).

No fim, foi essa disputa tríplice que propiciou o bom andamento de tudo o que se sucederia.

Como era de se esperar, todos os três venceram seus primeiros confrontos, realizados nos dias 18 (Santos 2 x 1 Botafogo, Corinthians 1 x 0 Jabaquara) e 19 de dezembro (São Paulo 3 x 1 Portuguesa). O Tricolor foi o único que não sofreu tanto com a gravidade desses jogos, muito graças ao primeiro gol são-paulino, de Zizinho, marcado de pênalti com menos de um minuto de jogo corrido – Amaury e Maurinho completaram o placar.

As partidas que decidiriam o campeão de 1957 seriam mesmo os clássicos envolvendo os quatro maiores clubes paulistas. Três deles com chances de título e o Palmeiras só podendo atrapalhar a vida de dois deles. Mas, do Tricolor, ao menos, não atrapalhou.

305. A Gazeta Esportiva, 9 de dezembro de 1957  
306. A Gazeta Esportiva, 16 de dezembro de 1957  
Foto: Gino Orlando e Julinho Botelho





No dia 22 de dezembro, o São Paulo venceu o Choque-Rei por 1 a 0, com um gol de Maurinho marcado aos 39 minutos do primeiro tempo. *“Venceu (mal) o São Paulo, como poderia ter perdido: contra uma organização improvisada do Palmeiras, o Tricolor chegou a dar por paus e por pedras, mantendo a custo o 1 a 0 no primeiro tempo”*.<sup>306</sup> Isto, com um jogador a mais em campo desde os 24 minutos do segundo tempo, por causa da justa expulsão de Valdemar (posteriormente punido pelo TJD com uma suspensão por dez dias).

Concomitantemente à vitória tricolor, o Santos venceu o Corinthians pelo mesmo placar na Vila Belmiro e pôs fim à série invicta de 35 partidas do adversário. Era tudo o que o Tricolor precisava! Após 17 rodadas da fase final, enfim o São Paulo alcançara o Corinthians na ponta da tabela!

Com 28 pontos, porém, os dois times estavam a apenas um ponto de vantagem sobre o Santos. Desta maneira, na última rodada, caso ocorresse um empate no Majestoso e uma vitória santista contra o Palmeira, o campeonato não acabaria ali. Seria disputado, ainda, um “Supercampeonato”, envolvendo os três times que terminariam empatados na liderança do certame.

Para dar um sabor a mais à disputa, a Federação Paulista marcou o jogo da cidade de Santos para o dia 28 de dezembro, um dia antes do confronto paulistano. E, embalado, o alvinegro local confirmou o favoritismo e venceu o Palmeiras por 1 a 0. Então, passou a ser mero espectador do que viria a seguir.

O resultado no litoral não significou pressão maior para ninguém. Afinal, mesmo que o Palmeiras vencesse a peleja abaixo da Serra do Mar, um empate entre São Paulo e Corinthians levaria a um jogo-extra entre os dois times. E, apesar de tudo, eles só dependiam das próprias forças para levar o troféu do Paulistão para as respectivas sedes.

Como seria o encontro entre eles, em um Pacaembu lotado, na última rodada do Campeonato, valendo título e agravado pelo o histórico recente do primeiro turno, em que a rivalidade foi parar até nas páginas policiais?

Como toda essa carga extra de ânimos acirrados posta em campo na partida decisiva, a Federação Paulista ousou e resolveu investir na melhor arbitragem que poderia adquirir. Pagou a quantia mais alta da história do futebol sul-americano, até então, pelo trio Alberto da Gama Malcher, Cross e Lynch – estes últimos, britânicos, que apitavam na Argentina. O juiz da partida (Malcher) só foi escolhido momentos antes de começar a peleja, através de sorteio (os outros dois, assumiram as bandeirinhas do jogo).

No aspecto técnico, o Tricolor talvez estivesse um pouco atrás do oponente na “hora H”, pois o importantíssimo Dino Sani se contundira e, para piorar, o suplente dele, Ademar, também havia se machucado. Restava, apenas Sarará, que não jogara uma partida sequer no certame até ali, para substituí-lo. Detalhe: Sarará estava afastado do elenco por desentendimentos com Béla Guttmann e teve que ser reincorporado nos últimos momentos...

Com a bola rolando, não deu nem cinco minutos de jogo e o primeiro “arranca-rabo” veio para pôr à prova o trio de arbitragem do jogo: Gino e Luisinho deixaram os seus recados um na perna do outro, em uma dividida. O primeiro tempo foi isso: mais nervosismo que qualquer outra coisa.

306. *A Gazeta Esportiva, 23 de dezembro de 1957*  
Foto: Maurinho



De toda forma, talvez por haver menos pressão sobre os são-paulinos, levemente azarões (afinal, não foram eles que lideraram o campeonato praticamente todo e de maneira invicta até poucos dias antes), o Tricolor tomou conta do jogo no segundo tempo e, assim, aos 17 minutos, forçou a queda do primeiro zero do placar: 1 a 0 com Amaury, que recebeu passe de Gino, avançou pela ponta esquerda e bateu sem chances para o goleiro adversário, encobrimo-o. Uma maestria!

Desnortado e com pouco tempo para reagir, o Corinthians tentou ir ao ataque com tudo e pôr fim à desvantagem. Aberto foi pego no contra-ataque um minuto depois do primeiro tento são-paulino. Amaury lançou Canhoteiro, que, sozinho na ponta esquerda, se desvencilhou do marcador, deixando-o sentado no chão, e chutou no canto direito do arqueiro corinthiano, que pensava vir dali um cruzamento: 2 a 0!

Contudo, a pressão do rival se manteve e, aos 21 minutos, Rafael rompeu o cerco tricolor: 2 a 1. O cenário do jogo não se alterou, todavia, com a defesa são-paulina se sustentando firmemente, sem que aqueles, em desvantagem, tivessem qualquer chance real de ameaçar o São Paulo. O Tricolor se defendia, ora com classe, ora como podia, por vezes dando balões para o alto mesmo, pois era jogo de campeonato.

Em um desses bicos para cima, aos 34 minutos, Zizinho recebeu e dominou a pelota caída dos céus, passou para Gino, que de primeira repassou para Maurinho, mais ao fundo. Muitos ali, depois, reclamaram impedimento, mas o bandeirinha Lynch nada marcou (e toda a imprensa assim aprovou) e a jogada seguiu. O ponta-direita são-paulino ganhou na corrida de Olavo e chegou cara a cara com o goleiro Gilmar.

A lenda dizia que Maurinho parou e visou ao guarda-meta rival. O atacante do Tricolor teria, então, indagado ao oponente em que canto gostaria que chutasse a bola. Isso mesmo: *“Em que canto você quer?”*.

Como não houve resposta, Maurinho o deixou no chão após driblá-lo. Gol do São Paulo! O terceiro do jogo, o que liquidava a partida. Na comemoração, Maurinho deu um tapinha no queixo de Gilmar, apontou e proferiu: *“Pega lá”*. Foi a deixa para a maior confusão já vista no Pacaembu até os tristes eventos que ocorreriam na Supercopa São Paulo de Juniores, de 1995.

Os corinthianos paralisaram a partida por cinco ou seis minutos, reclamando da decisão do árbitro. O zagueiro Olavo chegou a agredir fisicamente o bandeirinha Lynch, mas nem expulso foi. Depois do ataque, os torcedores do Parque São Jorge começaram a atirar paus, pedras e, principalmente, garrafas em direção ao assistente britânico – sério, uma chuva de garrafas! –, o que forçou o árbitro Malcher a solicitar a troca dos auxiliares para que a partida tivesse reinício.

Houve, ainda, necessidade de intervenção policial para acalmar os ânimos dos torcedores que invadiram o campo e que digladiavam entre si nas gerais do Pacaembu.

*“Arakan, Baranbakan!... Zumbere! Zumbere!”*.<sup>307</sup>

Sem muito tempo para que acontecesse algo mais durante o jogo, logo o São Paulo sagrou-se Campeão Paulista de 1957!

307. *A Gazeta Esportiva*, 30 de dezembro de 1957  
Foto: o gol de Maurinho contra o Corinthians





Serrone (ropueiro), De Sordi, Poy, Sarará, Riberto, Victor, Mauro e Béla Guttmán;  
Maurinho, Amaury, Gino Orlando, Zizinho e Canhoteiro

Nos vestiários, os são-paulinos explodiam em vivas, hurras, abraços e alegria. Muitos torcedores se juntaram aos sócios e dirigentes são-paulinos, que rapidamente tomaram também o espaço destinado aos jogadores na concentração do Pacaembu, no pavimento superior. Presentes estavam até mesmo dirigentes do Bangu, que vieram prestigiar o “velho” Zizinho na conquista de mais um grande título.<sup>308</sup>

Manoel Raymundo Paes de Almeida, parecendo tão exausto quanto os atletas que acabaram de correr por 90 minutos, chorava de emoção e dizia: *“Essa grande conquista, nós do São Paulo a dedicamos a todos aqueles que sentem o seu coração vibrar com as nossas cores”*.<sup>308</sup>

O dirigente foi além e fez justa homenagem ao pessoal dos bastidores, quase nunca reconhecido: *“faço questão de realçar o trabalho intensíssimo de meus companheiros de diretoria que sempre me apoiaram; de Vicente Feola, um grande companheiro; de Béla Guttmann, técnico competentíssimo; de Oto Vieira; dos médicos do clube; dos massagistas; do mordomo Serrone e notadamente dos jogadores, de todos os que jogaram e mesmo dos que não jogaram. Foi uma vitória de equipe, como sempre acontece com todas as conquistas sampaulinas”*.<sup>308</sup>

Cícero Pompeu de Toledo, o grande chefe são-paulino, também não se conteve: *“Estou emocionadíssimo. Que grande conquista! Mas, merecemos o resultado. Jogamos mais e melhor”*.<sup>308</sup> Os atletas, depois de mais descansados, também se fizeram ouvir. O capitão Mauro fez questão de ressaltar que na campanha da fase final do torneio, o São Paulo só perdeu uma única vez.

E Amaury, enquanto lhe davam um banho de guaraná, confessou que a emoção de marcar um gol em decisão do campeonato quase fez o atleta perder os sentidos:

*“Quando marquei aquele gol, senti que o mundo vinha abaixo! Quando, porém, Canhoteiro marcou pela segunda vez, confesso que não sentia mais as pernas. Mal posso acreditar que seja campeão paulista, quando, há tão pouco tempo, vivia modestamente lá em Barretos. Bendito o dia em que ingressei no São Paulo!”*.<sup>308</sup>

O craque Maurinho, quando questionado pelos repórteres de televisão sobre o lance capital da partida, afirmou que o goleiro Gilmar dizia para o companheiro Oreco o seguinte: *“Oreco, dentro da área não, pois seria pênalti, mas fora da área pode dar pra quebrar as duas pernas deles, que cobrança de falta eu garanto”*.<sup>308</sup> A resposta que o ponta-direita do Tricolor encontrou para essas palavras foi a bola do título dentro das redes adversárias.

Já Zizinho sentia-se feliz *“como nos tempos de menino”*, complementando: *“Esse campeonato tem para mim o mesmo sabor do primeiro título obtido no Rio”*.<sup>308</sup> O Mestre Ziza, ainda que tenha custado 350 mil cruzeiros por apenas dois meses de futebol, mas que dois meses inesquecíveis foram aqueles! Nessa campanha, Zizinho fez lembrar o Tricolor de outros grandes veteranos que eram a síntese do que era o futebol verdadeiramente bem jogado: Friedenreich, Leônidas e Sastre.

*“É mesmo uma delícia para os olhos ver-se Zizinho em ação. Ele encarna, antes de mais nada, o verdadeiro futebol brasileiro, o futebol-espetáculo tão do nosso agrado, o futebol-intuição, tão próprio do nosso temperamento. Zizinho é craque que vale dois ingressos”*.<sup>309</sup>

308. A Gazeta Esportiva, 30 de dezembro de 1957  
309. Revista Tricolor, nº 60

Por fim, para o Corinthians, que até duas rodadas antes estava invicto, não sobrou nem o vice-campeonato, obtido pelo Santos. O técnico Brandão foi demitido e o maior artilheiro da história dos rivais, Cláudio, se aposentou. Trindade, presidente do time terceiro colocado, também não se reelegeu. Uma pequena crise plantada pelo Tricolor...

E, ah! O Palmeiras ficou em penúltimo lugar na classificação final, mesmo.

Justa vitória. Inesquecível título.



## O JOGO DO TÍTULO

29.12.1957. Campeonato Paulista  
São Paulo (SP). Estádio Municipal de São Paulo - Pacaembu  
SÃO PAULO Futebol Clube 3 X 1 Sport Club Corinthians Paulista

SPFC: José Poy; De Sordi e Mauro; Sarará, Victor e Riberto; Maurinho, Amaury, Gino Orlando, Zizinho e Canhoteiro. Técnico: Béla Guttmann.

Gols: Amaury, 17'/2; Canhoteiro, 19'/2; Maurinho, 34'/2.

SCCP: Gilmar; Olavo e Oreco; Idário, Valmir e Benedito; Cláudio, Luizinho, Índio, Rafael e Zague.

Gol: Rafael, 21'/2.

Árbitro: Alberto da Gama Malcher  
Renda: Cr\$ 2.409.040,00  
Público: 39.670 pagantes

Foto: Gino, Zizinho e Dino comemoram o título





## O GIGANTE QUE SURGE NO HORIZONTE

Entre 1956 e 1957 começou, verdadeiramente, a construção do maior estádio particular do mundo. As obras, cada vez mais volumosas e aparentes, não paravam. Da mesma maneira, os custos aumentavam. Os esforços financeiros do Clube passaram a ser destinados, em grande parte, à fase mais difícil da construção do Estádio. Em pouco mais de um ano, o São Paulo desembolsou quase 100 milhões de cruzeiros – nos quatro anos anteriores gastou pouco mais da metade disso.

As instalações hidráulicas e elétricas (a cargo da Sociedade Comercial e Instalador Scil Ltda., pelo valor de Cr\$ 1.255.104,60) foram finalizadas em setembro de 1956. Já as obras que foram motivo de dois aditamentos de contratos – e de decorrentes atrasos – foram concluídas em fevereiro de 1957: os seis vãos de gigantes, erguidos em seus três níveis, e outros 19 vãos ao redor dos seis primeiros, elevados até as cativas.

Ainda faltava muito. A alternativa encontrada pela Comissão Pró-Estádio foi a única possível: vender mais cadeiras cativas. Vale esclarecer, resumidamente, todo o processo de venda da maior fonte de receitas da construção do Estádio:

Na primeira fase, aberta em 1952, com o gerenciamento da Cooperária, os setores de cativas à venda eram os de número 6, 8 e 10, localizadas entre os vãos de gigantes 49 e 60 (ao lado da atual Avenida Giovanni Gronchi), compostas de três mil unidades. Com a reforma do programa, em 1954, a criação do Sócio Olímpico e do projeto de publicidade de Oswaldo Molles e da Rádio Bandeirantes, o Tricolor colocou à venda, também, parte de mais dois setores destinados às cativas, os de número 4 e 12, elevando a cinco mil os itens destinados à negociação.

A campanha foi um estrondoso sucesso e o clube se viu, então, em condições – e necessidade – de abrir esse novo pacote de cativas em 24 de outubro de 1956,<sup>310</sup> que seria composto de 300 cadeiras restantes dos setores número 4 e número 12, além das cadeiras descobertas à frente dos setores de número 6, 8 e 10, com cerca de mil unidades.<sup>311</sup>

Ao mesmo tempo, o Tricolor adotou uma prática mais intimista de convencimento dos potenciais compradores de cativas: pôs os ídolos para venderem as peças diretamente aos torcedores. Bom, “pôs” é modo de dizer, pois os jogadores foram voluntários nessa campanha, por causa do exemplo de Poy, que desde 1954 já fazia o mesmo.

*“Espontaneamente, alguns profissionais do São Paulo F. C. procuraram os membros da Comissão Pró-Estádio solicitando autorização do clube para, a exemplo de outros corretores, venderem, também, aos seus amigos e adeptos, as cadeiras cativas ainda existentes, do novo lote. Os jogadores interessados foram atendidos pelos dirigentes do Tricolor Bandeirante e já estão em plena atividade, desde o dia de ontem. Os profissionais que iniciaram a venda de Cativas foram os seguintes: Poy, que já obtivera êxito na campanha anterior, Maurinho, Canhoteiro e Dino”.*<sup>312</sup>

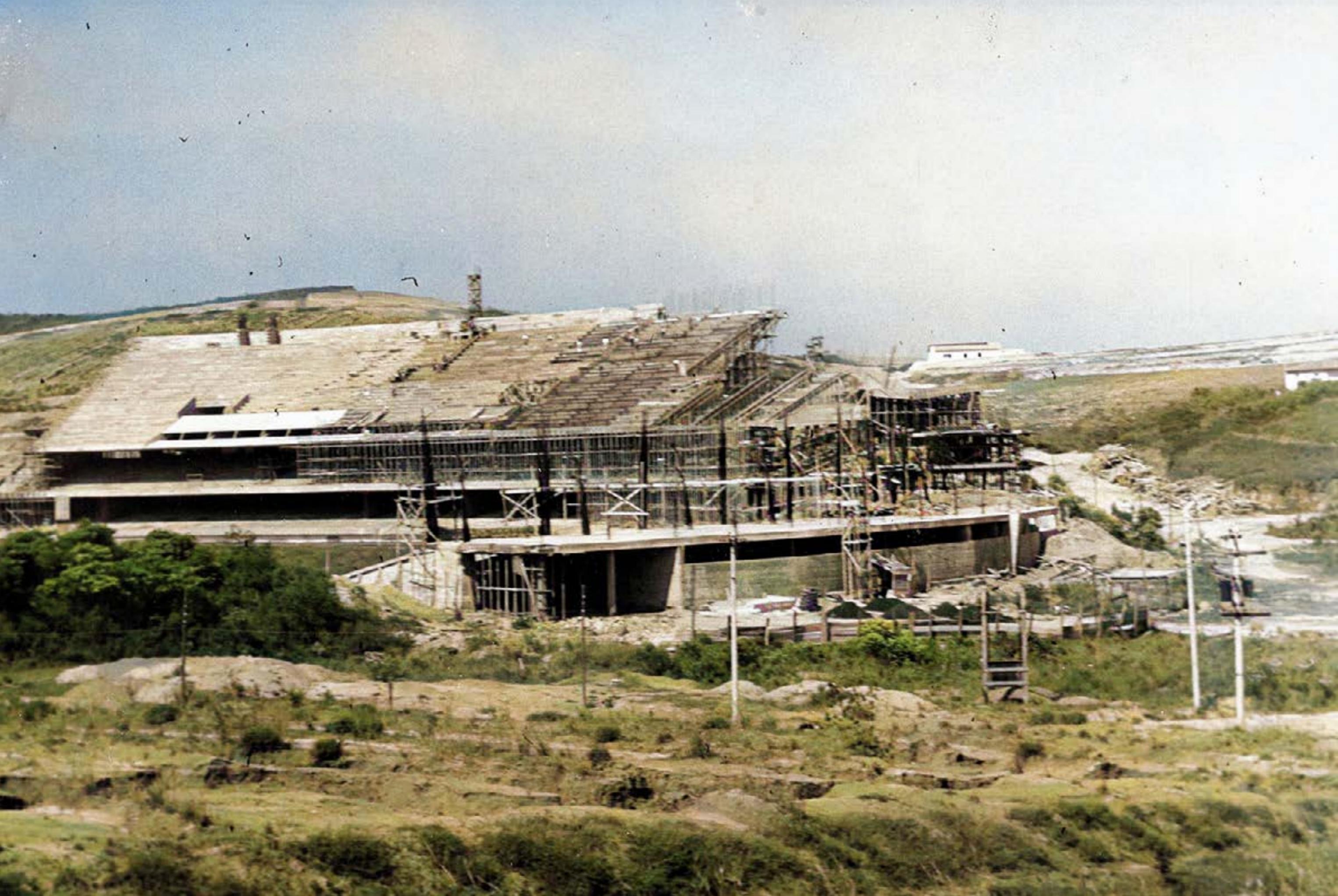
310. A Gazeta Esportiva, 25 de outubro de 1956

311. Revista Tricolor, nº 61

312. A Gazeta Esportiva, 26 de outubro de 1956







O mais legal de tudo isso era que você podia ligar para o São Paulo e pedir que o clube mandasse seu ídolo bater na porta de sua casa: “*terá apenas o trabalho de telefonar para a sede do Tricolor, 34-8157, e solicitar a presença de qualquer dos jogadores supracitados*”.<sup>313</sup>

Só o ídolo e goleiro Poy, verdadeiro garoto propaganda, venderia pessoalmente cerca de oito mil dessas cadeiras (entre primeiras vendas, devoluções etc.). Jose Poy, argentino de Rosario (nascido no dia 14 de abril de 1926), fez de tudo no Tricolor. Como jogador, Poy foi campeão paulista de 1948, 1949, 1953 e 1957 e estaria presente na inauguração do Morumbi. Disputaria, ao todo, 525 jogos – o quinto jogador que mais defendeu o clube. E não pararia por aí: em 1964, Poy assumiria o posto de treinador pela primeira vez. Ao todo, seriam sete passagens, um título (o Paulista de 1975), o recorde de invencibilidade do clube em toda a história (47 jogos) e 422 partidas sob o comando dele.

Paralelo a essas ações, o Tricolor lançou também uma nova campanha publicitária de cativas com uma remodelação das ilustrações referentes ao personagem Sócio Olímpico: menos instigantes, mais sóbrias, com exceção às costumeiras manchetes utilizadas nas propagandas de jornais, que alardearam, quase sempre (de fevereiro a maio de 1957), o fato de serem “*as últimas cadeiras cativas*” ou que era “*agora ou nunca mais*”.<sup>314</sup>

Laudo Natel, diretor financeiro do Tricolor, resumiu a situação das cativas em uma entrevista datada de abril de 1957:

“*Estamos rigorosamente em dia com os nossos pagamentos e, inclusive, temos adiantado determinadas verbas solicitadas pela firma construtora. E isso tem sido possível graças à pontualidade dos pagamentos dos compradores das cadeiras cativas. Vendemos seis mil, as primeiras ao preço de vinte mil cruzeiros. Quase todas estão pagas. E depois a trinta mil cruzeiros. Com o mesmo sucesso de sempre*”.<sup>315</sup>

Para Natel, construir um estádio da magnitude do Morumbi era algo quase irreal, mesmo com ele saltando à vista, naquela altura: “*Considero um verdadeiro milagre o que o São Paulo está realizando. Não acredito, sinceramente, por ter conhecido na própria carne todas as dificuldades decorrentes de uma obra tão grande, que tenhamos, no futuro, outra agremiação capaz de uma tal iniciativa*”.<sup>315</sup> Ele não estava errado.

Ainda assim, o dirigente acreditava que edificações desse porte e dessa finalidade só deveriam ser frutos de investidas particulares, nunca de poderes públicos, pois não “*se admite, hoje em dia, que os governos sejam eles federais, estaduais ou municipais, com tantos problemas prementes por resolver, dispendam tão vultuosa importância para construir um estádio de futebol. Devem ser os clubes os encarregados de suas construções*”.<sup>315</sup>

A única ressalva que fazia era quanto a facilitação burocrática para a obtenção de empréstimos, visto ao caráter social do esporte: “*embora ache que o governo, então sim, tenha por obrigação colaborar, auxiliando-os com a concessão de empréstimos, pois o futebol é o divertimento do povo, seu maior derivativo e, quem sabe, mesmo a razão direta da ausência de outros movimentos mais belicosos contra as dificuldades da vida presente*”.<sup>315</sup>

313. A Gazeta Esportiva, 26 de outubro de 1956

314. A Gazeta Esportiva de 5, 8, 22 de fevereiro, 17 de maio, 6 de junho de 1956...

315. A Gazeta Esportiva, 24 de junho de 1956



# Seja um S.O. e tudo isto será seu!



S. O. é o homem que tem uma aventura no bolso do paletó! S. O. consegue mais 2 palméis, 30 litros de sangue puro, todas as semanas; um maravilhoso coração, 500 quilômetros... mais 100 anos de vida! S. O. é o homem que, na estrepitante cidade de São Paulo, conseguiu um santuário ideal, um manso refúgio ao ar livre, onde há mais oxigênio, mais saúde, mais vida! Sim, S. O. está com tudo! É o homem que tem à sua disposição, à disposição de sua família, a Mais Praça de Esportes e de Divertimentos do Mundo. S. O. é SÓCIO OLÍMPICO da monumental praça de esportes que o São Paulo F. C. está construindo aceleradamente no Jardim Leonor (Altos do Jockey Club). Toda a família de S. O. – os rapazes, as moças, as crianças – terão o direito de usar as dependências da gigantesca praça de esportes. Para que V. se torne SÓCIO OLÍMPICO basta adquirir uma Cadeira Cativa no Estádio do São Paulo.

Sim, basta que V. compre, hoje mesmo, sua Cadeira Cativa que lhe proporciona, automaticamente, o título de S. O. – SÓCIO OLÍMPICO. Vai pagar apenas mil cruzeiros mensais, até completar o total de 30 prestações. (Lembre-se que os melhores clubes estão cobrando, somente de jóia, para mais de 30 mil cruzeiros... e dois dólares já não são mais vagos!) A Cadeira Cativa é de posse perpétua. Ficará sempre em sua casa porque é transmissível aos herdeiros. E poderá ser transferida a terceiros, facilmente, à hora que V. determinar. Telefone agora mesmo (34-1160) e ganhe, para suas crianças, para V., para os seus, este título de S. O. – SÓCIO OLÍMPICO – sem entrada, e sem jóia – jóia que, dentro em breve custará muito!

Hoje é seu dia de ser S. O. É seu dia de comprar um adeis, um remanso com vida ao ar livre, esportes, divertimentos, saudável, e repouso para toda a família – DENTRO DA CIDADE – e completamente longe do bulício, das chamadas, da fuligem, das suoras doentes da metrópole tebril!

- PLAY-GROUND** - Instalado para 1.300 crianças, com ginástica e recreação, bilárdio infantil, ping-pong, boliche, mesa de recreio, playground, etc. para jogos, piscina infantil para aprendizagem.
- GINÁSIO** com 17.000 m<sup>2</sup> - para basquet-ball, volley-ball, pugilato e tenis.
- 3 PISCINAS** - para banho, water-polo, aprendizagem e competições. 1 com água quente.
- SÉDE SOCIAL** - 2 salões de festas, 7 restaurantes, salões para jogos de mesa, ping-pong, etc., barbearias, bilárdio, etc.
- BANHOS TURCOS E MASSAGENS** - salão privativo das senhoras alongadas, 1/2 salão reservado ao público feminino.
- 4 QUADRAS PARA BASKET-BALL E VOLLEY-BALL** - cobertas e abertas.
- 10 QUADRAS DE TENIS** - cobertas, para jogos e treinos culturais, quadras cobertas.
- PISTAS DE ATLETISMO** - com 10 boléus em terra e 3 no relvado de grama. Vestiário para atletas.
- SALÃO** - para gloriatura de aparelhos, halteres, levantamento de peso, esportes gloriáticos.
- GINÁSIO** - para esportes de artilharia, pugilato, boliche, esgrima, gloriáticos.



Basta comprar hoje mesmo a sua CADEIRA CATIVA  
PAGAMENTO FÁCIL - MIL CRUZEIROS

Aqui cabe abrir um parêntesis sobre a questão de empréstimos ou doações de origem dos poderes públicos. Além do já mencionado caso de 1956, em que Prefeitura de São Paulo destinou apólices municipais a serem negociadas na bolsa de valores e com resultado obtido encaminhado ao Tricolor, o clube também foi agraciado com módicas verbas estaduais em duas oportunidades, durante a construção do Estádio do Morumbi.

A primeira vez foi em 1957, com o valor de Cr\$ 3.000.000,00, com base no decreto 27.248 de 14 de janeiro de 1957, dentre as subvenções do Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo – DEFE, recebido e registrado no livro caixa da Comissão Pró-Estádio na data de 31 de outubro de 1957 (e como consta também das publicações do Diário Oficial de 15 de janeiro, com a publicação do decreto, e 10 de setembro de 1957, com a emissão da nota de empenho).

A segunda vez se deu no ano seguinte, com o valor de Cr\$ 2.500.000,00, com base nos decretos 32.316, de 21 de maio de 1958, e 30.605, de 31 de dezembro de 1957 (e projeto do deputado Francisco Franco),<sup>316</sup> também proveniente das subvenções do Departamento de Educação Física e Esportes, que foi recebido e registrado no livro caixa da Comissão Pró-Estádio na data de 30 de agosto de 1958 (e como consta, também, da publicação do Diário Oficial de 22 de maio de 1958, com a publicação do decreto, e da nota de empenho 55.252 do DEFE).

Essa quantia, especificamente, foi entregue diretamente pelo governador Jânio Quadros, mediante cheque, às mãos do presidente Laudo Natel, no dia 8 de agosto, no Palácio dos Campos Elíseos, em cerimônia que contou também com a presença de Frederico Menzen, Vicente Feola e os jogadores Mauro e De Sordi, campeões do mundo.<sup>316</sup> Ou seja, somente quando Jânio pôde capitalizar politicamente com a imagem de craques do futebol, ele fez questão de se vincular ao empreendimento Tricolor.

A imprensa noticiara, inclusive, que essa seria apenas a primeira parte da contribuição total. A segunda viria em data posterior.<sup>317</sup> E esse montante, no valor de Cr\$ 3.000.000,00, chegou a ser, realmente, previsto e autorizado pelo Governo, por proposta do mesmo deputado Francisco Franco datada de 30 de outubro de 1958, expressa no decreto 34.500, de 14 de janeiro de 1959, e na nota de empenho 40.171 (encontrados no Diário Oficial de 6 de novembro de 1958, 15 de janeiro de 1959 e 18 de abril de 1959). Contudo, apesar da nota emitida, tal valor nunca foi entregue ao Tricolor, muito provavelmente pela troca do gestor público – Carvalho Pinto assumiu o governo em janeiro de 1959.

De toda maneira, sobre os Cr\$ 5.500.000,00 (R\$ 2.840.633,96)<sup>318</sup> de doações do governo que realmente foram depositados na conta do Tricolor, cabe dizer que tais subvenções oriundas do Departamento de Educação Física e Esportes eram previstas no orçamento do Estado e costumeiramente destinadas não somente a entidades públicas e prefeituras, mas também a associações privadas, geralmente para a construção de estádios ou fomentação do esporte amador, como qualquer leitura no Diário Oficial pode mostrar.

Podem ficar de exemplos, aqui, o caso da Portuguesa Santista, que recebeu Cr\$ 5.000.000,00 para o Ulrico Mursa, em agosto de 1958,<sup>319</sup> ou o pequeno Cruzeiro Futebol Clube, da cidade de Cruzeiro, que obteve Cr\$ 2.000.000,00 para o mesmo fim.<sup>320</sup>

A quantia total prevista em orçamento variava conforme o ano, mas sempre ultrapassava a casa dos 50 milhões de cruzeiros no período abordado nessa obra. Clubes pequenos, aliás, não eram os únicos presenteados, embora fossem a imensa maioria.

O Santos recebeu Cr\$ 2.500.000,00 entre maio de 1958 e janeiro de 1959 para obras na Vila Belmiro (decretos 32.316, de 21 de maio de 1958, e 34.500, de 14 de janeiro de 1959, conforme Diário Oficial de 22 de maio de 1958 e 15 de janeiro de 1959).

Outro que gozou de tal ajuda foi o Corinthians, com o valor de Cr\$ 2.000.000,00, como “auxílio para construção de praça de esportes”, como consta no decreto 27.248 de 14 de janeiro de 1957 (e no Diário Oficial do dia seguinte).

Enfim... todo esse “a parte” foi para ilustrar que, mesmo contando com algum auxílio financeiro, os valores repassados ao Tricolor foram mais a título de isonomia pública do que algo crucial para o empreendimento são-paulino, visto que o Governo já atendia, rotineiramente, projetos semelhantes por todo o Estado – guardadas as devidas proporções. E, como parte do orçamento já era previsto para ações do tipo, o São Paulo deveria ser tratado como qualquer outra entidade particular que tinha acesso ao benefício.

Na verdade, mesmo com o estádio ainda inacabado, os tais Cr\$ 5.500.000,00 representavam justamente 5,5% do que o São Paulo movimentara com o Morumbi, até o final de 1957: o Tricolor já havia dispendido Cr\$ 100.000.000,00 na construção (Cr\$ 140.000.000,00 em valores corrigidos pela inflação)!<sup>321</sup> E, estimava-se que talvez fosse necessário o dobro disso para concluí-lo – o que tornaria a participação pública algo ínfimo, por volta de 1,67%!

(Em valores corrigidos e atualizados pela Faculdade de Economia e Estatística, por meio do IGP-DI e para a data de janeiro de 2020: R\$ 51.647.890,19 e R\$ 72.307.046,27, respectivamente).

Mas não vale antecipar os fatos. As contas do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, e outros projetos de Lei que tentaram destinar auxílios ao Morumbi, mas que não foram efetivados,<sup>322</sup> serão detalhadas no próximo volume dessa coleção, que tratará o período de construção de 1961 até 1970.

Independentemente disso, o Morumbi crescia. Todas as fundações do perímetro do estádio foram concluídas em setembro de 1957, ao custo total de Cr\$ 20.000.000,00. E no dia 11 de outubro a Comissão Pró-Estádio assinou contrato de mais uma etapa das obras com a Civilsan, representada, na ocasião, pelo engenheiro Antônio Nunes Leme Galvão – que, no futuro, faria história também pelo São Paulo.

Nesse novo acerto, foram combinadas as construções de duas rampas de acesso perpendiculares à Avenida Giovanni Gronchi – assim batizada pelo prefeito Adhemar de Barros, oficialmente no dia 11 de setembro de 1958, após visita do presidente italiano a São Paulo<sup>323</sup> – e mais 15 vãos de gigantes inteiros, do térreo às arquibancadas, compreendidos entre as colunas de número 70 até a de número 13 (como o estádio possui 72 grandes vigas de sustentação, a contagem então foi de 70, 71, 72, 1, 2, 3 etc.).

316. *A Gazeta Esportiva*, 9 de agosto de 1958

317. *Correio Paulistano*, 9 de agosto de 1958

318. *Faculdade de Economia e Estatística (IGP-DI, dez. 1957-jan. 2020)*

319. *A Gazeta Esportiva*, 22 de agosto de 1958

320. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*

321. *Revista Tricolor*, nº 61 & *Relatório da Comissão Pró-Estádio*, 25 de janeiro de 1958

322. *Diário da Noite & A Gazeta Esportiva*, 5 de dezembro de 1957

323. *Diário da Noite*, 9 de setembro de 1958



Tais edificações deveriam estar prontas em maio de 1959. O valor combinado para elas foi de Cr\$ 3.000.000,00 mensais, totalizando Cr\$ 40.000.000,00. Concluídas, essas obras deixariam o Morumbi com capacidade para 90 mil pessoas.<sup>324</sup>

*“Segundo dados fornecidos pela firma construtora, já foram empregados nas obras, até o momento, 75 mil sacos de cimento, 1.300 toneladas de ferro e 13.000 dúzias de tábuas de pinho. Para se avaliar o que representam estas cifras, basta dizer que poderiam ser construídas estruturas de 14 prédios de 10 andares, que tivesse uma laje de 20m x 20m, ou seja, 400 metros<sup>2</sup> por pavimento”.*<sup>325</sup>

A cada dia que passava, o horizonte do Morumbi se mostrava mais diferente, mais próximo de abrigar, definitivamente, o São Paulo Futebol Clube. Como já dito (e mais detalhado no primeiro volume dessa edição), o Tricolor havia vendido a propriedade que possuía no Canindé à família Saddi em 11 de fevereiro de 1955. Como, contudo, Wadi Saddi era um associado de grande paixão pelo clube, ele permitiu que a entidade seguisse ocupando o espaço às margens do Rio Tietê até que a transição para o novo estádio fosse possível.

A mudança, todavia, por conta dos atrasos de obras já mencionados, demorou mais do que o esperado. Os Saddi revenderam o terreno do Canindé para a Associação Portuguesa de Desportos em janeiro de 1956.<sup>326</sup> Lá, a Lusa construiria um pequeno estádio que ficaria conhecido popularmente com o nome da região, Ilha da Madeira, em alusão à principal matéria prima utilizada nas edificações do local e ao fato de ser cercada pelos meandros da várzea do Tietê.

Isso, porém, exigiria algum tempo para ser levado a cabo. E durante esse período, os são-paulinos esticaram a estadia deles no Canindé. Dessa forma, apenas no dia 11 de novembro de 1956, a Portuguesa inaugurou a primeira versão do estádio dela. Na realidade, arquibancadas de madeira elevadas sobre onde antes existiam o campo de treino e a pista de atletismo do Tricolor. A festividade de abertura contou com uma partida dos lusos contra um combinado formado por jogadores do São Paulo e do Palmeiras.

A Portuguesa venceu por 3 a 2 o combinado escalado com Nivaldo (Poy\*), Dema (Clélio\*) e Milton; Sarará\* (Esnel\*), Fiúme (Valdemar) e Alfredo\* (Saporite); Renatinho (Juarez), Zezinho Fernando, Gino\* (Ney\*, depois Nestor), Dino\* (Maneca\*) e Canhoteiro\* (Graciano), mas coube a Dino a primazia de marcar o primeiro gol do estádio, logo aos dois minutos de jogo – ele também marcaria o segundo gol do time.<sup>327</sup>

Alguns dias depois, no dia 17 de novembro, o Tricolor realizou o primeiro treinamento dos jogadores no Morumbi. Fato que marcou o início da transição para a sua nova sede. O clube ia movendo algumas mobílias, ou departamentos inteiros, de pouco em pouco.

No dia 27 de abril de 1957, por exemplo, o Departamento Médico Laudo Natel, chefiado pelo Dr. Dalzell Freire, foi inaugurado na Rua Marquês de Itu, 83.<sup>328</sup> Tal aparato técnico não poderia ser inserido, ainda, nas dependências do estádio tricolor. Da mesma forma, ele não tinha como abrigar as reuniões sociais e assembleias do Conselho Deliberativo, que eram realizadas, então, na Sociedade Sul-rio-grandense, na Avenida Ipiranga.

O São Paulo transferiu, de vez, todos os pertences do clube para o lado de lá do Rio Pinheiros e entregou as chaves do Canindé para a Portuguesa em dezembro de 1957. Definitivamente, e desde então, o São Paulo Futebol Clube é o Tricolor do Morumbi.

324. *A Gazeta Esportiva*, 12 de outubro de 1958 & *Revista Tricolor*, nº 59

325. *Revista Tricolor*, nº 59

326. *Diário Popular*, 19 de janeiro de 1956 (agradecimentos a Alexandre Giesbrecht)

327. *O Estado de S. Paulo*, 13 de novembro de 1956; \*jogadores são-paulinos

328. *Revista Tricolor*, nº 53



A temporada de 1958 para os são-paulinos, porém, começou sofrida como sempre, com a disputa do Torneio Rio São Paulo, Logo de cara, do final de fevereiro ao início de março, três derrotas para times cariocas: 3 a 2 para o Flamengo, no Pacaembu; 2 a 1 para o Fluminense, e 3 a 2 para o Vasco, ambos os jogos no Maracanã.

Na parte final do campeonato o São Paulo se recuperou, ficando seis jogos sem perder e alcançando o quarto lugar na classificação, melhor posição desde 1954 (curiosamente, nas duas vezes, após ser campeão estadual). Destaques para as goleadas sobre o Palmeiras (5 a 2, com gols de Roberto, Dino, Amaury e Gino, duas vezes, no dia 12 de março); sobre o América (4 a 0, com Dino, Gino, Amaury e Canhoteiro marcando pelo Tricolor no dia 29 de março) e sobre o Botafogo, no Maracanã (5 a 2, com direito a três gols de Amaury e dois de Gino, no dia 6 de abril).

Gino, aliás, terminaria a competição como o principal artilheiro entre todos os clubes, com 12 gols marcados – desde Waldemar de Brito, em 1933, o clube não estabelecia um jogador nessa posição no Torneio Rio-São Paulo.

A vitória por 4 a 2 sobre o Santos no Pacaembu, no dia 16 de março, com gols de Maurinho, Dino e Zizinho (duas vezes), também foi um bom resultado. Agora, pode se perguntar: Zizinho? O contrato dele não iria só até o final do estadual passado?

Depois de tudo o que o mestre fez nas rodadas finais do Paulistão, não havia como deixar o jogador escapar do Tricolor. Assim, ao custo de Cr\$ 200.000,00 em espécie e três títulos monetários no valor de Cr\$ 100.000,00, o São Paulo comprou o passe do craque, em transferência concluída no dia 1º de março de 1958.<sup>329</sup>

O segundo semestre do São Paulo, com a permanência de Zizinho e a arrancada final do Rio-São Paulo, era promissor. Antes disso, porém, o Tricolor passaria por uma mudança significativa na administração do clube. Depois de quase 11 anos à frente da diretoria, Cícero Pompeu de Toledo não mais concorreria ao cargo de presidente são-paulino. A bem da verdade, Cícero tinha recaídas de saúde e, ocasionalmente, precisava deixar se licenciar do posto. Era substituído interinamente, sempre que preciso, pelo histórico Frederico Menzen.

Cícero, sabedor da condição dele, indicou para a posição o braço direito: o diretor financeiro Laudo Natel. Nascido em São Manuel, no interior de São Paulo, no dia 14 de setembro de 1920, Laudo cresceu em família humilde. Menino de fazenda, ele percorria mais de 8 km por dia para completar o estudo primário. Tornou-se bancário, peregrinando entre agências de várias cidades do estado como Pirajuí, Lins e Marília.

Evoluindo e conquistando, dia após dia, destaque em sua profissão, em 1946 mudou-se para a capital paulista, mudando radicalmente não somente a própria vida, como também a do clube pelo qual se apaixonou: o São Paulo Futebol Clube.

Sócio do Tricolor desde que na cidade chegou, Laudo Natel foi apresentado à diretoria do São Paulo, especialmente ao presidente Cícero Pompeu de Toledo, por Luís Campos Aranha, justamente como a peça central do projeto que revolucionaria o clube. Essa tríade reunida foi fundamental para a construção dos alicerces nos quais hoje se sustenta o Tricolor do Morumbi.

329. Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube  
Foto: Cícero Pompeu de Toledo e Laudo Natel



Laudo Natel, então, se tornou diretor de finanças (à época, tesoureiro), em 1951. Entre as primeiras providências que tomou estão a divulgação anual e pública do balanço financeiro do clube – o São Paulo foi o primeiro clube no Brasil a tomar tal atitude transparente, mesmo ainda sem nenhuma obrigação legal –, como também a mais controversa de todas: vender o Canindé para abatimento de dívidas e capitalização.

A partir disso, Laudo, Cícero e toda a coletividade são-paulina se lançou no maior empreendimento de um clube brasileiro em toda a história: a construção do maior estádio particular do mundo, desde então. A duras penas e graças e, principalmente, à “venda de ideias”, o Morumbi seria erguido.

*“Foi um milagre de fé, que a gente acreditou. Costumo dizer que, se existe um lema, um título, ao qual possamos batizar o Morumbi, certamente é: Fé e Perseverança”.*<sup>330</sup>

Toda a jornada de Cícero Pompeu de Toledo à frente do clube, tendo conquistado quatro títulos estaduais (1948, 1949, 1953 e 1957), coisa que nenhum outro presidente havia tido a proeza de conseguir até ali, e com dois deles paralelos à construção do maior sonho dos tricolores, no Morumbi, tornou todo aquele pleito de 1958 mera formalidade.

Primeiramente, no dia 30 de abril, na Assembleia Geral de sócios que elegeu os membros do Conselho Deliberativo para o quadriênio a seguir, apenas uma chapa concorreu (a legenda São Paulo Futebol Clube), obtendo todos os votos (fora um único em branco, um único nulo e três abstenções). Com isso, Laudo Natel, na mesma ocasião, também foi eleito sem concorrência, por aclamação: 128 votos a favor e apenas um em branco.

Cícero, que fora condecorado pelo Conselho como Presidente de Honra do São Paulo Futebol Clube, no dia 27 de março, e indicado à galeria dos beneméritos da FPF, no dia 20 de maio, se despediu dos queridos amigos tricolores com este poema:

*“Se não posso servi-lo quanto devo, quero, ao menos, amá-lo quanto posso”.*<sup>331</sup>

A primeira ação presidencial de Laudo foi indicar o novo quadro diretivo do clube, que manteve Manoel Raymundo na gerência do futebol, e da Comissão Pró-Estádio, essa, destacada: presidente: Laudo Natel; vice-presidentes: Piragibe Nogueira; Francisco Bastos e Mário Tavares Filho; secretário: Manoel Raymundo Paes de Almeida; tesoureiro: Marcel Klaczko; engenheiro-chefe: Roberto Barros Lima; e demais membros: Altino de Castro Lima, Amador Aguiar, Breno Caramuru Teixeira, Caetano Estelita Pernet, Cícero Pompeu de Toledo, Carlos Alberto Gomes Cardim Filho, Frederico Antônio Germano Menzen, José Porphyrio da Paz, Jovelino Bahia, Júlio Brisola, Luís Campos Aranha, Manuel José de Carvalho, Paulo Machado de Carvalho, Paulo Planet Buarque, Pedro França Pinto, Virgílio Lemos da Silva, e Vicente Felício Primo.

Com a casa tricolor sob nova administração, restava aguardar o fim do campeonato mundial de seleções no meio do ano. A Copa do Mundo de 1958, realizada na Suécia, foi a primeira sem o idealizador da competição, Jules Rimet, que falecera dois anos antes. O país nórdico foi escolhido para ser sede pelos mesmos motivos que levaram a Suíça a abrigar a competição anterior: a neutralidade na última grande guerra (a Europa ainda sofria as mazelas do confronto).

53 seleções se inscreveram para as Eliminatórias (Suécia, anfitriã, e Alemanha Ocidental, atual campeã, já estavam com vaga assegurada). O Brasil, nessa fase, enfrentaria Venezuela e Peru, mas a primeira citada abandonou a competição, restando assim à Seleção Brasileira superar a equipe peruana. Não foi fácil. Após empate por um gol fora de casa, Didi decretou, com a famosa “folha seca”, a classificação verde-amarela marcando o único tento do jogo de volta, no Maracanã.

Duas grandes seleções não participaram do torneio: Uruguai, eliminado pelo Paraguai após uma goleada por 5 a 0, em Assunção. E Itália, que havia naturalizado Ghiggia e Schiaffino, foi posta fora pela seleção da Irlanda do Norte. Aliás, a Copa do Mundo de 1958 foi a única que contou com a presença de todos os países do Reino Unido: Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda do Norte.

Os grandes favoritos eram a União Soviética, então campeã olímpica e a Suécia, por ser o país sede e contar com jogadores experientes no futebol italiano. A Hungria vinha enfraquecida por perder parte dos jogadores consagrados de 1954 na Revolução Húngara de 1956. A campeã da Copa de 1954, a Alemanha Ocidental, não atravessava boa fase: havia perdido sete dos últimos 10 amistosos anteriores.

Na Suécia, estiveram em campo com a Seleção os são-paulinos Mauro, pela segunda vez, De Sordi, que disputou toda a Copa, mas não pôde entrar em campo na partida final por contusão, e o meia Dino Sani. Contudo, na lista de 40 nomes levada à FIFA, outros quatro são-paulinos estiveram com chances, ou na espera, de ir ao Mundial: Riberto, lateral esquerdo; o veterano Zinho, meio-campista; Canhoto, ponta-esquerda, e o centroavante Gino Orlando.

Dino Sani, que herdou a camisa nº 5 por causa do lapso da CBD em registrar os jogadores com os respectivos números, jogou no São Paulo de 1954 a 1961, participando de 325 jogos e marcando 113 gols. Foi campeão paulista de 1957. Na Copa de 1958, defendeu a Seleção nas duas primeiras partidas, contra Áustria e Inglaterra. Deu lugar a Zito nas seguintes.

A camisa de nº 14 coube a De Sordi. O defensor fez 5 partidas na Copa como titular. Na final, contundido, cedeu a vaga no time a Djalma Santos. No Tricolor esteve em campo entre 1952 e 1965, em 544 jogos, nunca anotando nenhum gol. Foi campeão paulista de 1953 e 1957.

Mauro, o zagueiro que em 1962 ergueria a taça de campeão, nessa Copa foi inscrito com a camisa nº 16 e não jogou nenhuma partida. Vestindo as cores do São Paulo, ele conquistou quatro títulos estaduais (1948, 1949, 1953 e 1957), com 498 jogos e 2 gols, entre 1948 e 1959.

O técnico do selecionado era Vicente Feola, que, por inúmeras vezes foi treinador do Tricolor, embora, na época, fosse dirigente do clube. Quando assumiu o posto nacional, em fevereiro de 1958, afirmou: *“Vamos trabalhar. Não pensamos só em competir. Queremos o êxito completo, já que temos forças para alcançá-lo. A vitória é nosso objetivo e vamos persegui-la”.*<sup>332</sup>

Responsável pela convocação de um garoto de 17 anos para a disputa do torneio mais importante do futebol (Pelé), Feola acabou ofuscado pelos craques e estereotipado por lendas como sendo um senhor bonachão, mas, na verdade, era profundo conhecedor da técnica e da tática do esporte. Sobre esse último ponto, aliás, foi muito influenciado por Béla Guttmann, o revolucionário.

330. Entrevista concedida ao Arquivo Histórico do São Paulo FC  
331. Revista Tricolor, nº 62

332. Revista Tricolor, nº 62





Apesar do que era costumeiramente exibido nos jornais, apenas pela tradição, as escalações do time de Guttmann no São Paulo não eram no tradicional esquema “WM” (dois defensores, três médios – com um um pouco mais recuado – e cinco atacantes, com dois deles, os meias, como armadores; e dois pontas, além do centroavante).<sup>333</sup> Béla implantou o 4-2-4 no São Paulo, ou melhor, no Brasil.

A se pegar como exemplo a escalação mais conhecida do período do húngaro no Tricolor: Jose Poy; De Sordi e Mauro; Dino Sani, Víctor e Riberto; Maurinho, Amaury, Gino Orlando, Zizinho e Canhoteiro. De Sordi não era zagueiro, ele marcava o ponta-esquerda rival: na prática, um lateral-direito. O mesmo ocorria, pelo lado oposto do campo, com o “médio” Riberto.

Quem ocupava, de fato, o posto de defensor era Víctor. Contudo, ele não ficava preso em sua posição. Victor dava o “bote”, indo a procura de quem pudesse ameaçar o gol do São Paulo. E, para isso, ele contava com a “sobra” do grande Mauro Ramos, sempre lhe cobrindo. Dessa forma, da esperada linha média, só um atleta continuava no local previsto: Dino Sani.

O ex-“atacante/meia de criação” Dino Sani, diga-se de passagem, pois fora justamente Béla Guttmann que recuara o jogador para a posição equivalente, hoje, a de um volante. O parceiro de Dino no meio de campo são-paulino, dotado de toda a qualidade técnica para ser o armador do time – e com o peso da idade a limitar a ofensividade, justificando assim o recuo – era, claro, Zizinho.

No que restara ao ataque, poucas mudanças: dois pontas, um centroavante e um meia mais ofensivo com a camisa 8 (Amaury), que muito se assemelharia a função tática executada por Kaká, décadas depois, e com o mesmo número de vestimenta.

Com essa inspiração, Feola instituiu o o mesmo sistema 4-2-4 na Seleção Brasileira, com essa formação padrão: Gilmar; De Sordi (Djalma Santos), Bellini, Orlando e Nilton Santos; Zito e Didi; Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo. O diferencial de Feola, antecipando-se ao seu tempo, armou o time brasileiro para se comportar de uma forma com a bola, e de outra, sem. Defendendo-se, Zagallo não era mais ponta-esquerda, e sim um médio pela esquerda, ajudando na marcação. Na prática: uma prévia do futuro 4-3-3.<sup>334</sup>

De toda maneira, havia mais são-paulinos envolvidos com a CBD naquela Copa, como o psicólogo do elenco, Dr. João Carvalhaes. O grande nome dos bastidores, porém, foi o chefe da delegação brasileira na Suécia, Paulo Machado de Carvalho, que foi presidente do São Paulo em duas oportunidades, anteriormente.

Ele ficou conhecido como “Marechal da Vitória” por ter chefiado a comitiva nacional na conquista dos dois primeiros títulos mundiais brasileiros (repetiu o feito em 1962, no Chile). Apesar de ser exemplo pelo modelo de gestão administrativa, é mais notória a intervenção de Paulo Machado na decisão do primeiro título mundial, na passagem sobre a camisa da seleção na partida:

A Suécia, dona da casa, jogaria de amarelo. Não havia segundo uniforme para o time brasileiro. Um outro conjunto que o Brasil anteriormente usava era branco, mas a mera visão daquela camisa remetia lembranças dolorosas de 1950 (quando com essa vestimenta perdeu o título no Maracanã, para o Uruguai). Os jogadores ficaram tensos e preocupados com o fato.

333. Paulo Vinícius Coelho: *Escola Brasileira de Futebol*, 2018

334. *Deutsche Welle*, 7 de maio de 2014

Foto: Vicente Feola





De Sordi, Dino Sani, Bellini, Nílton Santos, Orlando e Gilmar;  
Mário Américo (massagista), Joel, Didi, Mazola, Vavá e Zagallo

Feola alertou o Dr. Paulo, que era muito supersticioso (durante toda a Copa de 1958 ele usou o mesmo terno, afinal, começou ganhando com ele) e o chefe da delegação não deixou por menos: Mandou comprar jogos de camisas azuis em uma loja em Estocolmo, depois pediu que arrancassem os escudos da CBD das camisas amarelas e que pregassem nas novas, bordando também os números.

Por fim, reuniu-se com os jogadores, para motivá-los sobre a nova vestimenta, primeiramente dizendo que das cinco Copas anteriores, quatro seleções haviam sido campeãs com a cor azul; depois, apelando à emoção, concluiu: *“É a cor do manto de Nossa Senhora Aparecida”*. E assim, de azul, o Brasil foi campeão mundial pela primeira vez.

Essa conquista, porém, merece um pequeno resumo: o Brasil começou a Copa do Mundo no Grupo 4 da competição. Chave difícil com Inglaterra e União Soviética como principais adversários. Após a vitória por 3 a 0, contra a Áustria (em que o goleiro Gylmar foi um dos melhores em campo), a Seleção empatou com a Inglaterra em 0 a 0, o primeiro empate sem gols na história das Copas.

Precisando mudar, Feola promoveu três alterações para o terceiro jogo (e que se mantiveram para o restante da Copa): saíram Dino Sani, Joel e Mazzola. Entraram Zito, Garrincha e Pelé, então com 17 anos. Foi um massacre. Não fosse o goleiro Yashin, a União Soviética teria sofrido uma goleada histórica.

Nas quartas de final, a partida mais difícil em toda a competição contra o adversário menos provável. Gales só se classificara para o torneio graças às desistências de três países da Ásia e África (Turquia, Indonésia e Sudão), que haviam se recusado a enfrentar Israel, por motivos políticos. Para não classificar Israel automaticamente para a Copa sem que tivesse disputado um jogo sequer das eliminatórias, a FIFA forçou a seleção do Oriente Médio a disputar a vaga contra a já eliminada equipe de Gales, que no fim se deu melhor, obtendo a classificação.

O jogo foi truncado, com o Brasil desperdiçando muitas chances e o goleiro galês se destacando. Somente aos 26 minutos do segundo tempo, Pelé, encobrendo o zagueiro adversário, marcou o único gol do jogo, selando o avanço brasileiro à semifinal.

A partir daí, duas goleadas por 5 a 2: o Brasil não encontrou grandes dificuldades com a França, do artilheiro Fontaine, e com a anfitriã Suécia (que havia eliminado soviéticos e alemães). Com grandes atuações da linha ofensiva, os brasileiros sagraram-se campeões do mundo.

*“A Europa, todavia, curvou-se diante do espírito de disciplina dos brasileiros. Houve compreensão de que o futebol somente poderia ser coroado como o melhor, quando, junto às virtudes individuais, despontasse o sentido exato do espírito de equipe. Este foi o grande e maior trabalho de Vicente Feola”*.<sup>335</sup>

No dia 3 de julho, os integrantes paulistas do selecionado nacional desembarcaram em Congonhas e seguiram até o Pacaembu acompanhados por um cortejo apinhado de gente. *“Preciso foi que o policiamento da Aeronáutica se desdobrasse para possibilitar a saída dos jogadores e demais membros da delegação até os carros do Corpo de Bombeiros”*.<sup>335</sup>

No Vale do Anhangabaú, porém, não houve policial que desse conta de evitar o contato do povo com os campeões. *“A passagem foi algo apoteótico, com o povo aplaudindo delirantemente até A Gazeta Esportiva”*.<sup>336</sup> Somente após cinco horas de desfile, a comitiva conseguiu alcançar o Estádio Municipal, onde as arquibancadas lotadas saudaram os ídolos em nova cerimônia de entrega de faixas e medalhas de ouro.

A inédita conquista, como era de se imaginar, parou o Brasil e as consequências dela foram proclamações de feriados, dias e dias de festejos e até meses de homenagens aos vencedores por cidades país adentro –, aonde quer que os campeões fossem, de cantinas populares a eventos oficiais de governos e da República.

O que conquistar uma Copa do Mundo não faz? Até o Palmeiras deixou a rivalidade de lado e prestou louvores a Paulo Machado e Vicente Feola com uma cerimônia oficial.<sup>337</sup>

No dia 21 de julho, o São Paulo também honrou seus ídolos com uma grande assembleia e palestra realizada na Sociedade Sul-rio-grandense.<sup>338</sup> Machado, Feola, Carvalhaes, Mauro, Dino e De Sordi foram condecorados pelo presidente Laudo Natel e pelo diretor de futebol Manoel Raymundo Paes de Almeida. *“Associados, em grande número, ali estavam, ciosos de abraçar o técnico e seus ídolos. E foi uma bonita solenidade...”*.<sup>338</sup>

Dias antes, o São Paulo já havia noticiado que premiaria toda a delegação brasileira na Suécia com cadeiras cativas no Estádio do Morumbi, 35 exatamente, para Paulo Machado de Carvalho, Carlos Nascimento, Vicente Feola, José de Almeida, Adolfo Marques, Thomaz Mazzoni, Paulo Amaral, João Carvalhaes, Mário Trigo, Francisco de Assis, Mário Américo, Gilmar, Castilho, Djalma Santos, De Sordi, Mauro, Bellini, Oreco, Nilton Santos, Dino, Zito, Orlando, Zózimo, Joel, Garrincha, Moacir, Didi, Mazzola, Vavá, Dida, Pelé, Zagalo, Pepe, Hilton Gosling, e o presidente da CBD, João Havelange.<sup>339</sup>

Nem todas as notícias sobre o São Paulo em julho de 1958 foram positivas, porém. Ainda no clima da conquista do mundo, o clube sofreu um baque: perdeu o técnico Béla Guttmann, que rescindiu o contrato com o Tricolor no dia 17 daquele mês, com apenas dois jogos realizados no Campeonato Paulista de 1958 (um empate com o Comercial paulistano, por 1 a 1, e uma vitória por 4 a 0 no XV de Piracicaba).

*“No dia 19 de julho, Béla Guttmann demandou às terras de além-mar. Grave enfermidade de sua esposa obrigou a rescindir o contrato com o S. Paulo, para retornar à Europa”*.<sup>336</sup>

A imprensa, todavia, nas letras de jornais, não dava a entender tal complicada situação, embora apontasse como motivo justamente a consorte do técnico: *“A esposa do treinador magiar a quem o mesmo tem o maior apreço, na mesma intensidade aliás dos primeiros anos de casado, não conseguiu, apesar de todo o seu esforço, acostumar-se aos nossos hábitos, ao nosso clima e principalmente a nossa alimentação, tendo, inclusive, perdido vários quilos. E vinha insistindo junto a Béla Guttmann para voltarem à Europa”*.<sup>340</sup>

Apesar da rescisão amigável (foi dispensada a cláusula de Cr\$ 80.000,00 que Guttmann teria que ressarcir), o São Paulo foi realmente pego de surpresa.

335. Revista Tricolor, nº 66

336. Revista Tricolor, nº 66

337. A Gazeta Esportiva, 25 de julho de 1958

338. A Gazeta Esportiva, 23 de julho de 1958

339. A Gazeta Esportiva, 7 de agosto de 1958

340. A Gazeta Esportiva, 19 de julho de 1958

O clube havia renovado o contrato do treinador no dia 1º de março de 1958 para serviços por mais um ano, com considerável promoção financeira (de Cr\$ 30.000,00 para Cr\$ 45.000,00 mensais), que incluía um bônus de Cr\$ 300.000,00 em caso dele obter o bicampeonato paulista, e até mesmo a passagem de volta à Europa a ser paga pelo Tricolor depois de findo o contrato.

O legado de Guttmann para o Tricolor, e na verdade para o futebol brasileiro, porém, ficou para sempre. Os métodos de treinamento do húngaro foram um choque para o dia a dia dos jogadores, mas um choque necessário. Nosso futebol era provido de talentos naturais, mas que eram lapidados, se o eram, ao acaso. Eram deixados por sua conta e natureza. Guttmann defendia a melhoria no chamado “fundamento” do futebol, o passe, a pontaria, os cruzamentos e até lançamentos do goleiro. Ele revolucionou o futebol local ao sistematizar esse processo com foco na objetividade do jogo (o gol, não no resultado), sem claro, perder a beleza, afinal, eram joias lapidadas. Isso sem falar, novamente, da revolução tática gerada pelo 4-2-4.

Após a partida de Béla, o próprio diretor de futebol, Manoel Raymundo, assumiu a posição de treinador, com Oto Vieira como preparador físico do time.<sup>341</sup> E, olha, Manoel Raymundo não mandou mal, não. Ficou à frente do elenco por quatro partidas, obtendo três vitórias (2 a 1 no Jabaquara, 4 a 2 na Ferroviária e 3 a 0 no Ypiranga), e um empate (1 a 1 com o Noroeste).

Antes ainda de Manoel dirigir o time pela primeira vez, Laudo e ele já haviam definido o próximo treinador efetivo: Armando Renganeschi, ex-jogador são-paulino – autor do gol do título estadual de 1946 – e então comandante do XV de Piracicaba. No dia 20 de julho, as três partes se entenderam e selaram o acordo, que, contudo, só foi assinado no dia 1º de agosto, depois de Renganeschi estar devidamente assentado na capital paulista e do XV ter contratado outro técnico para o lugar dele.

*“Simples, ponderado e confiante começa Renganeschi na direção técnica do S. Paulo”.*<sup>342</sup>

Os termos contratuais do novo treinador eram basicamente os mesmos daqueles oferecidos no primeiro compromisso de Guttmann: Cr\$ 30 mil cruzeiros mensais e premiação de Cr\$ 150.000,00 em caso de título paulista.

Embora o clube tenha agido rapidamente na contratação de um novo preparador técnico, ele não se mobilizou da mesma forma por reforços, talvez por dois motivos: crença no plantel do período, praticamente o mesmo da temporada vitoriosa finda, e o peso financeiro da contratação, em definitivo, de Zizinho, no começo do ano. A única aquisição de maior porte, digna de nota, fora o craque da camisa 10, foi a chegada de Gérso, volante promissor do Palmeiras, ainda em maio. Visto ao novo calendário, que previa 38 partidas, sem fases preliminares, para apontar o campeão paulista, talvez devessem ter se reforçado mais.

*“Para que? Temos bons e, se há melhores, quem os possui não passa adiante”.* Argumentara Renganeschi.<sup>343</sup>

Bom, se não vieram novos atletas, o clube trouxe, ao menos, um novo profissional muito importante: um dentista, o dr. Francisco Buchpijuel, da Faculdade de Odontologia de São Paulo.

341. A Gazeta Esportiva, 19 de julho de 1958

342. A Gazeta Esportiva, 1º de agosto de 1958

343. Revista Tricolor, nº 68

Foto: Manoel Raymundo Paes de Almeida e Vicente Feola



A ação, pioneira entre clubes no país, foi consequência do instituído pela Seleção Brasileira na Copa do Mundo, pouco antes – atitude, claro, que teve o dedo dos também tricolores Paulo Machado de Carvalho e Vicente Feola.<sup>344</sup>

A estreia de Renganeschi pelo Tricolor, no dia 3 de agosto, não foi das melhores. O time quase caiu frente ao Nacional, na Rua Comendador Souza, onde perdia por 1 a 0 até os 44 minutos do segundo tempo, quando, de pênalti, Zizinho empatou o jogo.

Os são-paulinos se recuperaram muito bem nas duas partidas seguintes, em que golearam o Guarani por 6 a 0 e a Portuguesa por 5 a 1 no Pacaembu, nos dias 7 e 10 de agosto. Contudo, como miragem, esses resultados não se sustentaram nos dois clássicos disputados no dia 13 e 17 daquele mês: derrotas para o Corinthians, por 2 a 0, no Pacaembu, e para o Santos, por 1 a 0, na Vila Belmiro.

Os péssimos placares fizeram o Tricolor ficar quatro pontos atrás do líder Corinthians (19 a 15), empatado com o Palmeiras e o Santos (este, com um jogo a menos). Mas tudo bem, não haviam jogado nem um terço do campeonato ainda. Dava tempo de recuperar. E foi isso o que aconteceu. Os são-paulinos emplacaram sete vitórias seguidas em desafios contra os clubes menores da competição.

Ao derrotar a Ponte Preta, em Campinas, no dia 14 de setembro, o São Paulo, com 29 pontos, já havia superado o Corinthians (27), mas seguia no rastro do Santos (que venceu todas as partidas também, no mesmo período), líder com 31 pontos. Oito pontos atrás dos santistas, o Palmeiras já estava praticamente fora da disputa do título, com 21 jogos ainda a se jogar (um a mais que os rivais).

Mesmo assim, o rival fez questão de atrapalhar a vida dos tricolores e, no dia 17 de setembro, o São Paulo perdeu um ponto no Pacaembu, com o empate por 1 a 1 no Choque-Rei. O jeito foi bater mais uma vez nos pequenos: 3 a 0 no XV de Jaú, e 4 a 1 no Comercial da capital, nos dias 28 de setembro e 4 de outubro. Chocando a todos, o Santos, por sua vez, perdeu para o Burrão de Taubaté, por 3 a 2, no dia 5 do último mês.

O Tricolor, assim, mas com um jogo a mais, superava em pontos ganhos o Santos na tabela de classificação (36 a 35). Na época, entretanto, o costume era acompanhar a corrida pelo título pelo número de pontos perdidos – justamente pelas rodadas irregulares – em que nada mudava (8 a 7). Logo, ninguém considerou demais o feito. Segue o jogo.

O São Paulo obteve mais três vitórias: contra o carrasco santista, o Taubaté (2 a 0), em casa; contra o Guarani (1 a 0), fora de casa; e Nacional (3 a 2), no Pacaembu, entre os dias 8 e 15 de outubro. Tudo aparentemente bem, até a visita ao Botafogo, no dia 18 de outubro.

Os são-paulinos já tinham um certo trauma de jogar no antigo estádio da Vila Tibério – em 1957, lá jogaram duas vezes e de lá não trouxeram vitória alguma (uma derrota e um empate) – e após o novo embate, com a derrota por 2 a 1, a constatação que a vida para os tricolores em Ribeirão Preto não era realmente nada fácil (o Tricolor só voltou a vencer lá em 1963).

O concorrente Santos, com a vitória por 5 a 0 sobre o XV de Piracicaba, no dia seguinte, retomou a liderança da competição em pontos ganhos (41 a 40) e ampliou a vantagem nos perdidos (7 a 10). O time do litoral, contudo, ainda passaria por maus bocados no torneio.

Já o São Paulo não perderia mais no campeonato, chegando embalado à 30ª rodada, no dia 9 de novembro, após mais quatro vitórias consecutivas (5 a 1 no Ypiranga, 4 a 2 no Juventus, 2 a 0 no América, e 2 a 1 na Ferroviária).

Na data em questão, o Tricolor enfrentaria a Portuguesa, que no final de outubro havia arrancado um ponto do Santos, na partida em que o time de Pelé, Pepe e companhia havia alcançado 100 gols marcados no campeonato – para efeito de comparação, até a mesma data o São Paulo balançara as redes por 70 vezes.

O alvinegro do litoral claudicara também, incrivelmente, contra o XV de Jaú, fora de casa, desperdiçando mais um ponto no dia 1º de novembro. A maior surpresa, todavia, estava por vir justamente nesse 9 de novembro.

No Pacaembu, o São Paulo venceu a Lusa por 3 a 1, com gols de Lanzoninho, Riberto e Gino. Enquanto isso, em Araraquara, o Santos foi espantosamente superado pela Ferroviária pelo placar de 2 a 1. Hora de fazer as contas. Com a sequência de resultados ruins e inesperados, o time praiano passou a somar 11 pontos perdidos, enquanto o Tricolor manteve-se com dez. Em pontos ganhos: 50 a 49 para o São Paulo, ambos exatamente com 30 jogos disputados.

Ou seja, o São Paulo chegou a liderar, sob qualquer ponto de vista, o Campeonato Paulista em que o Santos chegaria a totalizar 143 gols marcados e que Pelé seria ao artilheiro com o recorde de 58 gols, a oito rodadas do fim.

*“Por vias diretas e indiretas... Ganhou o São Paulo a liderança!”*<sup>345</sup>

A vitória do Tricolor contra a Portuguesa, naquele 9 de novembro, marcou a despedida de Zizinho do clube, apesar do atleta possuir, ali, contrato válido até fevereiro de 1959. Esse fato gerou grandes consequências no destino do São Paulo na temporada, embora para aqueles que viviam o dia a dia, isso tenha sido imperceptível.

No dia 4 de novembro, Lanzoninho e Zizinho foram punidos por Manoel Raymundo Paes de Almeida por causa de uma “noitada” que acabara lá pelas duas da madrugada, o que feria o regulamento dos atletas. A diretoria, respaldada pelo presidente Laudo Natel (e pelo fato de ambos serem reincidentes), multou os atletas em 40% dos vencimentos deles.<sup>346</sup>

Possivelmente ressentido pelo castigo, Zizinho acusou uma dor no joelho e ficou fora da partida contra a Ferroviária, no dia 6 seguinte. O sentimento do jogador não exclui a possibilidade, contudo, que a contusão existisse – pois, de fato, ele se lesionou após a derrota para o Santos, ausentando-se dos cinco jogos posteriores, no primeiro turno.<sup>347</sup> De toda maneira, o craque foi liberado pelo Departamento Médico para a partida contra a Portuguesa, que transcorreu normalmente.

344. *A Gazeta Esportiva*, 26 de julho de 1958

345. *A Gazeta Esportiva*, 10 de novembro de 1958

346. *A Gazeta Esportiva*, 5 de novembro de 1958

347. *Revista Tricolor*, nº 67

São Paulo, 14 de Novembro de 1958

Srs. Diretores do São Paulo F. C.

Venho a presença desta Diretoria com a finalidade de solicitar a rescisão de meu contrato de atleta profissional que deveria findar no mês de Março.

Os motivos que me levam a tal decisão são os seguintes:

1º) No início do campeonato sofri uma contusão no joelho e com o correr dos jogos o mal foi se agravando, ultimamente eu não podia mais treinar visto ter que permanecer inativo entre um jogo e outro.

Presentemente sinto-me impossibilitado, e precisando de um longo período de descanso para recuperar-me totalmente.

Estando o campeonato por terminar, não vejo possibilidades de estar em condições de defender o Clube neste campeonato.

2º) Minha permanência em São Paulo afasta-me de minha família que se encontra em Niterói. Analizando a situação concluí ser esse sacrifício inútil para mim e oneroso para o Clube.

Sem mais agradeço antecipadamente

Atenciosamente,

Thomas Soares da Silva

Recebido dia 15 de Novembro de 1958  
feriado, as 9hs no campo do C. A. Paulistano.

Manuel Ray

Dias depois, porém, Ziza redigiu uma carta aos diretores do Tricolor em que nela expressava uma drástica decisão: o pedido de rescisão de contrato. Os motivos que enumerou na missiva foram os seguintes:

"1º) No início do Campeonato sofri uma contusão no joelho e com o correr dos jogos o mal foi se agravando, ultimamente eu não podia mais treinar visto ter que permanecer inativo entre um jogo e outro. Presentemente sinto-me impossibilitado, e precisando de um longo período de descanso para recuperar-me totalmente. Estando o campeonato por terminar, não vejo possibilidades de estar em condições de defender o Clube.

2º) Minha permanência em São Paulo afasta-me de minha família, que se encontra em Niterói. Analizando a situação concluí ser esse sacrifício inútil para mim e oneroso para o clube."

Não, Zizinho, não seria inútil nem oneroso. A ausência do craque seria sentida – mais cedo do que se poderia imaginar.

O documento foi recebido das mãos de Zizinho por Manuel Raymundo às 9 horas da manhã do dia 15 de novembro, feriado, quando o time são-paulino comparecia para um treinamento no novo campo de futebol do Club Atlético Paulistano, no Jardim Paulista, a ser inaugurado naquela ocasião. O jogador ainda tomou parte daquela atividade a fim de se despedir dos colegas, já imaginando certo o acordo rescisório.

E foi o que, de fato, se sucedeu. Clube e jogador romperam o contrato no dia 17.<sup>348</sup> No dia seguinte, questionado sobre se a multa aplicada ao jogador teria motivado essa decisão dele, Laudo Natel respondeu "Lamento o divórcio entre Zizinho e o São Paulo como torcedor. Porém, como presidente, não havia por que titubear. Não seria justo que se abrisse um precedente, perigoso para o futuro".<sup>349</sup>

Mal anunciado o rompimento, choveram pedidos de transferência para o ídolo. Santa Cruz, de Recife, e Botafogo, do Rio, foram os primeiros a se interessar. Mas, apesar de já estar sem contrato efetivo, o passe do jogador permanecia preso ao Tricolor. Para outra agremiação contratá-lo, era preciso liberá-lo, e muito provavelmente, naquele momento, somente com alguma compensação financeira. Dessa maneira, e validando o informado na carta de despedida, Zizinho anunciou a aposentadoria.

"Já estou velho para correr novamente minutos".<sup>350</sup>

Zizinho, contudo, não se aposentou de vez. Em 11 junho de 1959, o São Paulo expediu um ofício à CBD liberando o passe do atleta, que atuaria em algumas partidas pela Associação Atlética São Bento, de Marília. Posteriormente, ainda faria alguns amistosos também pelo Uberaba e pelo Audax Italiano, do Chile.

De toda forma, o que veio a seguir, sem Zizinho, foram os pecados que custaram ao Tricolor o bicampeonato estadual consecutivo. Em Piracicaba, no dia 16 de novembro, e apesar do golaço de bicicleta de Maurinho, os são-paulinos ficaram no empate, por 2 a 2, contra o XV local. Ao passo que o Santos vencera o clássico contra o Palmeiras, por 2 a 1. Liderança, então, dividida momentaneamente.

348. A Gazeta Esportiva, 18 de novembro de 1958

349. A Gazeta Esportiva, 19 de novembro de 1958

350. A Gazeta Esportiva, 20 de novembro de 1958

O próximo jogo do São Paulo seria no dia 23 de novembro, a ser realizado no Estádio Alfredo de Castilho, em Bauru, contra o Noroeste, um dos melhores times do interior no campeonato. O jornal A Gazeta Esportiva, da data em questão, ao anunciar a importância do confronto para o Tricolor, estampa a manchete de capa: “Na fornalha de Bauru... contra o líder do ‘grupo dos pequenos’ jogará o São Paulo co-líder do certame”.

Mal sabiam os editores do periódico que o estádio pegaria fogo, literalmente.

Aos 26 minutos do primeiro tempo, quando o Tricolor vencia o time da casa por 1 a 0, gol de Gino (marcado aos 8 minutos), um movimento súbito dos torcedores, espalhando-se pelas arquibancadas e abrindo um clarão no setor, foi o sinal de que algo estava errado. Então, um rastro de fogo começou a tomar conta das tábuas de madeira que serviam de assento e uma coluna de fumaça subiu aos céus. Os bombeiros chegaram, mas lhes faltou água.<sup>351</sup> Rapidamente, tudo já estaria perdido.

Primeiramente, sem entender muito o que estava acontecendo, o público se afastou da zona de calor até que ordeiramente, mas, quando as labaredas começaram a tomar metros de altura, houve tumulto e invasão do gramado, após de terem posto abaixo o alambrado.

O árbitro, Juan Brozzi, óbvia e prudentemente, deu por encerrada a partida, que seria concluída posteriormente. Felizmente não houve vítimas fatais, apenas três feridos prensados com a queda do gradil, que prontamente foram atendidos e levados ao hospital. Nos arredores, algumas residências foram atingidas e dois carros foram incinerados.<sup>351</sup> Além das cinzas, restou o imenso prejuízo financeiro para o Noroeste, que teve que reconstruir sua praça de esportes nos meses seguintes.

A contraparte do San-São seguiu vencendo, despachando o Comercial paulistano por 9 a 1 e a Ponte Preta por 2 a 1, antes de o Tricolor voltar a campo, na noite do dia 26 de novembro, em clássico contra o Corinthians. Pressionado pelas vitórias santistas, os são-paulinos não passaram de um empate por 1 a 1 no Majestoso, em uma partida decepcionante para ambos, mas com um gol rival que ninguém soube caracterizar, certamente, se havia sido em impedimento ou não. E, de bonito na partida, apenas o gol de Canhotoeiro, produzido com o pivô de Gino e um chute do ponta.

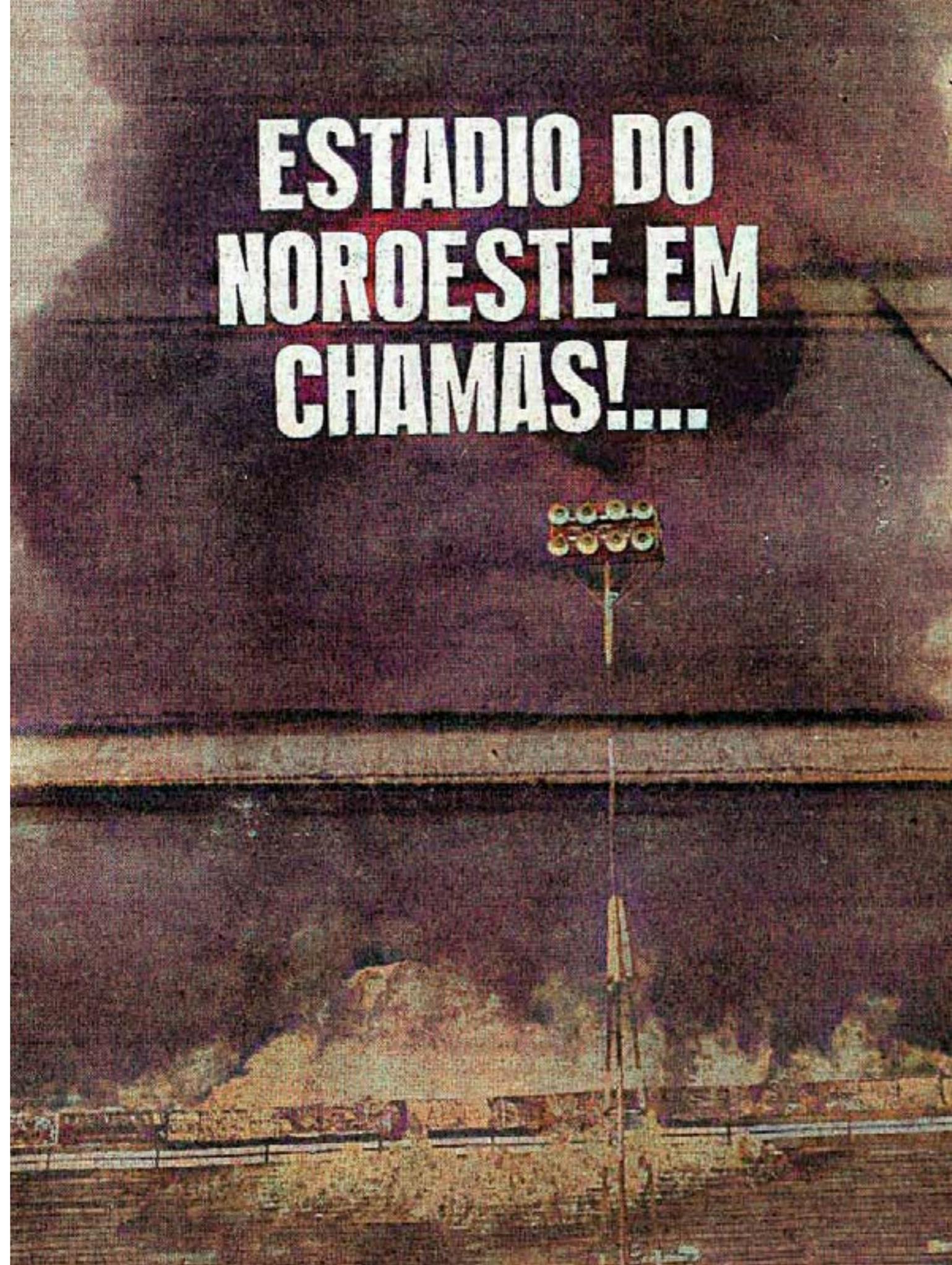
Para piorar ainda mais, o São Paulo bobeou mais uma vez e empatou pela terceira vez seguida, no dia 29 de novembro, contra a Ponte Preta no Pacaembu: 1 a 1, ficando, assim, a dois pontos de distância do líder Santos, restando cinco jogos por fazer.

As vitórias do Santos, por 4 a 3 sobre o Nacional, no dia 30 de novembro, e do São Paulo, por 4 a 1 contra o Jabaquara, no dia 3 de dezembro, só fizeram a contagem regressiva de partidas chegar a quatro, sem mudar nada a mais.

Nos dias 6 e 7 de dezembro ocorreriam clássicos dos quatro grandes do Estado. No Pacaembu, o Choque-Rei. Na Vila Belmiro, o Alvinegro. Atuando primeiro, os tricolores mais uma vez vacilaram na hora decisiva e apenas, ora!, empataram: 2 a 2, com um gol sofrido aos 44 minutos do segundo tempo...

351. Revista Tricolor, 70

Foto: A Gazeta Esportiva, 24 de novembro de 1958



*“Empatou o Palmeiras quando parecia segura a vitória do São Paulo! Um crasso erro defensivo, no ocaso da partida, anulou o superior volume ofensivo do Tricolor...”*<sup>352</sup>

A mencionada falha foi cometida por todo o sistema defensivo, que se alinhou quase na linha de gol, deixando livre os palmeirenses na área, ao passo que Poy não conseguiu rebater a contento o cruzamento de Paulinho, sobrando a bola, então, para Julinho marcar.

Por sua vez, o Santos... bem, o Santos atropelou o Corinthians, terceiro colocado, por 6 a 1.

A ponta da tabela passou a ficar distante do Tricolor por três pontos. O time dependeria de algum tropeço rival para manter viva a chance de título. E na rodada seguinte ele não veio. O Santos deu de 7 a 1 no Juventus e o São Paulo terminou a partida, antes inacabada pelo triste incêndio em Bauru, vencendo o Noroeste por 3 a 1, no dia 9 de dezembro, no estádio da Lusitana.

A dois jogos do fim, o São Paulo iria a Santos, bater-se com a Portuguesa, no dia 13 de dezembro, enquanto o outro time daquela cidade jogaria com o Guarani no dia seguinte, apenas. O que se viu, porém, foi quase o Tricolor antecipando a conquista santista, estando a perder o jogo até aos 41 minutos do segundo tempo. Gino, porém, empatou a peleja. Com o 1 a 1 no Ulrico Mursa, bastaria um empate ao rival, em Campinas.

O resultado, porém, foi outro 7 a 1. E, assim, o Santos conquistou o Campeonato Paulista de 1958. A classificação final contou com os santistas em primeiro, com 64 pontos; o Tricolor em segundo, com 60; o Corinthians em terceiro, com 56; e o Palmeiras em quarto, com 52. A diferença dos são-paulinos para os campeões foi, mesmo, o número de empates (dez para o Tricolor, seis para os rivais, pois ambos os times perderam apenas três vezes).

*“Sabemos, de fonte autêntica, que o campeão gastou duas vezes mais do que esperava ou podia, isto é, muito mais do que autorizava o respectivo orçamento, numa prodigalidade assombrosa e... soçobranete. E isto não nos convinha ou convém, absolutamente, pois estamos a braços com a custosa edificação de nosso estádio”*<sup>353</sup>

Entretanto, os são-paulinos também tiveram déficit com o futebol profissional na temporada, conforme o balanço financeiro de 1958 apontou: Cr\$ 13.674.501,60 foi o montante líquido arrecadado com bilheteria e negociações, ao passo que o clube gastou Cr\$ 15.850.295,80 com o departamento. De modo geral, o déficit verificado no exercício foi de Cr\$ 2.175.794,20.

A perda do título não era motivo para desmotivar os são-paulinos. 1959 estava por começar e o clube se planejava para galgar novas conquistas, tanto dentro quanto fora das quatro linhas. Ao menos, era isso no que todos acreditavam.

No que tange o desempenho esportivo, o rendimento do Tricolor nos anos de 1959 e 1960 será melhor abordado na segunda parte desse relato histórico, a ser publicado em data futura, por se enquadrar melhor no tema dessa próxima coleção: os anos de jejum do São Paulo até a conclusão do Morumbi, em 1970.

No aspecto extracampo, porém, a situação parecia caminhar para a tão prometida abertura do estádio são-paulino em meados da temporada de 1959.

352. *A Gazeta Esportiva*, 7 de dezembro de 1958  
353. *Manoel Raymundo para a Revista Tricolor*, nº 71

Desde outubro de 1958, o Tricolor anunciava, em letras garrafais e página inteira nos principais jornais da Capital, que a inauguração do Morumbi – declarada como a maior praça de esportes do mundo – se daria no segundo semestre de 1959.

*“A monumental obra de iniciativa particular dos paulistas se ergue e se acelera em seu acabamento, para inauguração parcial (90 mil pessoas) marcada para o 2º semestre do ano próximo-vindouro”*<sup>354</sup>

Para promover a ação, que destinava à venda o que ainda restava das oito mil cadeiras cativas,<sup>355</sup> nos setores 7 e 11 da seção construída do estádio (um saldão)<sup>356</sup> – antes em área descoberta, mas transferidas, em agosto de 1958,<sup>357</sup> para outro setor coberto –, a campanha do Sócio Olímpico passou por nova remodelação de ilustrações. O personagem ganhou até um nome: S.O. agora significava Sentadinho de Oliveira, um rapaz bem apessoado, de terno e gravata, confortável na cadeira dele, no Morumbi.

E o torcedor que adquiriu uma cadeira no citado “saldão” o fez bem, pois a partir de 31 de março de 1959, a Comissão Pró-Estádio aprovou, no dia 20 de janeiro de 1959, uma majoração nos preços, de 35 mil cruzeiros para 50 mil cruzeiros! Agora, cativa era algo mais raro e valorizado.<sup>358</sup>

Naquela altura, conforme as notas publicadas pelo Tricolor e republicadas pela imprensa, faltariam apenas algumas obras de acabamento no estádio, como instalação de bancos ou poltronas (em quantidade de 40 mil), catracas nos portões de acesso (50 unidades), revestimento dos vestiários, vedação das juntas de cada vão dos gigantes de concreto e o muramento dos arredores, principalmente nos setores ainda não construídos.<sup>359</sup>

Alguns desses passos já estavam em andamento, como a perfuração, executada pela firma T. Janer, de um poço artesiano para abastecer futuramente todo o complexo são-paulino ali localizado, bem como a construção de duas caixas d’água, estaqueadas pela Benacchio, e a instalação de um compressor para a distribuição.

Para melhor apontar as últimas necessidades e prever as dificuldades que poderiam surgir de última hora, a Comissão Pró-Estádio entrou em contato com administradores de praças esportivas pelo mundo afora, e em especial com o superintendente do Maracanã, Arno Frank, obtendo, assim, *“uma série de informações preciosas”*<sup>360</sup>.

E para realizar todas essas melhorias, Laudo Natel afirmava já ter no caixa do clube 15 milhões de cruzeiros. “Não há, portanto, perigo de paralisação das obras por falta de verba”.<sup>361</sup> Por falta de dinheiro não parar, tudo bem. Mas o que dizer das demais intempéries?

*“Ao clangor das fanfarras, se anuncia a inauguração do Morumbi”*<sup>362</sup>

Sim, imprevistos ocorreram. As obras acertadas em contrato de 11 de outubro de 1957, que eram esperadas concluídas em maio de 1959, não as foram. Vendo que não era mais admissível tantas postergações, a Comissão levantou um detalhamento de todas construções que necessitavam ainda serem concluídas, refeitas ou simplesmente iniciadas e, assim, só no dia 29 de setembro de 1959, foi firmado um contrato definitivo com a Civilsan, em substituição aos anteriores, que previa a finalização de tudo o que estava por acabar, incluindo, além, várias outras edificações:

354. *A Gazeta Esportiva*, 28 de outubro de 1958  
355. *Revista Tricolor*, nº 70  
356. *A Gazeta Esportiva*, 3 de novembro de 1958  
357. *Revista Tricolor*, nº 67  
358. *Revista Tricolor*, nº 71

359. *A Gazeta Esportiva*, 1 e 5 de dezembro de 1959  
360. *A Gazeta Esportiva*, 5 de dezembro de 1959  
361. *A Gazeta Esportiva*, 5 de novembro de 1959  
362. *Revista Tricolor*, nº 69





- Término das arquibancadas até o terceiro pavimento entre os gigantes 45 a 70 e 70 a 3 (adiando a construção, antes prevista, do setor compreendido entre o 3 e o 13);
- Término da estrutura de concreto armado no lance térreo, entre os gigantes 4 a 7;
- Conclusão de quatro banheiros públicos no subsolo, entre os gigantes 53 e 54, 55 e 56, 61 e 66, 7 e 12.
- Construção da extensão da galeria de águas pluviais, com ramais, caixas e poços entre os gigantes 45 e 13, e entre o gigante 45 e a galeria já finalizada do campo.
- Construção de toda a rede de abastecimento de água e de coleta de esgoto, no ambiente externo, ligando-os aos vestiários e banheiros do subsolo entre os gigantes 49, no primeiro caso, e 45, no segundo caso, e o gigante 13.

Pelo termo assinado, todas essas obras deveriam ser entregues, finalizadas, no dia 30 de março de 1960. O que foi de espantar, porém, foi o preço combinado – prova da contínua inflação do setor: Cr\$ 78.681.571,60!

Se por um lado, a coisa estava empacada, por outro, algo avançou. No dia 13 de julho de 1959, cumprindo o combinado firmado com o Tricolor em 1952, a Imobiliária Aricanduva transferiu legalmente a segunda parte do terreno do Morumbi prometido ao clube como doação, o chamado “Lote B”, de 25.936 m<sup>2</sup>, conforme o presente no Livro de Notas 644, página 43, do Tabelião Firmo, datado de 12 de novembro de 1952.

Ao São Paulo só faltava, então, o terceiro lote (“C”), que os próprios tricolores teriam que adquirir, mediante compra junto à Aricanduva, pelo valor de Cr\$ 8.875.200,00, como visto no contrato que seria firmado no dia 3 de março de 1965.

O constante atraso no canteiro do Morumbi, contudo, não foi o fato mais triste para os tricolores naquele ano de 1959.



363. Tabelião Firmo, Livro de Notas 644, pg 40V







PECAS AUTO-AMERICANO

MISTURA FINA  
TAMBEM COM FILTRO

ROYANA

LEMAR

ABC

fósforos PINHEIRO

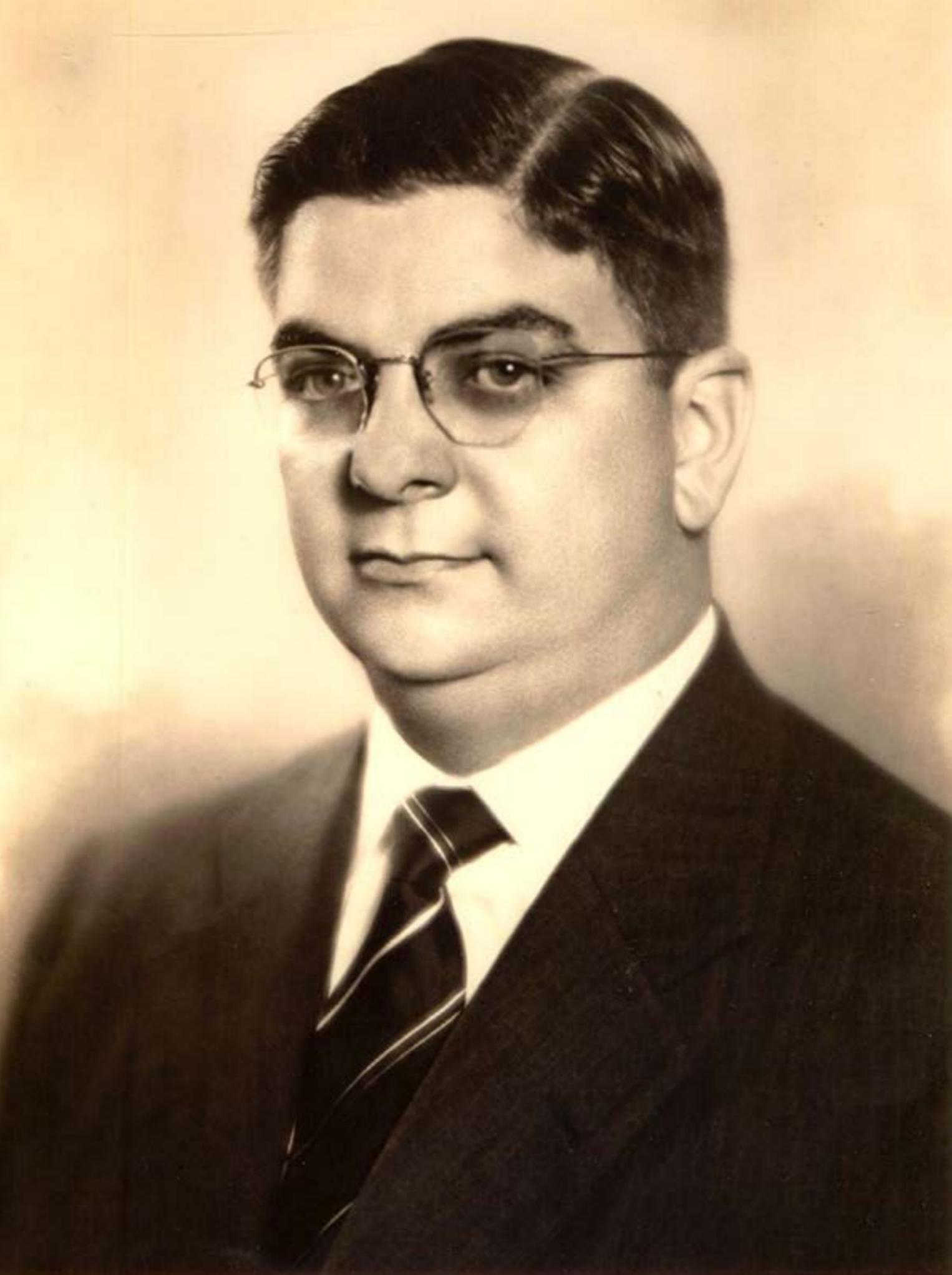
fósforos PINHEIRO

ANTARCTICA

DECAR







## O ADEUS DE CÍCERO

Cícero Pompeu de Toledo faleceu à primeira hora do dia 8 de setembro na cidade de São Paulo, em decorrência do avançar de um câncer no cérebro contra o qual lutou ativamente por cinco anos.

*"Vítima de pertinaz moléstia que zombou de todos os recursos médicos, os melhores possíveis já empregados em nossa terra. Vários anos sofreu o saudoso esportista e exemplar cidadão, até que a morte o colheu inexoravelmente. Sua morte foi sentida não só pela família, não só pelo São Paulo F. C., a que serviu por muitos e muitos anos, mas também por toda a sociedade paulista de que era membro ilustre e a que honrava com seu nome e fidalgo porte de filho de bandeirantes".<sup>364</sup>*

Durante praticamente toda a épica jornada pela construção do maior sonho de todo torcedor são-paulino, Cícero padecia de um sofrimento terrível, mas nem mesmo isso lhe arrefeceu o ímpeto de sua missão na Terra.

Cícero Pompeu de Toledo nasceu no dia 7 de janeiro de 1910, em Piracicaba, interior do estado de São Paulo. Era filho do casal Virgílio e Hermínia Pompeu de Toledo. Ainda jovem, mudou-se para a Capital a fim de cursar faculdade de humanas.

Em 1939, ingressou no São Paulo Futebol Clube com a carterinha social de nº 146. Já no ano seguinte, seria eleito conselheiro do Tricolor pela primeira vez, o que se repetiu por outras cinco vezes ao longo da trajetória dele pelo clube – Cícero nunca foi empossado como vitalício.<sup>365</sup>

Em 1944, tomou parte, pela primeira vez, de um corpo diretor do São Paulo, como segundo secretário e, pouco depois, primeiro secretário, ainda no mesmo ano. Em setembro de 1947, Cícero foi eleito presidente da diretoria do São Paulo ao vencer José Aranha, no pleito, por 81 votos a 36.

Ele seria eleito para o cargo em mais cinco oportunidades: uma segunda eleição em 1947, quando superou Décio Pacheco Pedroso por apenas um voto de diferença (53 a 52), como também em 1949 (por aclamação), 1951 (derrotando novamente Décio Pacheco, 84 a 55), 1954 e 1956 (aclamações), sendo, até hoje, o segundo dirigente que mais vezes foi escolhido para a função, atrás apenas de Laudo Natel (com sete mandatos).<sup>366</sup>

Foi condecorado como presidente de honra do Tricolor em 27 de março de 1958, e no dia 26 de outubro de 1960, foi intitulado, *post-mortem*, sócio benemérito do São Paulo.

Fora do São Paulo, os trabalhos de Cícero também foram dignos de nota: intitulado sócio benemérito da FPF, com o nome a constar da galeria de honra da entidade; também exerceu vários cargos de importância na Associação dos Serventuários da Justiça, pois era o titular do Sexto Tabelionato da Capital.

Faleceu aos 49 anos e oito meses, deixando viúva, dona Alba Dácomo de Toledo, e filhos: Gilberto e Regina Pompeu de Toledo.

364. *Revista Tricolor*, nº 76

365. *Revista Tricolor*, nº 77

366. *Presidentes do São Paulo FC*, 2018



Justas foram as imensas homenagens a ele prestadas. Velado no salão nobre da Federação Paulista de Futebol, o esquife mortuário de Cícero deixou a Avenida Brigadeiro Luís Antônio em direção ao Cemitério São Paulo, na Rua Cardeal Arcoverde, acompanhado por grande comitiva. No destino, o ataúde, coberto por bandeiras do São Paulo e da FPF, foi carregado pelos braços de Paulo Machado, Mendonça Falcão, Manoel Raymundo, Vicente Feola, Porphyrio da Paz, Frederico Menzen, dentre outros icônicos nomes do esporte brasileiro.<sup>367</sup>

Discursaram, em honra à história do presidente, Caetano Estelita Pernet, pelo São Paulo Futebol Clube; o vereador e ex-presidente do Corinthians, Alfredo Ignácio Trindade; Geraldo José de Almeida, em nome da ACEESP, e Francisco Teixeira da Silva, da Associação dos Serventuários da Justiça. Então, às 17h30, do mesmo dia 8 de novembro, Cícero Pompeu de Toledo foi sepultado.<sup>368</sup>

O São Paulo decretou luto oficial de oito dias e tomou outras medidas para prestar as devidas homenagens ao ex-presidente, como solicitar permissão à família para arcar com os custos do funeral, realizar as missas de sétimo e trigésimo dia, e formalizar a condição de pesar com a faixa preta presa aos braços de todos os jogadores do time pelo restante das partidas até o final do ano. O clube mandou, também, confeccionar um busto de Cícero, que seria exibido pela primeira vez em 1960, com a tão esperada inauguração do estádio que leva o nome do querido dirigente.<sup>369</sup>

O citado vereador e ex-presidente corintiano, Alfredo Trindade, chegou a propor na Câmara Municipal de São Paulo um anteprojeto de lei para que uma das avenidas nos arredores do Estádio do Morumbi fosse batizada com o nome de Cícero – mas especificamente, a Avenida D-4.<sup>369</sup> E por longo tempo ela foi assim conhecida, inclusive durante o evento inaugural da casa são-paulina, em 1960. Mas, no fim, isso não foi oficializado, pois, desde 19 de junho de 1957, tramitava na casa legislativa um projeto de lei de Dario de Lorenzo que visava a batizar o mesmo passeio público com o nome de Avenida Jules Rimet, promulgado pela Prefeitura, enfim, no dia 4 de junho de 1966 com a lei 6.022.

O São Paulo recebeu inúmeras manifestações de pesar. Em forma de memorial, seguem listadas as correspondências destinadas ao clube na primeira semana após o falecimento do dirigente: Abigail Pereira, diretora adjunta do São Paulo em Bauru; Antônio Carlos Cunha Bueno, deputado federal do Rio de Janeiro; Antônio do Passo, presidente da Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro; Antônio Fakhani, diretor adjunto do São Paulo em Descalvado; Associação Desportiva Floresta; Associação dos Repórteres Fotográficos do Estado de São Paulo; Associação Esportiva Guaratinguetá; Associação Ferroviária de Esportes; Associação Portuguesa de Desportos; Banco Nacional do Comércio de São Paulo; Bangu Atlético Clube; Câmara Municipal de Jundiaí; Casildo Osés, empresário de Buenos Aires; Castelino Borges Fortes, diretor da Caixa Econômica Federal de São Paulo; Clube Atlético Juventus; Clube Atlético Ypiranga de Jaú; Clube de Regatas Tietê; Clube dos Paraplégicos de São Paulo; Clube Sulacap; CMTC Clube; Comercial Futebol Clube de Ribeirão Preto; Congregação Mariana de Nossa Senhora de Aparecida e de São José, Paróquia do Brás; Derville Allegretti, deputado federal do Rio de Janeiro; Dibo A. Nasser, diretor adjunto do São Paulo em Pompeia; Dilermando Costa Machado, diretor adjunto do São Paulo em Votuporanga; Domingos Luz de Faria, presidente do Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo; Dorival Alves, de Araraquara; Esporte Clube Noroeste; Esporte Clube Sírio; Esporte Clube Taubaté; Esporte Clube XV de Novembro de Jaú; Esporte

Clube XV de Novembro de Piracicaba; Eurico Lindenheim, de Seguros Gerais, de São Paulo; Federação Paulista de Basketball; Fued Helou Kraide; Garça Esporte Clube; Gibrail Miguel, diretor adjunto do São Paulo em Anápolis; Guarani Futebol Clube; Guilherme da Silveira Filho, presidente de honra do Bangu; Indústria e Comércio ABC, de São Paulo; João Pacheco Chaves, deputado federal do Rio de Janeiro; Joaquim de Souza, de São Joaquim da Barra; Jones e Elvira Bombonato, de São Carlos; Jorge Bichuette, diretor adjunto do São Paulo em Igarapava; José Ermírio de Moraes Filho, empresário de São Paulo; José Ramos Penedo, de Bangu, Rio de Janeiro; Juvenal Passos Nogueira, sócio de Descalvado; Liga Atibaiense de Futebol; Liga Sanjoanense de Futebol; Londrina Futebol Clube; Milton Soares de Oliveira; Mogytex Futebol Clube; Nacional Atlético Clube; Nilo H. Thomé, diretor adjunto do São Paulo em Assis; Nivacir Inocência Fernandes, o King, de Piracicaba; Paulista Futebol Clube de Jundiaí; Paulo Lauro, deputado federal do Rio de Janeiro; Rádio Bandeirantes; Romero Barbosa, de Ribeirão Preto; Rubens Covas Levy, diretor adjunto do São Paulo em São Vicente; Ruth Guimarães, de São Paulo; São Cristóvão Futebol e Regatas; Severo Miguel Maresca, empresário de Buenos Aires; Sindicato dos Empregados de Clubes Esportivos de São Paulo; Sociedade Esportiva Palmeiras; Sociedade Esportiva São Cristóvão do Itaim, São Paulo; Sociedade Técnica de Contabilidade e Administração de São Paulo; Sport Club Corinthians Paulista; Ubirajara Martins, de São Paulo; Ulisses Guimarães, deputado federal do Rio de Janeiro; União Futebol Clube de Mogi das Cruzes; Wilson G. Vianna, diretor da MUNDOTUR no Rio de Janeiro.<sup>370</sup>

Além disso, crônicas sobre a vida e o trabalho de Cícero foram publicadas na imprensa, das quais dois trechos de duas em particular aqui são destacados. O primeiro, de Thomaz Mazzoni, o Olympicus de A Gazeta Esportiva:

*“Sem dúvida que, quando o São Paulo F. C. deu seu nome ao estádio que está surgindo no Morumbi cometeu um belo e merecido gesto. Fez-lhe justiça em vida. E é sabido que, na maioria das vezes, no esporte, no futebol, as homenagens aos homens em voga, na ativa, são simples homenagem do dia, às vezes mesmo exageradas, sendo, ao invés, esquecidos ingratamente os que passam, os que foram. Mas, no caso do dr. Cícero Pompeu de Toledo, nunca se prestou uma homenagem com tanta justiça a um dirigente na ativa. E, agora que já não mais pertence ao mundo dos vivos, todos aqueles que escolheram o nome do estádio que será eterno, devem estar satisfeitos de lhe terem dado essa alegria ainda em vida, talvez mesmo a última, antes do mal lhe aniquilar a preciosa existência!”*<sup>370</sup>

Por fim, palavras de Mugnaini Filho, do Diário de S. Paulo:

*“Desportista da velha guarda, foi ele que, na presidência do São Paulo F. C. teve um dia a lembrança da construção de um estádio que fosse, por assim dizer, o mais rico florão de sua vida esportiva. Apoiado irrestritamente por seus pares, meteu os ombros à arrojada empreitada. E hoje, todos os que vão para aquelas bandas da Capital, mesmo não sendo torcedor são-paulino, sentem como que uma pontazinha de ufanía, tal a majestosidade da obra que ali se levanta... Cícero Pompeu de Toledo morreu. Todavia, sua lembrança jamais será apagada. Todos o recordarão com justificada saudade. E amanhã, quando o impressionante estádio do Morumbi abrir seus portões para sua festiva inauguração, ninguém se esquecerá do desportista que teve a genial ideia de sua construção. E, num rápido minuto de silêncio, todos cultuarão a memória daquele que foi em vida um desportista às direitas. Paz à sua alma”*<sup>370</sup>

367. Revista Tricolor, nº 76 e nº 77

368. Revista Tricolor, nº 76

369. Revista Tricolor, nº 77

370. Revista Tricolor, nº 77

Em uma das derradeiras aparições públicas de Cícero, no dia 30 de outubro de 1958, ele concedeu entrevista em que, já alguns meses afastado do clube, dizia:

*“Confesso que depois de tantos anos de contato direto com a alta administração sampaulina, sinto hoje senão saudades do poder, pelo menos do contato direto com os meus amigos do clube, com os meus amigos da imprensa e do rádio.*

*O São Paulo sempre foi parte da minha vida e em prol do clube, posso-o dizer hoje, sacrifiquei inclusive os melhores momentos de minha família. Do que, diga-se de passagem, não estou arrependido. Sempre tive pelo São Paulo, desde minha fase de simples sócio, admiração e amor. E se mais não fiz, o foi porque não pude”.*<sup>371</sup>

Por fim, concluiu, deixando um pedido a todos os tricolores de coração:

*“O estádio é a própria alma sampaulina transformada em concreto! Ajudem o São Paulo, ajudem os homens que hoje têm a responsabilidade de direção do clube, a concluir, o mais rapidamente possível, aquele estádio que recebeu meu nome menos como homenagem a minha pessoa que em homenagem aos que me ajudaram a levantá-lo do chão”.*<sup>371</sup>

A missa de sétimo dia foi realizada no dia 14 de setembro, às 10 horas, na Igreja Matriz da Consolação, e oficiada pelo Monsenhor Francisco Bastos diante de um grande número de pessoas. No mesmo local, no dia 8 de outubro, foi também realizada cerimônia exequial da liturgia católica do 30º dia.<sup>372</sup>

“Não morre realmente quem na Terra deixa saudades”. Luiz Hugo Lewgoy.<sup>372</sup>



371. A Gazeta Esportiva, 31 de outubro de 1958  
372. Revista Tricolor, nº 77





SAÚDAMOS NO MAIOR ESTADIO  
O QUERIDO NOME  
CICERO P. TOLEDO





## 1960 ou ano 1 da Era Morumbi

O fim da década marcaria o início de um novo período na existência do Tricolor. Embora, nos primeiros meses de 1960, isso ainda não fosse lá muito claro. As obras estruturais no Morumbi, mais uma vez, não se desenvolviam a contento, na velocidade esperada, ainda que os são-paulinos esperassem inaugurá-lo em abril.<sup>373</sup>

Enquanto isso, a Comissão Pró-Estádio cuidava de detalhes de acabamento daquilo que já estava pronto: os bancos das numeradas e cativas foram instalados pela firma Domingos Raele & Cia Ltda. por Cr\$ 10.600.000,00. Algo inusitado desse empreendimento foi que, para pregá-los, Laudo Natel teve que virar garoto propaganda de uma indústria (Parafusos Mapri S/A) e, assim, conseguir 400 mil unidades de graça – a empresa levou duas cativas em troca, também.<sup>374</sup>

E outro ponto curioso dessa história foi que existiu um jogo não-oficial sobre o gramado do Morumbi envolvendo o time dos operários dessa empresa (Domingos Raele) e time dos funcionários do São Paulo Futebol Clube, ou melhor, a equipe da ABF SPFC (Associação Beneficente dos Funcionários do São Paulo Futebol Clube – entidade legalmente constituída, com estatuto e tudo mais).

Desconhece-se o resultado da peleja, mas, por causa disso, os funcionários tomaram boas reprimendas de Paulo Planet Buarque, ex-diretor de propaganda.

As relações públicas são-paulinas, com jantares, visitas oficiais e passeios guiados pelo estádio também valeram a boa vontade da empresa Super-Tintas e Vernizes, que em muito contribuiu com o São Paulo nesses momentos derradeiros.<sup>375</sup>

Somente no início de abril que o cenário do Morumbi deixou de ser tanto o de um canteiro de construções. No dia 9 desse mês, sábado, a pista de atletismo do estádio enfim fora finalizada e inaugurada com uma competição amistosa especial – e por que não dizer, cármica?: um campeonato disputado contra o Clube de Regatas Tietê (o mesmo clube que, em 1935, retirou o complexo esportivo da Chácara da Floresta da posse dos tricolores).

Ao fim da competição atlética, as mulheres e os homens do São Paulo levaram a melhor sobre os vermelhinhos do Tietê, como eram tradicionalmente conhecidos, por 124 pontos a 118.<sup>375</sup> A vitória são-paulina significou, também, um novo alento para o esporte amador no clube, pois, desde a despedida do Canindé, os atletas tricolores estavam, na prática, desalojados de uma sede oficial, recorrendo a espaços provisórios no Pacaembu ou treinando nas amplas trilhas de terra batida nos arredores do Morumbi.

Dez dias depois desse evento, Laudo Natel foi reeleito, sem concorrência, para mais um mandato à frente do São Paulo Futebol Clube, este até 1962. Com a administração em ordem e “já tendo em vista os festejos da inauguração, o São Paulo credenciou o dedicado tricolor José Geraldo de Almeida para, em sua excursão pela Europa, consultar clubes e seleções sobre a possibilidade de um grande torneio internacional de futebol, como parte essencial do programa de solenidades”.<sup>375</sup>

373. *Diário da Noite*, 4 de fevereiro de 1960

374. Agnelo di Lorenzo, *Arquivo Histórico do São Paulo FC*

375. *Revista Tricolor*, nº 81





CELEBRAMOS  
BRASIL

WELLES CHOPIN  
ANTARES TUA

STADIUM  
LIFE

CLUB  
RESTAURANTE TÊNIS

RESTAURANTE TÊNIS

Nessa altura, Geraldo de Almeida e a diretoria são-paulina imaginavam cooptar para a inauguração do Morumbi, talvez, um Dínamo de Moscou, a Seleção Russa, a Lazio, Juventus, ou quem sabe o Sporting de Lisboa...<sup>376</sup>

Faltavam apenas duas coisas para que se definisse uma data ou o adversário da desejada inauguração: terminar as rampas de acesso para cada setor do estádio (etapa que foi mais demorada pois justamente nessa área se concentrava o “bunker” de operações da construtora, com barracões de operários, etc) – e o contrato para isso foi firmado no dia 23 de junho; e cercar o Morumbi, principalmente nas áreas em que os gigantes de arquibancadas não haviam sido, ainda, levantados.

Enquanto isso se desenrolava, um bom auspício foi levado a todos os tricolores. No dia 27 de junho, o presidente Laudo Natel foi condecorado Comendador da Soberana Ordem dos Cavaleiros de... São Paulo Apóstolo, em um evento realizado no Restaurante Fasano, da Avenida Paulista, que contou com a participação de Porphyrio da Paz, já comendador da referida, que agraciou Natel com a medalha da Ordem.

O que seria tal Ordem? De acordo com o decreto federal 38.584 de 16 de janeiro de 1956, os Cavaleiros de São Paulo Apóstolo eram uma associação de utilidade pública sediada no Rio de Janeiro, então Distrito Federal.<sup>377</sup>

*“A medalha da Soberana Ordem dos Cavaleiros de São Paulo Apóstolo é oferecida a aqueles que reconhecidamente possuem nobreza moral e ação eficiente na luta em defesa da civilização espiritualista e pela fraternidade Universal”.*<sup>378</sup>

Homenagens particulares de lado, o acesso do público foi garantido com a entrega das obras das rampas executadas pela Civilsan pelo valor de Cr\$ 7.000.000,00, no dia 20 de julho.

Por fim, ao custo de Cr\$ 4.000.000,00, o necessário muro de entorno também foi concluído, sob responsabilidade da Santoro & Alves, com espaço para 47 painéis publicitários de 2,5x6 metros, que passariam à responsabilidade de Oswaldo Molles para comercialização. Três destes espaços já estavam reservados para a Companhia Antártica, e outro para a mencionada propaganda de Laudo Natel para a Parafusos Mapri.

Triste foi a derrubada do velho Pinheirinho, retrato do lento avanço das obras. Reza a lenda que a esposa do presidente Laudo Natel, Maria Zilda, impediu o corte de árvore, ainda durante o processo de terraplanagem do terreno do Morumbi, pois nela havia um ninho de passarinho. Passaram-se sete anos até que, enfim, ele fosse derrubado por causa da construção do referido muro de proteção.

Longe de estar finalizado, a Comissão Pró-Estádio achou por bem inaugurar o estádio, que ao menos agora já se encontrava em condições de uso, pois passaria a obter, com ele, mais recursos provindos de bilheteria e de ações publicitárias e promocionais, pelo destaque do Morumbi na imprensa. Além de, claro, saciar a vontade do são-paulino em ver e ocupar sua própria casa.

Inicialmente, cogitou-se chamar a equipe do Peñarol para a honra do primeiro jogo no novo estádio. A proposta teria sido levada pelo presidente da FPF, João Mendonça Filho, junto a uma oferta de 400 mil cruzeiros (e a promessa de o Tricolor enfrentá-los também no Centenário, posteriormente), quando da ocasião do jogo da Seleção Brasileira contra a do Uruguai, neste país (9 de julho). Pela falta de tempo disponível para acertar os detalhes dessa partida, a princípio pensada para o dia 14 de julho, desistiu-se do evento.

Um mês depois, no dia 13 de agosto, o Sporting Club de Portugal aceitou o convite para ser o antagonista do São Paulo na inauguração do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, no dia 2 de outubro, sem nenhum tipo de contrapartida financeira – a famigerada cota.

*“Sporting virá mesmo. Ofereceu-se para jogar sem receber um tostão sequer. Teremos, obviamente, de arcar com as despesas de viagem e manutenção, mas sua atitude, sem dúvida, foi das mais desprendidas e nos comoveu bastante. Nessas condições, o Morumbi será mesmo inaugurado a dois de outubro, quando o quadro principal de São Paulo enfrentará a equipe portuguesa do Sporting”.*<sup>379</sup>

No dia 24 de agosto, o estádio foi vistoriado por uma comissão da Secretaria de Segurança Pública, chefiada pelo delegado auxiliar do DOPS Eurico Miranda (apenas homônimo do dirigente vascaíno de décadas depois). Ela foi recebida por Paulo Machado de Carvalho e João Brasil Vita para a elaboração do plano de policiamento para a inauguração do Morumbi.<sup>379</sup>

Na mesma data, o presidente Laudo Natel apresentou a criação de um “bureau” jornalístico para um grupo de representantes da imprensa (formado por Haroldo Chiorino, Jorge Rodrigues de Mello, Paulo de Aquino, Jaime Madeira, Benedito Rui Barbosa e A. P. Campos Nobrega) que auxiliariam no que fosse preciso para melhor noticiar e assessorar o evento.<sup>379</sup>

O dirigente acertou, ainda, uma segunda partida para as festividades, a ser realizada uma semana depois, contra o Nacional, do Uruguai, em um amistoso que contaria com novidades dentro de campo: *“Enfrentará o Tricolor dia 9, no domingo seguinte à inauguração. Para esse cotejo, minha equipe apresentará grandes novidades, pois, como é sabido, Santos, Corinthians e Portuguesa ofereceram seus jogadores para integrarem-na. Assim, esperamos ter um Gilmar no arco, um Pelé no centro da vanguarda, além de um elemento ‘luso’ em outra posição. Já imaginaram o que será?”.*<sup>379</sup>

É possível, porém, que a partida contra o Nacional tenha sido a primeira agendada pela cúpula são-paulina – embora não se tenha documentos comprobatórios – haja vista que os jornais reportam, no dia 17 de agosto,<sup>380</sup> que o confronto com os uruguaios seria transferido do dia 2 de outubro para o dia 9, devido a um conflito de data dos nacionalistas (o Peñarol não aceitou aditar o clássico marcado entre eles para aquele domingo).

De toda maneira, as atrações não parariam por aí. Seriam, praticamente, uma semana de festividades. Entre as duas partidas inaugurais, uma semana de treinamentos abertos do São Paulo e do Nacional, no Morumbi. E para a preliminar do dia 9, o Tricolor acertava um jogo entre veteranos do São Paulo e do Palmeiras de 1945:

376. Revista Tricolor, nº 81

377. Revista Tricolor, nº 82

378. Urutu Militarista

379. A Gazeta Esportiva, 25 de agosto de 1960

380. Diário da Noite, 17 de agosto de 1960



GUARANA ANTARCTICA

CERVEJA ANTARCTICA

BONGOTTI

TIGRES SUPER

Person in a purple and white striped dress sitting on the edge of the stands.

Two people sitting on the edge of the stands, one in a dark shirt and the other in a light shirt.

*"Já imaginaram o que será um quadro integrado por Gijo (King), Piolim e Renganeschi; Bauer (Zezé Procópio), Ruy e Noronha; Luizinho, Sastre (que virá), Leônidas, Remo e Teixeira ou Pardal, enfrentar um que alinhará Oberdan; Caieira e Begliomini; Og, Tulio e Gengo, Lima, Canhotinho, Villadoniga, González e Pipi?"*.<sup>381</sup>

E para agradecer a torcida presente em cada partida, haveria também sorteio de brindes: no dia 2, um automóvel da marca Volkswagen, e no dia 9, rádio, televisão, relógio de ouro e coisas do tipo; tudo sorteado pelo número de ingresso. *"O que for contemplado receberá o veículo lá mesmo no estádio e, tendo ido a pé, sairá na direção"*.<sup>381</sup>

O marco inicial dos festejos, porém, foi no dia 8 de setembro, em memória a Cícero Pompeu de Toledo, com a celebração da missa de um ano do passamento do idealizador do Estádio do Tricolor. O ex-presidente permanecia à mente de todos os tricolores, que voltariam a homenageá-lo às 9h30 do dia 25 de setembro, com a inauguração do busto que havia sido prometido quando ele falecera, enfim a ser instalado na sua casa eterna: o Morumbi.

Nesse mesmo evento, às 10 horas, se daria a entrega das cabines de rádio às emissoras para que aprontassem o necessário nos dias seguintes, e as tribunas de honra às personalidades e autoridades devidas.<sup>382</sup>

A solenidade foi um sucesso: prestigiada por cerca de 30 mil pessoas, algo muito além do esperado.<sup>383</sup> A viúva de Cícero, dona Alba, desfraldou a bandeira do Tricolor que jazia sobre a estátua em honra ao falecido. E, junto ao monumento, foi descerrada uma placa também em homenagem ao ex-presidente, com os dizeres: *"A Cícero Pompeu de Toledo, cidadão exemplar, desportista ilustre, são-paulino emérito. O São Paulo Futebol Clube, outubro de 1960"*.

Gilberto Pompeu de Toledo, filho de Cícero, discursou em nome da família, afirmando que *"o grande sonho de meu pai, para o qual viveu os últimos anos de sua existência, hoje se transforma em sublime realidade"*.<sup>383</sup>

Laudo Natel também foi honrado, na ocasião. Após breves palavras do são-paulino de longa data e vice-governador Porphyrio da Paz, foi apresentado ao público o busto do presidente do Tricolor, com a devida legenda elucidativa: *"Como esportista tem engrandecido o seu clube. Como cidadão tem honrado a sua Pátria. Como homem tem elevado a sua gente. Os seus amigos. São Paulo, outubro de 1960"*.<sup>383</sup>

*"O impossível, faremos agora e o difícil, deixamos para depois"*,<sup>384</sup> disse, emocionado, Natel aos ali presentes, parafraseando Cícero Pompeu de Toledo – e invertendo todo o sentido da frase original. *"Eu queria continuar falando, mas é maior a minha vontade de continuar chorando..."*

Os bustos e placas em homenagens a Cícero Pompeu de Toledo e Laudo Natel são exibidos, atualmente, no Salão Nobre Luiz Campos Aranha, no Morumbi.

Na cerimônia seguinte, a principal cabine de imprensa, a central, foi destinada à Fundação Casper Líbero, ao passo que todo o serviço de som do estádio, durante as partidas, seria outorgado à Rádio Pan-Americana.<sup>384</sup> Em agradecimento e parabenização, a ACEESP ofertou o Tricolor, por meio de José Mugnaini filho, com um quadro de bronze e azulejos, que hoje se encontra no Memorial Luiz Cássio dos Santos Werneck.

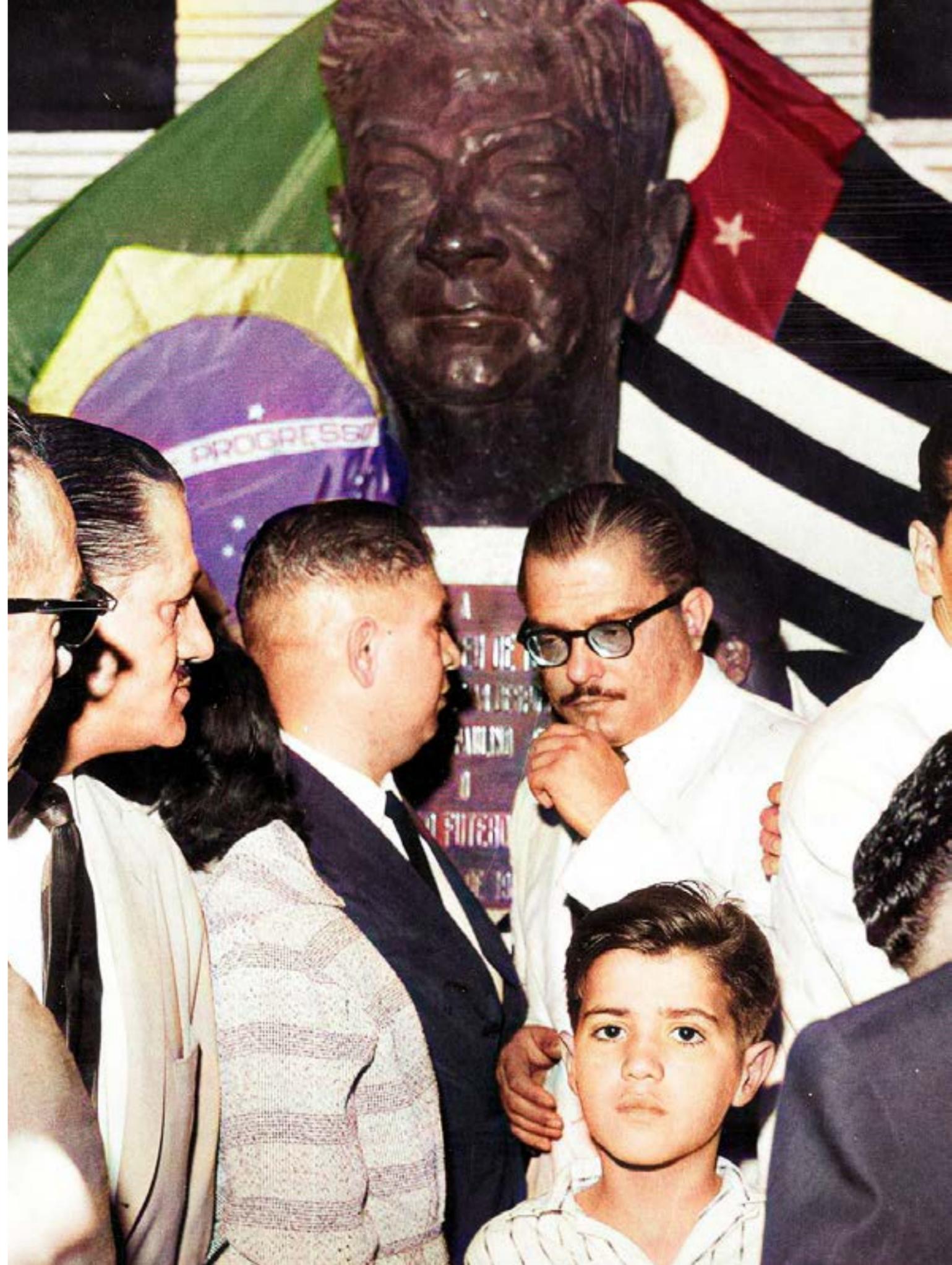
381. *A Gazeta Esportiva*, 25 de agosto de 1960

382. *Diário de S. Paulo*, 25 de setembro de 1960

383. *A Gazeta Esportiva*, 26 de setembro de 1960

384. *Diário da Noite*, 26 de agosto de 1960

(o original, correto, seria: "O possível, faremos agora, e o impossível, depois")





O Sporting chegou na capital paulista por volta das 21 horas do dia 28 de setembro<sup>385</sup> (em voos custeados pelo Tricolor – de Lisboa à Recife, de Recife ao Rio de Janeiro e do Rio à São Paulo –, cerca de três milhões de cruzeiros), desembarcando de um PanAir Brasil com as bandeiras do São Paulo e de Portugal às mãos<sup>386</sup> e trazendo no elenco cinco atletas brasileiros: Fernando, Faustino, Aníbal e Géo, ex jogadores do Palmeiras, e Lúcio, ex America-RJ.<sup>387</sup>

A comitiva lusa se hospedou no Hotel Danúbio, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, e na manhã seguinte já treinou no Canindé, em visita oficial aos “conterrâneos”.<sup>388</sup> Eles só visitariam o Morumbi no sábado, véspera da partida, para um treino individual e de dois toques, como reconhecimento do gramado.<sup>389</sup>

A delegação completa do time português era composta por Guilherme Brás Medeiros, presidente; Pereira da Silva, vice-presidente; major Carvalhosa, vice-presidente; Jaime Duarte, diretor de futebol; Alfredo Gonzalez, ex-técnico do Juventus de São Paulo; Manuel Marques, massagista e os jogadores Aníbal, Carvalho, Lúcio, Morato, Nino, Hilário, Ferreira Pinto, Mendes, Julius, Hugo, Fernando, Figueiredo, Diego, Faustino, Seminário e Géo.<sup>385</sup>

Na noite do 30 de setembro, os dirigentes do São Paulo e do Sporting foram homenageados pelo Arakan Clube com banquete nos salões de festa do Hotel Excelsior, na Avenida Ipiranga.<sup>390</sup> E na noite seguinte foi a vez do próprio Tricolor oferecer um jantar no Jardim de Inverno do Restaurante Fasano, na Avenida Paulista, aos colegas estrangeiros.

Com a proximidade do jogo, o Tricolor começou a promover a venda de itens de colecionador e outros tipos de memorabilias especiais, referentes à inauguração, como chaveiros, medalhas, flâmulas, distintivos, porta-fósforos e discos.<sup>391</sup> Um destes últimos foi uma produção da Distribuidora Mundial Ritmson, um vinil composto por duas músicas: o samba “Maravilha Tricolor” e a marcha “Morumbi”, compostas por Oswaldo Prático e Enny Faria, performadas pelo grupo “Os Carris”.

Outra ação que rendeu brindes à torcida seria a distribuição de almofadas infláveis da marca Eterna, da firma Publicidade A. P. Carvalho.<sup>392</sup> E ao mesmo tempo em que lançava esses souvenirs, o clube passou sofrer com um mal que ninguém esperava: a pirataria:

*“Declaração à praça – Especialmente aos srs. Fabricantes de flâmulas, distintivos e maquetas do Estádio ‘Cícero Pompeu de Toledo’.*

*Chegando ao conhecimento da Diretoria do São Paulo Futebol Clube que está havendo violação dos direitos do clube, tutelados pelo registro nº 189.684 e prorrogado pelo termo 415.954, expedido pelo Departamento Nacional de Propriedade Industrial, vem este Presidente notificar às pessoas que estão violando os direitos do Clube, com a feitura e venda de distintivos, flâmulas e maquetas do Estádio ‘Cícero Pompeu de Toledo’, para que cessem com esse procedimento criminoso, sob pena de responderem por perdas e danos ao Clube, titular do referido privilégio, sem prejuízo da busca e apreensão dos produtos contrafeitos, tudo nos termos do Decreto-Lei 7.903, de 27 de agosto de 1945, em pleno vigor.*

*São Paulo, 27 de setembro de 1960 – Laudo Natel – Presidente”.*<sup>393</sup>

385. A Gazeta Esportiva, 29 de setembro de 1960  
386. Diário de S. Paulo, 29 de setembro de 1960  
387. Hoje (RJ), 30 de setembro de 1960  
388. Diário da Noite, 26 de setembro  
389. O Esporte, 29 de setembro

390. A Gazeta Esportiva, 25 de agosto de 1960  
391. A Gazeta Esportiva, 1 de outubro de 1960  
392. A Gazeta Esportiva, 2 de outubro de 1960  
393. A Gazeta Esportiva, 30 de setembro de 1960





# CAMPANHA PRÓ ESTADIO



*O Clube Mais Querido da Cidade*

# INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO CÍCERO POMPEU DE TOLEDO NO MORUMBI

DIA 2-10-1960 AS 15, HS.

SÃO PAULO  
X  
SPORTING  
(PORTUGAL)

DIA 9-10-1960 AS 15, HS.

SÃO PAULO  
X  
NACIONAL  
(URUGUAI)



O São Paulo havia colocado à venda 11 mil ingressos de numerada, a Cr\$ 500,00 e 80 mil ingressos populares, parte no setor superior das arquibancadas, parte no pavimento térreo, descoberto, a Cr\$ 100,00.<sup>394</sup> (cerca de R\$ 123,34 e R\$ 24,87 respectivamente).<sup>395</sup> E quatro foram os principais pontos de comercialização dos tíquetes: a sede do São Paulo, na Avenida Ipiranga, a sede da Federação Paulista, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, a Galeria Prestes Mais, e o Estádio do Morumbi.<sup>396</sup>

Em pouco tempo, o clube já havia arrecadado três milhões de cruzeiros.<sup>397</sup> O número aumentou para mais de cinco milhões de cruzeiros até o dia do jogo.<sup>398</sup>

A grande procura por ingressos fez se constatar o óbvio: a grande valorização pela qual passaria um título de propriedade de cadeira cativa: *"Todas as cadeiras cativas já possuem o nome dos seus felizes possuidores. Esses lugares perpétuos adquiridos ao preço de vinte, trinta, quarenta, cinquenta e oitenta mil cruzeiros, valem hoje, pelo menos, cento e cinquenta mil e mais valerão quando o estádio estiver totalmente pronto"*.<sup>394</sup>

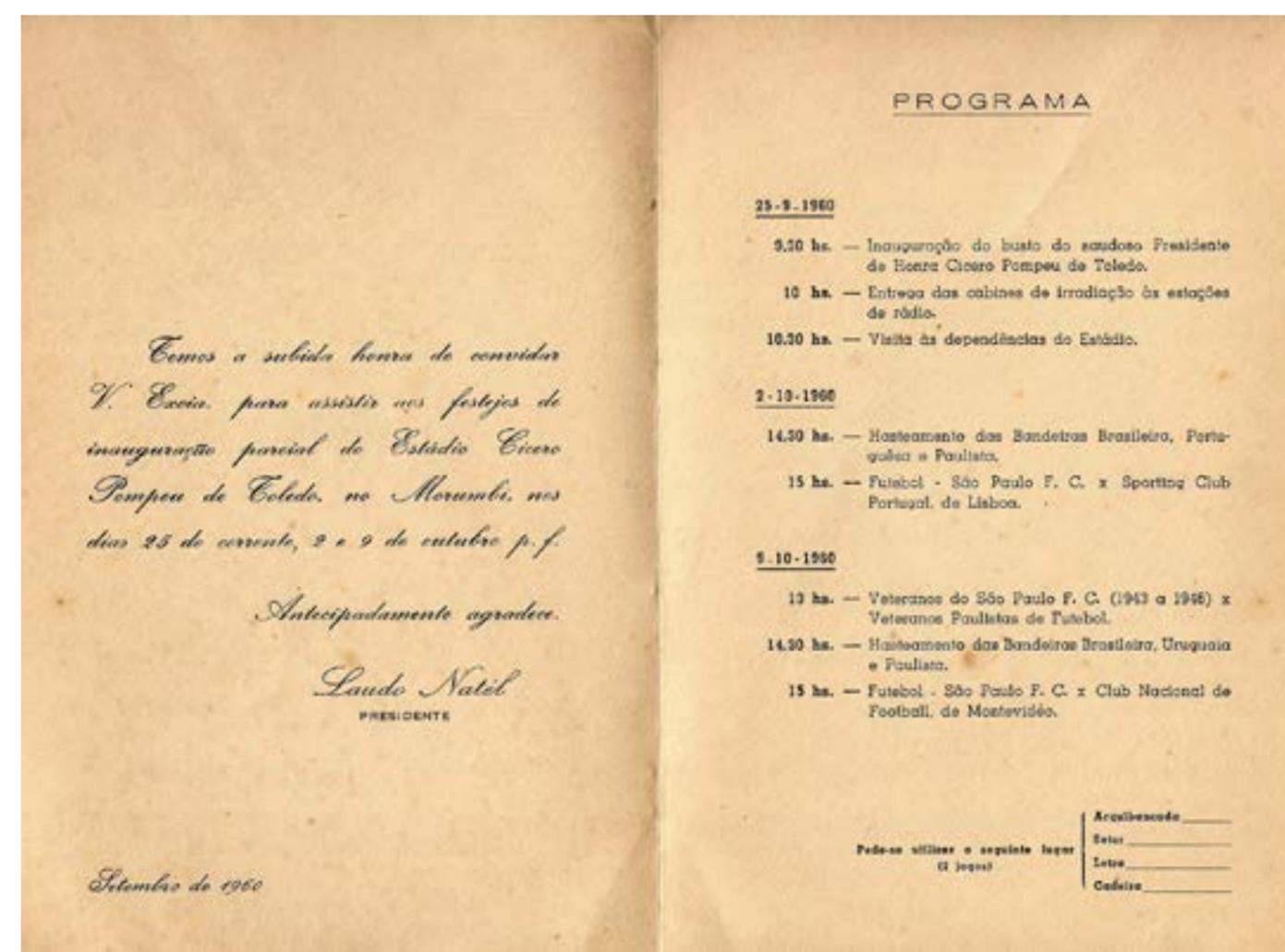
A entrada dos torcedores e do estafe a serviço no jogo se daria da seguinte forma, a partir das 10 horas da manhã: pelo portão 1, com cinco bilheteria: funcionários da administração e de pessoas ligadas ao time visitante, além de torcedores com ingressos de numeradas descobertas; pelo portão 2, com oito bilheteria: ingressos de numeradas térreas; pelo portão 3, com 14 bilheteria: ingressos das populares térreas, mais conhecidas como gerais; pelo portão 4: acesso às tribunas oficiais, às zonas de imprensa de campo e cadeiras cativas térreas; pela rampa 1: numeradas e cativas superiores, além das cabines de rádio e TV; pela rampa 2, com 14 bilheteria: arquibancadas do último pavimento.<sup>399</sup>

Antevendo o bom comparecimento de público nas partidas posteriores às inaugurais do Morumbi, a Federação Paulista negociou a venda das transmissões ao vivo de televisão de jogos no estádio. O primeiro, o amistoso festivo contra o Nacional, no dia 9 de outubro, não teria transmissão, mas a diretoria do Tricolor achou de bom tom mudar essa decisão e permitir o trabalho das emissoras dos canais 4 (TV Tupi) e 7 (TV Record), que mostrariam ao vivo para todos os paulistanos o cotejo internacional.<sup>400</sup>

As partidas contra o Corinthians de Presidente Prudente, no dia 23 de outubro; contra a Portuguesa, no dia 4 de dezembro; e contra o Santos, no dia 11 daquele mês, também seriam exibidas pelos monitores caseiros.<sup>397</sup> Mas, claro, a inauguração propriamente dita, não foi televisionada, a modo de garantir uma boa presença de público no Estádio.

Já o transporte dessa massa de torcedores que se previa foi garantido pelo poder público, que mobilizou a Companhia Municipal de Transportes Coletivos – CMTC para destinar parte da frota de ônibus ao atendimento da partida.<sup>394</sup> Esses 80 veículos sairiam do Anhangabaú (Rua Formosa), via avenida Nove de Julho, e do largo de Pinheiros (ponto final dos trólebus do Jardim Europa), a partir das 9h, de dez em dez minutos, até o Morumbi.<sup>401</sup>

A Estrada de Ferro Sorocabana, que gerenciava os trilhos da atual linha 9 – Esmeralda da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM, também destacaria composições especiais da Estação Júlio Prestes até a Estação Morumbi, às margens do Rio Pinheiros, a partir das 11 horas. Dali, o atendimento ao público seria realizado por meio de ônibus da Viação Bandeirante.<sup>402</sup>



394. A Gazeta Esportiva, 26 de setembro de 1960  
 395. Fundação de Economia e Estatística (IGP-DI, jan-2020)  
 396. Diário da Noite, 21 de setembro de 1960  
 397. Folha de S. Paulo, 28 de setembro de 1960  
 398. Correio Paulistano, 2 de outubro de 1960

399. Diário de S. Paulo, 25 de setembro de 1960 & Última Hora, 1º de outubro de 1960  
 400. A Gazeta Esportiva, 10 de outubro de 1960  
 401. Diário da Noite, 29 de setembro de 1960  
 402. Folha de S. Paulo, 30 de setembro de 1960 &





Motoristas de táxi ou lotações especiais também estariam a serviço deste fim em outros pontos da cidade, como a Praça da Sé, a Avenida Cásper Líbero e o Largo do Paçandu.<sup>403</sup>

Moradores do bairro da Lapa, porém, mobilizaram-se e conseguiriam, por eles mesmos, que empresas de viação da região viessem a atender a demanda local. Assim, a partir das 10 horas, ônibus cumpriram o seguinte trajeto: “Mercado da Lapa – Rua 12 de Outubro – Praça José Antunes – Rua Cléia – Largo da Pompeia – Avenida Pompeia – Avenida Alfonso Boveero – Avenida Dr. Arnaldo – Avenida Rebouças – Av. Prof. Francisco Morato – Jardim Guedala – Morumbi.”<sup>404</sup>

E para atender aqueles que se destinariam ao Morumbi com o próprio carro, o São Paulo reservou parte do terreno da futura área social para o estacionamento de veículos de autoridades, da imprensa etc.<sup>403</sup>

A programação oficial do evento, divulgada pelo São Paulo era a seguinte:<sup>405</sup>

– 14h – Desfile dos Ases de Cadeiras de Rodas, com homenagens a todos os clubes da Federação Paulista de Futebol. Cada participante ostentando uma camisa de um clube da Divisão Especial de Profissionais e carregando bandeiras do Brasil, Portugal, do Estado de São Paulo e do São Paulo Futebol Clube.

– 14h30 – Benção do Estádio e hasteamento das bandeiras do Brasil, do Estado de São Paulo, de Portugal e do São Paulo Futebol Clube, além da troca de presentes entre os dirigentes dos dois clubes e da entrega de condecorações ao Tricolor por caravanas provenientes de Santos (12 ônibus)<sup>406</sup> e de Guarulhos.

– 15h30 – Apito inicial do jogo São Paulo x Sporting.

Às vésperas do jogo, o técnico são-paulino, Flávio Costa, estava com dificuldades para definir o onze inicial que teria a honra de inaugurar o Morumbi. Dino Sani e De Sordi, contundidos, infelizmente estavam fora de cogitação. Poy e Canhoteiro eram dúvidas, pois ainda estavam no Departamento Médico,<sup>407</sup> embora lhe garantissem a participação.<sup>408</sup> Havia também uma questão de ordem técnica: Servílio ou Gildésio como zagueiro central.

O último treino coletivo do Tricolor foi realizado no dia 29 de setembro (haveria ainda atividades individuais nos dois dias seguintes). O elenco foi dividido em dois times, assim montados por Costa: Titulares – Albertino; Ademar e Servílio (Gildésio); Roberto Dias, Vitor e Riberto; Peixinho, Jonas, Gino Orlando, Gonçalo e Canhoteiro; Reservas – Poy (Marcelo); Vilásio (Olímpio) e Gildésio (Servílio, depois Vilásio); Gérsio, Fernando Satyro e Sérgio; Ayrton, Paulo Lumumba (Bazzaninho), Cláudio Garcia (Wanderlei), Celso (Bibe) e Roberto Frojuello.

O trabalho durou mais de uma hora e meia e resultou em um belo 4 a 4, com Gino (duas vezes), Jonas e Gonçalo marcando para os titulares; e Paulo (com dois tentos), Bibe e Olímpio escorando para os reservas. Desse jogo-treino não participaram Agenor, em transição do Departamento Médico, e Bacurau, que acabaria multado por não ter se apresentado.

*Diário de S. Paulo, 1 de outubro de 1960*

*402. Folha de S. Paulo, 30 de setembro de 1960*

*403. A Gazeta Esportiva, 26 de setembro de 1960*

*404. A Gazeta Esportiva, 1º de outubro de 1960*

*405. O Esporte, 30 de setembro de 1960*

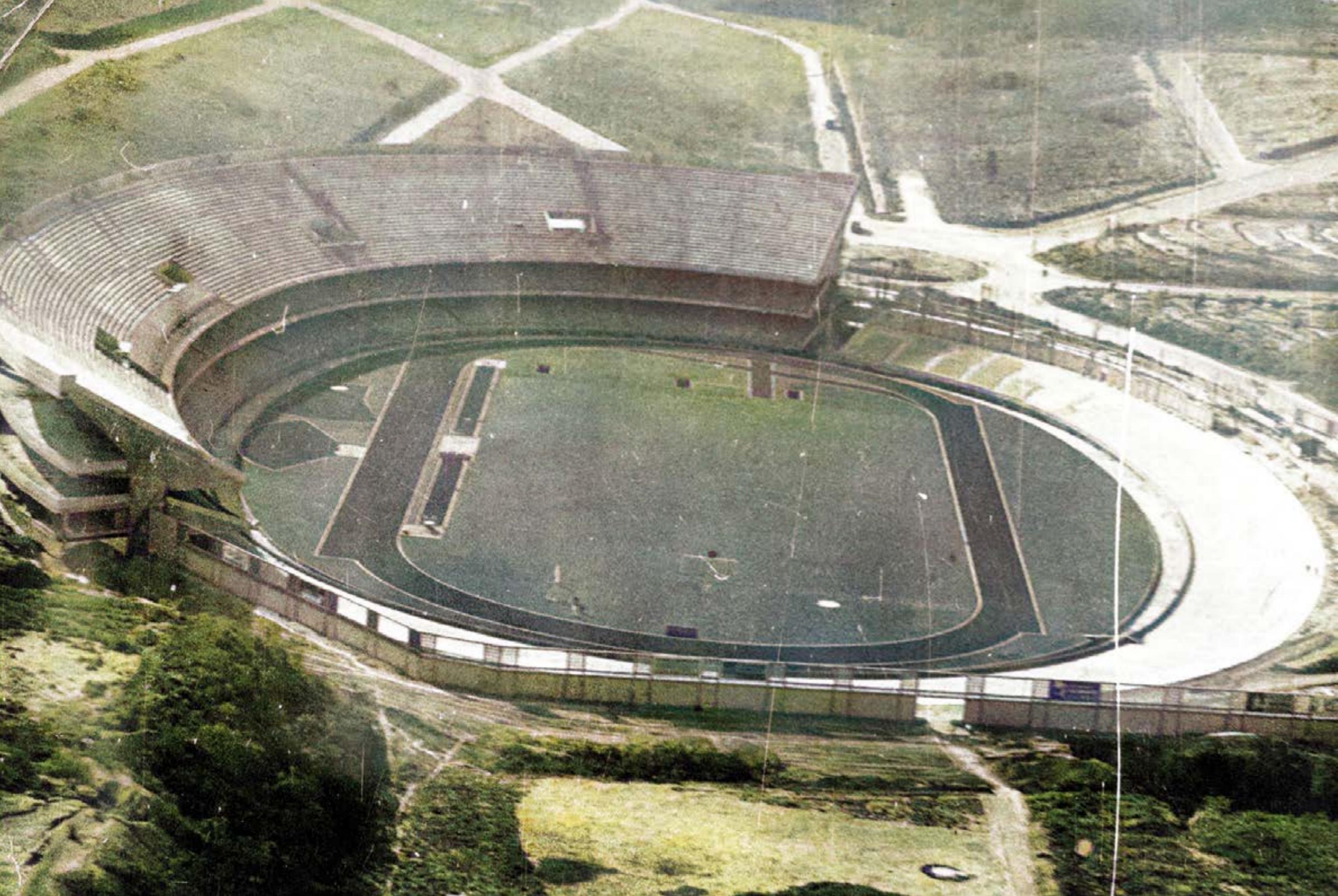
*406. A Tribuna, 30 de setembro de 1960*

*407. Diário da Noite, 30 de setembro de 1960*

*408. A Gazeta Esportiva, 30 de setembro de 1960*

*Foto: o técnico Flávio Costa*





Por fim, os tricolores se concentraram nos aposentos do Pacaembu, na noite do dia 1º de outubro, onde permaneceriam até as 13 horas do dia seguinte. E Gino deixou o aviso: “Se a vitória depender de amor à camisa, ninguém vai chorar!”.<sup>409</sup>

Do outro lado, o Sporting estava tinindo, sem problema algum e já escalado por González, na verdade: Aníbal; Lino, Morato, Hilário, Mendes, Júlio, Hugo, Faustino, Figueiredo, Diogo e Seminário. E eles estavam motivados!

“Nosso time é bom mesmo”. Afirmara Fernando, mesmo estando ele no banco de reservas.<sup>410</sup>

Os últimos preparativos no estádio para a abertura foram realizados no dia 1º de outubro: foram hasteadas bandeiras da Confederação Brasileira, da Federação Paulista e dos 18 clubes da primeira divisão no anel superior das arquibancadas.<sup>411</sup>

Os bares e lanchonetes, explorados pela Companhia Antártica, também já estavam preparados. Para se ter ideia do preço de alguns produtos oferecidos: um sanduíche de mortadela ou salame, custaria entre dez e quinze cruzeiros (R\$ 2,49 e R\$ 3,73), e um churrasquinho, também quinze cruzeiros.<sup>412</sup>

“Vinte e quatro horas por dia trabalharam os homens de ‘retaguarda’ do São Paulo. Durante dois meses, verdadeira legião não parou um instante sequer. Centenas de operários no estádio. O trabalho administrativo era insano, reunindo cerca de cinquenta funcionários, encarregados de proceder à revisão e carimbagem de ‘somente’ 200 mil ingressos populares, 23 mil numeradas, confecção de cartazes, distribuição de entradas aos postos de venda, elaboração de convites etc., isso sem prejuízo dos serviços normais. Dois nomes que precisam ser lembrados: Antônio Rizzo Júnior e Mário Nadeo”.<sup>413</sup>

Era o momento de, enfim, os dirigentes tricolores, aliviados, descansarem (ao menos por um dia), depois de tantos anos de trabalho e dedicação. O marco de uma nova era estava por se instalar. Era o que acreditava Frederico Menzen: “Agora somos realmente um grande clube. O Estádio Cícero Pompeu de Toledo marcará o início da ‘época de ouro’ da nossa agremiação”.<sup>414</sup>

Para Manoel Raymundo, era um momento de união e congraçamento: “É não somente a festa dos sampaulinos, mas de todos os sportistas bandeirantes”.<sup>414</sup> E, por fim, o presidente Laudo Natel fazia o convite: “Morumbi é uma casa e uma bandeira para todos os tricolores”.<sup>415</sup>

2 de outubro de 1960: tudo preparado. Chegou-se o tão esperado momento: a inauguração do Estádio Cícero Pompeu de Toledo!

“Uma destas tarde, que antecederam o dia festivo de hoje para os tricolores, apareceu um velho no Morumbi, procurando localizar a sua cadeira cativa. Chegou, apresentou-se como um ‘sampaulino da velha guarda’ e perguntou pela sua cadeira:

– Onde fica ela?

O responsável pela orientação dos que lá compareciam, com aquela finalidade, levou-o até o local.

- É está.

Sem dizer uma só palavra, aquele torcedor sentou-se e ficou a admirar, demoradamente, o gramado verde e bonito. Depois, seus olhos cansados percorreram aquelas monumentais dependências. À sua frente, o funcionário do São Paulo esperava um comentário, uma palavra qualquer daquele sócio já ancião. Este, contudo, limitou-se a agarrar-se, com as mãos crispadas, à sua cadeira cativa e, de repente, prorrompeu em soluços que se transformaram, aos poucos, num pranto solto, livre, de emoção...”<sup>415</sup>



409. Última Hora, 30 de setembro de 1960

410. A Gazeta Esportiva, 30 de setembro de 1960

411. Última Hora & Diário de S. Paulo, 1º de outubro de 1960

412. Última Hora, 3 de outubro de 1960 & FEE

413. A Gazeta Esportiva, 10 de outubro de 1960





## E A BOLA ROLOU...

“Eram exatamente sete horas quando o cidadão Clemente Gonçalves, de São Mateus, chegou ao Estádio do Morumbi. Era a primeira pessoa a ingressar na praça de esportes em seu dia histórico”.<sup>416</sup>

Por volta do meio-dia daquele 2 de outubro de 1960, as dependências do Estádio Cícero Pompeu de Toledo já estavam tomadas de gente – tanto ter sido necessário o fechamento dos portões de alguns setores antes mesmo do início do evento inaugural,<sup>417</sup> às 14 horas, com a benção realizada por Dom Carlos Carmelo de Vasconcelo Motta, Arcebispo de São Paulo.

Pouco depois, entraram em campo, então, os atletas, que subiram as escadas da saída dos vestiários rompendo os grandes distintivos de papel do São Paulo que haviam sido colocados sobre as bocas dos túneis. O goleiro Poy foi o primeiro são-paulino a pisar no gramado. Os tricolores empunhavam a bandeira do Brasil, e os jogadores do Sporting adentraram ao gramado com a bandeira portuguesa.

Já alinhados à frente das cabines de rádio e TV, os jogadores trocaram cumprimentos e flâmulas. Os são-paulinos foram agraciados pelos jogadores do time luso, também, com uma garrafa de vinho de Porto, um melão, e um porção de castanhas, cada um.<sup>418</sup>

Na sequência, as autoridades se posicionaram ao centro do estádio, à margem do campo, para a cerimônia de hasteamento das bandeiras carregadas pelos jogadores. A do Brasil foi elevada pelo governador de São Paulo, Carlos Alberto de Carvalho Pinto, e a de Portugal, içada pelo presidente do Sporting, Guilherme Medeiro. Também foram hasteados o pavilhão do Estado de São Paulo, por Mendonça Falcão; e, por último, o do Tricolor, manuseado pelo presidente tricolor Laudo Natel e pelo diretor Manoel Raymundo<sup>419</sup>, no momento em que os “ases de rodas” adentravam à pista de atletismo trajados com os uniformes dos clubes da primeira divisão da FPF.

Foram executados, pela banda da Força Pública do Estado de São Paulo, os hinos nacionais brasileiro e português.<sup>417</sup> Consta também que, em algum momento, a música “Paris Belfort” (Hino 9 de Julho, a marcha não oficial do Constitucionalismo de 1932) foi performada por solicitação do presidente da FPF.<sup>416</sup>

Estavam ali presentes, além do já mencionado governador Carvalho Pinto, o vice-governador Porphyrio da Paz, o prefeito de São Paulo, Adhemar Pereira de Barros, o presidente da Federação Paulista e deputado João Mendonça Falcão, dentre outras personalidades e políticos. A ausência sentida, contudo, foi a do presidente da República, Juscelino Kubitschek, que despachara o deputado Cunha Bueno como seu representante oficial.<sup>420</sup>

A solenidade prosseguiu ao soarem os clarins que deram o “toque de silêncio” em homenagem póstuma ao idealizador e grande responsável pela construção daquele que ainda seria maior estádio particular do mundo, em anos vindouros, o saudoso presidente Cícero Pompeu de Toledo, que nunca chegou a ver sua maior façanha concluída...

416. Última Hora, 3 de outubro de 1960

417. Diário da Noite, 3 de outubro de 1960

418. Última Hora, 3 de outubro de 1960 & Correio da Manhã (RJ), 4 de outubro de 1960

419. O Esporte, 5 de outubro de 1960

420. Folha de S. Paulo, 4 de outubro de 1960













Ademar, Poy, Gildésio, Fernando Satyro, Riberto, Victor e Serrone;  
Peixinho, Jonas, Gino Orlando, Gonçalo e Canhoteiro



A justa comoção deu lugar às salvas e hurras ao som do apito do árbitro, Olten Ayres de Abreu, que, exatamente às 15h15, deu início a peleja internacional. São Paulo Futebol Clube contra Sporting Club de Portugal. O Tricolor fora assim escalado pelo técnico Flávio Costa:

- 1 – Poy;
- 2 – Ademar;
- 3 – Gildésio;
- 4 – Fernando Satyro;
- 5 – Victor;
- 6 – Riberto;
- 7 – Peixinho;
- 8 – Jonas;
- 9 – Gino Orlando;
- 10 – Gonçalo;
- 11 – Canhotoiro.

Mas a bola não rolou por muito tempo. Passados alguns minutos do trinar inicial, uma rápida, mas forte, pancada de chuva caiu por todo o estádio, pegando o público desprevenido. Ousados e desafiadores, muitos decidiram invadir o gramado e buscar abrigo do aguaceiro indo para o lado das gerais cobertas.<sup>421</sup> Motivados, certamente, pela vista ausência de policiamento às margens do fosso – ora, os policiais também correram da chuva<sup>422</sup> (o destacamento oficial da força pública era de 400 guardas para todo o estádio).<sup>423</sup>

Organizada (mais ou menos) a situação – alguns torcedores permaneceram ao lado das linhas laterais por mais algum tempo, até a polícia retirá-los dali –, as atenções foram, enfim, destinadas aos protagonistas. Como De Sordi e Dino Sani estavam contundidos, os tricolores tinham no capitão, o goleiro Poy, uma das principais figuras em campo. Gino e Canhotoiro também eram grandes nomes, mas o destaque e a principal honra da partida couberam a outro jogador...

O primeiro gol da história do Morumbi nasceu no 12º minuto e foi assim narrado pela Gazeta Esportiva Ilustrada, daquela quinzena de outubro de 1960:

*“Partindo a ação no flanco esquerdo, com Canhotoiro e Gino. Deste a bola rolou para Fernando Satyro, isolado nas proximidades da área. O médio preferiu não cerrar, largando passe largo para a direita onde se achava deslocado Jonas, que executou um centro a meia altura. A bola foi encontrar Peixinho na pequena área envolvido por vários adversários. Enquanto estes ficavam na expectativa, o ‘filho de Peixe’ testou baixo para as redes de Anibal”.*<sup>424</sup>

O gol foi o único da partida festiva. Como não poderia deixar de ser, o São Paulo começou a trajetória histórica no Morumbi com vitória. Peixinho, assim chamado por ser filho do antigo jogador, também artilheiro, Peixe, afirmou:

*“Hoje sou o mais feliz de todos os são-paulinos. Quando vi a bola ‘beijar’ as redes, senti vontade de chorar, rir, pular feito um doido. E acho que não era para menos. De qualquer forma, meu nome vai ficar na história do nosso grande estádio. E eu, como jogador de futebol e como são-paulino, não quero mais nada na vida!”*<sup>425</sup>

421. Diário da Noite, 3 de outubro de 1960

422. A Gazeta Esportiva, 3 de outubro de 1960

423. Última Hora, 3 de outubro de 1960

424. A Gazeta Esportiva Ilustrada, nº 169

425. A Gazeta Esportiva Ilustrada, nº 169 & A Gazeta Esportiva, 3 de outubro de 1960









Poucos se lembram do que Arnaldo Poffo Garcia ganhou ou não ganhou por onde passou, mas todos se lembram, claro, do lance que o eternizou. Do gol histórico, o primeiro gol do Morumbi. Tanto que o estilo de gol que realizou naquele dia ficou conhecido desde então, até hoje, como a jogada “peixinho” (pular, de cabeça, em direção a bola, e assim, atirá-la para o gol).

Como foi a partida de estreia do Morumbi, natural o interesse pelos primeiros fatos ocorridos no Estádio. Na verdade, quase dá para contar a história do jogo só com esses marcos:<sup>426</sup>

Primeiro toque na bola: Figueiredo, do Sporting;<sup>427</sup>

Primeiro chute a gol: Peixinho, logo a 1 minuto;

Primeira defesa de um goleiro: Aníbal, que defendeu a tentativa de Peixinho;

Primeiro escanteio: a favor do São Paulo, quando Lino antecipou-se a Gino, cortando o rebote do chute de Peixinho espalmado por Aníbal, ainda na primeira jogada ofensiva, a 1 minuto de jogo;

Primeiro drible: Canhoto, que “fintou um português e não achou campo para prosseguir”.<sup>428</sup> (o português era Lino e o atacante são-paulino foi atrapalhado pelos torcedores que ainda se situavam à margem do campo).

Primeiro chute para fora: Faustino, do Sporting, que mandou a bola no canteiro de obras da social aos 6 minutos;

Primeiro cruzamento ou assistência para gol: Jonas, que centrou à área, onde lá estavam Peixinho e Gino, aos 12 minutos;

Primeiro gol: dele, Peixinho! O atacante antecipou-se a Gino e testou para as redes aos 12 minutos de jogo;

Primeira defesa de arqueiro do Tricolor: Poy, aos 20 minutos, em chute de Seminário;

Primeiro passe de calcanhar: Peixinho, aos 28 minutos, servindo a Canhoto;

Primeiro gol salvo em cima da linha: Hilário, que impediu o gol de Peixinho, antes defendido parcialmente por Aníbal;

Primeira bola na trave: Gino Orlando, com um cabeceio aos 43 minutos do primeiro tempo.<sup>429</sup>

Primeira substituição: Após o intervalo, Paulo Lumumba substituiu a Jonas, já estafado, no Tricolor.

Primeiro impedimento não marcado: No segundo tempo, Fernando, do Sporting, claramente sem condições, bateu a bola para fora do gol, mas árbitro e bandeirinha nada marcaram.

“O Sporting, de maneira geral, “foi um adversário leal e disciplinado. Duro em certos instantes, mas respeitando sempre a integridade física do seu oponente”.<sup>430</sup> Assim, perto dos 30 minutos da segunda etapa – e já antevendo os problemas para se retornar ao centro da cidade – os torcedores começaram a deixar o estádio.

“Enfim, o espetáculo foi verdadeiramente grandioso. O São Paulo está de parabéns. Conseguiu encher a sua majestosa praça de esportes e acabou vencendo o primeiro compromisso ali disputado”.<sup>430</sup>

Com o fim da partida, os tricolores, já felizes com o belo resultado e o início auspicioso na nova casa, ainda foram agraciados com um troféu de campeão, recebido pelo arqueiro Poy das mãos do diretor do Sporting, Jaime Duarte: era a belíssima Taça Sporting Club de Portugal, de prata e mármore, confeccionada pelas Indústrias Esmaltare Ltda. (a placa nela afixada tem por escrito: “Taça ao Vencedor – Sporting Club de Portugal”).

De Paulo Machado de Carvalho “o São Paulo recebeu um belo troféu de prata, como ganhador da peleja”.<sup>431</sup> Foi o troféu Rádio Pan-Americana. Outros prêmios honoríficos que o Tricolor recebeu – antes do jogo – foram o Troféu Ases de Cadeiras de Rodas, o Troféu IV Centenário de Guarulhos, e outra taça ofertada pelo time português, essa de metal e madeira: a “Homenagem do Sporting Club de Portugal pela Inauguração do Estádio do Morumbi”.

(Pela ocasião, posteriormente, no dia 7 de outubro, o São Paulo seria presenteado também com o Troféu OVC, oferta desta empresa, da TV Paulista e da Rádio Nacional de São Paulo, em uma transmissão ao vivo dessas duas emissoras).<sup>432</sup>

Por sua vez, o Tricolor também ofertou um troféu ao Sporting, recebido como presente pelo capitão Mendes,<sup>433</sup> entregue por Leonardo de Barros em nome do clube.<sup>434</sup>

Os atletas também foram bonificados pela diretoria são-paulina, cada um recebeu 10 mil cruzeiros, de “bicho”.<sup>431</sup> Bem justificados, pela ocasião, que foi analisada por Geraldo Romualdo da Silva, do Jornal dos Sports, do Rio de Janeiro (uma visão neutra do desempenho de cada jogador, por assim dizer).<sup>433</sup>

“Poy – Quase sem trabalho, em virtude da falta de agressividade do ataque luso. No entanto, nos lances em que esteve presente, sempre se conduziu com destaque.

Ademar – Apesar de ter pela frente o melhor elemento do ataque do Sporting, o zagueiro tricolor atuou com bastante firmeza, travando um duelo interessante com o peruano Seminário.

Gildésio – Uma revelação lançada por Flávio Costa e que aprovou. Tem porte de atleta, sobe muito bem, apenas abusa um pouco do corpo nos lances contra avançados adversários. Promete.

Fernando Satyro – Não alimentou bem o seu ataque, o que serviu para sobrecarregar o trabalho de meia cancha realizado juntamente com Jonas, inteiramente isolado e cansado.

Victor – Sem muito trabalho face a fraqueza do homem a que tinha de marcar, porém: nos momentos de perigo para a sua meta esteve sempre firme e viril como de costume.

426. *Jornal dos Sports*, 3 de outubro de 1960

427. *Diário da Noite*, 4 de outubro de 1960

428. *Última Hora*, 3 de outubro de 1960

429. *A Gazeta Esportiva*, 3 de outubro de 1960

430. *O Esporte*, 4 de outubro de 1960

431. *Última Hora (RJ)*, 3 de outubro de 1960

432. *A Gazeta Esportiva*, 8 de outubro de 1960

433. *Jornal dos Sports*, 3 de outubro de 1960

434. *Diário da Noite*, 3 de outubro de 1960



Riberto – Também sem muito trabalho pois o extrema Hugo nada fez em campo.

Peixinho – Começou muito bem, aliás, como toda sua equipe. Depois de abrir a contagem e dar a impressão de que se converteria num grande valor para o seu quadro, decaiu sensivelmente de produção, apagando-se completamente até o final do 'match'.

Jonas – Era uma boa figura do quadro no trabalho de armação. No entanto, mal auxiliado por Fernando Satyro, acabou cansado e substituído por Paulo, e mais tarde por Cláudio, que de maneira alguma conseguiram igualar-se a Jonas.

Gino – Já não é o mesmo homem de outrora. Não tem mais aquela impetuosidade que o consagrou no futebol paulista, ficando perdido em jogadas de meia cancha completamente sem inspiração e sem utilidade para o seu quadro.

Gonçalo – Foi outro prejudicado pela má atuação do médio Fernando Satyro, pois teve de ajudar a Jonas na meia cancha, além de necessitar de disputar os lances na área do Sporting. Isto acabou com ele.

Canhoto – Atuação apenas regular. É outro que nos parece em fim de carreira”.

A crítica da imprensa esportiva lusitana foi positiva para o adversário, apesar do resultado. O Diário de Notícias afirmou que foi “excelente resultado para o Sporting, pois o São Paulo é sempre considerado um dos melhores grupos do futebol brasileiro”. O Mundo Esportivo também pegou leve: “A derrota por um ponto não é desmerecedora para o Sporting”, assim como A Bola: “Perdeu o Sporting, mas merecia o empate, pois se reconhece que os dois tempos foram iniciados com ímpeto pelos visitantes. Estes só não atingiram a supremacia devido à escassez do seu ataque”.<sup>435</sup>

Os personagens do jogo, nos vestiários, foram só elogios ao novo estádio e ao São Paulo Futebol Clube. Gonzalez, técnico do Sporting: “Estou satisfeito, muito satisfeito, por ter tido a felicidade de presenciar um espetáculo assim. Parabéns ao Tricolor”.<sup>436</sup> Aníbal, o goleiro rival, também destacou a partida do time da casa: “Os sampaulinos jogaram uma enormidade”, e fez questão de elogiar o Morumbi: “Realmente é bonito e colossal. O São Paulo está de parabéns”.<sup>437</sup> Lino finalizou: “Um hurra ao público, que foi simpaticíssimo para nós. Quanto ao estádio, achei simplesmente monumental. Quando estiver completo será esmagador”.<sup>438</sup>

Poy, feliz, disse: “Se eu parasse de jogar futebol hoje, nada teria faltado na carreira... Eu, que também contribui com alguma coisa para que esta festa fosse possível, sinto-me sem palavras para traduzir a alegria que estou sentindo”.<sup>436</sup> Essa “alguma coisa” fora, até ali, nada menos que mil cadeiras cativas vendidas.<sup>439</sup>

Outro que afirmou que poderia encerrar a carreira foi o árbitro do confronto, Olten Ayres de Abreu – que no passado praticara atletismo pelo clube: “Estaria satisfeito se ele tivesse servido para encerrar minha carreira esportiva. Envio meus parabéns ao Tricolor e cumprimento a turma briosa do Sporting”.<sup>436</sup>

Dino Sani, mesmo sem jogar, fez questão de valorizar o apoio do torcedor: “Estou contente não só pela nossa equipe, como também pelo grande incentivo de nossa torcida”.<sup>437</sup>

E Gino confessou que a emoção de vivenciar aquele momento histórico chegou a prejudicar o rendimento dele: “Sentimo-nos emocionados desde o momento em que nos preparávamos para entrar em campo. Depois, diante daquele espetáculo, nossa emoção foi aumentando. Creio que isso influi para que não jogássemos melhor do que jogamos”.<sup>440</sup>

Um dos grandes destaques da partida, muito elogiado pela imprensa, Gildésio, de apenas 16 anos (!), estava radiante: “Se for um sonho, não quero despertar nunca”.<sup>441</sup> Reação natural, até pelo fato de se tratar da estreia do garoto!

O atleta, que chegara ao São Paulo com 13 anos, proveniente de Itaberá, Bahia, inaugurou uma nova categoria de jogadores do Tricolor: a Geração Morumbi, que, apesar de jovem, não treme: “Não, não tremi. E com isto, não quero passar por valente. Como consegui controlar meus nervos, não sei. Mas, o certo é que apenas me emocionei. Tinha que me emocionar, não? Nervoso, porém, não fiquei”.<sup>441</sup>

E até mesmo o presidente do Corinthians, Vicente Matheus, que prestigiou a jornada, se rendeu à capacidade são-paulina: “Realmente, o São Paulo F. C. recebe agora um monumental estádio que servirá para engrandecer o esporte paulista e brasileiro”.<sup>442</sup>

Laudo Natel, o sucessor de Cícero Pompeu de Toledo que levou a cabo a construção do Gigante do Morumbi e que costuma dizer que o Morumbi foi o fruto de fé e perseverança, completou: “O público prestigiou a nossa festa dando-nos a alegria de ver o estádio quase que totalmente lotado. Quero agradecer a são-paulinos, palmeirenses, corintianos, lusos, santistas, enfim, quero agradecer a todos que hoje aqui compareceram. Eles viveram conosco estes grandes momentos da vida do São Paulo e do desporto paulista e brasileiro”.<sup>440</sup>

## A FICHA DO JOGO

02.10.1960. Taça Sporting Club de Portugal  
São Paulo (SP), Estádio Cícero Pompeu de Toledo - Morumbi  
São Paulo Futebol Clube 1 x 0 Sporting Club de Portugal

SPFC: Poy; Ademar, Gildésio, Riberto, Fernando Satyro, Victor, Peixinho, Jonas (Paulo Lumumba, depois Cláudio Garcia), Gino Orlando, Gonçalo e Canhoto (Roberto Frojuello). Técnico: Flávio Costa

SCP: Aníbal; Lino, Morato, Hilário, Mendes, Júlio, Hugo, Faustino, Figueiredo (Fernando), Diogo (Géo) e Seminário. Técnico: Alfredo González

Gol: Peixinho, 12' do 1º tempo

Árbitro: Olten Ayres de Abreu  
Renda: Cr\$ 7.868.400,00  
Público: 56.448 pagantes; 64.748 presentes

435. A Tribuna, 4 de outubro de 1960  
436. A Gazeta Esportiva, 3 de outubro de 1960  
437. O Esporte, 3 de outubro de 1960  
438. Última Hora, 4 de outubro de 1960  
439. Jornal dos Sports, 3 de outubro de 1960

440. A Gazeta Esportiva, 3 de outubro de 1960  
441. Última Hora, 5 de outubro de 1960  
442. O Esporte, 3 de outubro de 1960



AS OBRAS DO ESTADIO CIGERO POMPED BY FOLIO FORAM EXECUTADAS PELA CIVISAN SA



## O BORDERÔ DO JOGO

### RECEITAS

#### Numeradas (Cr\$ 500,00)

4.468 vendidas antecipadamente	Cr\$ 2.234.000,00	R\$ 555.540,43
1.091 vendidas nas bilheterias	Cr\$ 545.500,00	R\$ 135.652,33

5.559 no total do setor	Cr\$ 2.779.500,00	R\$ 691.192,76
-------------------------	-------------------	----------------

#### Gerais (Cr\$ 100,00)

31.876 vendidas antecipadamente	Cr\$ 3.187.600,00	R\$ 792.677,12
19.013 vendidas nas bilheterias	Cr\$ 1.901.300,00	R\$ 472.806,19

50.889 no total do setor	Cr\$ 5.088.900,00	R\$ 1.265.483,30
--------------------------	-------------------	------------------

### RENDAS

Renda total:	Cr\$ 7.868.400,00	R\$ 1.956.676,06
Renda líquida:	Cr\$ 7.779.900,00	R\$ 1.934.668,30

### DESPESAS

Fiscais:	Cr\$ 14.000,00	R\$ 3.481,45
Bilheteiros:	Cr\$ 48.500,00	R\$ 12.060,75
Arrecadadores:	Cr\$ 15.000,00	R\$ 3.730,13
Bar e vestiários:	Cr\$ 11.000,00	R\$ 2.735,43

Total de despesas:	Cr\$ 88.500,00	R\$ 22.007,76
--------------------	----------------	---------------

### TORCEDORES

Público pagante:	56.448
Gratuidades:	800
Convidados:	1.000

Público total oficial:	58.248
Público estimado (por causa de invasões):	64.748

Ainda sobre o público e a renda do primeiro jogo da história do Morumbi, cabe dizer que os morros que levam aonde hoje se encontra o Hospital Albert Einstein, estavam apinhados de gente, por volta de três mil pessoas que por lá mesmo ficaram e conseguiram ver o jogo quase numa boa – não fosse a distância e as placas de publicidade entre a vista deles e o gramado.<sup>445</sup>

Por fim, mesmo no jogo inaugural o Estádio Cícero Pompeu de Toledo estabeleceu um recorde: a renda obtida foi a maior na história do futebol no Brasil, até então.<sup>446</sup>

Depois da partida, a FPF promoveu um grande jantar (para mais de cem convidados), realizado na Cantina 1060, no Brás, para homenagear o Tricolor e o time estrangeiro visitante, que retornaria ao Velho Mundo na terça-feira, 4 de outubro.<sup>447</sup>

O dia seguinte ao jogo foi de muita reflexão sobre tudo o que deu certo, mas, principalmente, sobre tudo o que deu errado no primeiro teste do Morumbi. Apesar do sucesso financeiro constatado nos caixas do Tricolor, apenas pouco mais de 55 mil pessoas compraram ingressos, da carga total de 91 mil à disposição (62% da capacidade).

Boa parte disso teria sido culpa do trânsito caótico que o evento inaugural do Morumbi provocou na cidade de São Paulo, que teria gerado muitos desistentes. *“Houve confusão geral, eis que a maioria chegou ao Estádio entre 14h e 14h30”*.<sup>448</sup> Além disso, aqueles que chegaram mais atrasados, se desesperaram com a iminência da bola rolar e forçaram os portões, invadindo o estádio.<sup>445</sup>

A situação foi tão absurda que até *“o próprio governador, apesar da escolta de motociclistas e de toda a boa vontade dos motoristas, chegou atrasado às solenidades, levando, outrossim, hora e meia para deixar o local”*.<sup>449</sup> O jornal A Gazeta Esportiva, estimou por conta própria, cerca de 1.200 veículos estacionados nos arredores do estádio.<sup>445</sup>

Carvalho Pinto teria ficado tão aborrecido com o fato que cobrou providências urgentes do chefe da casa civil, Portugal Gouvêia, e do secretário de segurança pública, Francisco José da Nova, junto a Diretoria do Serviço de Trânsito – DST para que, em jogos vindouros, se implementasse a “Operação Morumbi”, com atenção especial nas principais vias de acesso ao Estádio (Avenidas Rebouças, Nove de Julho e Morumbi).<sup>449</sup>

Outro problema constatado foi a invasão de campo que os torcedores cometeram e que, por pouco, não gerou uma situação mais grave. Muitos dos irresponsáveis, ao pularem o fosso, se estropiaram: 35 pessoas foram enviadas ao Hospital das Clínicas, das quais, três com fraturas (dois homens com fraturas na tíbia e uma mulher com fraturas na tíbia e na bacia),<sup>445</sup> e 62 arrebentaram os tornozelos. Oras, afinal tal fosso tem dois metros e vinte centímetros de profundidade. De toda maneira, a diretoria passou a cogitar o uso de uma tela aramada junto ao fosso, em volta do campo.<sup>450</sup>

A ação de “punguistas”, nos arredores do estádio ou no decorrer da partida, também foi algo que chamou a atenção das autoridades: 20 pessoas foram presas.<sup>451</sup> Vítimas de furto registraram queixas no Departamento de Investigações: Roque Natali (26 anos, do Jardim Paulista), 3 mil cruzeiros; Joaquim Teixeira da Silva (48 anos, de Ribeirão Pires), Cr\$ 7.500,00; José de Souza (45 anos, da Vila dos Remédios), Cr\$ 3.800,00...<sup>452</sup>

443. A Gazeta Esportiva, 5 de outubro de 1960  
444. Fundação de Economia e Estatística (IGP-DI, jan.2020)

445. A Gazeta Esportiva, 3 de outubro de 1960  
446. A Gazeta Esportiva, 5 out.1960 & A Hora, 3 out.1960  
447. O Esporte, 30 de setembro de 1960  
448. Diário de S. Paulo, 4 de outubro de 1960  
449. A Gazeta Esportiva, 5 de outubro de 1960

450. O Esporte, 5 de outubro de 1960  
451. Correio da Manhã (RJ), 4 de outubro de 1960  
452. Última Hora, 3 de outubro de 1960

Também houve relato de vandalismo contra o recém-inaugurado patrimônio são-paulino:

*“Vândalos, energúmenos, fanáticos, seja qual for a classificação que se pode dar a esses autênticos marginais, entenderam, sem a menor razão ou a mais leve justificativa, depredar as instalações internas da praça de esportes... Houve quebra de vidros, arrombamento de portões de várias dependências e depredação de aparelhos sanitários, alguns dos quais sofreram tais danos que se torna necessária a sua substituição... A certeza da impunidade, estribada, ademais, na convicção de que não poderiam ser encarcerados em razão das medidas que se estabelecem à véspera de pleitos eleitorais teria incentivado os covardes autores das depredações do estádio do Morumbi a sua fúria criminosa, causando sério prejuízo à coletividade tricolor... Mais do que os danos financeiros e a preocupação de restaurar tudo aquilo que o grupo de vândalos reduziu a destroços, deve a diretoria do São Paulo ter sentido profunda decepção e, mais do que isto, a revolta pelo contraste que ofereceram cenas tão deprimentes, inconcebíveis num centro civilizado”.*<sup>453</sup>

A menção a eleição presidencial cabe, aqui, um a parte: a eleição para presidente da República, que acabaria por eleger Jânio Quadros, do PTN, para o mandato de 1961 a 1966, seria realizada no dia 3 de outubro, a segunda-feira seguinte ao jogo. Talvez o motivo que explique a ausência do presidente da República, Juscelino Kubitschek, no evento.

De todas as críticas, as menores talvez tenham sido as referentes ao setor da imprensa escrita. Profissionais dessa área desaprovaram o local a eles cabido pelo fato dos torcedores, à frente deles, sempre se levantarem, obstruindo-lhes a visão.<sup>454</sup>

*“Apesar de todas as falhas, foi um grande acontecimento para nós”,* exaltou Laudo Natel.<sup>455</sup>

O pós-jogo, porém, não ficou restrito às ponderações do que havia por melhorar. Houve também as entregas dos prometidos prêmios sorteados no jogo inaugural. José Fernandes, advogado, ganhou o principal deles, o Volkswagen zero quilômetro, e recebeu as chaves do carro das mãos de Laudo.

O curioso foi que José comprara 100 ingressos de gerais! *“Comprei cem ingressos, de geral, para concorrer com maior ‘chance’. Gastei dez mil cruzeiros (R\$ 2.486,75), mas valeu a pena”.* Bom, até aí, tudo bem. Só que José nem conseguiu assistir ao jogo: *“Ganhei o carro, mas, infelizmente, não consegui chegar ao Morumbi em tempo de ver a festa”.*<sup>456</sup> Culpa do trânsito...

Os festejos de inauguração do Morumbi durariam, ainda, mais um fim de semana. E para o jogo seguinte, contra o Nacional, no dia 9 de outubro, o Tricolor abraçou mesmo a ideia sugerida pelos clubes rivais de contar com alguns jogadores deles alinhados com a camisa são-paulina,<sup>457</sup> para motivar os torcedores desses times a visitar o novo estádio. Era uma forma de apresentá-los, oficialmente, à nova praça de esportes da capital.

O Palmeiras dispôs-se a emprestar os atletas Julinho e Djalma Santos. O Corinthians escalaria Olavo e Almir, o Pernambuco. E o Santos, por sua vez, não se rogou a indicar Mauro, ex-capitão do Tricolor (que se transferira para o time do litoral no início do ano), e Pelé para a partida, como na verdade, dito por Athiê Jorge Coury, dispunha todo o elenco santista – até pelo fato de Mauro e Pelé estarem se recuperando de contusão.<sup>458</sup>



Olten Ayres (árbitro), Poy, Paulo Machado, Jaime Duarte, Fernando; Gino, Ademar e Víctor; abaixo: Almir, Djalma Santos e Julinho Botelho



453. A Tribuna, 4 de outubro de 1960

454. Diário de S. Paulo, 4 de outubro de 1960

455. A Gazeta Esportiva, 3 de outubro de 1960

456. A Gazeta Esportiva, 5 de outubro de 1960

457. Folha de S. Paulo, 5 de outubro de 1960

A Portuguesa também se oferecera para contribuir com jogadores, mas o Tricolor recusou, com imensos agradecimentos, pelo fato de que a Lusa tinha jogo marcado para o mesmo domingo contra a Portuguesa Santista e o clube não poderia desfaltar e prejudicar a coirmã.<sup>457</sup>

*“Prazerosamente aceitamos os oferecimentos de nossos coirmãos”*: Laudo não se fez de rogado.<sup>459</sup>

Para essa partida, como forma de agradecer o apoio dos sócios do clube, a diretoria são-paulina decidiu cobrar apenas 100 cruzeiros pelo ingresso de numerada descoberta (que foi reservada para os associados).<sup>460</sup> E os pontos de venda, dessa vez, estariam na sede do Tricolor, na Avenida Ipiranga; na Galeria Prestes Maia; na loja Esportes Moura, na Rua Líbero Badaró; nas lojas Marcel Modas, na Rua Direita e na Rua Conselheiro Crispiniano; e nas agências bancárias do BRADESCO.<sup>461</sup>

As autoridades também prometeram que não haveria mais problemas quanto ao DST e ao policiamento ao redor do gramado, tendo a diretoria são-paulina várias reuniões com os órgãos competentes durante a semana antes da peleja.<sup>462</sup> Ficou acertado que o efetivo de fiscais de trânsito seria triplicado para 150 e que vias de acesso ao Morumbi teriam mãos únicas (Avenida Morumbi e Avenida Giovanni Gronchi, até o estádio, e a Avenida Antonico, atual Avenida Jorge João Saad, como desague o tráfego em direção de volta à Cidade).<sup>463</sup>

Ao contrário do que previamente planejado, o time do Nacional do Uruguai chegou ao Brasil apenas na quinta-feira, dia 6, hospedando-se no mesmo Hotel Danúbio que antes o Sporting ocupara, e indo direto ao Morumbi no dia seguinte, para treinamento.<sup>464</sup>

A delegação uruguaia era composta por Mario Regueira e Raul Cagnone, dirigentes; Ondino Vieira, técnico; Julio Beltran, médico; e os jogadores Sosa, Solimando, Edelbert Di Fabio, Troche, Álvarez, Leopardi, Ávalos, Carlos Collazo, Rubén González, Moreno, Mesías, Nuñez, Rodríguez, Rodrigo, Martinez, Escalada, Alvez e Verdugo.<sup>465</sup>

Desses nomes, seis havia composto o time celeste campeão sul-americano de 1960: Sosa, Troche, Rubén González, Mesías, Rodrigues e Escalada.<sup>465</sup>

*“Entre os principais valores do quadro uruguaio, destacam-se o arqueiro Roberto Sosa, que já integrou a seleção uruguaia... e mais o brasileiro José Rodrigo da Costa, o popular Rodrigo, centro-avante, que jogou no S. Paulo e, ultimamente, estava no Guarani, de Campinas, antes de seguir para Montevidéu. O técnico do quadro uruguaio é o nosso muito conhecido Ondino Vieira, pois o conhecido preparador oriental esteve por muitos anos vinculado a quadros brasileiros”*.<sup>466</sup>

E os visitantes chegaram motivados: *“Nacional ganhou do Peñarol domingo e vai brilhar no Morumbi”*, afirmou Ondino Vieira, referindo-se ao 3 a 2 aplicado no rival uruguaio no mais recente clássico, embora, temesse a possível atuação de Pelé: *“É verdade que Pelé jogará contra o Nacional? ... Acho que será um pesadelo”*.<sup>467</sup>

No domingo, os portões foram abertos aos torcedores às 10 horas e, às 13 horas, deu-se o início da preliminar. Um time de veteranos do Tricolor (composto praticamente por integrantes do famoso Rolo Compressor, dos anos 40) enfrentou um selecionado paulista também de jogadores aposentados (e não apenas palmeirense, como antes se cogitara).

O time são-paulino era treinado por Caxambu e chegou a realizar vários treinos (no campo do DAE, à Avenida Santos Dumont, 555) em preparação para esse confronto. GE.3/10. Até mesmo Sastre veio da Argentina especialmente para a ocasião.

São Paulo: King (Fernando); Savério e Renato (Castanheira); Herculano Squarza; Azambuja e Hélio Silveira (Hélio Leite); Mendes, Jofre (Américo), Eliseo (Antoninho Campos), Leopoldo e Vignola. 2º tempo: Gijo (Doutor); Piolim (Savério) e Virgílio (Turcão); Jacó, Rui e Noronha; Luizinho, Sastre, Ponce de León (Friaça), Remo e Teixeira.

Selecionado: Lourenço, Falco, Lorico, Belacosa, Tinoco, Ceci, Levorato, Lima, Neco, Paulo e Agostinho. 2º tempo: Oberdan, Caieira, Lorico, Machado (Luizinho), Og Moreira e Ceci (Beni), Coutinho (Ministro), Lima, Araken, Paulo (Álvaro) e Hércules.

Nesse jogo festivo, apitado por Gilberto Profet, os “velhinhos” são-paulinos não suportaram a atuação adversária e perderam por 3 a 0, gols de Neco, aos 8 minutos da primeira etapa, Lima e Hércules, aos 7 e 22 minutos do tempo final.<sup>469</sup> O encontro dos ídolos de outrora terminaria no dia 17 de outubro, na cantina de Romeu Pellicciari, na esquina da rua Maria Marcolina com a Pimenta, no Belenzinho, com um grande jantar e uma homenagem especial a “El Maestro”, Sastre.<sup>470</sup>

No Morumbi, às 14h20, 150 jovens da fanfarrinha do Instituto de Educação Dr. Washington Luis Pereira de Sousa, de Mogi das Cruzes – campeões do interior paulista e dos Jogos da Primavera desse tipo de parada musical – desfilaram na pista do Morumbi entre a partida preliminar e a principal.<sup>471</sup>

No jogo de fundo, marcado para às 15 horas, o Tricolor, jogando com o uniforme nº 2, enfrentaria o Nacional do Uruguai. O técnico Flávio Costa contou com os “reforços” temporários de Julinho Botelho e Djalma Santos, do Palmeiras, Almir Pernambuquinho e Ari (este, ficou somente no banco de reservas), do Corinthians. Pelé e Mauro foram a ausências sentidas de última hora, por não terem se recuperado das contusões (Olavo, do Corinthians, pelo mesmo motivo também faltou).

Os atletas palestrinos estavam bem interessados pela partida: *“Temos contas a ajustar com Mesías e Escalada. Obrigado, São Paulo, pela oportunidade”*.<sup>472</sup>, em referência ao fato de que Julinho e Djalma, pelo time brasileiro, perderam para o Uruguai por 1 a 0 em jogo da Copa do Atlântico realizado em Montevidéu no dia 9 de julho passado.

Só às 15h15 a bola rolou, mas quando rolou, só deu Tricolor, que esteve na ofensiva desde os movimentos iniciais. Aos 24 minutos, dois defensores do Nacional derrubaram Almir, perto da meia-lua da grande área. Com uma cobrança de falta perfeita – forte, mas no meio do gol, furando a barreira –, Canhoto abriu o placar para o Tricolor.

O Nacional tentou, então, reagir de alguma forma, mas não conseguiu oferecer perigo à meta defendida por Poy, muito graças à boa atuação de Fernando Satyro no meio de campo – que se redimiou da atuação do jogo inaugural.

458. Diário da Noite & A Gazeta Esportiva, 6 out. 1960

459. Correio Paulistano, 5 de outubro de 1960

460. C. Paulistano, 5 out. 1960 & A G. Esportiva, 7 out. 1960

461. A Gazeta Esportiva, 6 de outubro de 1960

462. O Esporte, 6 de outubro de 1960

63. Última Hora, 8 de outubro de 1960

64. Correio Paulistano, 7 de outubro de 1960

465. Folha de S. Paulo, 7 de outubro de 1960

466. Diário de S. Paulo, 7 out. 1960

467. O Esporte, 7 out. 1960

468. A Gazeta Esportiva, 3 de outubro de 1960

469. A Tribuna, 10 de outubro de 1960

470. A Gazeta Esportiva, 14 de outubro de 1960

471. Última Hora, 8 de outubro de 1960

472. Jornal dos Sports, 8 de outubro de 1960





Então, logo no começo da segunda etapa, aos 4 minutos, Canhoteiro cruzou para a área e encontrou Gino, que subiu mais que os rivais e marcou, de cabeça, o segundo gol são-paulino na peleja. Daí em diante foi um massacre: “O São Paulo criou oportunidades de marcação de pontos aos 7, 9, 14, 18, 23, 25, 26, 28, 32...”<sup>473</sup>

E, assim, justamente aos 32 minutos, quando o Tricolor estava mais perto de anotar o terceiro tento, aconteceram as primeiras cenas lamentáveis da história do Estádio do Morumbi.

Gonçalo, em uma tentativa de alcançar um cruzamento de Julinho, caiu por cima do goleiro Sosa, sem querer. Do nada, Di Fabio partiu para cima do meia são-paulino e lhe desferindo um pontapé pelas costas. O tricolor não deixou por isso e revidou (fato reconhecido na súmula confeccionada pelo próprio Tricolor, embora os jornais retratem que ele nada teria feito).<sup>473</sup>

Logo a turma do “deixa disso” chegou, não sem antes provocar também muita confusão e empurra-empurra. Almir Pernambuquinho, que na época já tinha fama de ser bem esquentadinho, peitara o oponente elevando a voz – captada pelos cronistas: “Não sei onde estou que não lhe meto a mão na cara”. Gino chegou, enfim, separando a galera.<sup>474</sup>

Com os ânimos arrefecidos, o árbitro Romualdo Arppi Filho expulsou, então, Di Fabio\* – o primeiro atleta posto para fora do campo do Morumbi – e Gonçalo.

Quando ninguém esperava mais nada da partida, faltando um minuto para o fim do tempo regulamentar, a bola chegou até a Almir, pela esquerda, chamando a atenção do sistema defensivo uruguaio. Com espaço, Roberto se adiantou e recebeu o couro, rapidamente cruzando a bola para a área, onde Gino, do lado oposto, estava livre. O centroavante teve tempo de dominar e bater para o gol com o pé direito, sem chance de defesa para Sosa. São Paulo 3 a 0 Nacional!

“Na festa de encerramento, o São Paulo voltou a brilhar”.<sup>475</sup>

Depois da partida, o primeiro a reconhecer a superioridade são-paulina em campo foi o técnico do time uruguaio, Ondino Vieira: “o placar, sem dúvida, falou a verdade: o São Paulo soube vencer”.<sup>476</sup> Os visitantes nem sequer reclamaram da expulsão do defensor da equipe: “O juiz agiu de forma certa ao nos expulsar. Eu, de fato, dei um chute no rapaz. E ele revidou”.<sup>474</sup> E o brasileiro Rodrigo, de volta à terra natal e ao ex-clubes, ficou feliz pelo Morumbi: “Que obra magnífica, deixa maravilhados os olhos de qualquer espectador. Está de parabéns a diretoria do Tricolor”.<sup>477</sup>

Nos vestiários, os jogadores são-paulinos não deixaram de comemorar. Autor de dois gols, Gino comentou que “a vitória foi para o São Paulo como um belo prêmio que veio encerrar a festa”.<sup>476</sup> O capitão Poy estava contente por mais um troféu a repousar nos braços dele, desta vez, a Taça Deputado Mendonça Falcão.

Os convidados também deixaram claro a satisfação pelo jogo: “É sempre motivo de satisfação defender o nome do glorioso Tricolor nessas condições e com muito orgulho de ser convidado para essa gigantesca festa do esporte brasileiro”, afirmou Djalma Santos.<sup>477</sup>

Julinho completou o argumento do colega: “Sinto-me satisfeito por participar dessa festa do São Paulo F. C. na inauguração do seu estádio. Apesar de ter entrado sem treino em conjunto, não estranhei, e creio que a nossa equipe jogou bem. É um prazer jogar num belo estádio como este”.<sup>478</sup>

Almir, um dos melhores em campo, ainda não havia esquecido o entrevero do final do segundo tempo: “Quanto aos uruguaios, não sei por que eles tem uma ‘bronca’ comigo desde o Sul-Americano. Felizmente, tudo correu bem e a vitória foi das mais merecidas”.<sup>479</sup>

Como agradecimento pelo serviço prestado, Manoel Raymundo entregou a Almir, Ari, Julinho e Djalma Santos uma medalha de prata e um pequeno troféu. O presidente Laudo Natel também encaminhou um ofício ao Palmeiras e Corinthians, grato pela cessão temporária dos atletas. Junto ao ofício, quatro cheques no valor de Cr\$ 10.000,00 (o valor do “bicho” pela vitória pago a todos os escalados) a serem entregues aos jogadores.<sup>479</sup>

Natel também se entendera com a imprensa escrita. “Em pleno andamento da pugna, quando o Tricolor ia somando lances de superioridade, com bom fino aritmético, lá no belo gramado, aqui, junto a nós, surpreendentemente apareceu, impecável em sua linha de sobra e bem ajusta elegância física e moral, Laudo Natel. Uma visita amiga, cheia de cordialidade, de efusão, de sentimentos, de apreço, e de demonstração de alto espírito de compreensão”. Ali, o presidente do Tricolor constatou que a situação daqueles profissionais não era a ideal. Prometeu, então, realocar todo o setor para uma nova área o quanto antes.<sup>479</sup>

Por fim, Manoel Raymundo, visivelmente emocionado, fez questão de cumprimentar e agradecer àqueles que contribuíram para que tudo o que foi realizado naquela semana, e em especial, nos últimos anos, em prol do Morumbi: “Não deixem de registrar nossos agradecimentos a todos que colaboraram conosco na inauguração do nosso estádio. Não houve um senão desagradável, nada que empanasse o brilho de nossa festa. Foi um êxito completo e afixação a vocês, que as emoções que eu e todos os são-paulinos viveram nesses dias perdurarão para sempre. Jamais esqueceremos as atenções e a solidariedade de todos os que nos prestigiaram. São emoções que viverão conosco para sempre”.<sup>480</sup>

## A FICHA DO JOGO

09.10.1960. Amistoso Internacional  
São Paulo (SP), Estádio Cícero Pompeu de Toledo - Morumbi  
São Paulo Futebol Clube 3 x 0 Club Nacional de Football

SPFC: José Poy; Djalma Santos, Gildésio (Gérsio) e Riberto; Fernando Satyro e Victor; Julinho Botelho, Almir Pernambuquinho, Gino Orlando, Gonçalo e Canhoteiro.

CNF: Sosa; Troche, Di Fabio, Mesías (Martinez), Rubén González, Collazo, Hector Nuñez (Ávalos), Hector Rodríguez (Alvez), Rodrigo, Leopardi e Escalada.

Gols: Canhoteiro, 24/1; Gino Orlando, 4/2; Gino Orlando, 44/2

Árbitro: Romualdo Arppi Filho  
Renda bruta: Cr\$ 3.099.000,00, renda líquida: Cr\$ 3.000.010,00  
Público pagante: 22.954 (20.945 de geral e 2.009 de numerada)

\* Arquivos do São Paulo FC, Folha de S. Paulo e A Gazeta Esportiva Ilustrada apontam a expulsão de Di Fábio. Outros periódicos, como a Última Hora, dizem Troche

473. O Estado de S. Paulo, 11 de outubro de 1960

474. Última Hora, 10 de outubro de 1960

475. Diário de S. Paulo, 11 de outubro de 1960

476. A Gazeta Esportiva, 10 de outubro de 1960

477. O Esporte, 10 de outubro de 1960

478. O Esporte, 10 de outubro de 1960

479. Folha de S. Paulo, 10 de outubro de 1960

479. O Esporte, 11 de outubro de 1960

480. Última Hora, 11 de outubro de 1960



Serrone, Djalma Santos, Poy, Fernando Satyro, Gildésio, Riberto, Victor e o massagista;  
Julinho Botelho, Almir Pernambuquinho, Gino Orlando, Gonçalo e Canhoteiro



## Por ora, fecham-se as cortinas

*“O que está feito no Morumbi é apenas uma mostra daquilo de que são capazes os sampaulinos. Agora, mais do que nunca, contaremos com a confiança de todos os esportistas: mostramos uma realização que será nosso ponto de apoio para a segunda fase da nossa luta. Essa vitória parcial não é de ninguém, em particular: é de todos!”*<sup>481</sup>

O trabalho dos são-paulinos, de toda a cúpula tricolor, estava longe, porém, de terminar. Apesar dos sonhos, uns mais elevados que os outros, e dos projetos iminentes, como instalar no recém-inaugurado estádio um sistema de iluminação para os jogos noturnos, a jornada até o ocaso ainda levaria mais dez anos de vida de todos.

Na realidade, o período que se seguiu foi de grande estagnação. Os recursos financeiros líquidos rapidamente seriam consumidos. Os valores obtidos pelos títulos patrimoniais e pelas novas cadeiras cativas (os próximos empreendimentos a serem elaborados pela diretoria) significativos seriam, mas só acumulativos a longo prazo. O reduzido capital que o clube detinha ainda seria investido na compra do último lote do terreno do Morumbi junto à Aricanduva, o “C”, de 29.584m<sup>2</sup>, para expansão do Complexo Social. Cr\$ 8.875.200,00 pagos em suaves parcelas.

*“A inauguração do Estádio Cícero Pompeu de Toledo não possui um significado meramente esportivo. Suas implicações alcançam outros setores. Sua importância sociológica é muito clara: urbanistas, arquitetos, economistas e sociólogos salientam a função polarizadora do novo conjunto esportivo do Morumbi. Da mesma forma que o Pacaembu, há duas décadas, desempenhou importante papel na dilatação urbana da Capital, semeando ruas, espalhando casas no vale que delimita as Perdizes, o Morumbi já se encarrega de povoar uma extensa área da zona oeste da cidade, de elevadas qualidades residenciais. Com isso, forçará providências dos poderes públicos, no sentido de abrir novas vias de acesso, estabelecer centros de abastecimento, escolas, hospitais, provocando enfim, uma aglutinação populacional autossuficiente. Está é a função urbanizadora e social do conjunto poliesportivo tricolor”*<sup>482</sup>

Sem o suficiente em caixa, e com a pressão constante por investimentos também no plantel do futebol profissional, que buscava (em vão) tornar o São Paulo novamente um time vencedor, o Morumbi pouco ou nada avançou entre 1961 e 1968. No período em que o Tricolor mais necessitava de areia, pedra e cimento, contudo, surgiu um ídolo incrível: Roberto Dias. Ele, Dias, certamente seria o maior ícone da década que estava por vir. E a passagem do futuro ídolo pelo Tricolor, em meio à conclusão do Gigante do Morumbi, talvez seja mais bem resumida por este simples poema de Alex Popst:

Nos anos sem casa...  
No tempo sem teto.  
Nos anos de cimento;  
chumbo e concreto.

Dias de paz...  
Classe  
E Roberto.

481. A Gazeta Esportiva, 12 de outubro de 1960

482. Diário Popular, 30 de setembro de 1960

Foto: equipe do Nacional do Uruguai







# FÉ E PERSEVERANÇA

## Relatórios financeiros da Construção do Morumbi até 1961

### DESPESAS

Anteprojetos de Construção	Cr\$ 120.000,00	R\$ 18.957,82
Projeto e execução de Vilanova Artigas	Cr\$ 100.000,00	R\$ 15.798,18
Terraplanagem	Cr\$ 3.270.396,00	R\$ 516.663,08
Fundações	Cr\$ 20.000.000,00	R\$ 3.159.636,20
Galeria de águas	Cr\$ 2.410.279,00	R\$ 380.780,24
Sistema de drenagem	Cr\$ 4.382.437,00	R\$ 692.345,33
Túneis, irrigação e outras obras	Cr\$ 6.010.400,00	R\$ 949.533,87
Gigantes 49-55, cativas 45-49 e 55-70	Cr\$ 78.681.571,60	R\$ 12.430.257,09
Hidráulica e Elétrica	Cr\$ 1.255.104,60	R\$ 198.283,70
Preparatórios de inauguração	Cr\$ 7.000.000,00	R\$ 1.105.872,67
Muro de entorno	Cr\$ 4.000.000,00	R\$ 631.927,24
Outros (material de construção, bancos, etc)	Cr\$ 114.239.424,60	R\$ 18.047.751,06
<b>Total</b>	<b>Cr\$ 241.469.612,80</b>	<b>R\$ 38.147.806,46</b>

### RECEITAS

Cadeiras cativas	Cr\$ 250.095.750,00	R\$ 39.510.579,23
Títulos Patrimoniais*	Cr\$ 191.438.700,00	R\$ 30.243.832,31
Contrato com Cia. Antártica Paulista	Cr\$ 5.000.000,00	R\$ 789.909,05
<b>Total</b>	<b>Cr\$ 446.534.450,00</b>	<b>R\$ 70.544.320,59</b>

\*Campanha iniciada após a inauguração do Morumbi, com foco no clube social.

Conversão, correção e atualização monetária de acordo com o IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas aplicado por ferramenta online da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul.

## Balço patrimonial da Comissão Pró-Estádio até 1961

### ATIVO

Bens Imobilizados		
Bens imóveis	Cr\$ 9.575.200,00	R\$ 1.512.707,43
Móveis e utensílios	Cr\$ 1.154.567,50	R\$ 182.400,66
Construção da Praça de Esportes	Cr\$ 241.469.612,80	R\$ 38.147.806,46
<b>Total</b>	<b>Cr\$ 252.199.380,30</b>	<b>R\$ 39.842.914,55</b>

### Valores Disponíveis

Caixa	Cr\$ 1.259.047,50	R\$ 198.906,60
Bancos	Cr\$ 7.792.988,90	R\$ 1.231.150,49
<b>Total</b>	<b>Cr\$ 9.052.036,40</b>	<b>R\$ 1.430.057,09</b>

### Créditos da Comissão

Contas correntes devedores	Cr\$ 350.687,60	R\$ 55.402,26
Cadeiras Cativas a Integralizar	Cr\$ 28.243.350,00	R\$ 4.461.935,55
Títulos Patrimoniais a Integralizar	Cr\$ 356.021.300,00	R\$ 56.244.889,33
<b>Total</b>	<b>Cr\$ 384.615.337,60</b>	<b>R\$ 60.762.227,14</b>

### Valores em Transição

Obras Contratadas	Cr\$ 133.337.300,60	R\$ 21.064.868,07
Saldo de exercício	Cr\$ 196.730.226,70	R\$ 31.079.797,27
<b>Total</b>	<b>Cr\$ 330.067.527,30</b>	<b>R\$ 52.144.665,35</b>

<b>Final</b>	<b>Cr\$ 975.934.281,60</b>	<b>R\$ 154.179.864,14</b>
--------------	----------------------------	---------------------------

### PASSIVO

Fundo de Garantia		
Cadeiras Cativas	Cr\$ 279.199.100,00	R\$ 44.108.379,14
Títulos Patrimoniais	Cr\$ 547.460.000,00	R\$ 86.488.721,64
<b>Total</b>	<b>Cr\$ 826.659.100,00</b>	<b>R\$ 130.597.100,78</b>

### Responsabilidades da Comissão

Conta correntes credores (curto prazo)	Cr\$ 6.899.984,00	R\$ 1.090.071,96
Títulos a pagar (longo prazo)	Cr\$ 109.019.757,60	R\$ 17.223.138,62
Hipotecas a pagar (longo prazo)	Cr\$ 26.995.000,00	R\$ 4.264.718,96
Compromissos por terrenos (longo prazo)	Cr\$ 860.440,00	R\$ 135.933,87
<b>Total</b>	<b>Cr\$ 143.775.181,60</b>	<b>R\$ 22.713.863,41</b>

### Passivo em Transição

Contas de concessões futuras	Cr\$ 5.500.000,00	R\$ 868.899,95
------------------------------	-------------------	----------------

<b>Final</b>	<b>Cr\$ 975.934.281,60</b>	<b>R\$ 154.179.864,14</b>
--------------	----------------------------	---------------------------



# REFERÊNCIAS

A ÉPOCA. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC (1952-1960)

A GAZETA ESPORTIVA ILUSTRADA. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1953-1963].

A GAZETA ESPORTIVA. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1955-1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=104140&pesq=>. Acesso em: 30 set. 2020.

A GAZETA ESPORTIVA. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC, [1952-1960].

A HORA. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1952-1960].

A NOITE. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1952-1960].

A PLATÉA. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1952-1960].

A TRIBUNA. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC., [1952-1960].

ARQUIVO DO JOCKEY CLUBE BRASILEIRO. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.jcb.com.br/noticias/42370/celebra-ualicho-o-unico-bicampeao-dos-rasil-e-ao-aulo/>. Acesso em: 30.set.2020.

ARRUDA, Marcelo; PEREIRA, André; WOODS, Dennis. Arquivo da Seleção Brasileira Principal. RSSF Brasil. Disponível em: <http://rssfbrasil.com/sel/national.htm>. Acesso em: 30 set. de 2020.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. Almanaque do Flamengo. São Paulo: Placar-Abril, 2001.

BASTOS NETO, José Augusto (coord.). Pequenas grandes histórias do São Paulo F.C.: fatos, feitos e fábulas. São Paulo: Trama, 2000.

BOLCHOVER, DAVID. Béla Guttmann: de sobrevivente do holocausto a glória do Benfica, 2018.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2000.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. São Paulo Futebol Clube: saga de um campeão. São Paulo: DBA/Melhoramentos, 1996.

BRANQUINHO, Rui; SERRA, Michael. Bíblia do são-paulino. São Paulo: Panda Books, 2012.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 30 set. de 2020.

BRASIL. Palácio do Planalto. Portal da Legislação. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br>. Acesso em: 30 set. de 2020.

BUENO, Silveira. Vocabulário Tupi-Guarani/Português.

COELHO, Paulo Vinícius. Escola Brasileira de Futebol, 2018.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do São Paulo FC, [1952-1960].

CORREIO PAULISTANO. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1952-1960. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_08](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08). Acesso em: 30 set. de 2020.

D'ANGELO, Domingos Antônio; TAKARA, Ademir. Bibliofut: a literatura do futebol brasileiro. Jundiaí: Editora In House, 2019.

DIÁRIO DA NOITE (São Paulo). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1952-1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093351&pesq=>. Acesso em: 30 set. de 20120.

DIÁRIO DA NOITE. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1952-1960].

DIÁRIO DE S. PAULO. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1952-1960].

DIÁRIO NACIONAL. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1952-1960].

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: IMESP, 1930- . Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br>. Acesso em: 30 set. de 2020.

DIÁRIO POPULAR. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1952-1960].

EL COLOMBIANO. Medellín. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1955].

EL NACIONAL. Caracas. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1955].

EL PAÍS. Cali. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1955].

EL TIEMPO. Bogotá. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1955].

EL UNIVERSAL. Caracas. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1955].

EQUIPE. São Paulo. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1952-1960].

ESPORTE ILUSTRADO. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 set. de 2020.

FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 1930-1959. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 30 set. de 2020.

FOLHA DA NOITE. São Paulo, 1930-1959. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 30 set. de 2020.

FOLHA DA TARDE. São Paulo. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1952-1960].

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 1960-2018. Acervo Folha. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br>. Acesso em: 30 set. de 2020.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Porto Alegre. Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores/>. Acesso em: 30 set. de 2020.

GEOPORTAL. Disponível em: <https://www.geoportal.com.br/Home>. Acesso em: 30 set. de 2020.

GIACOMINI, Conrado. São Paulo: dentre os grandes és o primeiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HOJE. Rio de Janeiro. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1952-1960].

JORNAL DOS SPORTS. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 30 set. de 2020.

LA AFICION. Ciudad de México. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1955].

LA ESFERA. Caracas. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1955].

LA VOZ DE GALÍCIA. La Coruña. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1955].

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). Ano do jubileu do futebol paulista: álbum comemorativo 1901-1961. São Paulo: Publicidade Olimpicus, 1961.

MAZZONI, Thomaz (org.). São Paulo Futebol Clube: inauguração Estádio Cícero Pompeu de Toledo: álbum comemorativo. São Paulo: Publicidade Olimpicus, 1960.

MELLO, Mauro Ivan Pereira (ed.). São Paulo Futebol Clube 1935-1980. São Paulo: Mauro Ivan Marketing Editorial, 1981.

MUNDO DEPORTIVO. Barcelona, 1930- .Disponível em: <http://hemeroteca.mundodeportivo.com/>. Acesso em: 30 set. de 2020.

MUNDO ESPORTIVO. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1946-1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=119598&pesq=>. Acesso em: 30 set. de 2020.

MUSEU DA PESSOA. Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net>. Acesso em: 30 set. de 2020.

NAVARRO, Eduardo. Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil.

NOVEDADES. Ciudad de México. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1955].

O DIA. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1952-1960].

O DIÁRIO. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, [1952-1960].

O ESPORTE. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC., [1952-1960].

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo: OESP, 1930- . Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br>. Acesso em: 30



set. de 2020.

O GLOBO. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. Rio de Janeiro, [1952-1960].

O GOVERNADOR. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital, 1952-1960. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=119598&pesq=>. Acesso em: 30 set. de 2020.

O MAIS QUERIDO. A revista dos sampaulinos. São Paulo: Edição interna, 1946-1947.

O MAIS QUERIDO: a revista dos sampaulinos. São Paulo, 1946-1947.

RIBEIRO, Rubens. O caminho da bola: história da FPF: 1952-1970. São Paulo: FPF, 2008. v. 2.

O TEMPO. São Paulo. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1952-1960].

OVACIONES. Ciudad de México. Arquivo Histórico do São Paulo FC. (1955).

RSSSF - The Rec.Sport.Soccer Statistics Foundation. Disponível em [www.rsssf.com](http://www.rsssf.com). Acesso em: 30 set. de 2020

SÃO PAULO (estado). Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: [www.saopaulo.sp.gov.br](http://www.saopaulo.sp.gov.br). Acesso em: 30 set. de 2020.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. [Correspondências]. São Paulo, 1952-1960.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Assembleias gerais. Atas [de reuniões]: livro [4 fev. 1946 – dez. 1960].

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Conselho Deliberativo. Atas de reuniões: livro n. 1B (1 set. 1938 – dez. 1960).

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Disponível em: <http://www.saopaulofc.net>. Acesso em: 30 set. de 2020.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Documentos trabalhistas: jogadores [do] São Paulo Futebol Clube. 1952-1960.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Escrituras patrimoniais [do] São Paulo Futebol Clube. 1952-1963.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Estatutos Sociais [do] São Paulo Futebol Clube. 1930-2017.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Fichas técnicas de jogos do São Paulo Futebol Clube. 1944-1960.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Hemeroteca. São Paulo: Arquivo Histórico do São Paulo FC, 1952-1960.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE. Plantas e desenhos arquitetônicos do São Paulo Futebol Clube. 1942-1955

SÃO PAULO NOTÍCIAS: a revista oficial do São Paulo F. C. São Paulo, 1976-2000.

SERRA, MICHAEL. Presidentes do São Paulo Futebol Clube: 1930-2018. São Paulo: ADAG, 2018.

SPFCPÉDIA: a enciclopédia tricolor. São Paulo. Disponível em: <http://www.spfcpedia.com>. Acesso em: 30 set. de 2020.

STABEL. José Carlos. Feola é a própria história do São Paulo, 2 de junho de 1956. Hemeroteca do Arquivo Histórico do São Paulo FC. São Paulo, 2019.

TABLÓIDE. São Paulo. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1952-1960].

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. Dicionário de Topônimos Brasileiros.

TRICOLOR: órgão do São Paulo Futebol Clube. São Paulo, 1949-1951.

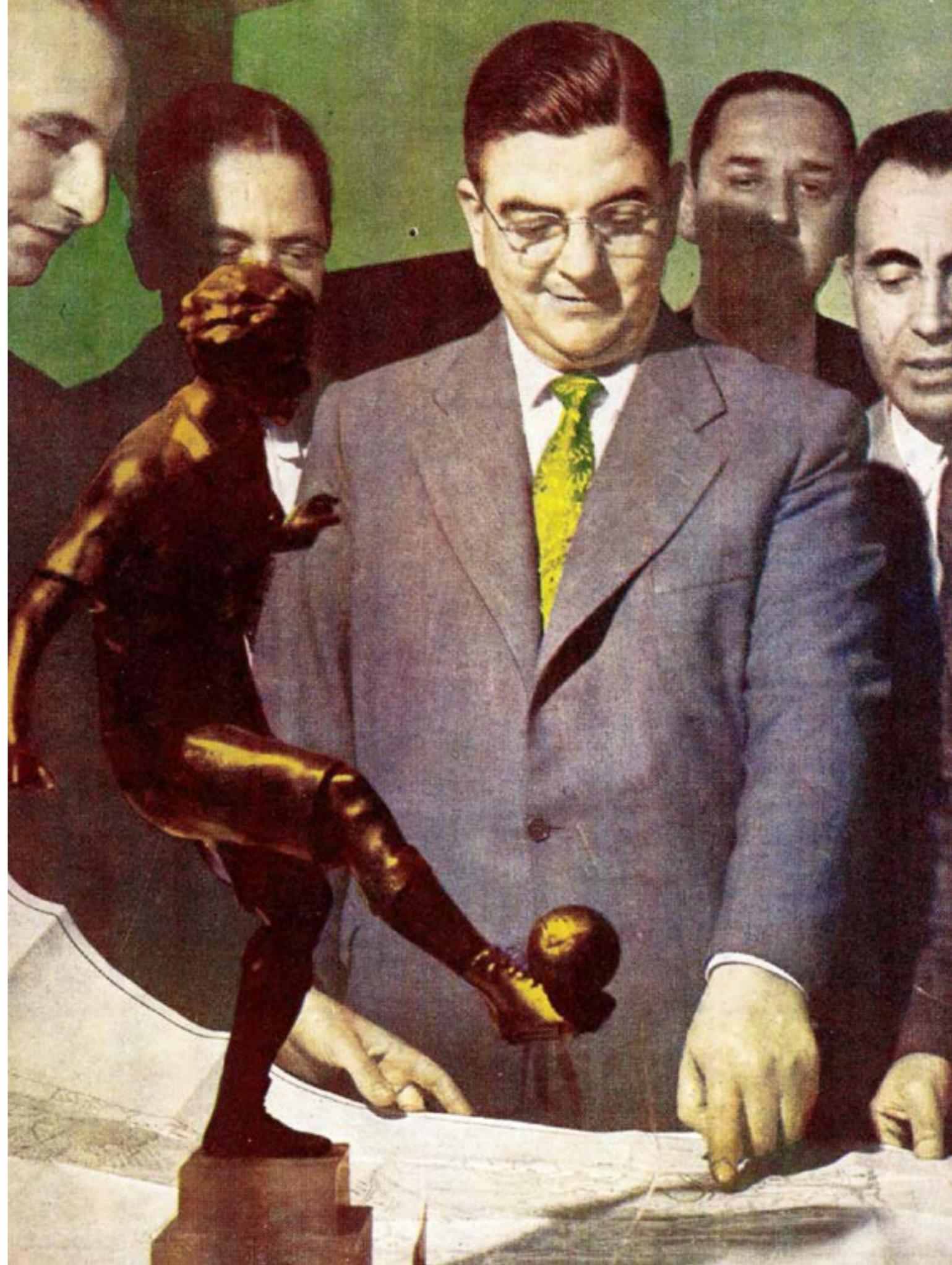
TRICOLOR: órgão oficial do São Paulo Futebol Clube. São Paulo, 1952-1954.

ÚLTIMA HORA. São Paulo. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1952-1960].

ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro. Arquivo Histórico do São Paulo FC. [1952-1960].

UNZELTE, Celso; VENDITTI, Mário. Almanaque do Palmeiras. São Paulo: Editora Abril, 2007.

VERMINNEN, Philip. A evolução tática do Brasil nas Copas . Deutsche Welle, 7 de maio de 2014. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-evolu%C3%A7%C3%A3o-t%C3%A1tica-do-brasil-nas-copas/a-17616291>. Acesso em: 30 set. de 2020.





**“Ainda não podemos descansar. Somente estaremos satisfeitos quando fizermos do São Paulo o clube mais poderoso do mundo!”.**

Laudo Natel, 9 de outubro de 1960.<sup>483</sup>

483. A Gazeta Esportiva, 12 de outubro de 1960



